COLETÂNEAS *de*

Aconselhamento Bíblico

Volume 7

Neste volume:

A PALAVRA DO EDITOR

Lidando com as Rachaduras - David W. Smith

BASES DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Você Consegue Ver? - David Powlison

Treinamento de Líderes - Tony B. Giles

Julgar à Luz da Bíblia - D. Patrick Ramsey

Salmo 51: um guia bíblico para o arrependimento - David Covington

PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

O Sonho de Quem? Que Tipo de Pão? - Paul David Tripp

No Olho do Furacão: como lidar com as crises - Ron e Sue Lutz

Convivendo com um Marido Irado - Edward Welch

Caminhando pelo Vale Sombrio do Aborto Espontâneo - Sue Nicewander e Jodi Jewell

A Bíblia e a Dor da Infertilidade - Kimberly e Philip Monroe

Verdades Inabaláveis para Criar seus Filhos sem a Ajuda do Cônjuge - Robert D. Jones

A Dimensão Espiritual do Relacionamento Conjugal - Jay E. Adams

ILUSTRAÇÕES PARA O ACONSELHAMENTO BÍBLICO

O Lugar de Deus no seu Casamento - Robert D. Jones

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Existe Lugar para o Ciúme no Casamento? - John F. Bettler

Como Aconselhar os Casos de Violência Doméstica?
Edward T. Welch, Paul D. Tripp e David A. Powlison

Christian Counseling & Educational Foundation

SBPV

COLETÂNEAS *de*

Volume 7

Aconselhamento Bíblico

A PALAVRA DO EDITOR

02 Lidando com as Rachaduras
David W. Smith

BASES DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

09 Você Consegue Ver? - *David Powlison*

12 Treinamento de Líderes - *Tony B. Giles*

22 Julgar à Luz da Bíblia - *D. Patrick Ramsey*

33 Salmo 51: um guia bíblico para o arrependimento - *David Covington*

PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

59 O Sonho de Quem? Que Tipo de Pão? - *Paul David Tripp*

65 No Olho do Furacão: como lidar com as crises - *Ron e Sue Lutz*

79 Convivendo com um Marido Irado - *Edward Welch*

89 Caminhando pelo Vale Sombrio do Aborto Espontâneo - *Sue Nicewander e Jodi Jewell*

103 A Bíblia e a Dor da Infertilidade - *Kimberly e Philip Monroe*

114 Verdades Inabaláveis para Criar seus Filhos sem a Ajuda do Cônjuge - *Robert D. Jones*

130 A Dimensão Espiritual do Relacionamento Conjugal - *Jay E. Adams*

ILUSTRAÇÕES PARA O ACONSELHAMENTO BÍBLICO

136 O Lugar de Deus no seu Casamento - *Robert D. Jones*

PERGUNTAS E RESPOSTAS

140 Existe Lugar para o Ciúme no Casamento? - *John F. Bettler*

145 Como Aconselhar os Casos de Violência Doméstica?
Edward T. Welch, Paul D. Tripp e David A. Powlison

Lidando com as Rachaduras

David W. Smith[1]

Há muitos anos, cheguei com vinte minutos de atraso para dar uma aula no seminário. Fiquei aliviado ao confirmar que os alunos ainda estavam à minha espera, pois era permitido ao aluno deixar a sala de aula após dez minutos de atraso do professor. Eu havia saído de casa com bastante antecedência, mas os vizinhos certamente estranharam ao verem que abri e fechei a porta do carro, e entrei novamente em casa. Eu havia usado palavras ásperas com minha esposa e, em seguida, saí de casa para ministrar - com eloqüência e completa hipocrisia - a matéria *Orientação para a Vida Cristã*! Ao entrar novamente em casa, fiz aquela pergunta que havia servido tantas vezes de sinal entre nós dois: "Está tudo bem entre nós?". Eu já sabia a resposta. Jeanette desviou os olhos, confirmando aquilo que o Espírito havia trazido à minha consciência. "Querida", eu disse, "sei que errei ao falar de modo áspero e insensível com você. Você pode me perdoar?" Após o perdão concedido e um abraço carinhoso, saí novamente para o Seminário - atrasado, mas com o coração leve.

Nem sempre correspondo às cutucadas do Espírito com tamanha sensibilidade. E sei de muitos casamentos nos quais as ofensas acumuladas, não devidamente tratadas, ameaçam destruir o relacionamento. Com o passar dos anos, as rachaduras aumentam. Os grãos de areia podem produzir uma pérola numa ostra, mas as ofensas não tratadas de modo bíblico

[1] David Smith integra atualmente a equipe do centro médico Trinity Medical Associates em Knoxville, Tennessee, como conselheiro bíblico. Ministra na área de aconselhamento bíblico há quarenta anos, trinta dos quais foram investidos no Brasil, em ensino no Seminário Bíblico Palavra da Vida em Atibaia, SP. No Brasil, participou do ministério de Capelania Hospitalar no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e ensinou no Seminário. Servo de Cristo, em São Paulo. De volta aos Estados Unidos, deu continuidade ao ministério de ensino na área do aconselhamento em The Master's College (2001-2007) na Califórnia, incluindo viagens a Portugal e Austrália com foco no treinamento de conselheiros bíblicos.

podem chegar a pesar toneladas no coração e abrir fendas no relacionamento entre cônjuges. Muitas vezes, o tamanho da ofensa é determinado pela intimidade de quem a pratica. Por isso, o que parece *só* um leve sarcasmo aos olhos de um marido parece assassinato aos olhos de sua esposa! Logo a mágoa cresce, transformando-se em ressentimento que, por sua vez, torna-se amargura. Às vezes, a amargura ferve, tornando-se ódio. E talvez a indiferença e o desdém são piores do que imaginamos: são formas de *ódio congelado*! Alguns aconselhados me dizem: "Não tenho uma raiz de amargura no coração - tenho um tronco!".

O próprio Senhor Jesus nos alerta que "é inevitável que venham escândalos..." (Mt 18.7). Mesmo num casamento cristão, os *escândalos* vêm, pois marido e esposa não deixam de ser pecadores. O pecado é capaz de rachar o relacionamento ou de causar uma lenta erosão. A traição de um adultério pode rachar um casamento repentinamente, mas o sarcasmo, a falta de gratidão, o espírito crítico, as acusações falsas, as datas pessoais esquecidas e palavras ásperas constantes podem lentamente sugar a vida do casamento. Se escolhermos repetidas vezes não pedir perdão nem perdoar,

> ... a vida é como se estivéssemos a sós num buraco profundo. A nossa liberdade acaba. De dia vemos o sol, ouvimos as conversas e risadas dos outros ao redor, desfrutando de uma vida sadia, porém sabemos que nós estamos deixando de experimentar o gozo de viver que deveria ser nosso.[2]

Algumas vezes, o casal chega a se desculpar, mas de forma que não identifica e muito menos reconhece o pecado: "Se ofendi você em alguma coisa, me perdoe, sim?". Ou, a desculpa acaba sendo uma acusação disfarçada: "Errei, mas você também tinha sua parcela de culpa, não é?". Às vezes, há uma tentativa de desculpar-se para não assumir plena responsabilidade pela ofensa: "Desculpe, sim? Na verdade não era isso que eu quis dizer". Muitas vezes, o cônjuge ofendido - sem querer - alia-se ao ofensor em sua tentativa de não encarar o pecado e responde com um simples "Não foi nada" ou "Deixa pra lá". Mas a mágoa fica.

O pedido de perdão

Os problemas no casamento são, em sua grande maioria, problemas de *pecado.* Portanto, é preciso encarar o pecado, tanto no pedido de perdão como no ato de perdoar. Provérbios 28.13 afirma: "O que encobre as suas transgressões, jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia". Existem certos paralelos entre a confissão que um filho de Deus faz a seu Pai celestial e o pedido de perdão de um cônjuge ao outro. Por exemplo, em 1 João 1.9, a palavra traduzida como "confessar" significa "concordar, dizer a mesma coisa". Gary Inrig, dirigindo-se à nossa tentação de enganarmos a nós mesmos sobre o nosso pecado, comenta a nova perspectiva que o significado do termo original lhe trouxe:

> De repente, enxerguei a palavra "confissão" de um prisma diferente. Ela não significa apenas admitir que eu tenha feito algo errado. Significa concordar com Deus acerca do meu comportamento,

[2] Richard P. Walters, *Forgive and Be Free* (Perdoe e seja liberto), p. 16.

dizendo a mesma coisa que Ele diz quanto ao que eu fiz. Quando confesso, coloco-me ao lado de Deus como testemunha contra mim mesmo, avaliando as minhas ações da mesma maneira que Ele as avalia, e respondendo a elas assim como Ele responde. É a atitude de Davi ao derramar sua confissão quebrantada no Salmo 51.3-4: "Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar".[3]

O pedido de perdão de um cônjuge ao outro deve ser tão sincero, franco e honesto quanto a confissão de pecado ao Pai. Douglas Wilson ilustra bem este princípio:

> O perdão pressupõe um mau procedimento concreto por parte do ofensor. Mas é realmente difícil perdoar um procedimento mau. Por isso, as pessoas tendem a pedir perdão como se elas não fossem, de fato, culpadas. "Sinto muito. Fiquei irado e acabei falando coisas que, realmente, eu não queria dizer". É relativamente fácil perdoar porque a outra pessoa não queria dizer o que disse. Mas o pecado pode ser perdoado somente quando o ofensor admite que, naquele momento, tencionava dizer exatamente o que disse. Identificado corretamente como *pecado*, o pecado pode ser perdoado. O ofensor poderia ter dito: "Errei naquilo que falei e fiz hoje de manhã. Fiquei irado e, com isso, pequei. Disse aquelas palavras porque eu quis magoá-lo naquele momento. Foi isso que eu, erradamente, tencionava com as minhas palavras. Portanto, tanto as palavras como a intenção com a qual eu as falei foram repugnantes aos olhos de Deus e prejudiciais a você. Você pode me perdoar?".[4]

Existe um segundo paralelo entre a nossa confissão de pecado ao Pai celestial e o pedido de perdão entre cônjuges: embora recusar-se a pedir perdão não altere o *fato* do relacionamento, certamente altera o *gozo e o prazer* no relacionamento. Durante quase um ano, Davi escondeu o terrível pecado de adultério e homicídio. Sofreu conseqüências físicas e emocionais: "Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim; e o meu vigor se tornou em sequidão de estio" (Sl 32.3,4). E sofreu conseqüências espirituais: "Restitui-me a alegria da tua salvação..." (Sl 51.12). Embora Davi fosse um verdadeiro filho de Deus, viveu na tristeza e miséria do seu pecado até que o confessou. Igualmente, o *fato* do relacionamento conjugal não se altera com as ofensas acumuladas: marido e esposa continuam como tal (até que o divórcio os separe?). Mas o pecado inevitavelmente mina a *qualidade* do relacionamento: o gozo e intimidade da comunhão um com o outro

[3] Gary Inrig, *Forgiveness* (Perdão), p. 1.

[4] Douglas Wilson, *Reforming Marriage* (Melhorando o casamento), p.68-69.

acabam corroídos até que as barreiras se removam com um sincero pedido de perdão.

Existe ainda um terceiro paralelo: deve haver uma disposição de resolver a ofensa o quanto antes. Douglas Wilson comenta:

> É fascinante observar que Deus nunca nos incentiva a fazer o certo amanhã, ou apenas aos domingos, ou após várias sessões de aconselhamento, ou só depois de estudar os doze passos prescritos para os que querem se livrar de um vício. Devemos sempre fazer o certo o quanto antes. Talvez estejamos dispostos a acertar a situação com o nosso cônjuge mais tarde; no entanto, a comunhão fica interrompida e outros pecados encontram caminho livre para entrar como um dilúvio.[5]

Há um perigo enorme no conselho "Dê tempo ao tempo", pois o que parece ser prudência acaba em procrastinação ou desobediência completa. Mateus 5.23-24 apresenta-nos a urgência e a prioridade de uma pronta reconciliação: "deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta". "Se o mero decorrer do tempo pudesse resolver o problema do pecado, o Filho de Deus teria morrido sem razão".[6]

Naturalmente, uma sensibilidade ao *momento* e à *maneira* de pedir perdão pode exigir algum tempo de oração e reflexão, pois desejamos falar a verdade (identificando o pecado sem diminuí-lo), mas sem palavras desnecessariamente duras ou que reflitam orgulho. Contudo, a nossa *disposição* deve ser de pedir perdão *o quanto antes*.

Focalizamos até aqui o ofensor e seu pedido de perdão - um pedido que deve ser honesto, sincero, e imediato. E o ofendido? No casamento onde as ofensas já se acumularam há anos, muitas vezes as conversas se restringem a *negócios*: "Você já abasteceu o carro?" ou "Lembrou de pagar a conta de luz?". A desilusão, a tristeza e a solidão profunda instalaram-se há tempo no relacionamento. A pequena raiz de mágoa já se transformou num tronco de amargura e, agora, só resta um lago congelado de indiferença. Provérbios 18.19 acerta em cheio: "O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza; suas contendas são ferrolhos dum castelo".

O significado bíblico do perdão

No aconselhamento de casais que sangram de mágoas e ofensas de ambos os lados, costumo separar pelo menos duas ou três sessões inteiras só para explicar os conceitos bíblicos sobre o perdão. Ninguém tem um talento especial para perdoar, embora uma compreensão profunda e pessoal da graça de Deus para com o meu próprio pecado ajude muito (Mt 18.21-35)! Muitas vezes, este é o ponto de início para lidarmos com as ofensas do cônjuge. Certamente, perdoar é o maior desafio do amor cristão e o maior risco que alguém pode assumir.

1. Uma perspectiva divina

Entre muitos conceitos bíblicos importantes com respeito ao perdão, quero destacar três. Primeiro, perdoar significa ter uma *perspectiva divina*. Inúmeras vezes na Bíblia, o referencial para o perdão que

[5] Douglas Wilson, o p. cit p. 70.

[6] Douglas Wilson, o p. cit.p. 69.

concedemos aos ofensores é o perdão que já recebemos do Senhor: "...perdoando-vos uns aos outros, como também Deus em Cristo vos perdoou" (Ef 4.32); "Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós" (Cl 3.13). Considere também a pergunta principal do rei ao seu servo na parábola do Senhor Jesus: "perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?" (Mt 18.32-33). O exemplo do próprio Senhor Jesus é constrangedor para nós quando, ao ser crucificado, Ele disse: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Ainda antes da crucificação, quando ultrajado e maltratado, Ele deixou exemplo para nós: "...pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos" (1Pe 2:21) - Ele não se vingou, nem fez ameaças, mas "entregava-se àquele que julga retamente" (1Pe 2:23).

Perante a perspectiva divina, dada pelo referencial e o exemplo do próprio Senhor Jesus, os incentivos para perdoar nosso cônjuge transbordam das páginas da Bíblia:

1. Perante tamanha graça e misericórdia do Senhor para com as nossas muitas ofensas, como deixaremos de perdoar as ofensas do nosso cônjuge?
2. Embora diferente do nosso sofrimento decorrente das ofensas, o sofrimento de Cristo serve de exemplo (1Pe 1.21). Ele não pecou, não se vingou, nem fez ameaças, mas *absorveu* em Sua Pessoa as ofensas dos outros, entregando-se Àquele que julga retamente. De modo semelhante, não devemos pecar, não devemos nos vingar nem fazer ameaças diante das ofensas, mas nos entregar Àquele que julga retamente.
3. Jesus perdoou por completo, não *à prestação*. Nós devemos fazer o mesmo!

2. Um ponto decisivo

Perdoar significa estabelecer um *ponto decisivo*. O perdão não deixa de ser uma *decisão deliberada* perante uma ordem do Senhor " uma ordem dirigida à nossa vontade, não essencialmente às nossas emoções. Entre as muitas passagens que usam o imperativo na língua original, quero citar apenas Marcos 11.25: "E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celeste vos perdoe as vossas ofensas". O perdão é difícil, mas ele não é opcional. Ele pode ser acompanhado de emoções confusas e conflitantes. Ainda assim, precisa ser praticado pela fé baseada na Palavra de Deus. Repare que Marcos 11.25 sugere um perdão *unilateral*, pois o ofendido está em oração, sem que o ofensor esteja por perto. O Senhor ordena perdoar, ali mesmo, naquele instante. Inclusive, a própria comunhão do ofendido com Deus depende do perdão concedido ao ofensor: ...para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas. Tempos atrás, escrevi o seguinte no *Jornal Palavra da Vida*:

> O perdão é unilateral. O ofensor não precisa merecer meu perdão antes de eu o conceder. Se eu retiver o perdão, sou eu mesmo que sofro as conseqüências. Conforme a autora Diane V. Funk, a amargura é uma doença de nossa própria alma e somos nós que

murchamos em conseqüência de sua devastação. Precisamos tomar o remédio do perdão [unilateral] para sermos curados. É verdade que alguns trechos da Palavra de Deus condicionam o perdão ao pedido do ofensor: "Se por sete vezes no dia (o ofensor) pecar contra ti, e (se) sete vezes vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe" (Lc 17.4). Outras passagens [como Marcos 11.25] expressam a ordem de perdoarmos sem que haja mérito ou mesmo um pedido da parte do ofensor. Pessoalmente, tenho feito uma distinção entre o perdão *unilateral* e o perdão oficial. O perdão unilateral é concedido o quanto antes, sem que o ofensor mereça ou mesmo saiba do fato. O perdão oficial é verbalizado no momento em que o ofensor o pede, reconhecendo seu erro e arrependendo-se dele.

No aconselhamento, apresento o perdão como *ponto decisivo* aos casais de duas maneiras:

1. Uma decisão de abrir mão da ofensa ou da vingança que ela pede.

   A palavra grega traduzida como *"perdoar"* significa "cancelar, soltar, abrir mão de". Ao perdoar, eu abro mão de um *direito* que na realidade não é meu " o direito da vingança. Romanos 12.19 ordena "não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor". Provérbios 20.22 nos aconselha: "Não digas: Vingar-me-ei do mal; espera pelo Senhor, e Ele te livrará". Isso significa deixar a execução da justiça com Deus, a exemplo do Senhor Jesus que "...entregava-se Àquele que julga retamente" (1Pe 2.23). Quanto a mim, cancelo a dívida e abro mão da cobrança.

2. Uma decisão de não lembrar mais a ofensa, uma vez entregue nas mãos de Deus.

   O alicerce bíblico dessa instrução provém de Hebreus 8.12 (que, por sua vez, é uma citação de Jeremias 31.34): "Pois, para com as suas iniqüidades usarei de misericórdia, e dos seus pecados jamais me lembrarei". Já que devo perdoar como fui perdoado por Deus (cf. Ef 4.32; Cl 3.13), tomo a decisão de jamais lembrar-me da ofensa! A esta altura da conversa, os aconselhados costumam olhar para mim de modo estranho. Muitas vezes, os casais já ouviram falar que o perdão significa esquecer-se da ofensa (por sinal, um conceito errado). Mas não demorou muito para descobrirem que não tinham a capacidade de praticar uma amnésia seletiva! Repito " perdoar significa não *se lembrar* da ofensa. E agora, uma explicação importante: o Deus onisciente não se esquece de nada. Porém, Ele decide " com base na nossa redenção pelo sangue do Cordeiro " não trazer à tona, não trazer à mente, *não se lembrar* dos nossos pecados. Portanto, à semelhança de Deus, prometemos não levantar mais o assunto (uma vez entregue nas mãos de Deus) perante três pessoas: Deus, os outros (inclusive o ofensor) e eu mesmo (remoendo nos pensamentos). Uma vez que entreguei a ofensa nas mãos dAquele

que julga retamente, não posso mais passar o vídeo. Uma promessa difícil, pois, às vezes, é difícil abrir mão dos ressentimentos. Eles nos fornecem assunto garantido nas conversas sobre alguém que possamos culpar pelas nossas deficiências. Freqüentemente, eles despertam comiseração nos outros para comigo. Permitir que a amargura torne-se parte de nossa vida é muitas vezes uma simples desculpa para agirmos de modo irresponsável.

No aconselhamento de casais, costumo pedir que cada cônjuge passe tempo a sós - no quarto, debaixo de uma árvore, em algum outro lugar sossegado - para anotar (de modo *breve e rápido*, sem remoer) as ofensas recebidas. Cada um deve fazer também uma lista das ofensas que cometeu. De joelhos, em oração, é hora de entregar as ofensas a Deus, abrindo mão delas e da vingança que na realidade pertence a Ele. Cada um deve fazer a promessa, perante o próprio Senhor, de não levantar mais as ofensas perante Ele, os outros e nos seus pensamentos. Após a entrega, às vezes sugiro que o aconselhado queime o papel para simbolizar a decisão deliberada de não se lembrar mais das ofendas. Alguns desenham uma pequena placa num papel e colocam dentro de sua Bíblia, com a data da decisão de perdoar - uma estaca fincada num momento definido da história de sua vida.

3. *Um processo decorrente*

Perdoar significa estabelecer um *processo decorrente* da decisão de perdoar. O tempo presente do verbo *perdoar* em Efésios 4.32, Colossenses 3.13 e Marcos 11.25 indica uma *atitude constante de perdão* que deve continuar após o *ponto decisivo* da resolução de perdoar. Inclusive, logo após indicar que a vingança pertence a Deus (Rm 12.19), a Bíblia nos incentiva a fazer o bem ao ofensor: "Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" *(12.21).* No mínimo, posso orar pelo ofensor - "...orai pelos que vos perseguem" (Mt 5.44b*).* Porém, amar ao meu inimigo talvez inclua algo tão simples como olhar nos olhos e dizer "Bom dia!".

Este volume de Coletâneas de Aconselhamento Bíblico focaliza o casamento. Talvez não haja tarefa mais importante no relacionamento entre dois melhores amigos do que manter as contas em dia, removendo os obstáculos logo que eles aparecem. Haverá lutas, e a maior delas é a luta contra o próprio orgulho. Porém, Deus promete maior graça aos humildes, e um casamento de dois humildes progride *de joelhos,* na profunda intimidade de dois corações submissos ao Senhor e um ao outro.

Boa leitura!

Você Consegue Ver?

David Powlison[1]

A terra está impregnada com o céu,
E cada arbusto inflamado de Deus;
Mas somente aquele que vê descalça as sandálias;
O restante senta-se ao redor e colhe amoras.[2]

Você consegue ver? A sua terra está *impregnada* com o céu e cada arbusto arde em glória? Você descalça as sandálias em terra santa? Ou você continua a colher amoras, à toa e indiferente?

Você se dá conta de como Deus nos vê? "Porque os caminhos do homem estão perante os olhos do SENHOR, e ele considera todas as suas veredas" (Pv 5.21). Você vive terminantemente em público? Você está ciente de que tudo que você faz e pensa é observado e, de modo figurativo, escrito em um livro? Está ciente de que vai prestar contas de toda palavra que sai da sua boca? De que está sendo filmado? Você sabe que a sua caminhada pela vida está *impregnada* com a presença observadora do Deus soberano?

Você se dá conta de que Deus está em ação? "Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito" (Rm 8.28 NVI). Você consegue ver cada acontecimento, circunstância, provação, frustração, dor ou alegria como parte da providência do Deus amoroso e soberano? Você confia e obedece ao seu Deus ou você resmunga e manipula? Você vê as circunstâncias da sua vida impregnadas com a presença de Deus e Seu propósito de torná-lo semelhante a Jesus?

Você se dá conta de que Deus fala com você? "Tenho visto que toda perfeição tem seu limite; mas o teu mandamento é ilimitado... Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos" (Sl 119.96, 105). O que você vê quando olha para a sua Bíblia? Você vê um livro

---

[1] Tradução e adaptação de *Do You See?* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 11, n. 3, Spring 1993, p. 3-4.

David Powlison é editor de *The Journal of Biblical Counseling*.

[2] Elizabeth Barret Browning, "Aurora Leigh", Livro VII.

repleto de relevância? Você vê um livro impregnado da presença de Deus, à medida que Ele fala sobre aquilo que é importante para a vida diária? A sua Bíblia está repleta de aplicações para os problemas reais de pessoas reais, que vivem no mundo real: ela é inesgotável, atual, diversificada, flexível? Ou a Bíblia é relativamente deficiente para lidar com as lutas do ser humano?

Atualmente, identifico dois grupos de evangélicos, ambos crentes na Bíblia. O primeiro tem uma Bíblia repleta de relevância para a vida. O segundo, uma Bíblia de utilidade limitada. Essa diferença de percepção é a base para muitos dos conflitos e desentendimentos no campo do aconselhamento bíblico.

Olhemos primeiramente para aqueles que crêem na Bíblia, mas consideram-na um recurso de utilidade limitada. Para eles, a Palavra de Deus fornece uma estrutura básica de significado da vida. Também é um *recurso* para consolo nas provações ou para fortalecimento *espiritual*. Ela desvenda o caminho final para a salvação. É útil para a *teologia*, as verdades teóricas sobre Deus, o céu e o inferno, a vida e a morte, *a visão cristã sobre...* . A palavra de Deus é uma autoridade reconhecida para as reflexões sobre as *grandes* questões da vida.

O que há de errado com esse parágrafo? Aparentemente, nada, exceto que tudo parece muito distante e vago. Até mesmo os teólogos liberais manifestam opiniões semelhantes. A discordância ocorre quando perguntamos se a Bíblia é verdadeiramente útil nas lutas da vida diária. Diante delas, esse grupo de crentes volta-se para outras fontes em busca de perspectiva e orientação. Alguns se voltam para revelações, profecias, orientações e intuições novas e pessoais. Outros se voltam para as psicologias seculares em busca de compreensão e orientação. Em ambos os casos, a Bíblia não fala o *suficiente* a respeito do que realmente importa na vida diária.

Pense na seguinte ilustração. Aqueles que consideram a Bíblia relativamente deficiente olham para ela e o que conseguem ver é semelhante a um piano de brinquedo, com apenas oito teclas. Aquelas oito teclas brancas talvez sejam de importância central na teoria musical: a escala de Dó-Maior, começando com o Dó-Médio, toca o Dó-Ré-Mi básico. Talvez elas sejam suficientes para os cânticos da Escola Dominical. No entanto, não são suficientes para tocar de maneira mais penetrante e atraente. Não haverá sonatas. Não haverá fugas nem concertos. Você não conseguirá tocar as nuanças, as variações e as claves menores da vida. E nenhum pianista experiente se ocuparia em ficar tocando num pianinho de brinquedo. Há instrumentos mais flexíveis e interessantes à disposição.

Para o outro grupo, que também crê na Bíblia, ela é um piano de cauda. Aliás, é um piano de cauda acompanhado de toda uma orquestra, com grandes compositores, pianistas e maestros. Ela entoa todas as notas, os ritmos, os tons, as claves, os efeitos especiais e as nuanças. Essa é a visão que os conselheiros bíblicos têm da Bíblia. Ela é completa. O Compositor, Maestro e Músico está em ação.

Quando aqueles que têm a Bíblia por deficiente escutam aqueles que consideram-na completa falarem sobre a suficiência das Escrituras para o aconselhamento, o que ouvem é: "Algo deficiente e incompleto é suficiente para uma obra muito complexa". Isso parece uma pretensão ridícula! O aconselhamento bíblico parece

absurdo, dogmático, obscurantista, cheio de discursos rebuscados de pessoas com mente pequena que nada sabem e que se gloriam em sua ignorância.

Porém, quando aqueles que têm a Bíblia por completa falam da suficiência das Escrituras, eles querem dizer - ou deveriam querer dizer - que ela é "Algo vivo e atuante, com riquezas inesgotáveis, completo e relevante, suficiente para uma obra muito complexa". Isso tem lógica! E quando o próprio Senhor fala às pessoas, em meio às lutas do ministério pessoal, essa visão é provada.

A falta de visão não é, obviamente, o único tipo de falha. Há, também, falhas na habilidade. Os conselheiros bíblicos, como indivíduos e mesmo como grupo, nem sempre realizam o melhor trabalho ao tocar a música. Todos temos falhas na habilidade. Alguém que vê o piano de cauda, com visão perfeita, talvez saiba apenas tocar *O Bife*. Um principiante no violino extrai um som estridente; um principiante no trompete extrai um mero ruído de sopro; na bateria, o principiante marca o compasso de forma monótona. Falhas como estas podem dificultar a compreensão da visão por parte dos espectadores, mas elas não tornam a visão inválida. Há uma orquestra completa; vamos crescer nas áreas falhas e aprender a tocar.

A falta de habilidade é mais fácil de superar do que a falta de visão, porém Deus nos capacita a vencer ambas para o louvor de Sua glória. A sua Bíblia é completa, mas as suas habilidades são limitadas? Uma criança que vê pode tropeçar logo de início; porém, com o tempo, ela começa a correr e saltar sob os cuidados do Pai. Ou será que a sua Bíblia é relativamente deficiente? Uma criança cega nunca conseguirá andar sem hesitar. Porém, o Pai pode abrir seus olhos.

Treinamento de Líderes

Pastoreando líderes para pastorearem o rebanho

Tony B. Giles[1]

Hoje tenho uma conversa marcada com um membro da igreja cuja vida está desmoronando. Estou um pouco inseguro e, honestamente, um pouco nervoso também. O que lhe direi? O que posso fazer para ajudá-lo? Como posso incutir esperança em meio ao desespero? É comum que eu me sinta pouco à vontade em situações do gênero. Mas, na verdade, isso acontece praticamente com todo líder espiritual que conheço - mesmo aqueles veteranos experientes, cuja maturidade geralmente brota da consciência de *saber* que eles não sabem todas as respostas.

Situações como esta parecem caracterizar o meu ministério à igreja, mais do que aquele trabalho que chamamos de administrativo ou de gerenciamento. Sim, há bastante administração e gerenciamento - às vezes, até demais. Porém, é o pastoreio e o cuidado das almas que marca o chamado dos líderes espirituais. É aos líderes que Pedro dá a seguinte instrução: "Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós" (1Pe 5.2).

Quando cuido de pessoas, sei que não posso evitar os seus problemas. Também não posso simplesmente encaminhá-las para que outros as ajudem. Entretanto, deve haver mais que eu possa dizer além de "Isso é muito duro, vou orar por você", apesar de que não há nada mais importante do que nossas orações a favor de outros. A oração intercessora é um ministério pessoal. Porém, no pastoreio do rebanho, os líderes são chamados com freqüência a investir em vidas com orientação, consolo e cuidado, bem como com confrontação e correção. Como pastores cuidadosos, que representam nosso Pai e Seu Filho, somos chamados a interceder. Como pastores, líderes espirituais e amigos cristãos, somos chamados a ministrar em pa-

[1] Tradução e adaptação de *Leadership training: shepherding leaders to shepherd the flock*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, Summer 2006, p. 54-60.

Tony Giles é pastor de discipulado na Igreja Presbiteriana Trinity em Charlottesville, Virginia.

lavras e ação. Isso inclui palavras que estimulam e incutem coragem no momento em que ela é necessária. Inclui palavras que consolam ou confrontam, dependendo daquilo que é mais apropriado à situação e ocasião. Também pode juntar o consolo à confrontação, dependendo do momento.

Algumas vezes, minha conversa com uma pessoa que está em crise lembra o velho método de *dar tiros para todos os lados*: se eu falar bastante e citar a Bíblia suficientemente, talvez alguma coisa atinja o alvo e minhas palavras façam sentido. Ou uso meu velho recurso de apoio: lanço alguns dos meus versículos prediletos, aqueles que são pessoalmente úteis para mim, ou o texto que li pela manhã. E pode ser que simplesmente falte tempo e decidamos orar. Visto que Deus é soberano e todo o Seu testemunho é o nosso arsenal na guerra pelas almas, esses métodos ocasionalmente funcionam. Entretanto, com maior freqüência, preciso realmente de um entendimento mais preciso de como Deus define mudança e vê o nosso coração, nosso comportamento, o pecado, a santidade e a esperança.

É esse entendimento que buscamos promover com o preparo dos líderes espirituais para pastorearem o rebanho. Cobrimos muitos tópicos no processo de equipar os líderes espirituais em potencial para o trabalho que deles se espera. Queremos que eles se familiarizem com as diretrizes administrativas e as normas da igreja, com o processo orçamentário e até com funções práticas como, por exemplo, servir a ceia. Porém, mais do que isso tudo, um propósito supremo dá molde ao nosso treinamento de líderes espirituais: prepará-los para o pastoreio. Como formar uma equipe de irmãos para serem colaboradores no Reino e trabalharem como parceiros preparados para atingir corações e vidas no rebanho? De que maneira podemos lhes proporcionar um melhor entendimento de como Deus define a mudança no coração para que esta mudança redirecione alguém de um comportamento pecaminoso para um viver mais piedoso?

O modelo de Deus: pastores para o rebanho

O modelo de Deus para a liderança da igreja não é um grupo de tomadores de decisões, mas pastores que lideram, guardam, orientam e cuidam da igreja. É notável que as qualificações para um líder espiritual destaquem mais as questões de caráter do que as habilidades ministeriais. Podemos até dizer que a única qualificação bíblica que se parece com uma habilidade é a aptidão para ensinar. Um líder espiritual não precisa ser um gênio administrativo. Tal habilidade viria a calhar, mas não é um pré-requisito para o cargo. Na verdade, um dos perigos que enfrentamos é a tentação de adaptarmos um modelo de liderança da nossa cultura e importá-lo para dentro da igreja *porque funciona* ou porque é eficiente ou traz benefício financeiro. É muito melhor desenvolver um modelo distintamente bíblico de liderança, com ênfase em um caráter piedoso, que se preocupa em servir.

Aqui está o princípio operante: se o pastoreio ocupa um lugar central no chamado de um líder espiritual, nosso treinamento deve levar isso em conta. Logicamente, quando pedimos aos membros da igreja que identifiquem no corpo aqueles que Deus quer separar para servirem como líderes espirituais, eles deveriam buscar entre os que demonstram

um coração de pastor e já exercem, de fato, algum tipo de pastoreio. Não podemos olhar para alguém que tem um *potencial* para líder espiritual e, depois, ver se conseguimos transformá-lo em líder espiritual por meio de um programa de treinamento. Não. Queremos líderes espirituais que pastoreiem a igreja, e não apenas a administrem. Queremos líderes espirituais que dêem as mãos aos pastores e se unam ao trabalho de cuidar das ovelhas.

Pense no pastoreio. Ele exige um coração voltado para pessoas, um conhecimento preciso das verdades bíblicas e um domínio da história bíblica. Mas o pastoreio também requer algumas habilidades: a habilidade de ouvir, de relacionar-se com as pessoas, de identificar o que as pessoas precisam ver, entender e fazer em situações difíceis, de reconhecer o que precisa ser dito em momentos específicos e o momento certo para dizê-lo.

Uma abordagem para o ministério pessoal e discipulado centrada no coração[2]

O melhor caminho para preparar líderes espirituais para o exercício de suas funções é uma abordagem do discipulado e cuidado das ovelhas centrada no coração. A base é uma estrutura bíblica para o discipulado e ministério pessoal. Como Deus descreve o processo de mudança? Qual é a dinâmica do crescimento pessoal e da santificação? Qual é o papel de Deus neste processo? Qual é o nosso papel no processo de mudança?

O processo tem início no coração e na vida dos próprios candidatos à liderança espiritual. Ansiamos por ajudar um futuro líder espiritual a alinhar-se com a obra do Espírito de Deus em sua vida. Queremos que cada líder espiritual pergunte a si mesmo: Para onde minha vida caminha? Quais são os desejos que dominam o meu coração? Quais são os obstáculos ou as falsas imitações de relacionamentos edificantes? Como o evangelho transforma meu coração e minha vida? Como ele me ajuda a viver uma vida mais piedosa? E como esse conhecimento e entendimento podem ajudar para que eu trabalhe na vida daqueles que me rodeiam?

Recentemente, um líder espiritual eleito há pouco participava de sua primeira reunião da liderança e ouvia com certo espanto enquanto os demais líderes aprofundavam-se no nó da mais recente confusão de relacionamento na igreja. Quando a poeira baixou, ele disse: "Eu não fazia a mínima idéia do quanto nos envolvemos no coração e na vida de cada membro da igreja, e da extensão do cuidado e da busca de solução para os relacionamentos quebrados". Naquela noite, ele saiu dali com uma nova consciência a respeito do que algumas vezes - se não freqüentemente - é exigido dos líderes espirituais. Ele também desenvolveu um anseio mais profundo por sabedoria e pela prática do modelo bíblico de mudança.

Um percentual significativo dos assuntos com que um líder espiritual ocupa-se são questões pessoais ou interpessoais. Raramente há assuntos que envolvem apenas questões doutrinárias sem que a doutrina afete a vida cristã. Baseamos nosso treinamento de liderança em torno das questões

[2] Usamos os cursos da Christian Counseling Educational Foundation *How People Change* (Como as Pessoas Mudam) e *Helping Others Change* (Ajudando Outros a Mudarem) como base para o nosso treinamento de líderes. Este currículo é escrito por Timothy Lane e Paul David Tripp.

que se dirigem à vida cristã. Por exemplo, o estudo da declaração doutrinária da nossa denominação leva-nos ao mistério da Trindade, mas nos concentramos nas implicações desta doutrina para o viver cristão. Estudamos o papel do Espírito Santo na vida cristã, a doutrina das Escrituras (incluindo a inspiração das Escrituras) e a autoridade das Escrituras. Discorremos sobre o céu, concentrando-nos na esperança da eternidade.

Ensinamentos essenciais para uma liderança efetiva na igreja

Nosso alvo é termos candidatos à liderança espiritual que entendam melhor a vida cristã, pensem biblicamente a respeito das questões do viver diário e desenvolvam suas habilidades ministeriais. Os seguintes princípios deveriam constituir a essência de um programa de treinamento para uma liderança efetiva na igreja.

1. Uma espiritualidade centrada no evangelho

O que está no centro da maioria dos modelos de vida cristã? Até certo ponto, é freqüente uma forma de moralismo ou de espiritualidade do tipo *cerrar os dentes*. Nas nossas igrejas, muitos aprendem a viver com uma consciência hiperativa, que é o resultado inevitável de uma noção distorcida do evangelho. Certa vez, alguém descreveu esse tipo de espiritualidade como "a tirania do *eu deveria*": "Eu deveria ler mais a Bíblia", "Eu deveria orar mais", "Eu deveria parar de olhar aquelas revistas". E embora muitos destes "eu deveria" sejam válidos, eles carecem de qualquer poder para transformar uma pessoa. Eles se concentram nas questões comportamentais, enquanto a mudança duradoura e verdadeira acontece de dentro para fora, pela graça e poder de Deus. Aquilo que domina o coração, molda a vida. Quanto mais fundamentamos a pessoa em sua nova identidade em Cristo, mais podemos chamá-la a uma nova obediência. E quanto mais chamamos a pessoa a uma nova obediência, mais precisamos fundamentá-la em sua nova identidade em Cristo.

Em 1 João, uma carta que nos chama ao auto-exame e à santidade (1Jo 1.5-10; 2.1,15; 5.1-4), também encontramos ilustrações ricas de quem somos em Cristo (1Jo 2.12-14; 3.1-2; 4.16; 5.11). Ver a Cristo é essencial para admitir o nosso pecado e abandoná-lo.

Uma espiritualidade centrada no evangelho evita o comportamentalismo, ao passo que lida com o coração que conduz a comportamentos e atitudes que glorificam a Deus. Queremos líderes espirituais que ajudem outros a perceberem a dinâmica de uma vida centrada no evangelho. O ministério de pastoreio da igreja requer fé e arrependimento constantes.

2. Uma perspectiva bíblica de mudança

Você já se sentiu animado com as promessas de alguém, para então ver a pessoa falhar em cumpri-las? Você já teve uma compreensão clara de si mesmo que não levou a mudanças duradouras em sua vida? Você já estabeleceu alvos que, de alguma forma, perderam-se no ritmo frenético da vida? Você está ciente de que algumas mudanças são necessárias, porém não sabe como levá-las a termo? Você já se sentiu confuso na tentativa de identificar quais aspectos em sua vida eram de sua responsabilidade e quais você podia, acertadamente, entregar a Deus? Você já foi beneficia-

do por ter alguém a quem prestar contas? Você já sentiu que as mudanças que você precisa fazer na sua vida são simplesmente impossíveis?

As perspectivas sobre mudança pessoal são as mais variadas. Novas abordagens surgem a cada ano, baseadas nos diversos elementos bíblicos de mudança. Algumas correm o risco de enfatizar determinado elemento em detrimento de outro, oferecendo-nos uma metodologia distorcida e ineficaz. Uma perspectiva bíblica de mudança não deve se basear em alguns versículos bíblicos isolados. Uma ampla variedade de versículos dirige-se diretamente a questões como dinheiro e casamento, sexo e maledicência. *Isolados*, porém, estes versículos atingem, freqüentemente, apenas aspectos limitados da vida. O que falta nesta abordagem é o *grande quadro* de como a Bíblia pensa sobre a vida. A perspectiva bíblica de mudança baseia-se no testemunho integral de Deus e leva em conta tudo o que a Bíblia diz.

Comece com a seguinte pergunta: Quais são os métodos bíblicos para atingir os alvos de Deus para mudança em nossa vida? Como a Palavra de Deus descreve crescimento e mudança? (Leia Isaías 55.10-13 e Jeremias 17.5-10). Deus nos transforma recapturando o coração para servir somente a Ele. Queremos líderes espirituais que saibam como ajudar os discípulos a entenderem porque as disciplinas espirituais são importantes. Como escreve David Henderson,

> O termo *bíblico* precisa ser redefinido. Não pode, meramente, significar "extraído de alguma página das Escrituras". À luz de como a Bíblia foi escrita, com uma única linha de pensamento que se estende de capa a capa, *bíblico* precisa significar "de acordo com aquilo que a Bíblia diz respeito como um todo". E a Bíblia diz respeito à paixão incessante de Deus em ser conhecido, amado e servido - por meio de Jesus Cristo - por aqueles que Ele criou. [3]

A palavra *duradoura* é chave quando se fala em mudança. Uma coisa é mudar o meu comportamento, porém mudança duradoura vem de dentro para fora e tem a ver com os afetos do meu coração. O que quer que domine o coração exerce uma influência inescapável em nossa vida. Queremos que nossos líderes espirituais sejam desafiados pela pergunta: Quando você examina a sua vida ou a vida de outra pessoa, quanta ênfase você coloca no coração?

O que você diz para a pessoa que lê a Bíblia e a fecha com um suspiro, pois se sente oprimida por sua incapacidade e desanimada por seus fracassos? Você diz: "Abra sua Bíblia novamente e vamos dar uma olhada em sua identidade. Em seguida, vamos considerar justificação, adoção e união com Cristo". Queremos líderes espirituais que saibam ajudar pessoas a compreenderem porque as disciplinas espirituais são importantes. Queremos que as pessoas leiam a Bíblia porque nela encontram o chamado a uma nova obediência e nova identidade como cristão.

---

[3] David Henderson, *Culture Shift: Communicating God's Truth to Our Changing World* (Mudança cultural: comunicando a verdade de Deus em nosso mundo em mudança) (Grand Rapids, MI: Baker, 1998), p. 27.

3. A exegese das Escrituras

Os líderes espirituais em treinamento precisam ser habilidosos na exegese de passagens bíblicas. A exegese evita o uso de textos de prova e de passagens isoladas para estabelecer uma questão. O líder deve ensinar a passagem levando o contexto em consideração. Enquanto um líder espiritual talvez não saiba por si mesmo o que dizer ou por onde começar, a Palavra de Deus expõe o coração da pessoa e abre as portas para aquelas áreas que precisam de transformação (Sl 139.23-24). Os líderes espirituais não só precisam de fundamento teológico sólido, como eles também precisam saber manusear a Palavra de Deus (2Tm 2.15). É preciso ter um domínio dos vários gêneros da literatura bíblica e da centralidade de Cristo no Antigo Testamento. [4]

4. A obra do Espírito Santo e a oração

O poder de transformação é o poder do evangelho e da obra de santificação do Espírito. O processo de ajudar outras pessoas a descobrirem onde a mudança é necessária depende do bisturi do Espírito. Portanto, o futuro líder espiritual deve orar por discernimento e aprender a ouvir. Lançar granadas bíblicas ou até mesmo aplicar curativos bíblicos pode ser de pouca ajuda e, freqüentemente, é prejudicial sem a direção do Espírito. Por exemplo, como você lida com o dilema de como e quando confrontar alguém sobre o seu pecado? Como um líder espiritual distingue entre o que é conversa generalizada sobre problemas pessoais e o que é uma confissão genuína? É o Espírito quem convence do pecado.

O que um líder espiritual deve dizer para alguém que se sente abandonado e só em suas lutas? Precisamos de líderes espirituais que saibam estar presentes *para* os outros e *com* os outros em suas angústias. Precisamos de líderes espirituais que saibam não apenas servir a ceia, mas também levar os corações à fonte de água viva, Àquele que está sempre presente. O líder espiritual que pastoreia está preparado para guiar um coração que anseia profundamente por um ídolo e dirigi-lo ao profundo anseio por Cristo, a esperança da eternidade.

5. A comunidade

O melhor aprendizado não vem de palestras ou de tarefas de leitura. O melhor aprendizado acontece na comunidade, porque é ali que se dá o processo mútuo de mentorear - a discussão interativa entre irmãos e irmãs reunidos ao redor de uma mesa. A vida comunitária provê não apenas a melhor maneira para aprendermos, mas também o único instrumento para descobrimos certas verdades sobre nossa própria vida. Veja Hebreus 3:12-13. A igreja, na comunhão do Espírito, é a comunidade formada pelo Espírito. Observe as passagens de mutualidade no Novo Testamento, que descrevem o papel da comunidade e a necessidade de amigos espirituais que tenham disposição e estejam prontos a ministrar na vida do seguidor de Cristo.

Muitos têm percebido o valor do relacionamento com um mentor e, ocasional-

[4] Veja *Reading the Bible with Heart and Mind* (Lendo a Bíblia com o coração e a mente) de Tremper Longman (Navpress, 1997) e *The Ancient Love Song: Finding Christ in the Old Testament* (A antiga canção de amor: descobrindo Cristo no Antigo Testamento), de Charles Drew (Philipsburg, NJ: P&R, 2000).

mente, encontramos relacionamentos do tipo um a um que funcionam bem. Temos visto, no entanto, que o mentorear mútuo, que acontece na comunidade, tem uma chance maior de impactar significativamente vidas. Um participante, chegado há pouco, fez a seguinte observação:

> Nos últimos quinze anos, costumava-me reunir com um pequeno grupo de homens, encontrando-nos com certa regularidade e sempre com as mesmas pessoas. Conversávamos sobre muitas coisas durante nosso tempo juntos, mas nunca falávamos sobre as questões do coração, que temos tratado nestas reuniões, coisas como ídolos do coração e relacionamentos que promovem santificação.

Esse tipo de conversa honesta é o que esperamos encontrar na igreja. Se queremos que isso venha a ser uma marca da nossa vida como corpo, a liderança da igreja deve abrir o caminho. Nesta área, nunca avançaremos mais do que os nossos líderes *são capazes de* e *estão dispostos a* fazer. Eles devem ser modelos.

Nosso alvo tem sido evitar a mensagem, mesmo involuntária, de que maturidade espiritual significa uma vida livre de problemas. Sinalizamos esta mensagem errada quando nossos líderes espirituais não são capazes e não estão dispostos a falar sobre suas dúvidas, lutas e fracassos pessoais. Temos a liberdade de praticar a sinceridade porque o evangelho é verdadeiro. Se os nossos líderes espirituais não entenderem e não forem modelos nisso, perpetuaremos a falsa noção de que maturidade significa que não temos mais lutas com o pecado que "ameaça à porta" (Gn 4.7) e "nos assedia" (Hb 12.1).

6. Os exemplos pessoais ilustram os princípios

Uma parte importante do treinamento dos líderes espirituais diz respeito ao uso de histórias e ilustrações pessoais para dar vida aos princípios bíblicos ensinados. O líder eficaz fala com sinceridade sobre questões da própria vida para ilustrar os princípios bíblicos. Ele lidera pelo exemplo. Embora isso represente um trabalho considerável de preparo para cada aula, ele não pode simplesmente repetir o que está escrito em um livro, mas precisa estar profundamente familiarizado com os princípios bíblicos e as ilustrações antes de usá-los para instruir outros. O líder não pode chegar despreparado para o encontro de treinamento. Ele deve antes examinar cada lição e princípio em seu coração a fim de poder ensinar fielmente aos que estão em treinamento.

Ao longo dos anos, tenho juntado várias prateleiras de livros que empresto às pessoas. Freqüentemente, respondo à necessidade de alguém sugerindo um livro que poderia ser útil, sempre com a esperança de poder encontrar-me posteriormente com aquela pessoa, depois de concluída a leitura, para discutirmos e aplicarmos o conteúdo. Às vezes, este método funciona. Mas seja pela minha agenda ocupada (e ocupada demais) ou pela falta de pleno interesse, a conversa de retorno, quando chega a acontecer, é raramente tão efetiva quanto eu esperaria que fosse. Tenho aprendido, ao longo dos anos, que é melhor pedir que a pessoa leia um capítulo de um livro ou um pequeno artigo, ou ouça um CD. Porém, a melhor aplicação de princípios bíblicos é feita a partir de exemplos extraídos da minha vida. Preciso

estudar a minha jornada espiritual e estar pronto para contar a minha história.

Um dos objetivos do treinamento de líderes espirituais é enfatizar o chamado para o discipulado de maneira clara e concreta. O líder espiritual em treinamento aprende, primeiramente, a perguntar: "O que essa pessoa precisa enxergar a respeito de si mesma, Deus, os outros, a vida, a verdade, as mudanças e assim por diante?". Em seguida, vem a pergunta: "Como posso ajudá-la a ver aquilo que ela precisa ver?". O líder espiritual também aprende a fazer perguntas do tipo: "O que Deus o está chamando a fazer em meio à sua situação e relacionamentos atuais?". Esse é o tipo de ministração pessoal que é realmente *pessoal* e não geral a ponto de ser, na melhor das hipóteses, boa e inútil ou, na pior das hipóteses, contraproducente e prejudicial.

7. Aprendizado envolve mudança

O treinamento de líderes espirituais não consiste apenas de um conjunto de informações, pois discernimento e mudança são distintos e não podem ser confundidos. O aprendizado sempre leva à mudança. Em nossos encontros, procuramos favorecer o tipo de conversa que incentiva na vida dos participantes a espiritualidade centrada no evangelho e a perspectiva bíblica de mudança. Sendo assim, cada encontro de treinamento dos líderes espirituais encerra-se com a tarefa *Transforme em Realidade* na sua vida. Como tarefa de casa, damos perguntas que exigem reflexão e aplicação pessoal. Não há "preencha os espaços em branco". Após as primeiras aulas de fundamentos, o treinador-líder apresenta um *Projeto de Crescimento Pessoal*, que estabelece as bases para o restante do curso. Cada participante escolhe uma área de luta em sua vida e dá início a um processo específico de auto-exame. Este processo é central para o curso de treinamento de líderes espirituais.

Queremos que os nossos líderes espirituais ajudem outros a considerarem quais são as suas responsabilidades e qual é a responsabilidade de Deus no processo de santificação. Você não tem como ficar parado esperando que Deus o transforme. Os resultados, tanto da irresponsabilidade como da responsabilidade extremada de tentar realizar a obra que cabe a Deus fazer, são frustração, desânimo e fracasso. O papel espiritual de um líder na vida de um membro da igreja exige que se esclareça a responsabilidade pessoal.

É com o caráter dos líderes espirituais que a igreja encontra dificuldades com maior freqüência. A Bíblia diz que devemos ser "irrepreensíveis" (1Tm 3.2). No entanto, o egoísmo no casamento, geralmente, leva à falta de perdão, impede a reconciliação e resulta em amargura e atitudes reprováveis. Como funciona a questão de *ser irrepreensível* num casamento em que há egoísmo? E como devemos abordar estas questões com os candidatos à liderança espiritual? À medida que avançamos no treinamento, lembramos com freqüência aos participantes: "Isso tudo tem a ver, primeiro e primordialmente, com o seu caráter. Depois, irá ajudá-lo à medida que você trabalha com outras pessoas". E, logicamente, aqueles que lideram o treinamento devem ser irrepreensíveis também. Cabe-lhes conhecer em profundidade o material de estudo, já tê-lo aplicado ao próprio coração e experiência de vida e, possivelmente, compartilhar alguns de

seus fracassos e vulnerabilidades pessoais enquanto ministram as aulas.

Quando os líderes espirituais em treinamento são casados, incluímos suas esposas nessa parte do programa de treinamento. À medida que a Palavra de Deus expõe as questões do coração e da vida dos candidatos à liderança, as conversas que devem acontecer entre os cônjuges requerem uma honestidade que fortalece o casamento. Queremos que os casamentos estejam baseados na verdade e na integridade. É mais difícil fingir quando você fala com sua esposa sobre as questões do coração. As conversas que cada líder espiritual ou candidato à liderança mantém com sua esposa fortalecem e intensificam seu casamento e isto serve de modelo para aqueles a quem eles pastoreiam.

Recentemente, recebi o seguinte e-mail de um candidato a líder espiritual:

> Obrigado pela aula de ontem à noite. Minha esposa e eu conversamos durante todo o caminho até em casa e ao longo de boa parte da noite sobre muitas coisas – tudo, desde "Porque você não se abre mais?" até "O que você precisa tirar do seu prato?" e ainda "O que está se passando em seu coração agora?". O Espírito está trabalhando.

Janela para o coração

O evangelho nem sempre está cheio de vida aos olhos do meu coração. Um pregador, certa vez, disse: "Parece que há um vazamento no coração". Então, preciso de lembranças constantes da obra completa de Cristo e de minha nova identidade em Cristo. Preciso de chamados renovados à nova obediência que está enraizada nesta nova identidade. Nosso treinamento de liderança é projetado para capacitar o indivíduo para conectar estas duas verdades e ajudar outros a também fazerem esta conexão em sua vida e circunstâncias.

Questões práticas no treinamento de líderes

Nos últimos anos, ministramos nosso treinamento de líderes com duração de nove meses. As aulas semanais são de 90 minutos. Dividimo-nos em dois grupos para discutir as tarefas de casa e orar por 30-35 minutos antes de cada lição de 40-45 minutos. Esse esquema exige um líder auxiliar, que esteja suficientemente familiarizado com o conteúdo para conduzir a discussão sobre as tarefas de casa.

Atualmente, o currículo *How People Change* (*Como as Pessoas Mudam*) é uma parte fundamental de um longo caminho de preparo para a indicação do líder espiritual. O *caminho* inclui cinco cursos:

- Princípios Bíblicos para o Líder Servo
- Como Entender a Bíblia
- Fundamentos Teológicos para os Líderes (Confissão de Fé de Westminster)
- *How People Change* (*Como as Pessoas Mudam*)
- *Helping Others Change* (*Ajudando Outros a Mudarem*)

Estes cinco cursos estão abertos a qualquer membro da igreja – não apenas aos líderes espirituais em potencial. Na verdade, anima-nos a perspectiva de que todos façam os cinco cursos. Após completar os pré-requisitos, uma pessoa está qualificada para ser indicada quando for observado que ela demonstra o coração e a vida que devem caracterizar um líder espi-

ritual. Quando acontece a indicação, temos uma entrevista inicial com o candidato para tratarmos das qualificações, do estilo de vida, casamento, vida devocional e assim por diante. É aqui que trabalhamos exaustivamente algumas das questões que talvez tenham sido tratadas apenas superficialmente nos pré-requisitos. A esta altura, identificamos qualquer área de possível preocupação. Queremos ouvir o entendimento do candidato com relação à vida cristã centrada no evangelho e discutir questões de caráter.

Finalmente, chegamos às questões mais práticas da função dos líderes espirituais, que incluem as diretrizes da igreja, o procedimento nas reuniões, como servir a ceia, o governo da igreja e a disciplina eclesiástica. Tratamos estes assuntos no final do processo que durou nove meses. Na parte do treinamento em que lidamos com o caráter, costumamos incluir também os diáconos. Embora o currículo pareça ser voltado ao desenvolvimento de habilidades para o ministério de pastoreio, reconhecemos que todo diácono é também chamado a um ministério pessoal. O trabalho do diácono cria constantes oportunidades para conversas significativas e discipulado.

Desafios

Nosso programa de treinamento de líderes espirituais encontra dois desafios: o tamanho da turma e a duração do treinamento. Como ocorre em qualquer outro programa de grupos pequenos, a efetividade do curso depende de encontrarmos o tamanho certo da turma. As pessoas facilmente se escondem num grupo grande. Temos visto que o tamanho ideal para a turma é entre oito e dez participantes. Quando temos candidatos que participam do treinamento com as esposas, nosso grupo torna-se grande demais para boas discussões. Sendo assim, dividimos em dois grupos menores. Cada grupo tem um líder auxiliar, que promove a discussão sobre a tarefa de casa e, quando necessário, pode substituir o líder. Temos descoberto, porém, que é melhor ter uma só pessoa no papel de líder, ao invés de duas pessoas que se alternem.

O maior desafio é como incluir no treinamento da liderança tudo quanto precisamos ensinar e discutir. Há sempre muito mais a aprender.

Julgar à Luz da Bíblia

D. Patrick Ramsey[1]

Julgar ou não julgar: eis uma questão que enfrentamos no mundo atual. De acordo com o dicionário Aurélio, o significado de julgar é "decidir como juiz ou árbitro; dar sentença, sentenciar; supor, imaginar, conjeturar; formar opinião sobre; avaliar". Portanto, à primeira vista, parece que o ato de julgar envolve crer que alguém ou algo é falho, é mau ou está errado, e implica *condenar ou repreender* ao invés de *desculpar* ou *elogiar*.

Considerando esse sentido da palavra *julgar*, muitos respondem à pergunta se devemos ou não julgar com um vibrante e enfático NÃO. De fato, se em nossa cultura existe algo imperdoável, não é o pecado de blasfemar contra o Espírito Santo, e sim o *pecado* de julgar outros. As pessoas fazem vista grossa ou concordam com crenças e práticas das mais malignas. No entanto, não toleram, quer seja por um só momento, a prática de condenar o erro ou o pecado. Em nome do amor, somos orientados a aceitar estilos de vida, religiões, práticas e idéias de todo tipo. Os pontos de vista conservadores são raramente tolerados e ninguém deve ousar expressá-los verbalmente. Você não deve criticar as crenças, religiões ou práticas de outros, pois você seria considerado alguém arrogante, sem amor, pronto a julgar e cruel.

Tragicamente, nesta área, a cultura transformou a Igreja, em vez de a Igreja transformar a cultura. Os cristãos estão dizendo a outros cristãos para não julgarem uns aos outros nem julgarem o mundo.

Certa vez, uma igreja enviou-me um lembrete de oração, um pequeno pedaço de fita no qual estava gravado o trecho de Atos 19.11-12. A carta que acompanhava informava que os *guerreiros de oração* haviam orado sobre aquela fita e eles criam que

[1] Tradução e adaptação de *Judging according to the Bible.* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling.* v.21, n. 1, Fall 2002, p. 62-69.

D. Patrick Ramsey é pastor da Christ Presbyterian Church em London, Kentucky.

"a unção de Deus está sobre esse tecido". A carta estimulava-me a usar a fita como um ponto central para minha fé, para que eu pudesse ter por certo minha cura e libertação ou a de um ente querido. A igreja sugeria que a fita poderia ser colocada no carro, debaixo de um colchão ou numa parede.

À semelhança do que aconteceu com Paulo, quando ele encontrou os inúmeros ídolos em Atenas, o meu espírito revoltou-se dentro de mim. Decidi escrever um artigo para o jornal local, examinando a prática das fitas de oração à luz das Escrituras. No artigo, não guardei meu julgamento de que o uso das fitas de oração não é bíblico, e é até mesmo supersticioso. É desnecessário dizer que algumas pessoas ficaram bastante ofendidas com o que escrevi. Uma carta carregada de muita emoção disse-me enfaticamente para *não julgar*, mas aprender a amar e apreciar o meu próximo. A carta ressaltava que as pessoas que haviam enviado aquelas fitas de oração tinham se empenhado bastante no seu preparo e queriam apenas alcançar pessoas para Jesus.

O que devemos pensar do conceito de *não julgar*? Como podemos responder às pessoas que nos dizem para não julgar? De acordo com esse ponto de vista, não podemos sequer responder, exceto para elogiar, pois de outro modo estaríamos julgando! Mas, ironicamente, se fôssemos responder com uma crítica, ninguém poderia nos condenar. Caso condenassem, eles também estariam nos julgando. Considere a situação a seguir.

João era um tipo amigável e tolerante, disposto a conversar comigo sobre o cristianismo, até que surgiu a questão da homossexualidade. Minha aparente falta de tolerância o deixou desconfortável e ele fez questão de dizê-lo:

- É isso que me incomoda nos cristãos, ele disse. Vocês parecem agradáveis a princípio, mas depois começam a julgar tudo e todos.

- E o que há de errado com isso?

Fiz uma pergunta provocativa.

- Não é certo julgar outras pessoas.

- Se é errado julgar outras pessoas, João, por que você está me julgando?

Esta pergunta o fez parar. João foi pego em seu próprio princípio, e ele sabia disso.

- Você está certo - ele admitiu - eu o estava julgando. Meio difícil de evitar.

Ele parou por um momento, coçou a cabeça e se reorganizou.

- Que tal isso? Está tudo bem em julgar as pessoas, contanto que você não imponha sua moralidade sobre elas - ele disse, querendo pisar em solo mais seguro. É aí que se ultrapassam os limites.

- Está bem, João. Posso fazer uma pergunta?

- Claro.

- Essa é a sua moralidade?

- Sim.

- Então por que você a está impondo sobre mim? [2]

Muitos se apegam à crença de que toda a avaliação crítica é errada. No entanto, acusam livremente aqueles que expressam suas opiniões críticas de serem intolerantes em relação aos outros. Sendo assim, por que eles podem exercitar seus julgamentos críticos? Eles afirmam tomar uma posição contra os que são críticos, mas eles mesmos permanecem livres para criticar todos quantos discordam deles. Isto é o

[2] Disponível em www.lutheransforlife.org/living/winter/getting_judmental.htm.

cúmulo da arrogância! Eles estão certos e todos os demais estão errados? Na visão deles: fim da discussão!

É certo que não podemos evitar o ato de *julgar*. Tiraremos o chapéu para algumas coisas enquanto censuraremos outras. Formar opiniões – tanto positivas quanto negativas – é algo que todos nós fazemos. Mesmo alguém que aceitasse todos os pontos de vista, incluindo o da intolerância, seria culpado de julgar, pois tal conceito implica que é errado não aceitar uma posição de intolerância. Então, a questão não é se devemos julgar ou não, porém, muito mais, como iremos julgar. Somente um ingênuo ou um hipócrita arrogante pode dizer que é errado julgar.

Independentemente do problema da lógica, devemos rejeitar a prática de *não julgar* basicamente porque a Bíblia nos ordena que façamos avaliações tanto positivas como negativas. O apóstolo João escreveu: "Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus" (1Jo 4.1; veja também 1Ts 5.21; 1Co 14.29; Mt 7.15ss). A razão pela qual Deus quer que provemos os espíritos é que muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora e estão tentando nos enganar e nos levar para longe da verdade (Mt 24.5; 2Ts 2.1-3; Gl 1.6ss). Depois de julgar ou provar, devemos reter o que é bom e rejeitar o que é pecaminoso (1Ts 5.21; Gl 1.9). A igreja de Éfeso provou aqueles que se declaravam apóstolos, achou-os mentirosos e os rejeitou com firmeza. Por esta razão, Jesus elogiou grandemente essa igreja (Ap 2.2).

Se alguém pecar contra você ou cair em pecado, você deve confrontá-lo a fim de restaurá-lo. Você deve repreendê-lo (Lv 19.17) e falar-lhe da sua falta (Mt 18.15) num espírito de mansidão (Gl 6.1). Ninguém pode fazer isso sem avaliar de forma crítica as crenças e/ou ações do próximo e, em seguida, expressar-se.

Os líderes espirituais da igreja também são chamados a julgar à medida que administram a disciplina na igreja (Mt 18.17-20). Paulo ordena que nos apartemos "de todo irmão que ande desordenadamente", isto é, não conforme as Escrituras (2Ts 3.6; veja também 1Co 5). Como podemos fazer isso sem uma avaliação crítica e sábia das pessoas?

Jesus exercia a prática de denunciar outros. Ele condenou o ensino dos fariseus (Mt 5-7), bem como suas práticas (Mt 23.1-36). Em duas ocasiões específicas, Ele repreendeu severamente Pedro e Herodes, chamando o primeiro de "Satanás" (Mc 8.33), e o segundo de "raposa" (Lc 13.32). Quando Jesus entrou no templo, Ele se irou e condenou os mercadores, virou as mesas e os expulsou com um chicote.

Os muitos preceitos e exemplos bíblicos de santos que examinaram o mundo à sua volta não deveriam nos surpreender. Desde o princípio, foi dada ao homem a tarefa de exercer o domínio sobre a criação (Gn 1.26-28; 2.15,19-29; Sl 8.6-9). Deus criou o homem à Sua imagem, equipando-o com as ferramentas e habilidades necessárias (i.e. razão, olhos, ouvidos, mãos etc.) a fim de que pudesse avaliar o seu ambiente e responder e ele, seja dando nome aos animais ou abstendo-se do fruto proibido[3]. Em resumo, julgar é humano.

[3] Adão não caiu por ele ter considerado o valor do fruto proibido, mas por tê-lo feito incorretamente. Ele deixou de julgar as mentiras de Satanás à luz da Palavra de Deus e buscou ser igual a Deus em determinar o bem e o mal. Ele deixou de seguir o princípio n. 5, que será tratado neste artigo.

Se o ato de julgar faz parte da nossa natureza, é inevitável e verdadeiramente bíblico, por que tantas pessoas são avessas a ele?

Razões pelas quais as pessoas são avessas a julgar

1. "A Bíblia nos diz para não julgarmos."

Embora a Bíblia seja clara em defender a prática do julgamento, alguns textos parecem ensinar o contrário. Considere as seguintes passagens:

- "Não julgueis, para que não sejais julgados." (Mt 7.1)
- "Um só é Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e fazer perecer; tu, porém, quem és, que julgas o próximo?" (Tg 4.12)
- "Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai; mas estará em pé, porque o Senhor é poderoso para o suster." (Rm 14.4)
- "Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor." (1Co 4.4,5a)
- Essas passagens, no entanto, tratam de como devemos avaliar e condenar as práticas pecaminosas em nosso julgamento.[4]

2. "Julgar os outros é cruel e demonstra falta de amor."

Aquele que ousa reprovar outra pessoa é, com freqüência, rotulado de grosseiro. A crítica é tida como algo que rebaixa a pessoa e diminui sua auto-estima. No entanto, longe de ser cruel e desalmada, a repreensão pode ser uma verdadeira expressão de amor. Provérbios 27.5-6 diz: "Melhor é a repreensão franca do que o amor encoberto. Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos". Provérbios 28.23 afirma: "O que repreende ao homem achará, depois, mais favor do que aquele que lisonjeia com a língua".

Ironicamente, desalmado é justamente aquele que se recusa a repreender alguém por seu pecado. A recusa do Rei Davi em confrontar e lidar apropriadamente com os pecados de seus filhos contribuiu para seu triste fim (1Re 1.6). Amnom

---

[4] Alguns fazem referência também a João 8.2-11, quando a mulher colhida em adultério foi levada diante de Jesus. Jesus respondeu: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra". Estas palavras costumam ser interpretadas no sentido de que nenhum pecador tem o direito de julgar outro pecador. A implicação é que alguém precisa ser isento de pecado para julgar. Visto que nenhum de nós está isento de pecado, ninguém tem o direito de julgar outra pessoa. É perfeitamente possível que esta passagem não fosse parte do manuscrito original. Mas ainda que pertença ao original, a interpretação acima não pode ser correta porque Jesus não iria contradizer a Si mesmo (Mt 18.15 ss.), bem como o apóstolo Paulo (Rm 13). Uma interpretação possível é que as palavras "sem pecado" refiram-se a uma pessoa que não seja culpada daquilo que ela está julgando. Neste caso específico, diria respeito a alguém que não fosse culpado de adultério. Também é preciso levar em conta Deuteronômio 19.15: "Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniqüidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer; pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato". E mais, quando a ofensa fosse punida pelo apedrejamento, as testemunhas deveriam atirar a primeira pedra (Dt 17.7). Ao julgar pela resposta daqueles que acusavam a mulher, eles eram também culpados de adultério ou não haviam testemunhado o crime.

violentou a meia-irmã Tamar e não recebeu a repreensão apropriada. Em seguida, seu meio-irmão Absalão escolheu fazer justiça com as próprias mãos e o matou. Mais uma vez, Davi não lidou com a situação de forma correta e, como resultado, Absalão, seu filho, quis matá-lo e assumir o trono.

Se um parente ou amigo andar na prática do pecado e, conseqüentemente, a caminho do inferno, você demonstrará falta de amor se não o julgar e avisar do perigo. Se sua mãe estivesse prestes a atravessar uma ponte perigosa, você não diria alguma coisa? Da mesma forma, se um amigo estivesse na prática homossexual, você não lhe diria que "nem efeminados, nem sodomitas, herdarão o reino de Deus" (1Co 6.9-10)?

3. "Amor é a única coisa que conta!"

Está evidente em nossos dias que, para muitos, o amor é a única coisa que realmente importa na vida. Não importa o que você crê ou faz, contanto que você ame Jesus e as outras pessoas. Dizem que não importa a nossa bandeira denominacional, pois as distinções baseadas em diferenças de crenças e práticas teológicas são insignificantes para o chamado cristão. Conseqüentemente, não deveríamos avaliar criticamente as crenças e práticas de outros.

O ponto de vista descrito acima, apesar de parecer muito piedoso, pode resultar, e freqüentemente resulta, em conseqüências desastrosas. Ele parece certo. Como toda boa heresia, ele defende algum aspecto da verdade. Mas, como um pastor escreveu, "Quando uma meia verdade é apresentada como toda a verdade, ela se torna uma inverdade".[5]

Os cristãos devem ser cheios de zelo, paixão e amor por Jesus, pelos irmãos na fé e pelos descrentes. A lei completa de Deus resume-se em dois mandamentos de amor (Mt 22.37-40). Jesus repreendeu a igreja de Éfeso porque ela havia abandonado seu primeiro amor (Ap 2.4). Ele falou aos crentes de Laodicéia que os vomitaria de Sua boca por sua falta de zelo e paixão (Ap 3.15). Não é surpreendente, portanto, o apóstolo Paulo ter escrito que é bom sermos zelosos (Gl 4.18).

Contudo, amor e zelo por si mesmos não capacitam ninguém a viver de maneira agradável a Deus; eles são necessários, porém insuficientes. Conhecimento e sabedoria devem acompanhar o amor e a paixão por Deus. Em outras palavras, doutrina e teologia são indispensáveis. Se o coração e a mente de uma pessoa não estiverem cheios do conhecimento das Escrituras e de sabedoria, então o amor e o zelo estarão, inevitavelmente, mal orientados, pois ela não saberá amar apropriadamente a Deus e ao próximo em palavras ou ações.

A falta de conhecimento não pode ser substituída por mais amor. Mais amor levará apenas a um maior número de problemas. Como diz em Provérbios 19.2, "Não é bom ter zelo sem conhecimento, nem ser precipitado e perder o caminho". É notório que os homens costumam ser tão zelosos por chegarem ao destino desejado, que eles não se dispõem nem a parar para pedir informações. Às vezes, eles não chegam ao seu destino!

---

[5] Walter J. Chantry, *Today's Gospel: Authentic or Synthetic?* (O Evangelho de Hoje: Autêntico ou sintético?) (Carlisle, PA: Banner of Truth, 1970), p. 17.

Semelhantemente, você pode ser sincero em querer levar alguém a Cristo ou suprir alguma outra necessidade. Porém, sem conhecer o evangelho ou sem saber como suprir a necessidade, todo o zelo do mundo não ajudará. Para simplificar, suas boas intenções não são boas o suficiente! Esse foi o problema dos judeus. Paulo testificou que eles tinham zelo por Deus, mas zelo sem entendimento (Rm 10.2). Conseqüentemente, eles buscavam a salvação no lugar errado, o que fez com que levassem outros com eles pelo caminho largo do inferno (Rm 10.3; Mt 23.13).

Os judaizantes, ou seja, os cristãos fariseus, tinham o mesmo problema. Eles eram cheios de zelo e preocupação pelos cristãos gálatas. Porém, como Paulo diz, eles não agiam bem (Gl 4.17). Ensinavam um falso evangelho (Gl 1.6-7) que veio a desviar os gálatas. Os gálatas estavam tão enfeitiçados pelo amor e a preocupação dos judaizantes (Gl 3.1, 4.17) que abandonaram o evangelho de Cristo, pregado por Paulo (Gl 1.6, 4.16), e colocaram-se em situação de perigo (Gl 5.2-4).

O conhecimento e a boa doutrina são essenciais no sentido de orientar nosso zelo e direcionar o nosso amor. Sendo assim, é necessário avaliarmos nossa doutrina e a extensão do nosso conhecimento.

4. "Julgar causa divisões."

Da mesma forma que o argumento anterior sacrificou a verdade no altar do amor, este argumento sacrifica a verdade no altar da unidade. No entanto, a Bíblia nos proíbe escolher entre a verdade e a unidade. Ela nos ordena que sejamos unidos (Ef 4.3) e permaneçamos na verdade (Gl 5.1), não nos associando com os que não crêem e não praticam a verdade (2Ts 3.14). A unidade é baseada na verdade e tem por propósito defender a verdade (Fp 1.27). Sendo assim, julgar é necessário para a unidade bíblica.

5. "Só o arrogante e o orgulhoso julgam os outros."

Certamente é possível ser arrogante e orgulhoso ao julgar. Fazemos isso quando avaliamos de forma imprópria ou com um padrão errado. Todavia, a forma e o padrão inadequados não eliminam a prática apropriada de julgar. Jesus era "manso e humilde de coração". Moisés era o "mais manso dos homens". Ainda assim, tanto Jesus como Moisés julgaram o que viram e ouviram.

6. "A verdade é relativa."

As pessoas compraram a idéia de que a verdade é relativa: "O que é verdade para você não é necessariamente verdade para mim!" ou "Cada cabeça, uma sentença!". Logo, alega-se, não temos base para julgar uns aos outros.

Este argumento contém uma contradição. Se toda verdade é relativa, então a pretensa verdade de que "toda verdade é relativa" é também relativa e não pode ser absolutamente verdadeira. O argumento também é falho no fazer distinção entre a verdade e as crenças. Enquanto as crenças podem variar de pessoa para pessoa, a verdade não pode. A verdade objetiva é encontrada nas Escrituras (Jo 17.17). Portanto, podemos testar a crença subjetiva de uma pessoa diante do padrão objetivo da verdade.

7. "É pelo bem de todos que não devemos julgar uns aos outros."

Algumas vezes, as pessoas condenam a prática de julgar como que para garantir que elas mesmas não sejam julgadas. Outras não gostam de confrontar as pessoas e se justificam por não fazê-lo dizendo que não devemos repreender uns aos outros.

Como devemos, então, julgar? Como podemos julgar sem sermos severos e arbitrários?

Princípios bíblicos para julgar

Princípio n.1: Julgue os outros sabendo que Deus também o julga.

Visto que todos nós pecamos e carecemos da glória de Deus, estamos todos sob o juízo de Deus (Rm 3.9-19). Contudo, mesmo em meio à nossa rebelião e pecado, nosso Juiz Divino amou-no e nos enviou Seu Filho para morrer por nós, a fim de que, pelo Seu sangue, pudéssemos ser salvos de Sua ira (Rm 5.8-9).

Ao avaliarmos uns aos outros, precisamos ter a compreensão de que Deus foi misericordioso para conosco, apesar do fato de Ele nos ter julgado e encontrado carentes de Sua glória. Experimentar a graça de Deus em nossa vida deve nos tornar sensíveis para com nossos irmãos pecadores (Mt 18.23-35). "A misericórdia triunfa sobre o juízo!" (Tg 2.13). Devemos, também, lembrar que se aproxima o dia quando Deus julgará todo pensamento, palavra e ação. "E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos dAquele a quem temos de prestar contas." (Hb 4.13)

Esta idéia importante deveria moderar nossos julgamentos, especialmente à luz da advertência de Jesus: "Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também." (Mt 7.1-2; veja também Tg 2.12-13). William Hendriksen comenta: "O padrão de julgamento que você aplica aos outros será aplicado a você. Se você julgar sem misericórdia, será julgado sem misericórdia. Semelhantemente, se julgar com moderação, você também será tratado e julgado com moderação".[6]

Princípio n.2: Julgue todas as coisas.

Como cristãos, devemos avaliar todas as coisas com uma cosmovisão bíblica (2Co 10.5). Desta forma, avaliaremos toda idéia, prática, doutrina, estilo de vida e filosofia que estiver ao nosso redor.

Não podemos acreditar e concordar com tudo quanto vemos e ouvimos. Salomão, sabiamente, orientou-nos que "o simples dá crédito a toda palavra, mas o prudente atenta para os seus passos" (Pv 14.15). Além disso, não devemos tolerar e aceitar tudo o que vemos e ouvimos. Paulo nos ordena que retenhamos o que é bom e nos abstenhamos de toda forma de mal (1Ts 5.21-22).

Os cristãos não podem ser como esponjas que retêm o que é bom e o que é mau; antes, devem ser filtros que removem toda substância indesejada. Portanto, o que assistimos na televisão, ouvimos no

[6] William Hendriksen, *The Gospel of Matthew* (O Evangelho de Mateus) (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1973), p. 357.

rádio, lemos nos jornais e vivenciamos em casa e no trabalho precisa ser avaliado. Precisamos diferenciar entre o certo e o errado, o sábio e o insensato, o bem e o mal, e até mesmo entre o bom, o melhor e o excelente (Fp 1.9; Hb 5.14).

Princípio n.3: Guarde muitos dos seus julgamentos para si.

Nem sempre devemos verbalizar nossas opiniões. Mesmo que coloquemos à prova todas as coisas, não precisamos sempre compartilhar os resultados. Há tempo de falar e tempo de calar-se (Ec 3.7). Provérbios 12.23 diz: "O homem prudente oculta o conhecimento, mas o coração dos insensatos proclama a estultícia" (veja também Pv 29.11). Provérbios 17.28 continua: "até o estulto, quando se cala, é tido por sábio, e o que cerra os lábios, por sábio".

Você pode responder a algumas perguntas antes de julgar publicamente outra pessoa e/ou outro ponto de vista. Primeiro, é meu papel e/ou responsabilidade fazê-lo? Você pode visitar uma igreja e chegar à conclusão de que a proposição do sermão estava incorreta, mas não significa que você deve confrontar publicamente o pastor enquanto o cumprimenta no final do culto. "Oferecer continuamente opiniões não pedidas é uma marca de presunção intolerável."[7]

Segundo, quais são as minhas motivações e os meus objetivos ao expressar meu ponto de vista? Compartilho meus julgamentos em amor, visando a "edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmitir graça aos que ouvem" (Ef 4.29)? Ou meu alvo é humilhar e ferir? Quero exibir meu conhecimento e percepção? O propósito é enaltecer a mim mesmo (cf. Lc 18.9-14)?

Terceiro, se eu falar, lançarei coisas santas aos cães e pérolas aos porcos (Mt 7.6)? Muitas vezes, não há sentido em compartilhar suas opiniões com aqueles que não estão dispostos a ouvir ou considerar o que você tem a dizer. Provérbios 9.7-8 afirma: "O que repreende o escarnecedor traz afronta sobre si; e o que censura o perverso a si mesmo se injuria. Não repreendas o escarnecedor, para que te não aborreça; repreende o sábio, e ele te amará". Aqui é preciso julgar com discernimento, após ter retirado a trave do próprio olho. Essa pessoa é "um cão, um porco, um escarnecedor ou um perverso" que irá simplesmente rebater ou até atacar?

Quarto, o que eu tenho para dizer é um assunto público ou particular? Há momentos em que precisamos confrontar publicamente (Gl 2.11; 1Tm 5.20) e há momentos em que devemos segurar a língua até que possamos conversar em particular (Mt 18.15).

Quinto, esse é o momento certo para falar? Provérbios 25.11 diz: "Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo". *Quando* falar é tão importante quanto *o que* ou *como* falar. Abigail, sabiamente, esperou que seu marido estivesse sóbrio antes de confrontá-lo (1Sm 25.36). Apesar dos amigos de Jó terem feito um julgamento errado, eles ao

[7] William Plumer, *The Law of God* (A Lei de Deus) (Harrisonburg, VA: Sprinkle, 1996), p. 542. Em outro lugar, ele escreve: "Aconselhar é, com freqüência, a melhor caridade; no entanto, quando aconselhamos demais é um sinal de que nós precisamos de conselho".

menos tiveram a compaixão de chorar com ele uma semana inteira antes de dizerem uma só palavra (Jó 2.13).

Por último, será que sou excessivamente crítico? É importante que você não chame à atenção diante de *cada* erro ou pecado. Como seria a vida se o seu cônjuge o confrontasse toda vez que você faz algo errado? Seria simplesmente deprimente, para dizer o mínimo! É sábio, portanto, perguntar a si mesmo se você corrige seu cônjuge ou castiga seus filhos muito mais do que você os elogia ou aprova. A pessoa que ama cobre uma multidão de pecados (1Pe 4.8; Pv 10.12; 17.9) e rapidamente reconhece e aprecia o bem (Rm 1.8; 1Co 1.4-7; 13.6-7; 2Tm 1.5-6; Ap 2.2-3).

Princípio n.4: Seja justo ou imparcial em seus julgamentos.

Certifique-se de usar o mesmo padrão de julgamento para todos. Como pecadores que somos, temos a tendência de favorecer os ricos e famosos, os nossos amigos e, especialmente, nós mesmos. Por esta razão, a Bíblia adverte-nos repetidas vezes contra a parcialidade (Dt 1.17; 16.19; Ex 23.3; Lv 19.5; Jó 32.21-22).

Princípio n.5: O padrão ou regra que você deve usar ao julgar é a Bíblia.

Há somente um Legislador e Juiz que é Deus (Tg 4.12). É unicamente Ele quem determina o certo e o errado. Portanto, a Sua lei, conforme revelada nas Escrituras, é o padrão que devemos usar em nossas avaliações. Não temos o direito de criticar ou condenar alguém baseados em nossos padrões pessoais de moralidade. Quando fazemos isso, Deus nos diz: "Tu, porém, quem és, que julgas o próximo?" (Tg 4.12) e "Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai..." (Rm 14.4).

Princípio n.6: Julgue a si mesmo antes de julgar outros.

O cego não pode guiar outro cego (Lc 6.39). Quando somos culpados de algum pecado, precisamos confessá-lo. Como disse Jesus, "Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão" (Mt 7. 3-5).

Princípio n.7: Antes de fazer um julgamento, tenha certeza de que todos os fatos estão reunidos e interpretados apropriadamente.

Se você tirar conclusões sobre determinado assunto ou situação meramente pela aparência, sem ouvir todos os fatos e/ou considerá-los cuidadosamente, você tem grande probabilidade de não fazer uma avaliação correta.[8] Como diz Provér-

[8] Às vezes avaliamos uma situação por meras aparências. Por exemplo, você diz para seu filho não brincar mais com o vizinho hoje. No entanto, algum tempo depois, você o vê voltando da casa do vizinho. Imediatamente, você conclui que ele desobedeceu e

bios 29.20, "tens visto um homem precipitado nas suas palavras? Maior esperança há para o insensato do que para ele".

A avaliação apropriada de uma situação específica requer pelo menos quatro passos. Primeiro, você precisa reunir os fatos. Considere Provérbios 18.13: "Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha". Este ponto precisa ser enfatizado, pois temos a tendência de nos apressarmos no julgamento, mesmo quando há apenas uma sugestão de mau procedimento, especialmente quando o acusado é alguém desacreditado.

Segundo, você precisa reunir *todos* os fatos. Provérbios 18.17 diz: "O que começa o pleito parece justo, até que vem o outro e o examina". Enquanto reúne todos os fatos, é importante que você o faça com uma atitude de amor. Isto significa que você fará inicialmente uma pergunta e não uma acusação. O amor sempre dá o benefício da dúvida (1Co 13.5-6).

Terceiro, é preciso pensar cuidadosamente sobre os fatos que você reuniu. Os fariseus foram rápidos em condenar Jesus por Ele ter curado no sábado. Se eles tivessem tomado tempo para refletir na questão, teriam chegado a uma avaliação correta e evitado a repreensão de Cristo (Jo 7. 21-24).

Quarto, você precisa amar a Deus e ao seu próximo (Fp 1.9-11). Se você não tiver um interesse genuíno na glória de Deus e no bem-estar do seu próximo, você não interpretará os fatos apropriadamente. O ódio é tão poderoso que ele pode fazer com que você rejeite ou distorça evidências contundentemente claras (cf. Rm 1.18ss).[9] Como John Stott escreveu, "O ódio distorce nossa perspectiva. Nós não julgamos as pessoas erroneamente para depois, como resultado, odiá-las; nossa visão das pessoas já é preconcebida pelo ódio. É o amor que enxerga com retidão, pensa com clareza e nos dá equilíbrio em nossas conclusões, julgamentos e conduta (cf. Jo 8.12; 11.9-10; 12.35)".[10]

Visto que, por natureza, o homem abomina a Deus e ao seu próximo, ele distorce, cita erroneamente, deturpa os fatos e envolve-se em raciocínios ardilosos com muita freqüência. Ele é incapaz de enxergar a verdade (inclusive seus preconceitos e inclinações), pois ele anda nas trevas e "as trevas lhe cegaram os olhos" (1Jo 2.11). Conseqüentemente, a salvação em Cristo é nossa única esperança. Sem Cristo, nada podemos fazer, inclusive julgamentos corretos.

já o castiga. Acontece que ele se ofende (com razão, devo acrescentar) com sua repreensão! Por quê? Porque você não tinha justificativa para o seu julgamento. Você concluiu, ou melhor, adivinhou que ele estava brincando com o vizinho. Ele pode simplesmente ter ido devolver um brinquedo. Ademais, você pensou o pior dele, o que é contrário ao amor bíblico (1Co 13). Logicamente, você racionaliza seu pecado alegando que estava certo em sua avaliação, porém isso não satisfaz a Deus nem a seu filho. Você não tem o direito de julgar algo que você não conhece (veja o Princípio n.9). Você também não pode julgar alguém sem antes julgar a si mesmo (veja o Princípio n.6).

[9] O pecado de agradar a homens também perverte nossa perspectiva, embora na direção oposta, rumo à bajulação (Gl 1.10; 1Ts 2.4-9).

[10] John Stott, *The Letters of John* (As Cartas de João) (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), p. 100.

Princípio n.8: Julgue com espírito de mansidão (Gl 6.1; 2Tm 2.25).

Você pode reunir todos os fatos corretamente e fazer uma avaliação certa. Porém, se o faz com justiça própria e com espírito de orgulho, você está condenado diante de Deus. Os fariseus eram rígidos e severos em relação às pessoas (Mt 23.4), julgando-as como se fossem inferiores, com uma atitude de desprezo (Lc 18.9). Se você precisar repreender alguém, faça-o com humildade e com muita mansidão.

Este princípio nem sempre é fácil de ser colocado em prática, já que todos nós lutamos com o pecado do orgulho. Portanto, pode ser útil, antes de corrigirmos alguém, meditarmos em alguns pontos para avaliarmos como está o nosso orgulho. Primeiro, devemos lembrar que somos pecadores, que tropeçamos e precisamos de correção. Segundo, é somente pela graça de Deus que conhecemos a verdade e, pela mesma graça, a pessoa que corrigirmos enxergará sua falha ou erro. Terceiro, precisamos relembrar nosso passado. Certa vez, um sábio professor de seminário disse: "Quando você começar a pensar que é um pregador relativamente bom, vá e ouça alguns dos seus sermões antigos para receber uma dose de humildade!". Devemos pensar em como temos crescido em nossa vida cristã e como Deus nos tem levado, mansa e pacientemente, à Sua verdade. Desta forma, aprenderemos a ser mais sensíveis.

Princípio n.9: Não julgue aquilo que você desconhece.

Não podemos conhecer as motivações de uma pessoa, pois somente Deus conhece o coração. Depois que os Coríntios condenaram as motivações de Paulo, ele respondeu: "Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual, não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus" (1Co 4.4-5).

"A regra é obter a perspectiva correta, se puder, e expressá-la com modéstia, porém claramente. Se há espaço para dúvidas racionais, não seja categórico. Se você sabe alguma coisa, diga que sabe; se você não sabe, diga que não sabe".[11]

Conclusão

Julgar é uma prática inevitável e bíblica. Deus providenciou muitos princípios em Sua Palavra a fim de nos equipar para essa boa obra. Enfatizar a importância de aplicarmos os princípios bíblicos nunca é um exagero. É melhor nos abstermos de julgar do que fazê-lo indevidamente. Lembre-se das palavras de nosso Senhor Jesus: "Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também" (Mt 7.1-2).

Salmo 51

Um guia bíblico para o arrependimento

David Convington[1]

Todos nós cristãos, desde os mais novos até os mais maduros na fé, encontramos dificuldade na prática do arrependimento. Não lidamos com ele num primeiro momento. Finalmente, quando nos dirigimos a Cristo em oração, costumamos amenizar nosso pecado ou o chamamos de algo menos feio do que ele realmente é. Tenho sido tentado a indagar se o ditado "você pode levar um cavalo até a água, mas não pode fazê-lo beber" não se aplica também ao arrependimento.

Certa vez, ao despedir-me de Eduardo - um aconselhado de longa data e que progredia bem - eu o encorajei novamente a correr para Cristo com a sua mais recente descoberta: um egoísmo mascarado. O tom do "Hum..." que ouvi como resposta revelou-me que, até aquele momento, mesmo depois de tê-lo praticado outras vezes durante o aconselhamento, a perspectiva do arrependimento o amedrontava.

Por outro lado, Rafael surpreendeu-me certa vez quando, no meio de um de nossos encontros, sugeriu: "Eu não deveria orar sobre isso agora mesmo?". É evidente que ele estava certo. Oramos, e eu me senti encorajado. Rafael e eu temos orado juntos por arrependimento durante um bom tempo. Ele sofre de uma leve incapacidade mental e não sabemos se algum dia ele poderá sair da casa de seus pais e levar uma vida independente. Suas primeiras orações de arrependimento, entretanto, mostravam o mesmo ímpeto de resistência que tenho observado em mim mesmo e visto naqueles cuja capacidade mental é de longe mais perspicaz. Geralmente, Rafael oscilava entre a falta de discernimento e a autoproteção, mas naquele dia o seu arrependimento, embora simples, foi profundo e bem focado. Ele me fez ver que, com treinamento e prática, a perspectiva de

[1] Tradução e adaptação de *Psalm 51: Repenter's Guide.* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling,* v. 20, n. 1, Fall 2001, p. 21-39. David Covington e sua esposa Sharon dirigem um ministério de aconselhamento bíblico mantido pela sua igreja, Meadow Valley Community Church, na Califórnia.

Deus com respeito à oração de arrependimento pode permear a vida do crente e as nossas conversas de contrição com o Pai podem crescer e amadurecer quando biblicamente orientadas.

Como dar uma orientação segura? Primeiro, a orientação acontece no contexto de relacionamento e não apenas pela transmissão de técnicas relatadas em um manual. Normalmente, não nos despedimos de um cristão sobrecarregado pelo pecado com palavras como "Agora que Deus já lhe mostrou que você está dominado pela cobiça enganosa, por que não vai para casa e ora a esse respeito?". Os pastores, os conselheiros e os amigos cristãos costumam estimular o aconselhado a orar *com eles*. Dessa forma, eles têm a oportunidade de presenciar como as pessoas falam com Deus. Entretanto, aquilo que ouvem pode decepcionar. As pessoas balbuciam vagas generalidades enfeitadas com frases prontas que perspiram piedade e frases cheias de "Senhor" e "Pai". Elas confessam terríveis ataques à glória de Deus como "falhas" e "dificuldades". Clamam por "ajuda para meu problema de pecado". Nossas evasivas podem ser bem sutis.

Renato, separado há algum tempo de sua esposa, veio em busca de ajuda para uma reconciliação. No entanto, todas as vezes que orávamos juntos, ele parecia tomar emprestado de forma mecânica as palavras que já havia ouvido eu usar, sem compreender o significado de cada uma delas. As orações que nos desapontam como as de Renato mostram que, sem a orientação graciosa de Deus, tentamos entrar em intimidade com Ele por qualquer caminho, exceto pela porta da frente.

Não há razão para ficarmos surpresos. Nossas próprias orações, especialmente aquelas que deveriam descortinar nossos corações e pecados diante de Deus, tendem a ser inconsistentes. Retraímo-nos do toque firme, embora amoroso, de Deus. Todos nós precisamos ser ensinados e treinados para orarmos biblicamente, e muitos de nossos aconselhados precisam aprender os princípios básicos sobre a oração. As Escrituras estão repletas de orações que podem nos ensinar, inspirar e servir de modelo para nossas orações.

No Salmo 51, Deus oferece ajuda aos arrependidos com qualquer grau de maturidade, tipo de necessidade e de resistência. Para o confuso, o Salmo fornece uma oração modelo para memorizar e repetir conforme a necessidade. Para o ignorante, serve como um guia para formular as próprias orações. Para aquele que resiste ao arrependimento, ele dá uma estrutura que denuncia o desejo de assumir o controle e usar o suposto arrependimento para nos fazer parecer piedosos diante de Deus e dos outros. Cada um de nós precisa de ajuda. Para que possamos conduzir outras pessoas a um arrependimento adequado, precisamos conhecer pessoalmente a ajuda de Deus, conformarmo-nos à Sua estrutura para o arrependimento, mergulharmos em Sua dinâmica e nos direcionarmos ao Seu propósito. Sem isso, descobriremos nossa inaptidão quando formos conversar com pessoas que têm dificuldade para praticar o arrependimento bíblico. Pior ainda, podemos estar enganados sobre a nossa aptidão e, desta forma, desencaminhar o povo de Deus. Ao estudarmos o Salmo 51, nosso objetivo é

que essa oração nos domine de tal maneira que fiquemos conformados, inspirados e direcionados por ela.

Os problemas comuns na oração

Por que a oração de arrependimento precisa de uma orientação segura, e como isto deve acontecer? Antes de explorarmos diretamente o Salmo 51, queremos apontar alguns pontos básicos no ensino sobre a oração. Quais são os efeitos da nossa fraqueza e pecaminosidade em nossa oração? Quais são as armadilhas em que caímos ao orar? Com o intuito de preparar o terreno para o que vem a seguir, damos uma breve revisão do que Deus diz a respeito daquilo que obstrui a oração de arrependimento.

A suficiência de nossas orações não se baseia apenas em conhecimento intelectual. Deus promete outra ajuda. Paulo lembra que "Não sabemos orar como convém..." (Rm 8.26) e chama nossa ignorância de "fraqueza". Deus promete corrigir essa deficiência e nos acudir: "O mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26); "É Cristo Jesus quem... intercede por nós" (Rm 8.34). O Espírito Santo ajuda os cristãos a orarem " e Ele mesmo ora " suprindo o que está faltando em nossa memória, em nosso entendimento e em nossas palavras. Se não fosse assim, quem ousaria orar? O que mais pode explicar as respostas providenciais de Deus às orações de crianças e de pessoas fracas, tolas e simples como nós? O assunto que desenvolvemos a seguir tem base na nossa necessidade de confiar no Espírito Santo de Deus para nos ajudar a orar.

Nossas orações são prejudicadas por algo mais do que nossa fraqueza ou falta de conhecimento. Tiago nos adverte que o egocentrismo pode invadir o nosso mais íntimo *tête-à-tête* com Deus (Tg 4.3). Você já ouviu (ou, como eu, já orou) variações de uma ou mais das seguintes frases?

- "Deus, sinto-me mal com o que fiz."
- "Deus, por favor, ajude-me a nunca mais fazer isso!"
- "Ajude-me a enfrentar as conseqüências do meu pecado."
- "Ajude-me a deixar isso para trás e seguir em frente."

Essas orações podem ser feitas por cristãos sinceramente arrependidos. No entanto, tais declarações expõem uma preocupação centrada em nós mesmos e o nosso anseio por causar uma boa impressão diante de Deus, de nós mesmos e dos outros. São orações mais sobre eu mesmo do que sobre Deus e minha condição diante de Deus. Em nosso suposto arrependimento, podemos ter como alvo a gratificação e o conforto pessoais tanto quanto os temos quando cometemos nossos pecados! Para nos arrependermos de modo que a reputação de Deus, e não a nossa, cresça e se espalhe, nosso coração precisa mudar e colocar o Senhor em primeiro lugar.

Precisamos que Deus oriente nossas orações de arrependimento. Para nós, a tarefa de orientar a oração de outros é arriscada. O risco é ainda maior quando prescrevemos palavras e frases para a oração de outra pessoa. É correto sermos cautelosos em colocar palavras na boca de outra pessoa, especialmente palavras para uma oração pessoal. Se sugerirmos ao aconselhado uma fórmula que o auxilie na oração de arrependimento, correremos o risco de transformar a oração em um rito. Quando os discípulos de Jesus pediram que Ele os ensinasse a orar, Ele lhes deu a oração que conhecemos como *Pai Nosso* (Mt 6.9-13).

No entanto, algumas pessoas a utilizam como se fosse uma fórmula mágica com poder intrínseco, outras como um modelo e outras ainda, supersticiosamente, a evitam.

As reações exageradas apontam para perigos reais, porém deixam de focar a raiz do problema no coração daquele que ora. A pessoa que ora apenas as palavras prescritas pode fazê-lo com devoção, mas com temor de expor o próprio coração *aplicando* à essência de sua vida o formato da oração prescrita. Tais orações exigem reflexão e uma percepção honesta do próprio coração.

Poderíamos rejeitar as orações prontas em favor das espontâneas, mas isso também tem os seus perigos. Arriscamos desobedecer a nosso Senhor: "Portanto, vós orareis assim" (Mt 6.9). Arriscamos também esquecer algum aspecto chave da oração, ou mesmo nos acostumarmos com a nossa má compreensão da oração. Podemos orar apenas "o que vem naturalmente", reciclando nossos temores, falta de conhecimento, preocupações e anseios. Rejeitar as orações congregacionais como o Pai Nosso significa também nos privarmos da comunhão em oração com os cristãos de outras culturas e tempos, e do benefício de orações que podem desafiar e enriquecer as nossas próprias orações.

Quando insistimos apenas nas orações espontâneas, também nos arriscamos a orar *fugindo da raia*, obscurecidos no próprio entendimento e desejosos de proteger nossa imagem. Cada vez que um aconselhado ora conosco, precisamos verificar se ele está distorcendo ou omitindo algum aspecto crucial do arrependimento. É possível treinar os aconselhados para que corrijam essas distorções e omissões sem, contudo, limitá-los ao simples recitar de um texto impresso? Sim, é possível, e nosso próprio discipulado no arrependimento crescerá no processo.

Salmo 51: um padrão para a oração de arrependimento

A intenção de Deus é que o Salmo 51, como o restante do saltério, seja um *script* para a oração comunitária, palavras colocadas na boca do povo de Deus desde o tempo de Davi até nossos dias. No Salmo 51, Davi abre as cortinas e nos leva ao aposento de oração do "homem segundo o coração de Deus". Ele nos mostra o formato, o conteúdo e o propósito da oração de arrependimento. A partir do estudo do formato da oração, exploraremos seu conteúdo e propósito.

O Salmo 51 é semelhante a um "V" que acompanha o olhar de Davi, guiado pelo Espírito Santo, em direção ao seu passado, ao presente e ao futuro. O "V" traça o percurso descendente da atenção de Davi, como se representasse uma linha de tempo da esquerda para a direita. O foco da oração de Davi parte da expressão exterior dos seus pecados e aprofunda-se rumo ao mundo interior do seu coração, seguindo até à substituição do pecado pela justiça por meio do sacrifício de sangue. Em seguida, ascende ao novo coração e sobe até alcançar novamente o mundo exterior, o mundo das interações sociais e dos acontecimentos. Podemos, também, expressar esse padrão "V" em termos teológicos: primeiro Davi olha para a sua culpa diante de Deus e para a causa desta culpa no mundo exterior de seu comportamento; em seguida, aprofunda-se até a causa de suas ações no mundo interior de seu coração. Dali, a atenção do salmista apro-

funda-se ainda mais e chega à obra expiatória. Nesse ponto mais profundo, ele clama e recebe uma transformação espiritual, uma mudança de coração. Sua oração começa a subir, no caminho de volta, à medida que Davi examina a expressão exterior de seu comportamento transformado conforme ele imagina que será quando Deus lhe responder. A intenção de Davi e do Deus de Davi é que sigamos esse padrão em nossas orações pessoais de arrependimento. Porém, as orações de arrependimento não existem em um vácuo.

A oração de arrependimento acontece em um contexto duplo: nosso relacionamento de aliança permanente com Deus e um incidente específico de pecado. Davi ora na certeza de que ele pertence ao povo de Deus e que o Senhor já o separou, juntamente com todos os israelitas, para um relacionamento pactual com Ele. Deus mesmo iniciou e sustém esse relacionamento com base em Sua graça, amor, benignidade e compaixão. Todos os pecados, e esse incidente específico na vida de Davi, são contra *Deus*. Davi é o rei, o representante singular do povo em sua aliança com Deus, mas seu relacionamento com Deus está abalado. Davi traiu a fidelidade exigida nesse relacionamento de amor. Ele sabe que é culpado (1-5): "meu pecado... pequei". A brecha causada por sua violação afeta negativamente todo o povo que ele representa: Urias está morto, Bate-Seba foi desonrada, todos os problemas descritos em 2 Samuel 13-25 estão diante dele. Porém, a restauração dessa ruptura afetará muitos para o bem e trará júbilo (13-19).

Antes mesmo de começar a escrever esse salmo ou fazer essa oração, Davi sabia que Deus já havia começado a restaurar o relacionamento em todas as suas dimensões, abrindo os olhos de Davi para enxergar e odiar seu pecado e reconhecer sua necessidade da graça singular de Deus. Quando foi confrontado, Davi confessou (2Sm 12.13). Deus o capacitou para confessar diante de Natã. O amor de Deus tomou a iniciativa para restabelecer o relacionamento. Deus também toma a iniciativa na restauração com base na mesma compaixão incalculável e maravilhosa.

O título histórico situa essa pérola da oração na linha da história de vida do rei Davi: "Escrito quando o profeta Natã veio falar com Davi, depois que este cometeu adultério com Bate-Seba". O título localiza a oração de Davi no contexto em que ele a pensou, orou e a escreveu. O pecado e a culpa de Davi (2Sm 11-12) estavam claros em sua mente quando ele voltou o seu olhar arrependido ao passado (vv. 1-8). Baseado na misericórdia prometida e demonstrada por Deus, Davi olhou para frente com expectativa, imaginando o fruto que o Senhor traria a partir de seu arrependimento (vv. 13-19). Temos alguns vislumbres desse fruto nos atos subseqüentes da bondade de Deus: o nascimento de Salomão, as vitórias militares, a lealdade dos servos de Davi e as palavras finais de Davi em sua vida: "Tão certo como vive o SENHOR, que remiu a minha alma de toda a angústia" (1Rs 1.29). São resultados que mostram que Deus respondeu à oração de Davi, cumprindo e excedendo sua imaginação_cheia de fé. Na plenitude de Sua realização, Deus encoraja-nos a orar como Davi orou nesse salmo. De fato, a primeira parte do título, "Ao mestre do canto. Salmo de Davi", indica que Davi publicou essa oração para uso comum. Isto, por si só, é fruto de arrependimento e en-

coraja-nos a termos essa oração como padrão.

O formato do Salmo 51: um quiasma

A letra grega "qui", equivalente à nossa letra "X", dá nome à forma de escrever do tipo "daqui até ali e de volta novamente aqui", destacada em várias passagens bíblicas. Na verdade, funciona mais como um "V", cujo formato representa o movimento de uma história que sai de um ponto de partida (representado pelo ponto de início do V, no alto à esquerda), move-se gradualmente até um segundo estágio (representado pelo ponto mais baixo do V, no seu centro), e então, traça os passos da volta a um estágio equivalente ao ponto de partida (representado pelo final do V, no alto à direita), *só que com uma diferença*: a distância entre o início (no alto à esquerda) e o final (no alto à direita) mostra que a história avança. A Bíblia tem muitos quiasmas, alguns simples e outros mais detalhados e complexos, que conseguem nos mostrar um significado nos textos que, de outra forma, não entenderíamos.[2]

O Salmo 51 é como um "V". Ele traça o movimento da oração de Davi do mundo exterior de suas ações (seu pecado) ao mundo interior de seu coração, voltando depois ao mundo exterior das ações que resultarão da obra da graça pela qual ele clama. Ao mover-se do exterior para o interior, e de volta ao exterior, este salmo retorna nitidamente ao seu início. A oração também tem direção certa; Davi olha para trás, em direção ao próprio pecado, e suplica por misericórdia e ajuda pessoal. Ele termina olhando para frente, para atos externos que expressam redenção, e suplica por misericórdia e ajuda para toda a nação de Israel. Ao mover-se de um olhar para trás a um olhar para a frente, de uma súplica pessoal por ajuda a uma oração por todo o povo de Deus, o formato desse Salmo também mostra que a história de Davi está avançando com direção definida. Deus transforma Davi. Ele faz tudo diferente, e faz diferença também em nós.

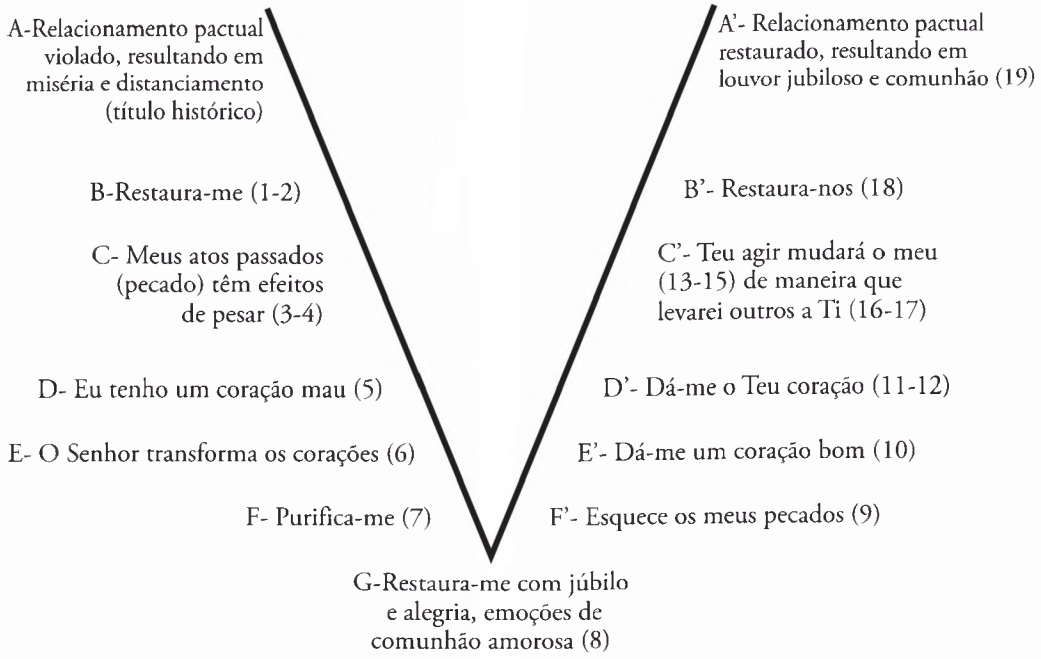
Com um olhar mais atento ao formato "V" nesse salmo, vemos que, como em outros quiasmas, todo passo dado para baixo de um lado corresponde a um passo dado para cima do outro lado. Essa característica de equivalência na estrutura "V" do salmo convida-nos a acompanhar o desenvolvimento do pensamento de Davi. Pela observação das semelhanças e diferenças entre os passos posteriores e anteriores, podemos enxergar quais mudanças foram importantes para Davi. Embora haja muitas mudanças, uma das mais evidentes é que ele passou de um clamor individual para um clamor coletivo. Mais adiante olharemos esses passos mais de perto, já que aplicaremos esse padrão às nossas orações de arrependimento. Daremos, também, atenção especial ao centro do "V", onde Deus transforma o coração de Davi e, conforme a linha do "V", a história muda de direção.

Uma teologia do arrependimento

Quando prestamos atenção ao formato do Salmo 51, enxergamos um significado que poderíamos não perceber se nos detivéssemos apenas em seu conteúdo. Primeiro, vemos que os passos na linha descendente correspondem a passos similares na linha ascendente do "V". O Sal-

2 Um quiasma, quando identificado realmente no texto e não forçado, ajuda de diversas maneiras os leitores a encontrarem o significado do texto.

UMA ANÁLISE QUIÁSTICA DO SALMO 51[3]



mo parte da aliança de Deus com Israel, passa pelo mundo exterior da ação pecaminosa de Davi e segue em direção a um afastamento de Deus. Ele desce até o íntimo do coração de Davi e avança até as profundezas onde Deus o transforma, restaurando o relacionamento. O novo coração, na linha ascendente, provoca mudanças no mundo exterior das ações de Davi que, por conseqüência, restaura os termos do relacionamento da aliança de Deus com Seu povo.

A diferença básica entre qualquer passo da linha descendente do "V" e seu passo correspondente na linha ascendente é óbvia: o primeiro identifica uma violação da vontade de Deus e o segundo, a sua restauração. Conforme veremos a seguir, as diferenças entre os elementos correspondentes de cada par revelam ricos detalhes do propósito de Deus para os arrependidos.

A. Aliança e louvor (título e v. 19)

1 Para o mestre de música. Salmo de Davi. Escrito quando o profeta Natã veio falar com Davi, depois que este cometeu adultério com Bate-Seba.

19 Então te agradarás dos sacrifícios sinceros, das ofertas queimadas e dos holocaustos; e novilhos serão oferecidos sobre o teu altar.

[3] A intenção do esboço abaixo é destacar um aspecto do Salmo 51, sem com isso invalidar outras análises.

O final do Salmo 51 retrata a restauração da aliança entre Deus e Seu povo. Segue-se um louvor recíproco, cheio de júbilo - o próprio Deus deleita-se na reconciliação! A restauração, no final do Salmo, está clara - uma restauração para todo o povo de Deus, embora o problema inicial fosse pessoal. Há grandes problemas na comunidade pactual de Deus quando Davi começa sua oração, mas esses problemas aparecem apenas de forma implícita e na segunda metade do texto.

A partir do versículo 13, podemos ver as implicações dos efeitos coletivos do pecado de Davi: "*Então* ensinarei os teus caminhos aos transgressores, para que os pecadores se voltem para ti" (v. 13). O salmista esboça a seguinte implicação: "eu não os tenho ensinando, e eles não estão se voltando para ti. Algo está errado! No momento, a minha língua não entoa a Tua justiça, embora devesse fazê-lo (v. 14). Meus lábios estão fechados e minha boca não proclama o Teu louvor (v. 15). Deus não tem permitido a prosperidade de Sião; Ele não está erguendo seus muros (v. 18). Há falta de sacrifícios sinceros e as ofertas queimadas não agradam a Deus. Deus não está recebendo novilhos, símbolo do melhor que temos a oferecer (v. 19)". Quando esse salmo foi escrito, todas essas implicações apontavam para as más condições de Israel, não apenas para as de Davi.

Todavia, são apenas implicações. Davi concentra sua oração em seu pecado e não nos pecados de outros indivíduos, grupos ou mesmo da nação inteira. Davi ocupa-se em tirar a trave do próprio olho.

Entretanto, Davi escreveu essa oração para ser lida e orada por toda a comunidade. O título histórico chama a atenção dos adoradores para o pecado de Davi. O rei abandonou e prejudicou seu povo; ele deixou de cumprir a sua tarefa de dar proteção e provisão para o povo. Quando se refere a esse estado lamentável, Davi lembra ao povo que o *shalom*, a paz de toda a nação, foi quebrada. Ele está na expectativa da graciosa restauração de Deus para essa paz, antecipando o louvor jubiloso com o qual ele encerra a oração.

B. Restauração (v. 1-2 e 18)

> 1 Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões.
>
> 2 Lava-me completamente da minha iniqüidade e purifica-me do meu pecado.
>
> 18 Faze bem a Sião, segundo a tua boa vontade; edifica os muros de Jerusalém.

Nos versos 1 e 2, Davi pede a Deus que o restaure; no verso 18, ele pede a Deus que restaure toda a nação de Israel. Naturalmente, os dois pedidos são apropriados para um pecador arrependido, mas a mudança confirma o coração arrependido de Davi. O rei deve trabalhar para a prosperidade de sua nação. Seu último pedido mostra que o anseio positivo de seu coração está em movimento: do individual para o coletivo, do particular para o público. Ele é enérgico na restauração dos relacionamentos que estavam quebrados e também no cumprimento das obrigações que havia negligenciado em seu pecado.

A parte final do salmo também nos mostra uma mudança na aparência de Davi. Seu pecado foi motivado por um desejo ímpio de prazer pessoal, que o le-

vou à tristeza, à culpa e à imundice. Em sua restauração, ele enxerga que o foco apropriado de prazer não é o seu, mas o de Deus: "Faze bem a Sião, segundo a *tua* boa vontade" (v. 18), "... *te* agradarás...das ofertas queimadas" (v. 19). A energia alegre e radiante do próprio Davi é um subproduto.

C. As ações visíveis e seus resultados (v. 3-4 e 13-17)

3 Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim.

4 Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar.

13 Então, ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores se converterão a ti.

14 Livra-me dos crimes de sangue, ó Deus, Deus da minha salvação, e a minha língua exaltará a tua justiça.

15 Abre, Senhor, os meus lábios, e a minha boca manifestará os teus louvores.

16 Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria; e não te agradas de holocaustos.

17 Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus.

Nos versos três e quatro, Davi examina suas ações pecaminosas e como Deus lida com elas para cumprir o propósito divino. No paralelo quiástico dessa porção, os versos 13 a 17, ele também olha para suas ações exteriores, dessa vez, porém, dando atenção a como Deus as transformará. Em ambos os momentos, ele infere que todos os eventos estão debaixo do controle de Deus, e que Seu propósito final é cumprido. A santidade de Deus é comprovada e a graça de Deus prova-se eficaz para nos transformar.

- Versos 3-4

Davi afirma para Deus que ele reconhece o próprio pecado e não consegue deixar de vê-lo. Esse fato indica uma mudança: Davi apenas consegue ver o próprio pecado porque foi Deus quem o revelou. Davi não poderia chegar ao arrependimento antes de estar ciente do seu pecado. O contexto histórico indica que essa oração foi escrita logo após Natã ter dito: "Tu és o homem" (2Sm 12.7). E Davi respondeu: "Pequei contra o Senhor" (v. 13). Deus tomou a iniciativa que levou o coração de Davi a desejar o arrependimento registrado no Salmo 51.

A visão que Davi tem de seu pecado é mais clara do que aquela que nós temos normalmente: "Contra ti, só contra ti...". Aqui nossa suscetibilidade quer gritar. Não tardamos em perguntar: "Mas ele não tirou férias da empresa quando deveria ter conduzido a guerra? Ele não seduziu Bate-Seba? Ele não violou os direitos matrimoniais de Urias? Ele não gerou um filho que, certamente, teria uma vida de vergonha pública? Ele não ordenou ilegalmente que seu general conspirasse com ele um assassinato? Ele não manipulou seus servos numa armação a fim de proteger a própria imagem?". É difícil pensarmos em alguém na nação contra quem Davi não tivesse pecado. Será que ele não reconhecia o que havia feito? Davi não estava cego em relação a esses fatos; o arrependimento genuí-

no, fruto da convicção do Espírito Santo, clareou sua visão. Davi sabia que essas pessoas não existiam para si mesmas, mas para a glória de Deus. E Davi havia usado outros para a *própria* glória. Essa violação dos propósitos de Deus destaca-se de tal forma que, comparativamente, os pecados de Davi contra aquelas pessoas só poderiam ser considerados posteriormente e numa categoria subordinada. Até que o pecado de Davi contra o Senhor fosse limpo, todos os seus esforços para estar limpo as olhos das criaturas de Deus, as vítimas humanas do seu pecado, seriam menos que desprezíveis. Seriam esforços tão egoístas quanto a sua indolência, a luxúria, o temor a homens e a violência premeditada.

O pecado de Davi resulta na glória de Deus: o Senhor mostra a Sua justiça quando pronuncia a sentença de julgamento contra o pecado de Davi. Davi entendeu a condenação de Deus e a execução da sentença em forma de sacrifício substitutivo pelo pecado. Nós podemos compreender isso na obra expiatória de Cristo. A soberania de Deus sobre o mal e o pecado, mesmo de Seu povo, ecoa ao longo das Escrituras desde o pronunciamento de Deus contra Suas criaturas em Gênesis 3 até Seu "propósito determinado" (At 2.23) cumprido na morte de Seu Filho. Davi antecipou o que aconteceria. Ao olharmos hoje a partir da revelação que já possuímos, vemos com maior clareza e com uma expectativa confiante da vitória final de Deus.

◆ Versos 13-17

O verso 13, à semelhança do verso 4, ilustra uma relação de causa e efeito: o efeito da primeira etapa torna-se a causa da segunda. Na primeira etapa, Deus perdoa a falta de Davi e transforma o seu coração, o que resulta no agir diferente de Davi. Na segunda etapa, as atitudes diferentes de Davi alcançarão os resultados: os transgressores aprenderão os caminhos de Deus e os pecadores se voltarão para Ele. Nas ações futuras de Davi, assim como no passado, ele conta com Deus para operar a mudança. No verso 3, vemos uma expressão de confiança em Deus retrospectiva, enquanto que no verso 13 ela é prospectiva. A primeira é solitária, enquanto a segunda reflete um círculo crescente de comunhão com a nação.

A esperança crescente de Davi é ativa, e não passiva, conforme mostra a o uso que Ele faz de uma imaginação orientada pela aliança com Deus. Após olhar para trás e ver a maravilhosa fidelidade de Deus, mesmo em meio ao seu pecado, ele projeta essa fidelidade a fim de imaginar os resultados que ele pode esperar no futuro. Com a confiança de que Deus completaria a mudança de coração que Ele já havia começado, Davi pergunta a si mesmo: "E agora, como serão realmente as minhas ações e quais serão as suas conseqüências?". Ele imagina suas ações: ensinar os transgressores. Ele imagina os resultados desse ensino: pecadores que se voltam para Deus. Davi não se limita apenas à imaginação, conforme veremos ao tratarmos dos versos 15 e 16.

No verso 14, a corrente de expansão introduzida no versículo anterior " causa e efeito que se torna causa para outro efeito " cresce ainda mais. "Salva-me, pois tu és o Deus da minha salvação". O salmista parece dizer: "Eu precisei de ti para salvar-me antes e tu me atendeste. Eu sei que tu o farás novamente". A imaginação de Davi continua a projetar o que resultará da fidelidade de Deus: "E a minha língua

aclamará a tua justiça". Ele antevê que seu estado atual de silêncio mudará e que ele exaltará o Senhor diante dos outros. Essa mudança é crucial no aspecto ascendente da linha de arrependimento. Esse componente linear da obra de Deus é tão importante que Davi o repete no versículo 15: "Ó Senhor, dá palavras aos meus lábios, e a minha boca anunciará o teu louvor".

Inicialmente, os versos 15 e 16 parecem estar à parte da oração de arrependimento de Davi. Na verdade, são a resposta imediata de Deus à oração de Davi nos versos 13 e 14: "Quando me restaurares, então ensinarei os teus caminhos aos transgressores...". Aqui, ele *já* está ensinando aos transgressores os caminhos de Deus! Não contente em imaginar que resultados viriam pelo perdão de Deus, ele começa a praticá-los mesmo antes de terminar de orar.

Nessa oração, Davi adverte seus companheiros arrependidos sobre a tentativa vã de satisfazer a ira a Deus diante do pecado por meio de meras ofertas e sacrifícios externos que não se baseiam em um coração quebrantado, arrependido e transformado. Que Deus fiel, que começa a responder a oração de Davi mesmo antes de ele terminar! A imagem que Davi retrata desse Deus pronto para responder traz à lembrança Sua promessa posterior, dada por meio de Isaías: "Antes de clamarem, eu responderei; ainda não estarão falando, e eu os ouvirei" (Is 65.24).

D. O coração mau de Davi e o coração bom de Deus (vv. 5 e 11-12)

> 5 Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe.
>
> 11 Não me expulses da tua presença, nem tires de mim o teu Santo Espírito.
>
> 12 Devolve-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito pronto a obedecer.

Como pode um bebê ser pecador antes mesmo de nascer? Ele não pode agir, contudo ele já é "pecador desde que me concebeu minha mãe". Davi sabia que sua culpa começara com a condição de seu coração, não com suas atitudes externas. Ele sabia que seu ser era mau antes mesmo que seu coração se expressasse em atitudes. Em contraste, o Espírito Santo, por quem Davi clama, é quem o impele à contrição e à santidade. O Espírito Santo liga Davi a Deus. Davi também sabe que o Espírito Santo de Deus lhe foi dado para capacitá-lo a servir Israel, impelindo-o em direção ao seu chamado como um rei que agrada a Deus.

E. Deus transforma os corações (vv. 6 e 10)

> 6 Sei que desejas a verdade no íntimo; e no coração me ensinas a sabedoria.
>
> 10 Cria em mim um coração puro, ó Deus, e renova dentro de mim um espírito estável.

O apelo de Davi pelo Espírito Santo, nos versos 11 a 12, intensifica seu clamor por um novo coração, já feito no verso 10. No verso 6, passo correspondente à parte inferior do "V", Davi reconhece que lhe é impossível operar mudança no coração. Como alguém limparia o próprio íntimo? A resposta é que Deus não apenas quer, mas Ele mesmo opera a transformação: "e no coração me ensinas a sabedoria". Como pode um coração que foi pecador desde o

nascimento aprender a sabedoria? Aqui está o grande mistério: no verso 10, Davi fala da criação de um novo coração dentro dele, e da renovação de seu espírito. Embora vivamos em dias de maior revelação sobre a obra de Deus no coração humano por meio da morte e ressurreição de Cristo, ela ainda é um grande milagre.

F. Venha lidar com meu pecado (vv. 7 e 9)

> 7 Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e mais branco do que a neve serei.
>
> 9 Esconde o rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas iniqüidades.

No sexto passo em direção descendente e no segundo em direção ascendente, Davi suplica por redenção. No verso 7, Davi pede a Deus pela única maneira que ele conhece para lidar com seu pecado: sacrifício substitutivo. Quase todas as vezes que as Escrituras mencionam o hissopo, refere-se especificamente ao seu uso para purificação por aspersão e, geralmente, com sangue de sacrifício. É a isso que Davi se refere. Mesmo a morte de Jesus sendo ainda futura, Davi sabia que somente uma vítima que o substituísse poderia limpá-lo de seu pecado.

No verso 7, Davi pede por purificação do ponto de vista de um purificado. Já no verso 9, ele a pede do ponto de vista do purificador e suplica a Deus: "esconde o Teu rosto dos meus pecados e apaga todas as minhas iniqüidades". Ele considera seu pecado como que existindo somente aos olhos de Deus. Isso nos lembra uma criança brincalhona de dois anos de idade que cobre seus olhos e pensa que está escondida pelo fato dela não conseguir nos enxergar. Nosso pecado é concreto ou subjetivo? Davi ora como se Deus pudesse fazer seu pecado realmente desaparecer, simplesmente o apagando de seu campo de visão. É exatamente isso o que acontece. Nosso pecado é tanto concreto quanto subjetivo. A existência de nosso pecado depende da visão pessoal que Deus tem dele.

O movimento de Davi de uma visão concreta do pecado no verso 7 para uma visão subjetiva no verso 9 indica um movimento do próprio coração de Davi. Sua primeira perspectiva do pecado, enquanto culpado pelo pecado, é essencialmente a de uma criatura. No entanto, o salmo revela um homem em movimento. A segunda perspectiva de Davi reflete sua convicção crescente de que seu pecado existe porque Deus o vê. Na própria oração, Deus está atraindo Davi para mais perto de Seu ponto de vista.

G. Restaura-me à alegria e ao júbilo (v. 8)

> 8 Faze-me ouvir de novo júbilo e alegria, e os ossos que esmagaste exultarão.

As linhas que formam o verso 8 marcam o centro do Salmo 51. Davi faz dessas duas linhas centrais uma única idéia para a compreensão do salmo. O que ele quer atingir? Nesse clamor central, Davi nos diz e nos mostra que Deus transforma pessoas. Ao pedir a Deus que o transforme, Davi demonstra que Ele crê que o Senhor irá fazê-lo. Ele usa duas linhas para mostrar de duas perspectivas diferentes como será essa maravilhosa resposta.

Na primeira linha, Davi refere-se a si mesmo da perspectiva de seu coração: "faze-me ouvir...". Na segunda, ele acrescenta um significado físico à primeira, referin-

do-se a si mesmo da perspectiva de seu corpo: "e os ossos...". Juntas, elas expressam a unidade do corpo e do espírito na qual Deus nos criou e nos asseguram que Deus nos redime e nos transforma em ambos os aspectos.

"Faze-me ouvir de novo júbilo e alegria..." Aqui, júbilo e alegria não são apenas emoções; são sons audíveis. As palavras em hebraico para júbilo e alegria são, geralmente, encontradas lado a lado. Na maioria das vezes que elas aparecem no Antigo Testamento e, sempre que aparecem juntas, referem-se a sons audíveis. No entanto, essas palavras não aparecem em lugar algum antes dos Salmos. No deserto, o louvor no tabernáculo era silencioso.[4] Mas quando Davi trouxe a arca de Deus para a tenda, no Monte Sião, ele introduziu o louvor a Deus em músicas e canções. Todas as referências bíblicas a "um novo cântico" aparecem ligadas às vitórias militares do rei.[5] Deus deu a Davi descanso de seus inimigos e, em seus dias, todos os cânticos de louvor foram novos. Os sons que Davi anseia por voltar a ouvir são os cânticos que celebram a vitória de Deus sobre Seus inimigos " vitórias que são também de Davi.

Embora os sons de júbilo e alegria sejam fisicamente audíveis, somente aquele que tem ouvidos pode ouvir. E somente aquele cujos lábios estão abertos pode produzir louvor audível. A habilidade de Davi para ouvir e pronunciar louvor a Deus foi afetada pelo seu pecado. Da mesma forma, a liderança de Davi no louvor dissipou-se ou falhou desde o seu adultério, de modo que os sons de júbilo e de alegria não eram mais ouvidos. É bem provável que Davi soubesse que seu adultério havia degradado de tal forma sua audição espiritual que ele não conseguia mais ouvir os sons do agradável louvor a Deus. Ao pedir a Deus que lhe permitisse voltar a ouvir os sons de júbilo e alegria, ele está suplicando por uma mudança de coração, uma restauração de sua capacidade de apreciar a gloriosa celebração a Deus. Os sons dessa celebração são coletivos e refletem um regozijo compartilhado. São sinais das bênçãos de Deus sobre um grupo. Davi está pedindo por uma restauração que inclui a comunidade da aliança.

Apesar da referência aos ossos esmagados ser claramente física, ela possui aqui significado também espiritual. "E os ossos que esmagaste exultarão." A declaração é espantosa em seu significado redentor. Davi reconhece que o pecado penetrara na sua própria essência. Seu pecado está tão profundamente arraigado que Deus precisa quebrar os ossos para alcançá-lo. Aqui vemos que Deus já está operando, pois Davi afirma que Ele já quebrou seus ossos. Todavia, Davi não dá adeus aos seus ossos esmagados, feliz em livra-se deles; na verdade, ele espera que Deus traga vida aos ossos que foram esmagados " uma nova vida que exceda a antiga. Deus faz isso por nós também, quebrando e renovando o nosso coração ao invés de descartá-lo. Ele salva pecadores perdidos de dentro para fora. Os ossos também eram uma metáfora bíblica para a própria pessoa e, freqüen-

---

[4] Peter Leithart, "*From Silence to Song: The Transformation of Old Testament Worship*" (Do silêncio à música: a transformação do louvor no Antigo Testamento), gravação de palestra da Conferência Ministerial da Igreja de Cristo em Moscow, Idaho, em Setembro de 2000.

[5] Temper Longman, III e Daniel G. Reid, *God Is A Warrior* (Deus é um guerreiro) (Grand Rapids: Zondervan, 1995).

temente, a Bíblia usa ossos quebrados para simbolizar o julgamento de Deus.[6]

Nas duas linhas que constituem o centro do Salmo 51, Davi faz um único apelo de duas maneiras. Ambas incluem significado físico e espiritual. Davi está pedindo a Deus que faça uma transformação completa em sua natureza. Essa transformação é uma obra individual que tem efeitos coletivos. Enquanto ele expressa seu pedido, Deus já começou a responder. Ao clamar pela ajuda de Deus, Davi demonstra profunda confiança no fato de que Deus ouve e responde. Davi crê que o prazer de Deus é nos fazer o bem de acordo com Sua terna bondade (vv. 1, 18).

Uma teologia prática do arrependimento

O Salmo 51 é mais do que palavras a serem recitadas ou um padrão a ser imitado. É uma caixa-forte aberta, repleta de recursos para nos ensinar.

Nossas orações de arrependimento deveriam refletir o padrão "V" e se moverem numa linha extensa, que vai do mundo exterior de nossos pecados contra Deus e suas conseqüências, determinadas por Deus, em direção ao mundo interior do nosso coração pecaminoso. De lá, parte para a purificação e a transformação do nosso coração pelo sangue de Jesus Cristo, para a crucificação dos nossos antigos desejos e a revelação de novos desejos - os desejos do Senhor. Esses novos desejos serão manifestados no mundo exterior por meio de ações íntegras. Eles resultarão em relacionamentos restaurados e um impacto construtivo em outros. O foco aqui está na obra de Deus em transformar os corações e em mudanças práticas que influenciam outros.

Nossas orações deveriam ser estruturadas, como a de Davi, em categorias e conceitos bíblicos. Mas, geralmente, somos tentados a manter nossas antigas idéias pecaminosas e disfarçá-las em vocabulário santo. As palavras bíblicas, quando usadas sem levar em conta o verdadeiro significado que sacode a alma, colocam-nos na armadilha do legalismo. Até mesmo o nosso arrependimento será apenas um sepulcro caiado. A exemplo de Davi, aquilo que cremos e oramos a respeito do nosso pecado deve ser moldado pelo caráter santo de Deus, Sua santidade dirigida a nós em fidelidade pactual. Esse arrependimento é obra de Deus do começo ao fim. Ele toma a iniciativa e Ele provê toda a ajuda necessária para a sua concretização. Seu chamado ao arrependimento (At 17.30) tem força e validade total, mesmo para as pessoas fracas e pecadoras como nós.

Como Davi, você vive sob o olhar de seu Criador e Redentor compassivo, bem como entre pessoas que você deve amar e servir. Como Davi, você ama e serve a si mesmo. Assim como fez com Davi, Deus o perdoa e o salva mediante convicção do pecado, fé, arrependimento, purificação e restauração. Vamos olhar para como você pode responder à graça de Deus com um arrependimento verdadeiramente bíblico.

A. A Palavra de Deus fala aos transgressores do relacionamento pactual (Título Histórico)

Assim como o pecado de Davi com Bate-Seba, os seus pecados violam o relacionamento entre você e Deus, e eles sempre prejudicam também outros integran-

[6] Cf. Gn 2.23, 29.14; Nm 24.8; Dt 8.17.

tes do povo de Deus. Seu pecado sempre viola os dois grandes mandamentos: amar a Deus e ao próximo (Mt 22.37-39). Nosso isolamento egoísta aparece como uma mancha escura que macula uma vida coletiva radiante. O maravilhoso cenário da graça de Deus descarta as desculpas atrás das quais queremos nos esconder: "Ninguém é perfeito", "Não foi tão ruim assim", "Considere o que eu estava enfrentando". A aliança que Deus estabeleceu com você em Cristo, e não a sua condição caída, é o cenário grande e radiante que revela o quão escuro e sórdido é o pecado.

Assim como Davi, você vive ao lado de pessoas que Deus pode usar para confrontá-lo com seu pecado. Essas pessoas são pecadoras tanto quanto Natã o era quando confrontou Davi. Ainda assim, ele foi capacitado, pela graça do Senhor, para ser um mensageiro da Palavra de Deus. Quer a Palavra chegue até você por meio de uma pessoa, de um livro ou no silêncio de seus pensamentos, você, assim como Davi, será chamado a responder a algumas perguntas difíceis:

- Você está na defensiva porque *está* certo ou porque *quer acreditar* que está certo?
- Você está mais desejoso de limpar a sua reputação diante de pessoas do que de Deus?
- Que palavra Deus dirige a você para expor o seu pecado e lhe dar esperança?

B. Restaura-me (vv. 1-2)

Os gemidos de Davi, nos versos 1-2, mostram que ele enxerga e sente essa terrível tensão, que nós também deveríamos sentir. Como Davi, nós também podemos clamar a Deus por alívio para essa tensão devida à nossa infidelidade ao relacionamento pactual. O "amor infalível" de Deus e Sua "grande compaixão" constituem os únicos fundamentos para a nossa súplica. A fidelidade de Deus à Sua aliança por si só é a garantia que temos de que nosso apelo por misericórdia e perdão será respondido. Quando nos arrependemos, somos chamados a crer que nossa transgressão à aliança não a destruiu. Deus nos chama a praticar uma imaginação biblicamente orientada: olhar o presente e o futuro pelos olhos de Deus, e considerar que Suas promessas são mais fortes do que as nossas intenções e ações pecaminosas. Obedecer a esse chamado pode nos confrontar com a necessidade de nos arrependermos de dois possíveis compromissos secretos: o compromisso com nossa capacidade pessoal para violar o relacionamento pactual por meio do pecado e o compromisso com o amor à nossa autoridade pessoal para julgar nosso pecado em vez de honrar o julgamento de Deus.

A alternativa? Busque a Deus. E pergunte a si mesmo:

- Como posso começar a pedir ajuda?
- Como posso abandonar as falsas esperanças que costumo amar?
- Como posso voltar-me para o Deus sábio e fiel?
- Quando eu pedir ajuda a Deus, por que vou fazê-lo? Quais dos meus tesouros são ameaçados ao buscar a ajuda divina?

As respostas devem levá-lo à cruz de Cristo.

C. Errei contra Ti, e Tu terás a palavra final (vv. 3-4)

Qual o significado real do nosso pecado? Como Deus pode transformar o mal em bem? Deus é tão maior e poderoso do que os nossos pecados que, de fato, Ele usa

os resultados do pecado para a Sua glória. Deus nunca intenta o mal. Esse lindo e enigmático vislumbre do plano de Deus leva-nos à beira de um insondável mistério. Aqui precisamos parar, tirar nossos chapéus e calçados, e reconhecer que estamos em solo santo demais para o nosso entendimento.

Entretanto, há algo aqui que podemos e devemos entender: Deus tem o pecado debaixo de Seu controle. Podemos ler o que Davi também deve ter lido - o relato de José a seus irmãos que temiam sua vingança por eles o terem seqüestrado e vendido: "Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos" (Gn 50.20). Davi enxergou algo semelhante. Embora ele tivesse buscado o prazer pessoal por meio do sexo, da política e da guerra, Deus quis mostrar a Davi e a outros o quanto Ele é justo e reto. O que Davi intentou para o mal, Deus transformou em bem. Deus se mostra soberano sobre *todas* as coisas.

Essa glória incompreensível de Deus chama-nos a um arrependimento que rejeita as interpretações egoístas do nosso pecado e nos leva a um entendimento centrado em Deus.

- "Simplesmente não consigo acreditar que eu seria capaz de fazer algo assim" *versus* "Eu sou capaz, sim. Eu fiz. Somente Jesus está isento de pecado".
- "Nunca perdoarei a mim mesmo" *versus* "Eu sou profundamente grato pelo sacrifício de Jesus e o perdão que Ele me dá".
- "Isso prova que eu não valho nada" *versus* "Isso prova o quanto Cristo é precioso".
- "Você deveria ter visto o que os outros estavam fazendo" *versus* "Eu sou o maior de todos os pecadores, salvo pela graça".
- "Você não conhece meus pais" *versus* "Eu posso honrar meus pais porque sou perdoado em Cristo".
- "Minha esposa não me aceitará mais" *versus* "Eu confio na aprovação de Cristo, não na de minha esposa".

O propósito final de Deus no pecado é uma espada de dois gumes. Primeiro, os pecados daqueles que recusam a prática do arrependimento provarão, afinal, o quanto Deus é justo e reto por condená-los ao juízo final e os punir com o fogo eterno. Mas para com aqueles que, pela fé, voltam-se dos seus pecados e buscam a Deus, a Sua graça e misericórdia serão reveladas.

Segundo, Deus nos chama ao arrependimento de nossos pecados e a crer que a Sua intenção final para com o nosso pecado é mostrar o quão reto e justo Ele ao derramar Sua ira sobre o Seu próprio Filho Jesus Cristo, lá na cruz. O meu pecado, e o desejo egoísta que está por trás dele, merecia nada menos do que a cruz quando contrastado com a minha responsabilidade como criatura de glorificar a Deus com um coração grato. Deus provou Sua justiça em Sua provisão para o meu pecado, e garantiu antecipadamente essa prova. Devemos nos arrepender de nosso pecado, reconhecendo que as conseqüências do pecado estão essencialmente sob o controle de Deus, e Ele agirá de acordo com o Seu agrado. Agrada a Deus ser glorificado nisso.

Faça a si mesmo as seguintes perguntas:

- Como atingi a Deus com o meu pecado?

Se você não consegue responder, continue a sondar seu coração com perguntas do tipo "Por quê?" até que consiga.

- Posso crer e dizer "Tu és totalmente justo ao castigar o meu pecado e a maravilhosa graça é que justifica aquele que crê em Jesus"?
- Posso louvar a Deus por ter derramado Sua ira sobre Jesus? Posso agradecer a Jesus por ter carregado sobre a cruz o meu pecado e me dado a justiça dEle?

D. Eu errei por causa de quem eu sou (v. 5)

O arrependimento sábio, à semelhança do de Davi, não deve parar uma vez que você tenha reconhecido e confessado suas ações ou palavras, ou mesmo aqueles sentimentos que você gostaria de ocultar. Pelo exemplo de Davi, Deus nos chama a seguir a trilha do nosso pecado a partir do coração. Você só consegue fazer isso quando abre mão das pressuposições a seu respeito, que brotam tão naturalmente. "Sou uma boa pessoa", você pensa a seu respeito. "Sou uma boa pessoa que, às vezes, faz coisas erradas." Deus diz que isso é uma mentira. Ele diz que a iniqüidade está no seu coração e que o seu coração é enganoso ao fazê-lo acreditar que você é bom. Somente Deus conhece o seu coração. Portanto, apenas Ele pode julgar seus atos com justiça (Jr 17.9-10).

Uma vez que você tenha colocado à morte as suas preciosas pressuposições, você ainda não terminou. Na verdade, está apenas pronto para começar. Agora você pode enxergar mais claramente e, com a ajuda de Deus, pode reconhecer os detalhes do seu coração pecaminoso. Cada pessoa possui um perfil de cobiça diferente, mas a maioria dos nossos anseios enganosos nos é familiar. Podemos reconhecer em outras pessoas aquilo que primeiramente identificamos em nós mesmos pela obra de convencimento do Espírito Santo.

A oração pública de Davi não inclui o catálogo pessoal de desejos pecaminosos que o levaram da cobiça ao parapeito, do parapeito à sedução de Bate-Seba e, em seguida, ao assassinato de Urias, à conspiração e ao acobertamento do crime. Ele omite os detalhes pessoais a partir do verso 5, o que ajuda outros arrependidos a fazerem desse salmo uma oração pessoal. Não é bom focarmos nos pecados de outras pessoas, mas apenas nos nossos. É por isso que as confissões coletivas, como o Salmo 51, devem ser gerais. Porém, em nossas orações particulares, podemos e devemos ser tão específicos e concretos a respeito dos nossos pecados quanto pudermos.

Com base na história de 2 Samuel 11, podemos conjeturar sobre os desejos de Davi. Ele ficou em Jerusalém quando deveria ter ido para o campo de batalha (v. 1). Será que isso revela que um amor pelo conforto teria substituído o amor pela sua vocação de guerreiro de Deus? Davi ficou observando, contemplando Bate-Seba: uma espécie de voyeurismo (v. 2). Será que isso reflete um foco no prazer sensual? Ele usou seus servos para trazê-la (vv. 3-4). Será que isso revela amor pelo poder que o trono lhe conferia? Ele mandou chamar Urias e tentou manipulá-lo para que pecasse de tal modo a esconder o pecado do rei (vv. 6-13). Será que isso aponta para um desejo de manter a aparência, de proteger a sua imagem diante dos outros por temor aos homens e orgulho? Davi compeliu o

seu exército a conspirar, assassinar e acobertar (vv. 14-25). Será que isso brota de um amor pelos próprios planos e um desprezo pelos propósitos de Deus para o Seu exército e para o inimigo? Embora minha avaliação a respeito das motivações de Davi seja apenas uma conjectura, ela se encaixa de forma plausível tanto na situação quanto na confissão de Davi de que ele pecou unicamente contra Deus. Em nosso arrependimento, devemos buscar o desmascaramento do coração pecaminoso, com discernimento bíblico que atinja o âmago da questão.

- Você pode dizer francamente "Eu pequei porque sou um pecador"?
- Quando você peca, a quem está adorando em lugar de Deus?
- Que ato de adoração a Deus você tem desprezado, substituindo-a por um ato forjado para a satisfação pessoal?
- Quais prazeres em Deus você tem deixado de lado, preferindo o prazer pessoal?
- Como você tem rejeitado o temor a Deus, substituindo-o pelo temor a homens guiado por sua imaginação?
- Quais são os seus desejos específicos e desmedidos, a cobiça que motiva os seus pecados exteriores?

E. Deus transforma os corações (v. 6)

O mistério de uma nova vida está encerrado na transformação que Deus opera no coração. Davi reconheceu que seu coração era essencialmente pecaminoso. Contudo, ele se agarrou à obra de Deus para renová-lo no "íntimo" e "recôndito". O crente possui maior perspicácia e profundidade em seu "homem interior". Deus está operando em sua vida.

- O que Deus prometeu fazer em seu coração?
- O que Deus já fez em Cristo?
- Como você pode viver confiado na sua união com Cristo?

F. "Lida objetivamente com qualquer pecado que cometi e limpa-me." (v. 7)

Nossas orações de arrependimento devem nos levar à cruz. Devemos ser lavados com o sangue do Cordeiro, simbolizando a satisfação vicária da pena por nosso pecado. Da mesma forma, nossos desejos pecaminosos também devem ser mortificados ali. Não há lugar para o estoicismo nem para inclinações heróicas que não atingem os desejos egoístas e os ídolos de nosso coração. Na morte de Cristo, derrotamos aquilo que Deus tem-nos apontado sobre nossos desejos pecaminosos em busca de prazer, poder, julgamento, amor, bem como o nosso medo pecaminoso da dor, do fracasso, da injustiça e rejeição. Paulo explica: "Porque vocês já morreram, e a vida de vocês está escondida com Cristo, que está unido com Deus... Portanto, matem os desejos deste mundo que agem em vocês, isto é, a imoralidade sexual, a indecência, as paixões más, os maus desejos e a cobiça, porque a cobiça é um tipo de idolatria" (Cl 3.3, 5).

- Como você pode dar as costas aos seus prazeres particulares e sórdidos, aos

seus preciosos temores?

- Como você pode se apropriar da morte de Cristo pelos seus pecados?

G. "Quebra-me a fim de transformar-me de 'eu' para 'nós'" (v. 8)

O âmago do arrependimento repousa aqui. Teste suas orações à luz das percepções de Davi que compõem essa súplica. Pecado não é somente algo que praticamos, mas algo tão intimamente precioso para nós que nada menos que o quebrantamento da alma começará a tocá-lo.

O clamor de Davi é uma súplica do homem em sua totalidade. Ele clama como um homem que foi queimado e almeja por ungüento que lhe traga alívio, como um homem solitário há tempos e que anseia pelo som da voz de seu amigo. Você tem se perguntado se o seu arrependimento expressa quem realmente você é? Inicialmente, ore as palavras de Davi. Derrame seu coração juntamente com Davi diante do Juiz e Redentor. Depois, deixe a oração de Davi orientá-lo à medida que você compõe sua própria oração. Isso pode prevenilo de inclinar-se para uma *super-espiritualidade* ou para orações meramente emocionais.

O exemplo de Davi tem como objetivo movê-lo da confissão e do arrependimento pessoais em direção aos laços de amor restaurados e renovados na comunidade, especialmente com os irmãos em Cristo. Quando Davi suplicou por ouvir júbilo e alegria, ele clamava por ser restaurado ao louvor comunitário. Júbilo e alegria são sons da comunidade redimida. Quando seu julgamento ainda estava em trâmite, Davi estava afastado de seus amigos, seus súditos e servos. Em seu pecado, ele os havia usado para propósitos pessoais. Antes do arrependimento, Davi conseguia omitir essa incômoda realidade. Mas em seu arrependimento, ele a reconhece e sente com toda força. Ao invés de correr atrás de todos aqueles que ele havia ofendido, tentando consertar as coisas, ele faz sua súplica a Deus, que é o próprio centro de toda a comunidade.

O arrependimento genuíno também aponta para o triunfo final de Deus sobre o pecado. Davi ora: "os ossos que esmagaste exultarão". Ele usa uma metáfora para falar do seu espírito. Você sente o peso do pecado? O seu espírito está esmagado? Você está isolado daqueles que lhe são queridos? Você está carregado de culpa e procura ser o seu próprio salvador? Você está chegando ao desespero com aquilo que parece ser uma profundeza sem fim do seu pecado? Experimentamos esse esmagamento como uma pressão para nos dirigir a Deus. Somente Cristo sofreu, em nosso favor, a ira completa e esmagadora do Pai. Por meio dela, Ele nos conduz ao perdão, não à destruição. Pelo triunfo de Cristo, podemos nos mover confiantemente em direção àqueles que manipulamos ou negligenciamos, esperançosos de que nos regozijaremos com Cristo e com todo o Seu povo numa comunhão restaurada - talvez no presente e, certamente, quando Ele voltar em glória.

- Você sente o peso da convicção de pecado?
- Como você pode clamar a Deus por alívio?
- Como você pode agradecer a Deus

por ter pesado sobre Jesus o juízo?
- Como você pode agradece a Deus por colocar em seu coração uma convicção de pecado?
- Como você pode esperar ter a alegria e a comunhão restauradas em Cristo?

F. "Lida com o meu pecado subjetivamente, e esquece-o." (v. 9)

A perspectiva de Davi sobre o seu pecado parece mudar do foco de um pecador que precisa de perdão para o do Salvador que perdoa. A visão que temos do nosso pecado deveria igualmente mudar. A agonia pessoal diante da identificação de palavras, ações e atitudes ofensivas e egoístas é um começo plausível. Nossos olhos, porém, deveriam se mover em direção aos olhos de Deus e reconhecer, cada vez com maior clareza, que o Seu horror e repugnância pelo nosso pecado expressam a verdadeira avaliação do pecado. Muito mais radical do que a objetividade do pecado é este aspecto subjetivo: o pecado é pessoal, cometido contra Deus! Tal mover de nossa visão em direção à visão de Deus preparanos, enquanto ainda clamamos a Ele, para apropriarmo-nos das novas libertadoras: em Cristo, Deus escondeu Seu rosto dos nossos pecados e apagou todas as nossas iniqüidades.

- Seu pensamento e oração sobre seu pecado está mudando de "Isso foi errado" em direção à "Isso entristeceu o Senhor"?
- Você consegue orar: "Meu pecado é contra Ti; por favor, não olha mais para meu pecado."?
- Você consegue pedir a Deus para ajudá-lo a confiar nEle para apagar os seus pecados e não mais olhar para eles?

E. "Dá-me um bom coração" (v. 10)

À semelhança das súplicas de Davi, as nossas súplicas por um coração puro são respondidas com a dádiva do Espírito Santo que estabelece uma parceria miraculosa conosco. A linguagem de Davi sugere que esse novo coração é tanto uma substituição como uma reconstrução. Aqui está outro mistério que invalida qualquer intento de focarmos no redimido e leva-nos a voltar o olhar para o Redentor.

- Como você pode viver com um espírito quebrantado?
- Como Deus prometeu ajudá-lo?
- Como você pode viver confiante nessas promessas?

D. O bom coração de Deus (vv. 11-12)

Os versículos 11 e 12 estabelecem um padrão impressionante para seguirmos em nossas orações: aqui está a súplica de um homem absolutamente falido, cuja confiança em Deus é provada mesmo em suas palavras. Podemos ter semelhante confiança enquanto oramos. Você também não merece nada de Deus, a não ser o banimento de Sua presença, o apagar de Seu Espírito e a perda da alegria. Com o arrependimento, no entanto, fica evidente que Deus, em Sua misericórdia, abstém-se de lhe dar aquilo que você merece. Mesmo o seu arrependimento mais relutante descansa na fidelidade de Deus. Davi reconhece isso quando pede a Deus que lhe dê um espírito disposto a obedecer. Você também pode ter profunda confiança de que o Espírito Santo está trabalhando em você e em seu favor enquanto você cambaleia ao longo de sua oração falha.

- Você consegue crer no mistério incompreensível do Espírito Santo?
- Você vive como templo do Espírito Santo?
- Você consegue orar como se as suas orações fossem apenas a ponta do *iceberg* que o Espírito Santo intercede por você?

C'. Ações e conseqüências (vv. 13-17)

Davi crê que Deus toma a iniciativa de restaurá-lo e, firmado nesta confiança, faz planos para um viver justo. Deus inicia a restauração de Davi. Sob a direção de Deus, Davi forma em sua mente imagens de uma comunhão renovada com as pessoas que participam de sua vida. Davi imaginou, nos versos 13 e 14, as atitudes que fluiriam de seu novo coração e se concretizariam. Ele começou a responder à pergunta: "Que atitudes deveriam brotar de meu arrependimento?". Isto não significa glorificar a imaginação de per si. Todos nós temos uma inclinação resoluta para o uso egoísta de nossa imaginação, e Davi havia usado sua imaginação a fim de planejar seu adultério e todas as fases de acobertamento e as operações que controlariam os danos. A diferença entre seu primeiro exercício imaginativo e o segundo, altamente contrastante, está no que os controla.

Ao imaginar o adultério, Davi foi conduzido pela visão de um mundo *centrado em Davi*. Todas as pessoas que ele conhecia - todo o povo de Israel, os amonitas e até mesmo o próprio Deus - ganhavam importância somente em sua utilidade em prol dos interesses pessoais de Davi. Ao planejar os frutos de seu arrependimento, Davi foi motivado pela visão divina de um universo *centrado em Deus*. Davi planejou e projetou os frutos de seu arrependimento a partir da fidelidade de Deus no passado e fundamentado em Suas promessas. Com base nas Escrituras de que ele dispunha, e pela sua experiência pessoal com a fidelidade de Deus, Davi sabia que o Senhor comprometera-se com os israelitas a fim de transformá-los de pecadores em pessoas piedosas. Ele sabia que, neste processo, Deus pretendia usar pessoas como instrumentos, para que elas O glorificassem. É isto que Davi imagina nos versículos 13 e 14. Deus revela Sua aliança para orientar a mente de Seu povo, a fim de que possamos projetar legitimamente, e fundamentados em Suas promessas, as expectativas do futuro a partir de Sua fidelidade passada.

Uma imaginação orientada pela fidelidade de Deus também deve ser parte de nossas orações de arrependimento. Na verdade, temos uma vantagem significativa sobre Davi, visto que a aliança com Deus nos está revelada de forma mais completa. Temos uma Bíblia completa e mais explícita que estabelece as diretrizes para a nossa imaginação, pois o Espírito Santo revela Jesus nas Escrituras. Além disso, Ele está presente conosco para nos conduzir ao caminho certo. Esse caminho, embora com um único objetivo, assume geralmente duas formas: ele restaura relacionamentos destruídos e constrói novos relacionamentos.

A oração de Davi no Salmo 51 não é específica no sentido de planejar ações que poderiam restaurar todos os seus relacionamentos quebrados, embora saibamos pelos relatos bíblicos que seu pecado havia atingido toda a nação de Israel. A generalidade deliberada de Davi poderia brotar de sua intenção, dirigida pelo Espírito

Santo, de que o povo de Deus usasse esse salmo como oração coletiva e como um guia para as orações pessoais.

Entretanto, Davi faz planos em diversas categorias de relacionamento renovado. Davi não está fazendo promessas para que Deus o abençoe. Ele faz planos específicos para o futuro de acordo com a vontade geral expressada por Deus. Você pode seguir esse esboço para as suas orações.

Davi declara que ensinará os caminhos de Deus aos transgressores, e eles se voltarão para Deus. Davi era um professor antes de praticar o adultério. Ele ensinava louvor aos músicos que escolhia para serem seus discípulos. Em seu pecado, ele ainda ensinou, mas pelo mau exemplo. Davi voltará a ser um professor piedoso, que direciona seus alunos para Deus e não mais para si mesmo. E haverá resultados: eles se voltarão para Deus. Você é pai ou mãe? Marido ou esposa? Amigo? Geralmente, cada um possui algum papel informal, embora muito real, na área de ensino. Como você pode ensinar a respeito de Jesus e de Seus caminhos misericordiosos aos seus *alunos* por meio da palavra e do exemplo?

A língua de Davi cantará a justiça de Deus. As músicas desse tipo são músicas coletivas, músicas que devem ser escritas, aprendidas e ensinadas a outros para que as pessoas possam cantá-las coletivamente. Tudo isso demanda planejamento e preparo. Mesmo que as suas palavras de louvor à bondade de Deus não sejam muito musicais, você ainda pode planejar o que vai dizer na próxima vez que vir as bênçãos de Deus derramadas. Você está acostumado a reclamar em determinadas situações? Procure ver a mão de Deus e planeje o que você pode dizer para atrair graciosa e naturalmente a atenção dos outros para Ele. Não tenha medo de *encavalar as marchas* de vez em quando. O hábito se desenvolverá com a prática, pois o Espírito Santo está presente!

Com extrema naturalidade, Davi passa a expressar diante de Deus aquilo que O agrada e O desagrada. Na verdade, Davi está compartilhando essa informação conosco, pois precisamos sabê-la. Somos parecidos com ele, visto que rapidamente nos esquecemos de que Deus prefere um coração quebrantado e trôpego a um coração endurecido. Davi sabe de quais advertências precisamos, pois ele mesmo precisou delas. Quanto mais você compreender seu próprio pecado, mais facilmente poderá entender as outras pessoas, colocar-se no lugar delas e falar-lhes exatamente o que elas precisam ouvir: a Palavra de Deus. Você está disposto a se preparar para este ministério à medida que compreende os seus pecados e fraquezas, e enxerga as pessoas ao seu redor com compreensão e compaixão?

À medida que você considera e planeja suas orações, pense em ações específicas que possam ativar a restauração. Após o arrependimento, mas antes de retornar ao campo de batalha, jejuar por seu filho e consolar sua esposa, Davi considerou e planejou tais ações. Que tipo de ações colocarão em andamento a sua restauração?

- Você deve pedir perdão? A quem? Pelo quê? Quando? Como?
- Você deve fazer alguma restituição? Em bens, tempo ou dinheiro? Quanto?
- Você deve exercitar uma disciplina santa em vez de uma negligência egoísta? Como começar?

- Você deve ser generoso? Quando? Quanto?
- Você deve encontrar-se com alguém a quem ofendeu em vez de evitá-lo? Quando? Como?
- A quem Deus o chamou para amar? Que tipo de serviço seria cabível?

Na sua oração, planeje; no seu planejamento, ore.

Os resultados do arrependimento não acontecem como uma resposta mecânica às nossas ações. Deus faz o que Ele quer, geralmente além do que planejamos ou preparamos. Foi assim com Davi. Quando nos arrependemos, participamos de um fluxo de causa e efeito semelhante ao que Davi experimentou quando se arrependeu. Em oração, ele previu conduzir os pecadores a Deus, e a oração cumpriu-se mesmo antes que ele a terminasse. Deus frutificou o arrependimento de Davi imediatamente, e ainda continua a agir milhares de anos depois. O mesmo Deus fiel opera quando você se arrepende. Esteja atento a isso. Espere ver a mão de Deus operando por meio de seu arrependimento - o seu ato de arrependimento já é uma evidência da mão do Senhor.

O seu arrependimento deve incluir também uma visão clara do perigo da prática do arrependimento como um fim em si mesmo, como um meio de promover seus interesses pessoais. O arrependimento simplesmente para cumprir tabela, a oração mecânica e o arrependimento com o propósito de parecer bem aos próprios olhos e aos olhos de outros, agradam a Deus tanto quanto os sacrifícios oferecidos por um coração endurecido e orgulhoso. Admitimos com nossos lábios que somos pecadores; funcionalmente, porém, esquecemos essa verdade até que os nossos pecados se tornem dolorosamente óbvios para nós, para outros ou para ambos. Quando isto ocorre, geralmente ficamos ansiosos para *consertar* nossos pecados; queremos endireitar o que fizemos. Isso pode ser um bom impulso. No entanto, com freqüência, demonstra que não suportamos parecer errados para nós mesmos ou para outros, e que estamos ansiosos para limpar nossa reputação. O Salmo 51 adverte-nos que evitemos esse falso arrependimento, uma mera tentativa de ganhar uma ficha limpa.

Ao desmascarar seu pecado, Davi revela um anseio diferente - o anseio de um homem tão ávido pela restauração nos termos de Deus que é capaz de expor prontamente o próprio pecado para que a reputação de Deus como Redentor brilhe com maior intensidade. Esse anseio tem o seu lugar perfeito em nossas orações de arrependimento. Não obstante, temos a segurança de que, mesmo se as nossas orações parecerem desorganizadas, confusas e incompletas, um coração quebrantado e contrito é suficiente para que o Deus fiel atue.

- Como você pode continuar a caminhar nessa confiança que não lhe é natural - a confiança em Deus, em lugar da confiança em si mesmo?

B'. Restaura-nos (v. 18)

O arrependimento no estilo do Salmo 51 move-se de uma restauração vertical para uma restauração horizontal. Nossas orações de arrependimento, conforme modeladas pela Bíblia, começam com uma aversão pelo nosso pecado e um anseio pela santificação pessoal. Mas como a fé é exercitada no contexto do amor, suplicamos ao Senhor pelos cristãos ao nosso redor,

pedindo que compartilhem da comunhão com o Espírito Santo e vivam na unidade que convém ao Seu mandamento. Quando nossas orações carecem da dimensão coletiva unida à dimensão pessoal, ou se terminamos nosso arrependimento com um tom meramente pessoal, devemos nos perguntar o que está acontecendo.[7]

A oração de Davi a Deus, pedindo Sua bênção sobre a nação a qual ele foi chamado a reinar, traça o caminho numa direção santa, oposta aos desejos centrados em si mesmo que o levaram a pecar. Visto que, anteriormente, ele havia colocado os interesses nacionais de lado em favor de sua satisfação pessoal, agora ele nem mesmo menciona interesses pessoais. À medida que progredimos no arrependimento, mostramos a mesma preocupação por aquelas pessoas a quem Deus colocou ao nosso lado. Essa preocupação ganhará forma na oração e vida na ação - o fruto do arrependimento.

Os pontos básicos do chamado de Deus ao Seu povo estão claros. Temos um chamado geral para amar a Deus e ao próximo. Recebemos também os chamados específicos dirigidos aos pais e filhos, aos patrões e empregados, aos maridos e esposas, aos governantes e governados, aos pastores e pastoreados. E ainda recebemos um chamado mais específico na condição de ofensores ou de ofendidos. Enquanto planejamos o fruto do arrependimento, Deus nos pede que orientemos nossa imaginação pelas Escrituras e foquemos todas as pessoas que foram concretamente afetadas pelos nossos pecados. Nossa imaginação, dirigida pela Palavra, ansiará pelo propósito culminante da aliança de Deus conosco em Cristo - o crescimento da glória do Senhor Deus por meio do crescimento do Seu povo.

- Como você pode amar e louvar a Deus diariamente com as pessoas à sua volta?
- Como você pode liderar, servir, ensinar, aconselhar e amar as pessoas que fazem parte do seu dia-a-dia, de forma que expresse a unidade com Cristo?
- Como podemos amar e servir a Deus juntos?

A'. Quando a aliança é restaurada, tanto Deus quanto as pessoas enchem-se de alegria (v. 19)

Na fidelidade da Sua aliança conosco, Deus não somente nos capacita ao arrependimento, mas também reafirma o gozo completo de todos os benefícios e bênçãos daqueles que Lhe pertencem. Nossas orações devem refletir uma preocupação com a satisfação e os prazeres de Deus acima dos nossos. Isso não significa que devemos abandonar todos os prazeres e tornarmo-nos ascéticos. Longe disso! Precisamos nos arrepender do prazer centrado em nós mesmos e compreender que o prazer centrado em Deus é repleto de deleites para o contrito. Jesus sugere isso na parábola dos talentos em Mateus 25.21,23: "Venha e participe da alegria do seu Senhor!". Os novilhos oferecidos no altar de Deus podem não parecer o ápice da alegria para nós; no entanto, isso representava o mais elevado e sublime dos sacrifícios para um israelita. Os deleites compartilhados entre Deus e Seu povo arrependido equiparam-se ao nosso prazer de comer um belo churrasco, só que em esca-

la nacional! A principal emoção da adoração no templo era a alegria da comunhão do povo de Deus.

A redenção no contexto maior: o fruto do arrependimento

Davi leva-nos a supor que haverá fruto, reconciliação e bênção a partir do arrependimento. De fato, ele nos mostra esse fruto, tanto nas palavras do Salmo 51 como pelo vínculo entre o título e a continuidade da sua história de vida.

Está claro que Davi escreveu essa oração; é fácil, porém, desconsiderarmos o fato de que ele também a publicou. Parece ser consistente com os relatos históricos de 2 Samuel e de 1 Crônicas 15-16 supor que Davi, que escreveu as primeiras músicas de louvor do tabernáculo de Israel, entregou também este salmo aos líderes que ele havia constituído para a adoração da nação. Tamanha transparência sugere arrependimento genuíno e uma preocupação com a saúde espiritual da nação acima de sua própria reputação.

Embora os relatos de 2 Samuel devam ter sido compilados posteriormente à escrita do Salmo 51, é provável que os primeiros leitores estivessem bem cientes dos eventos históricos do seu contexto e fossem capazes de chegar a conclusões semelhantes àquelas que podemos tirar usando hoje a narrativa de 2 Samuel. O fruto do arrependimento de Davi no Salmo 51 pode ser visto numa linha de cinco ações.

Primeiro, Davi honrou Bate-Seba e manteve a união matrimonial com ela. Se ele estivesse buscando apenas agradar a opinião pública, é mais provável que tivesse afastado Bate-Seba para um belo apartamento fora da cidade. Segundo, ele reconheceu publicamente a paternidade da criança que Bate-Seba gerou, jejuando e orando pela sobrevivência do menino. Terceiro, ele reconheceu publicamente que a soberania de Deus era superior à sua, quebrando o jejum quando a criança morreu. Quarto, ele confortou sua esposa e deitou-se com ela, permitindo que ela concebesse e cumprisse sua obrigação para com Davi e a nação por meio de um filho. Quinto, quando o castigo divino pelo pecado de Davi veio sobre ele na forma de rebelião por parte de Absalão, Davi respondeu com preocupação pelo seu povo em vez de preocupação consigo mesmo, justamente o oposto do egoísmo que o motivou em todos os passos de seu adultério e acobertamento. Davi considerou o bem estar de Jerusalém antes da sobrevivência pessoal: ele deixou a cidade em vez de sujeitar o povo a um prolongado e implacável cerco (2Sm 15.12), embora a fuga para o deserto o deixasse mais vulnerável (2Sm 17.14). O arrependimento de Davi o motivou desde a rejeição pessoal de seu pecado até o sentimento de amor e cuidado por outros, de acordo com suas obrigações e vocações pactuais estabelecidas por Deus.

O arrependimento verdadeiro leva-nos em direção àqueles que ofendemos e àqueles a quem servimos de acordo com o chamado específico de Deus para cada um de nós. Nosso arrependimento sincero gera fruto. Se este fruto não ficar evidente, seremos sábios em sondar nosso coração mais profundamente.

- Na sua situação, você tem algum passo a dar agora?

- Que atitudes fluem de seu arrependimento?
- O que você deve fazer hoje e o que pode esperar até a semana seguinte?
- Por onde você pode começar?

Conclusão

O Salmo 51 é um modelo para o crescimento espiritual - o alvo que aspiramos para nós e para os nossos aconselhados. Com sua oração de confissão, Davi mostra-nos como devemos estruturar nossas orações de arrependimento e deixa-nos um exemplo para colocar em prática. Mas não podemos esquecer que o nosso "devemos fazer" fundamenta-se sobre o "já feito" da obra realizada por Jesus. No Salmo 51, Davi antecipa a obra de Jesus em nosso lugar. Nós, que pertencemos a Cristo, podemos seguir os passos de Davi com base na obra que Ele completou.

O Salmo 51 desbrava o caminho daquilo que nos estava prometido em Jesus. Hoje, podemos fazer orações de arrependimento nos moldes bíblicos porque Jesus completou a obra da salvação. Fazendo nossa a oração de Davi, e adaptando-a às nossas situações, nós - e aqueles a quem aconselhamos e amamos - podemos desfrutar plenamente o caminho que Jesus abriu para nós.

O Sonho de Quem? Que Tipo de Pão?

Paul David Tripp[1]

Se você tivesse de colocar no papel o seu sonho para o casamento, o que você escreveria? "Se somente isso fosse diferente..." ou "Se eu pudesse pelo menos ter isso..." ou "Se Deus nos desse isso... então seríamos felizes". O que é o seu *isso*? Talvez, uma maneira melhor de fazer esta pergunta seja: "Que tipo de Messias você quer que Jesus seja no seu casamento?".

O capítulo 6 do Evangelho de João relata, com certeza, uma das histórias mais conhecidas das Escrituras. Jesus tomou o lanche de um menino e, pelo Seu poder, fez com que resultasse em alimento para cinco mil pessoas e sobrassem ainda doze cestos de comida. Tremendo! O povo comentou: "É isso mesmo. Esse é o profeta. Esse é o Messias. Ele chegou. Vamos fazer dele o nosso rei". Você poderia pensar que esse foi o momento de glória para Jesus. Afinal, Ele não veio para ser o rei daquele povo? Não era Ele o profeta dos profetas? Claro que sim. Mas adivinhe o que Jesus fez. Ele correu dali, fugiu, escondeu-se e desapareceu. A multidão O procurou, pois queriam instituí-lo rei, mas isso não era o que Ele queria. No entanto, não foi justamente para ser o Messias que Ele veio ao mundo?

> Em João 6.25, Jesus tinha acabado de atravessar o mar da Galiléia quando a multidão o encontrou.
>
> E, tendo-o encontrado no outro lado do mar, lhe perguntaram: Mestre, quando chegaste aqui?
>
> Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes.

[1] Tradução e adaptação de *"Whose dream? Which bread?"* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 15. n.3, Spring 1997, p. 47-50.

Paul Tripp ministra como conselheiro há mais de 25 anos. É presidente de Paul Tripp Ministries, professor assistente no Westminster Theological Seminary na Pensilvânia e parte do corpo docente da Christian Counseling and Educational Foundation.

Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo.

Dirigiram-se, pois, a ele, perguntando: Que faremos para realizar as obras de Deus?

Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado.

Então, lhe disseram eles: Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti? Quais são os teus feitos? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer pão do céu.

Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá. Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo.

Então, lhe disseram: Senhor, dá-nos sempre desse pão.

Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede. Porém eu já vos disse que, embora me tenhais visto, não credes.

O que Jesus disse àquelas pessoas? Ele disse: "Vocês não entenderam o principal". Ao escrever seu evangelho, João fez algo muito útil. Ele não chamou os milagres de milagres. Ele os chamou de sinais. O que um sinal faz? Ele aponta para algo. Um sinal aponta o destino para onde você deseja de fato ir. Quando você sai de férias com sua família, você não pára diante de uma placa na estrada e diz: "Chegamos! Chegamos! Desfaça as malas, querida". Você continua em direção ao destino real. A placa, ou seja, o sinal, apenas aponta para a realidade.

As pessoas presenciaram o milagre, mas elas não entenderam o sinal. A bênção física do pão apontava para uma realidade espiritual mais profunda, e Cristo disse: "Vocês não estão entendendo". A multidão via o milagre do pão como se fosse a realidade total. Cristo foi muito direto no que Ele disse. A terminologia que Ele usou quando disse "vocês se fartaram" pode ser literalmente traduzida como: "Bem, vocês se empanturraram de comida, mas não entenderam nada".

O que motivava aquelas pessoas para que buscassem a Cristo? O que elas procuravam realmente? Sugiro que não estavam à procura de Cristo em humilde submissão a Ele como Messias nem com a disposição de segui-lo onde quer que fosse. Sua busca por Cristo não foi gerada por amor a Ele, mas por um amor egoísta e pela esperança de que Cristo seria a pessoa que supriria todas as suas supostas necessidades. Esse era o quadro naquela ocasião.

Considere agora a sua vida, o seu casamento. O que você quer de Cristo? Que sonhos você coloca diante dEle? Será que seu sonho nada mais é do que a sua definição pessoal de um casamento ideal? Estou certo de que toda esposa já sonhou com um marido ideal e todo marido já sonhou com uma esposa ideal. É este o seu desejo mais profundo hoje?

Em 1Pedro 1.3 lemos:

> Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus

> Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo.

Isso parece maravilhoso! Pedro diz: "Você não entende o que já possui? Você foi escolhido para ser salvo pela misericórdia de Deus. Seus pecados foram perdoados e você faz parte da família de Deus. Não apenas isso, mas existe uma herança à sua espera que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor". Nós olhamos tudo isso e dizemos: "Sim, é maravilhoso".

Mas espere um momento. Vamos continuar a leitura. O passado garante que você foi perdoado pela misericórdia de Deus. O futuro garante que você tem essa herança que está por vir. Mas o que acontece no meio tempo? Voltemos ao versículo 5.

> [Vós] que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo. Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo; a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma.

O que acontece *no presente*? O presente está relacionado a algo muito maior do que levantar–se cada manhã com um sorriso. Muito maior do que finais de semana românticos. Muito maior do que a satisfação na intimidade do casamento ou ter filhos que você pode levar ao restaurante sem ter que passar vergonha. A mensagem de Pedro é que Deus está disposto a reter estas coisas com o propósito de produzir algo maior, mais completo e profundo: a fé genuína. Isto é o que Deus procura atingir por meio das experiências que nos fazem duvidar se Ele realmente nos ama e ouve as nossas orações, que nos fazem ter inveja de outros crentes e talvez até mesmo de pessoas que não conhecem o Senhor. Por que passamos por situações semelhantes? Porque Deus ainda não terminou Sua obra em nós. Ele está nos conduzindo ao alvo da fé, a salvação da alma. Ao passarmos por tais situações, em lugar de dizermos: "Deus, por que eu?", deveríamos dizer: "Deus, obrigado. Continue a operar. Quero tudo quanto o Senhor tem para me dar. O Senhor ainda não terminou a obra em mim". As lutas e tribulações do presente não são enganos de Deus. Elas fazem parte do amor redentor.

Parece-me que no coração de cada pecador existe o desejo de passar a vida num *resort*. O conceito mais elevado do marketing na atual cultura ocidental é o *resort*, com todos os serviços incluídos para o bem-estar e o lazer. É o mais próximo que você pode chegar de ser um deus aqui na terra. Você paga e tem o que quer, quando quer. Alguém me explicou como fun-ciona: "Doze refeições ao dia". Doze! "A última refeição é à meia noite e você pode pedir para entregarem pizza no seu quarto às 2:00 da manhã se você quiser." Parece divertido. Ninguém pode lhe dizer não! A

qualquer momento você pode decidir o que deseja fazer e ter. Se Deus quisesse que a vida fosse um *resort*, estas seriam as características.

Precisamos entender um princípio fundamental. Qual o propósito das bênçãos que Deus lhe dá na sua família, no relacionamento marido-esposa, no seu bem-estar físico? O propósito é apontar para uma bênção mais completa e profunda: a presença em sua vida do Senhor Jesus Cristo, Aquele que *é* a vida. A vida abundante não está em sua esposa, na casa ou nos filhos. Jesus Cristo é a vida abundante. Ele é nosso e nós somos dEle.

Em João 6, Jesus disse: "Eu sou o pão da vida". Pergunte a si mesmo que tipo de pão você deseja realmente. Que tipo de pão você quer que o alimente? Não estou dizendo que não devemos buscar o melhor para o casamento e a família, mas acredito que podemos facilmente perder o foco. Creio que podemos ser como aquelas pessoas que procuravam a Jesus só para que Ele as empanturrasse de comida.

Sim, penso que podemos perder o foco. Você pode ir a Jesus apenas porque está apegado a um sonho e espera que Ele, de alguma forma, possa ajudar a realizá-lo. É só isso que você quer de Jesus e você ficará extremamente decepcionado se não conseguir o que quer.

Se você vive para o pão terreno e depende dele como sua fonte de vida, você enfrenta sérios problemas quando ele falta. No entanto, se você vive para o pão espiritual, para um relacionamento mais profundo com o Senhor Jesus Cristo, então o seu casamento torna-se um lugar maravilhoso para colocar isso em prática. Você viverá um relacionamento de comunhão e compromisso com Cristo no quarto, na cozinha, nos corredores, na sala de estar. Quando duas pessoas estão compromissadas com Cristo, almejam conhecê-lo melhor, de modo mais completo e profundo e com o desejo de que sua vida reflita louvor, adoração e glória a Ele, elas experimentam uma união e intimidade que o mundo não conhece. Pelo fato de não colocarem o foco em si mesmas, experimentam a unidade do Espírito que caracteriza os filhos de Deus em Jesus Cristo.

Aqueles que têm seus olhos fitos apenas no pão terreno, acabam devorando uns aos outros, pois nunca encontram satisfação. Você será um parasita para o seu cônjuge e sugará o sangue dele. No entanto, ele nunca, jamais dará a você o suficiente. Existe apenas um Pão que é Jesus. E a vida está em nos alimentamos de Jesus, pela fé.

Você sabe o que aconteceu quando Jesus proclamou essa mensagem? O que aconteceu quando Ele disse: "Se vocês não comerem a carne do Filho do Homem e não beberem o seu sangue, não terão vida em si mesmos" (Jo 6.53-59)? Não só o povo O deixou, mas a Bíblia diz que muitos dos Seus discípulos O deixaram também (Jo 6.66). Eles disseram: "Dura é esta palavra" (Jo 6.60). E, realmente, é dura. Seja honesto consigo mesmo. Dê lugar à humildade e à sinceridade. Qual é o anseio mais profundo do seu coração hoje? Ah, que seja por Jesus Cristo! Se seu anseio for por Cristo, existem oportunidades maravilhosas para crescimento e santificação mútua no casamento. Elas virão em meio às tribulações. A vida não será um *resort*. Ela será uma estrada cheia de buracos, mas conduzirá à conformidade com Cristo.

Conversei com uma senhora que estava casada há muitos anos. Eu diria honestamente que ela estava casada com um

homem mau. Ele era iracundo, controlador, manipulador e falava e fazia coisas que machucavam. Essa senhora havia sonhado com o marido ideal. Ao ver as bênçãos recebidas por outras mulheres da igreja, ela se amargurou a ponto de dizer que não conseguia mais ir aos cultos. Sentia-se abandonada por Deus de tal forma que não conseguia mais ler a Bíblia e orar. Eu queria que ela entendesse sua identidade em Cristo e compreendesse o amor do Senhor. Queria que ela entendesse que Deus é refúgio e fortaleza, uma ajuda constante em meio às tribulações. A certa altura, enquanto eu citava textos bíblicos que falavam sobre o amor de Deus, que é abundante e maravilhoso, ela disse: "Pare!". Parei. Ela prosseguiu, batendo com a mão na cadeira: "Não quero mais ouvir que Deus me ama. Eu quero um *marido* que me ame!". De quem é este sonho?

Agora, uma pergunta: Honestamente, o que acontece com você quando não consegue realizar o seu sonho? Seja sincero! Você mergulha em autocomiseração? Você se enche de culpa? Ou se enche de inveja e cobiça? Duvida da bondade de Deus? Acha difícil ler a Bíblia, orar, manter comunhão e adorar a Deus? O que estes sinais indicam? Eles mostram que você vive para o pão terreno. A bondade de Deus, Seu amor, poder, força e glória, bem como o chamado de Deus para você, não mudam diante da falta de pão. Que tipo de pão você procura?

Um profeta do Antigo Testamento olhou para o povo de Deus e disse: "Deus, eu não entendo o que está acontecendo aqui. O Senhor permitiu que o povo se tornasse muito perverso. O Senhor é um Deus Santo. Não entendo o que está fazendo. Por que não faz algo com relação a isso?". Deus respondeu: "Tudo bem, que seja assim. Enviarei uma nação perversa e violenta, que virá do norte para acabar com eles". O profeta respondeu: "O quê?! O quê?!". Ele pensava num reavivamento, não em juízo! E acrescentou: "Deus, como pode fazer isso? Como pode usar uma nação mais perversa do que o Seu povo para julgá-lo? Isso não faz sentido!". O profeta travou uma luta com Deus, mas logo Deus começou a revelar Seu poder e Sua glória. Esse profeta, Habacuque, terminou seu livro com palavras preciosas: "Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado...". O que esta descrição significava numa cultura que tinha base na agropecuária? Nada sobrou - nenhuma planta, nenhuma árvore, nenhum animal. E ele prosseguiu: "todavia, eu me alegro no SENHOR, exulto no Deus da minha salvação. O SENHOR Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente" (Hc 3.17-19).

Se o seu sonho desmoronasse, se nada restasse, você levantaria e diria: "Estou cheio de alegria porque Deus é o meu Senhor, Ele é a minha vida e a minha força, e em meio a tanta perda e destruição conto com Ele"? Você pode buscar a realização do seu sonho ou a realização do sonho do Senhor para a sua vida. Você pode pedir que Ele o molde à imagem de Cristo, para que a sua vida O louve cada vez mais e sua fé encontre expressão no relacionamento conjugal e na sua maneira de responder ao seu cônjuge ou educar seus filhos. Qual sonho você quer ver realizado?

Que Deus nos ajude a sermos pessoas que vêem o sinal por trás do milagre, que olham para as bênçãos terrenas e dizem: "Essas bênçãos direcionam-me a um relacionamento mais profundo com o Senhor, uma realidade mais completa de Cristo em minha vida. Aquilo que anseio, aquilo de que quero me alimentar, tudo quanto quero é que minha vida gire em torno de comunhão, submissão, amor e obediência ao precioso Senhor Jesus Cristo". O Messias chegou! Vamos segui-lo pela fé. Minha oração é que sejamos pessoas que continuem a seguir a Jesus mesmo se não houver mais plantas, animais nem pão. Levantaremos pela manhã e diremos: "Estou tão cheio de alegria. Sou filho do Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Ele é a minha vida. Vou segui-lo pela fé!".

Senhor é tão fácil nos apegarmos aos nossos sonhos e desejos. É tão fácil pensarmos no Senhor como o provedor dos nossos sonhos, tão fácil nos empolgarmos como a multidão e perdermos de vista a realidade espiritual por trás do milagre. Senhor, minha oração é que não busquemos a concretização dos nossos sonhos e esperanças pessoais, mas que possamos expressar sede e fome pelo Senhor Jesus e o desejo de conhecer a Sua vontade em todas as áreas da nossa vida. Queremos que Cristo reine em todos os ambientes de cada casa. Queremos que Cristo reine no lugar mais escuro de cada coração. Vamos ao Senhor em amor e submissão alegre para nos alimentarmos pela fé. Que tenhamos alegria, fé e coragem mesmo quando não tivermos o pão físico. Que diante das provações, digamos: "Obrigado, Senhor, pelo Seu amor – o Senhor está completando Sua obra redentora". Ajuda-nos, Senhor, em nome de Jesus. Amém.

No Olho do Furacão: como lidar com as crises

Ron Lutz e Sue Lutz[1]

Uma pessoa que freqüenta há pouco tempo nossa igreja, vinda de uma igreja tradicionalmente liberal, fez o seguinte comentário após o culto do domingo: "Esta é uma boa igreja, mas há um bom número de pecadores por aqui". Sim, certamente temos muitos pecadores em nossa igreja. Também temos sofredores: pessoas que vivem num mundo caído de dor e sofrimento, pessoas que são vítimas do pecado de terceiros. Pecadores e sofredores são os únicos tipos de pessoa que há em nossa igreja - e na sua, também.

Se você estiver envolvido no ministério, encontrará muitas cenas de partir o coração: crises, famílias destroçadas e vidas complicadas. Os telefonemas chegam e anunciam:

- um marido saiu de casa,
- um adolescente foi preso,
- uma mãe descobriu pornografia no quarto do filho,
- uma moça foi hospitalizada após uma tentativa de suicídio,
- um membro da igreja ficou sabendo que lhe resta apenas um mês de vida,
- uma adolescente engravidou. E assim por diante.

Quando acontece uma crise que muda a vida de uma ou mais pessoas e nos faz dizer "Jamais seremos os mesmos novamente", temos um momento significativo para ministrar. Jesus Cristo entra no mundo dos pecadores e sofredores e começa a operar.

Nosso artigo fala do poder do evangelho nas crises que destroçam o coração. Queremos fortalecer a sua fé e lhe dar uma perspectiva bíblica, algumas ferramentas

[1] Tradução e adaptação de *In the eye of the storm: dealing with crisis.* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling,* v. 22, n.4, Fall 2004, p. 49-58.

Ron Lutz é pastor da Igreja Presbiteriana New Life em Dresher, na Pensilvânia. Sue Lutz foi editora de Resources for Changing Lives (Recursos para Transformar Vidas) e conselheira na CCEF.

práticas e uma estrutura de pensamento que possa ajudá-lo à medida que enfrenta essas situações.

O que é uma crise?

Em sua vida e na vida das pessoas de sua igreja, as crises são inevitáveis. Como a Bíblia diz em Jó 5.7, "O homem nasce para as dificuldades tão certamente como as fagulhas voam para cima". Em outras palavras, o imprevisível é previsível; as crises podem ser esperadas.

Mas o que é, exatamente, uma crise? Para o propósito do nosso artigo, uma crise é o que se dá quando um acontecimento ou um relacionamento torna-se tão doloroso ou desafiador que a pessoa não consegue lidar bem com a situação. Esse problema esgota os recursos da pessoa. Uma ameaça, uma perda, um rompimento são tão significativos que aquilo que a pessoa normalmente faz para enfrentar a vida não é adequado, ou a pessoa está tão desesperada que não consegue funcionar como de costume.[2] Porém, mesmo um acontecimento particularmente estressante - algo de grande proporção - não desencadeia automaticamente uma crise. Um acontecimento desencadeia uma crise somente quando a pessoa que passa por ele descobre que não tem os recursos necessários para lidar com a situação.

Alguns fardos são marcos previsíveis, transitórios, e fazem parte do desenvolvimento normal da vida. Nestes podemos incluir a adolescência, uma perda de emprego, uma mudança, a aposentadoria ou, até mesmo, uma doença. Todos eles apresentam desafios e representam mudanças ou perdas. Os eventos excepcionais e imprevisíveis também esgotam particularmente as forças, e é nestes que vamos nos concentrar, mas os princípios aplicam-se para todas as situações.

Uma crise pode se desencadear devido a um acontecimento passado, um acontecimento do momento ou um acontecimento futuro.

- *Acontecimento passado*:

  uma mulher foi estuprada ou uma criança foi abusada sexualmente,

  você, ou alguém que você ama, foi preso, um ente querido ficou paralítico ou morreu em um acidente de carro.

- *Acontecimento presente*:

  uma pessoa descobre que o cônjuge está em adultério, um pai encontra drogas no quarto do filho, uma adolescente é descoberta em práticas anoréxicas.

- *Acontecimento futuro*:

  um membro de sua igreja admite que está pensando em suicídio, um marido ameaça pedir o divórcio se a esposa não "entrar na linha", um adolescente manifesta sua raiva com violência crescente.

Em situações semelhantes, o sentimento da pessoa atingida (e de todos os membros da família) é de que a vida virou de cabeça para baixo. Busca-se desesperadamente uma maneira de resolver o problema e restaurar a estabilidade.

---

[2] Harold W. Stone, *Crisis Counseling* (Aconselhamento na Crise), (Minneapolis: Fortress Press, 1993) e Norman Wright, *Crisis Counseling* (Aconselhamento na Crise) (Ventura, CA: Regal Books, 1993).

Em muitas das situações, o impacto dura para o restante da vida, mas a crise, em si, não. Ao lidar com uma tragédia ou uma mudança brusca e repentina na vida, a fase de crise costuma durar, em média, seis semanas. Os seres humanos não gostam de caos em sua vida. Eles não gostam de ter o seu mundo virado de cabeça para baixo e de se sentirem impotentes. Procuram, portanto, maneiras de restaurar o equilíbrio para retornar a uma vida normal o quanto possível e o mais rápido possível.

O problema, no entanto, é que as tentativas de solução podem, ou não, estar de acordo com aquilo que Deus quer. As pessoas podem, ou não, lidar com as questões que Deus quer que sejam tratadas. No papel de alguém que deseja ajudar, você deve aproveitar ao máximo a janela de oportunidade apresentada pela crise. Você deve ajudar numa perspectiva multidimensional, mas também de forma que mantenha em primeiro plano a atuação de Deus e os aspectos espirituais da situação. O lado positivo de uma crise é que, geralmente, trata-se de um momento em que as pessoas ficam mais abertas para receber ajuda e olhar a vida de maneira diferente. Infelizmente, essa janela fecha-se à medida que as pessoas se ajustam à situação e seguem a vida dentro de uma nova *normalidade*. Não é de admirar que os símbolos chineses para crise sejam dois: um significa perigo e o outro, oportunidade. As vidas despedaçam-se, mas as vidas podem brilhar de formas novas.

Mantenha os seguintes princípios em mente, à medida que você como pastor, conselheiro, líder espiritual, amigo ou membro do corpo de Cristo, oferece ajuda em uma crise.

- Nos momentos de crise, em geral, as pessoas estão mais abertas para receberem ajuda daqueles em quem elas confiam. Quando seu mundo está desabando e você não sabe o que fazer, você fica mais disposto a enxergar as coisas de uma maneira nova. Com freqüência, os muros de autoproteção não estão tão altos.
- Nos momentos de crise, as pessoas precisam de diferentes *tipos* de ajuda. Uma crise exige *ação*. É o momento para servir a pessoa como um todo. O ministério inclui tudo, desde lavar a roupa até o aconselhamento paciente, desde ir com a pessoa à polícia até orar com ela e por ela, e muito mais.
- Nos momentos de crise, os membros do corpo de Cristo são preparados pelo Senhor, de forma singular, para prover essa ajuda. A igreja tem muito mais recursos para ajudar na crise do que qualquer especialista da nossa cultura.

Se a pessoa que passa por uma crise é membro da sua igreja, pressupomos que já exista algum relacionamento com o pastor e outros membros. A crise é o momento certo para edificar esse relacionamento. O povo de Deus é flexível e dinâmico. Um pastor não insere o caso em uma lista de espera para visitas quando se trata de uma crise. Os membros da igreja oferecem apoio prático de diversas maneiras, dependendo da necessidade.

Mais importante ainda é que a igreja ajude a pessoa a enfrentar as questões espirituais e do coração, reveladas inevita-

velmente pelas crises. Os membros da igreja ajudam com problemas do dia-a-dia como refeições, buscar e levar filhos na escola, finanças, providências legais e visitas ao hospital. Essa atenção dada às questões práticas permite à pessoa em crise ter tempo e energia para começar a analisar as dimensões espirituais da situação. Como disse Howard W. Stone em seu livro "*Crisis Counseling*" (*Aconselhamento na Crise*), "Toda crise, na sua essência, levanta questões de fé e perguntas do tipo 'Qual é o significado da vida? Vale a pena a dor de continuar a viver? Eu fiz a coisa certa? Por que isso aconteceu comigo? Por que Deus permite que eu sofra? Será que poderei confiar de novo em alguém?'".[3] Precisamos estar bem preparados para dar tanto a ajuda prática como as respostas que Deus deseja que ofereçamos.

Oportunidades nas crises: uma perspectiva bíblica

Toda crise apresenta uma oportunidade para o bem. Somos tentados a ver na crise apenas o mal, os elementos que desencorajam, os problemas e a tragédia, e sentimo-nos sobrecarregados pela situação. Uma parte de nós grita: "Não é para ser assim. Isso não é normal. Isso não está certo". Algumas crises nos fazem querer chorar e gritar com fúria.

O Senhor, porém, age a *todo* o tempo. Ele sabe o que faz. Isso não significa que devemos citar Romanos 8.28 mecanicamente e esperar que as pessoas coloquem um sorriso no rosto. Contudo, em meio às lagrimas, à confusão, dor, agonia, choque, Deus trabalha em todas as coisas para o bem do Seu povo. Podemos lembrar essa verdade. Podemos crer nela. Podemos agir com base nela.

Joni Eareckson Tada e Steven Estes colocam a questão da seguinte forma em "*When God Weeps*" (*Quando Deus Chora*)[4]:

> O plano de Deus é específico....toda provação na vida de um cristão é determinada desde a eternidade por Deus, em sabedoria e amor, projetada sob medida para o bem eterno daquele crente, mesmo quando não parece ser assim. Nada acontece por acaso. ...nem mesmo a tragédia.... nem mesmo os pecados cometidos contra nós. Deus se importa mais com ensinar-nos a odiar nossos pecados, crescer espiritualmente e amá-Lo do que com nos dar conforto....Ele permite que continuemos a sentir o ferrão venenoso do pecado enquanto estamos a caminho do céu, pois nos relembra constantemente aquilo de que estamos sendo libertos e expõe o pecado como o ferrão venenoso que, de fato, ele é. Portanto, o mal (o sofrimento) dá meia volta e derrota o mal (o pecado) - tudo para o louvor da sabedoria de Deus.

Como os pastores, conselheiros e amigos envolvidos em uma situação de crise podem trazer ao problema uma perspectiva de fé que aponte para Cristo? Como podemos ser instrumentos de crescimento e santificação para que as pessoas

[3] Stone, *Crisis Counseling* (Aconselhamento na Crise), p. 29.

[4] Joni Eareckson Tada e Steven Estes, *When God Weeps* (Quando Deus Chora) (Grand Rapids: Zondervan, 1997), p. 56.

direcionem os problemas para o bem? Como podemos aplicar o evangelho e ver o corpo de Cristo em ação?

Em meio a uma crise, a pessoa ou as pessoas envolvidas precisam reconhecer que elas têm três escolhas a fazer. Essas escolhas não são distintas, mas se sobrepõem uma à outra e se complementam.

1. Você olhará para o Senhor e dependerá dEle? Ou você tentará lutar sozinho?

A primeira escolha - tanto para quem está na crise como para aqueles que prestam ajuda - envolve o alvo da nossa reação. Nossa reação é centrada em Deus ou centrada no problema? Em qualquer crise, é compreensível a tentação de concentrar-se simplesmente em sobreviver ao problema, lidar com ele e administrá-lo. Afinal, há muito com o que lidar, muito para administrar e muitos desafios a enfrentar. Precisamos ser sensíveis aos aspectos práticos da vida, às necessidades físicas, financeiras, legais e sociais daqueles que estão em crise. Precisamos lembrar as questões de comunicação com familiares e amigos. Precisamos estar cientes de questões específicas que podem surgir no que se refere aos filhos. Mas, em tudo isso, precisamos ser cuidadosos para não nos perdermos nos detalhes e esquecermos o panorama maior. Durante a fase mais crítica da crise, as pessoas buscam um jeito de administrar e lidar com cada coisa. Entregues a nós mesmos, descobrimos maneiras as mais diversas para sobreviver nesse mundo caído. Infelizmente, e com freqüência, sobrevivemos de maneira errada.

As crises podem ser bênçãos maravilhosas no sentido de que elas tiram aquelas muletas nas quais estávamos nos apoiando em lugar de buscar ao Senhor. A questão primordial é: depois de seis semanas, seis meses ou seis anos, estaremos nos apoiando em quê? Como podemos evitar a substituição de uma muleta por outra ou de um ídolo por outro? Nossa inclinação natural é querermos ser fortes pelas nossas próprias forças - procuramos desenvolver habilidades, recursos e relacionamentos que nos façam sentir mais autosuficientes e prontos para a próxima crise. Porém, isso não é o que Deus quer.

Certa vez, um amigo missionário passou por uma crise que expôs sua tendência à auto-suficiência. Ele reconheceu que estava procurando ser forte o suficiente e *espiritualmente equilibrado* o suficiente para que, no dia-a-dia, ele não precisasse de Jesus! Ele não reconheceu sua autoconfiança e independência até que uma crise a revelou. A crise ensinou-lhe que Deus quer uma dependência diária ativa em Cristo.

O que faz o aconselhamento cristão e a intervenção em uma crise serem distintamente cristãos e únicos? Ajudamos as pessoas a lidarem com as seguintes perguntas:

- Como o evangelho dirige-se a essa situação?
- O que Cristo está fazendo nessa crise?
- Como essa situação pode ser usada para fortalecer a fé de todos os envolvidos, a fim de que se aproximem mais de Jesus a despeito das dificuldades?

Pense no apóstolo Paulo e suas provações, conforme descritas nas cartas aos Coríntios (cf. 2Co 11.21-33). "Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e

sim no Deus que ressuscita os mortos" (2Co 1.9). E o que Paulo diz adiante, em 2Coríntios 12? Ele diz que é grato pelas provações, porque elas o levaram ao Senhor.

> Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte (2Co 12.9-10).

O salmista também era grato pelas aflições porque ele aprendeu a confiar no Senhor. "Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a tua palavra" (Sl 119.67). "Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos" (Sl 119.71).

O que estou aprendendo sobre a bondade, a sabedoria, a soberania, o amor e o controle do Senhor? Freqüentemente, nossos ídolos ficam abalados nas crises - a nossa busca, consciente ou inconsciente, por conforto, reputação, controle e estabilidade. As crises são uma lembrança inescapável do quanto necessitamos do Senhor. Elas oferecem uma oportunidade para sairmos da complacência e aprendermos (ou reaprendermos) a caminhar pela fé, e não por vista. Podemos nos arrepender da autosuficiência, do orgulho e de outras atitudes negativas. Isso significa que não atentaremos simplesmente para as circunstâncias e a logística externas (decisões sobre dinheiro, cuidado dos filhos, plano de saúde, questões judiciais ou outras mais). Antes, lidaremos com todos esses aspectos, mas com fé em Cristo, com o alvo de vermos a Sua mão, sujeitando-nos ao Seu plano e aprendendo dEle em todo o processo.

2. Você usará uma abordagem centrada em Cristo? Ou uma abordagem centrada no problema?

O segundo princípio é conseqüência do primeiro. Queremos colocar a Pessoa de Deus e não a crise no centro da nossa atenção; queremos buscar os alvos do Senhor mais do que buscamos solucionar o problema. Queremos, também, centrar a atenção no coração, não no problema. Queremos atentar para o que Deus está fazendo em nós por meio dessa situação difícil. Nas crises situacionais, a tentação é focarmos nas soluções em curto prazo, que apenas nos permitem passar pelo problema doloroso. No entanto, as verdadeiras questões para uma pessoa em crise são as seguintes:

- O que Deus está fazendo na minha vida neste momento?
- Como Ele está me ensinando a confiar nEle, amá-lo e buscá-lo em oração?
- Que problemas, pecados e hábitos na minha vida essa crise expõe?
- De que promessas bíblicas preciso me apropriar?
- Que pecados preciso confessar?
- Como posso aprender a voltar-me para Deus nessas áreas e viver uma vida de fé diária?
- O que uma mudança de coração significa para mim?

- O que significam fé, arrependimento e obediência nessa situação?
- Como Deus está usando esse "fogo refinador" para me purificar, limpar e levar-me para mais perto dEle?

Quando você estiver em crise, faça essas perguntas a você mesmo. Se você for um conselheiro, encoraje a pessoa que está sofrendo a responder estas perguntas.

Você já ouviu alguém fazer uma declaração do tipo "Eu jamais gostaria de viver aquele inferno novamente. Mas eu não trocaria o que eu aprendi por nada nesse mundo. Sou uma outra pessoa agora."? Muitas pessoas dizem isso. Sua vida demonstra mudanças duradouras e a presença de Deus. Porém, muitas outras pessoas se apressam em resgatar a *normalidade* da vida diária sem experimentar aquela transformação duradoura e crescente que Deus tenciona por meio do sofrimento. Embora elas precisem morrer para a autoconfiança, o que surge das cinzas é uma autoconfiança reabilitada.

Nosso alvo, oração e esperança devem ser que a crise seja usada pelo Senhor para levar nosso coração em direção completamente nova, do desespero para uma vida de esperança e fé em Cristo. Queremos ser transformados pelo evangelho e viver uma nova vida.

3. Você permitirá que o corpo de Cristo ajude? Ou você tentará lidar com a crise sozinho?

A terceira escolha e princípio têm a ver com o processo. Lidarei com essa crise de forma isolada e individualista? Ou permitirei que o corpo de Cristo seja, de fato, o corpo de Cristo para mim? As crises oferecem oportunidades maravilhosas para vermos o povo de Deus refletir o Seu amor, Sua sabedoria, Seu poder e verdade.

Para os pastores, o desejo de ser o *salvador-redentor-herói* pode ser tentador. É bom sentir-se necessário, ser um ajudador, um resgatador. Você pode ser tentado a estimular sutilmente que a pessoa se torne dependente de você e exclua, assim, Cristo e o restante de Seu corpo.

A maioria das crises, porém, funciona contra esse impulso. A verdade é que elas exigem o envolvimento de muitos para a reconstrução da vida de uma pessoa. Você pode ver o reflexo disso nas passagens de mutualidade das Escrituras, que descrevem a atuação bíblica do corpo de Cristo. O que 1 Coríntios 12, Romanos 12 e Efésios 4 têm a dizer sobre crises? Estes textos ensinam que devemos estar atentos e próativos no envolvimento de todo o corpo, devemos repartir o fardo e mostrar o poder do evangelho em ação de diversas maneiras. Quando fazemos isso, aumentamos a probabilidade de mudanças duradouras na situação, de apoio duradouro à pessoa em crise e de crescimento duradouro tanto para os que ajudam como para os que recebem ajuda. Demonstramos o poder do evangelho em ação. Demonstramos o que é o verdadeiro espírito de servo. Transmitimos às pessoas necessitadas uma visão de ministério, de forma que elas estarão mais propensas a prestarem ajuda a outras pessoas no futuro. E glorificamos a Deus à medida que amamos outros por amor a Ele.

Uma mulher de nossa igreja, cuja família tinha passado recentemente por uma situação de crise, disse aos membros da igreja: "Vocês têm sido as mãos e os pés de Cristo para nós durante esse tempo difí-

cil. Não queríamos ser fracos, mas não tivemos escolha. E temos visto e sentido o amor de Cristo por meio de vocês".

O aconselhamento bíblico na crise deve incluir objetivos definidos com relação ao processo para que todo o corpo de Cristo esteja envolvido de maneira apropriada.

Preparando-se para uma crise

Cada crise é diferente das demais. As necessidades, o tipo de ajuda necessária, as questões espirituais, tudo varia de uma crise para outra. Como líder, porém, você pode se preparar para atender a tais situações.

1. Identifique recursos úteis

Há recursos (artigos, panfletos, livros) que orientam sobre as questões específicas que envolvem as diferentes crises. Por exemplo, usamos muitos dos livretos de recursos dos quais Sue é editora. Eles abordam uma variedade de tópicos de crise: violência doméstica, suicídio, vícios, abusos, pornografia e pecados sexuais.[5] O livro *Mulheres Ajudando Mulheres* de Elyse Fitzpatrick e Carol Cornish inclui capítulos sobre diversas crises que atingem as mulheres.[6] As *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* trazem artigos sobre inúmeras situações de crise. Muitos livros bons sobre sofrimento, antigos e novos, estão disponíveis. Elabore uma lista pessoal de recursos e de pessoas que podem ajudá-lo a pensar em situações específicas.

2. Prepare-se para as batalhas espirituais

Embora cada crise seja diferente, as reações das pessoas costumam ser semelhantes. As batalhas espirituais apresentam semelhanças entre si. Não importa qual seja a luta, sua tendência é reagir às crises com fadiga, exaustão emocional, sentimentos de inutilidade, ansiedade, depressão, ira, tensão, desorganização em seus relacionamentos e suas atividades e, algumas vezes, pânico. Se você costuma investir tempo para pensar e orar sobre como ajudar uma pessoa em crise, você não se surpreenderá a cada novo acontecimento. Você será capaz de dar assistência à pessoa nas questões complexas da situação que ela enfrenta.

3. Prepare-se para um discipulado prolongado

Não pense que um aconselhamento efetivo na crise desfaz todos os nós e transforma a pessoa em santa, curada e feliz em poucas semanas. Isso não acontece! Uma crise pode ser o ajuste inicial diante de um acontecimento que mudará a vida da pessoa dali para diante. O discipulado deve fazer parte do futuro da pessoa por algum tempo. O que você quer oferecer, pela graça de Deus, durante o período crítico da crise é:

- *Provisão prática*

Providencie apoio espiritual, emocional, material e físico para capacitar a pessoa em crise a encarar o problema e começar a lidar com ele construtivamente.

- *Perspectiva de fé*

Ajude a pessoa em crise a ver a presença de Deus no problema. Isso trará um

---

[5] *Resources for Changing Lives* (Recursos para Transformar Vidas) (Phillipsburg, NJ: P&R Publishing).

[6] Elyse Fitzpatrick e Carol Cornish, *Mulheres Ajudando Mulheres* (Rio de Janeiro, CPAD: 1999).

impacto na maneira de definir o problema, nas soluções e na definição de alvos.

◆ *Parceria na solução de problemas*

Dê os primeiros dois passos de forma que a pessoa em crise sinta-se encorajada a dar passos de fé que a ajudarão a lidar sozinha com a situação. Nunca deixamos de necessitar do corpo de Cristo. Porém, juntamente com o apoio que a igreja oferece na situação de crise, está a expectativa de que o grau de ajuda diminua à medida que a situação atinge um ponto de resolução. Enquanto a pessoa aprende a lidar com seus desafios pela obediência e confiança no Senhor, encoraje-a a apoiar-se em Deus em lugar de desenvolver uma dependência de você. Obviamente, precisamos da sabedoria de Deus para discernir em cada caso o que é uma dependência sadia e o que não é.

Use o *check-list* modelo, que você encontra no final deste artigo, para avaliar as necessidades com que você pode se deparar em cada crise. Acrescente à lista as suas categorias à medida que surgirem novas necessidades. Certifique-se de estar familiarizado com a legislação local no que se refere a denunciar alguns casos.

Aplicaremos agora esses princípios a duas crises específicas: violência doméstica e um adolescente fora de controle.

Estudo de caso: violência doméstica

A violência doméstica é um exemplo comum de uma situação que se prolonga e pode explodir em crise. Freqüentemente, o acontecimento que dispara a crise é "a gota que faltava para transbordar o copo". Uma mulher pode ter vivido durante anos uma situação intolerável e contrária à Bíblia, tentando administrar um problema de abuso sem relatá-lo a ninguém. Então, acontece um incidente que é a gota d'água e esgota seus recursos para lidar com o problema. Ela se dá conta de que, não importa o que faça, jamais será bem-sucedida em conter o problema dentro de limites razoáveis. Embora essa gota final possa não parecer motivo suficiente para desencadear uma crise, a crise dispara porque a mulher percebe, finalmente, que não tem controle sobre a situação. Enfim, ela busca ajuda.

Gisela e Marcos eram membros ativos da igreja. O casamento parecia um pouco desgastado, mas não a ponto de estar a perigo. No fim de semana, Marcos recebeu um telefonema perturbador de sua mãe. Quando Gisela lhe perguntou sobre o telefonema, ele explodiu em ira, atirou a ao chão e bateu com sua cabeça repetidamente na parede. Gisela lutou para afastá-lo, saiu de casa e foi para a casa de uma colega de trabalho, descrente. Essa colega aconselhou Gisela a sair definitivamente de casa e pedir o divórcio. Gisela não tinha certeza de que seria certo pedir o divórcio, mas ela estava magoada, irada, desgastada, temerosa e cansada de ser controlada por Marcos. A colega insistiu que Gisela procurasse ajuda.

Gisela procurou Maria, uma mulher de sua igreja e grupo de oração, e pediu-lhe que ela prometesse não contar a ninguém o que estava prestes a ouvir, pois era muito doloroso e vergonhoso. A vergonha é o motivo pelo qual Gisela procurou primeiro alguém do trabalho e não da igreja. Maria, sabiamente, respondeu que ela tinha aprendido que não era certo fazer tal promessa na ignorância dos fatos, mas que Gisela podia confiar que ela não faria fofo-

ca. Ela envolveria outras pessoas apenas se a situação, biblicamente, assim exigisse. Gisela concordou porque confiava em Maria e compartilhou que estava cansada de assumir a culpa por todos os incidentes de violência que ocorriam em seu relacionamento com o marido. Após cada episódio, ele costumava desculpar-se pela agressão, mas a acusava de ter sido a causadora. Ele também dizia que se Gisela realmente o perdoava, como Deus diz que ela deveria fazer, ela não contaria para ninguém sobre o que tinha acontecido. Gisela pediu, repetidas vezes, que Marcos procurasse o pastor ou um conselheiro para ajudá-lo, mas Marcos recusava-se, dizendo que aquilo era algo com que eles deveriam lidar dentro do casamento. "Eu não sei, talvez ele esteja certo", Gisela disse para Maria. "Talvez eu devesse ter sido mais sensível e deixado de perguntar sobre o telefonema de sua mãe, pois eu percebi que ele já estava perturbado. Porém, sinto-me como se estivesse sempre fazendo a coisa errada e eu nunca sei o que poderei fazer de errado na próxima vez".

A resposta de Maria incluiu três pontos, que redefiniram o problema para Gisela.

1. Não importa o que Gisela tivesse feito para Marcos ficar indignado, nada justificaria uma reação violenta. Não importa o que mais estivesse errado no relacionamento deles, Marcos jamais poderia usar isso como uma desculpa para agredir sua esposa. Deus chama o mal de mal, e nunca o justifica.
2. A autoridade de Marcos no casamento foi dada por Deus, mas não poderia ser usada para servir desejos pessoais e alvos egoístas. Sua autoridade sobre Gisela esgotava-se diante de sua recusa em ser submisso às autoridades que Deus colocara sobre Ele, especificamente o seu pastor, os líderes espirituais e as autoridades civis. Ele estava violando a lei e recusando-se a levar seu pecado diante da igreja.
3. Visto que Gisela já tinha levantado esse problema para Marcos muitas vezes, sem sucesso, ela estava biblicamente livre para expandir o círculo e procurar a ajuda da igreja, conforme Mateus 18.15-17. Ela podia pedir que a igreja confrontasse e ajudasse seu marido.

Gisela sentiu-se tanto aliviada quanto apreensiva, mas concordou com Maria.

O pastor ouviu a história de Gisela e entrou em contato com Marcos. Marcos admitiu a agressão, expressou remorso, mas continuou a atribuir parte da culpa a Gisela. O pastor respondeu que poderiam existir problemas no casamento, mas a prioridade era reconhecer que a violência nunca se justifica nem seria tolerada pela igreja, pois Deus também não a tolera. Três líderes espirituais foram designados como equipe de apoio para ajudar Marcos e Gisela. Maria também foi convidada a participar da equipe para dar apoio contínuo a Gisela.

O pastor disse que se houvesse qualquer outro episódio de violência, ou mesmo ameaça de violência, Gisela deveria telefonar para um dos membros da equipe de apoio. Ela poderia fazer uma queixa à polícia ou, simplesmente, fazer um boletim de ocorrência e manter um histórico do comportamento agressivo de Marcos.

Ele seria suspenso de participar da Ceia do Senhor diante de quaisquer eventuais incidentes de violência, e enfrentaria outras formas de disciplina se não evidenciasse arrependimento.

Estabelecidos esses limites, Maria e os líderes espirituais tiveram uma conversa com Gisela e Marcos para esclarecer as condições sob as quais Gisela voltaria para casa. Dadas as orientações, ela estava disposta a retornar para casa. As diretrizes incluíam aconselhamento para ambos, separadamente e, mais adiante, juntos. Gisela e Marcos concordaram em permitir que o conselheiro desse um relatório aos líderes espirituais periodicamente. Se o conselheiro achasse que qualquer um dos dois não estivesse colaborando, os líderes aplicariam a disciplina da igreja. A equipe providenciou para que Gisela e Marcos tivessem um encontro semanal com um deles, para orar e dar um relatório do aconselhamento. Eles também encorajaram Gisela e Marcos a pedir ajuda ao grupo de estudo bíblico ao qual pertenciam. Embora o casamento ainda tivesse muitos problemas a tratar, a violência cessou.

No *check-list* da crise, essa situação exigiu atenção a questões de segurança, supervisão da igreja, aconselhamento e ainda comunicação, finanças e questões legais. Isso possibilitou à igreja ajudar Gisela e Marcos a lidarem com as questões do coração.

O aconselhamento pastoral encorajou Gisela e Marcos a verem que o casamento é como um cordão formado de três fios:

1. Deus está envolvido no relacionamento conjugal, e Gisela e Marcos têm acesso direto a Ele.
2. Tanto Gisela quanto Marcos são responsáveis diante de Deus por servirem um ao outro e encorajarem o crescimento mútuo à semelhança de Cristo.
3. Gisela é responsável diante de Deus por buscar ajuda quando Marcos é violento com ela.

Antes da crise, Gisela achava que seria sua tarefa administrar a ira de Marcos e proteger sua reputação e testemunho. Porém, ao permitir que a violência continuasse, ela deixou de honrar a Deus e amar genuinamente seu esposo. Deus queria que ela recebesse a Sua força e Seu conforto. Ele queria que ela buscasse os recursos do povo de Deus para que seu casamento fosse transformado por arrependimento, fé e confiança no Seu poder. O problema, uma vez tratado, seria um testemunho da graça de Deus. Mas isso seria impossível se a situação ficasse encoberta ao povo de Deus. A mudança de perspectiva deu a Gisela esperança e força para buscar os recursos dados a ela por Deus. Ela começou a ver como as suas percepções a respeito de si mesma, a respeito de Deus, do casamento e dos relacionamentos em geral, contribuíram para os problemas conjugais.

Marcos também precisou reconhecer como o pecado e a falta de fé contaminaram seu relacionamento com Deus e com a esposa. Colocados os limites, que envolviam tanto a autoridade da igreja como as autoridades civis, a igreja ajudou Marcos a enfrentar o fato de que o seu comportamento violento e a sua resistência às autoridades eram pecados. Muitos irmãos rodearam Marcos com oração e prestação de contas. Esses homens foram firmes, porém compassivos, na ajuda que lhe deram para vencer a ira e edificar seu papel de líder piedoso no lar. Marcos começou a ser honesto com relação aos seus pecados, sem

transferência de culpa. Ele começou a olhar para as antigas questões não resolvidas no casamento. À medida que o aconselhamento continuou, após as primeiras semanas críticas da crise, Marcos teve oportunidade de confrontar problemas de longa data consigo mesmo, com seus pais, com sua perspectiva a respeito de Deus e com seu casamento. A participação dos irmãos da igreja na vida do casal manteve-se após o período crítico inicial, pois até mesmo as mudanças positivas levantam novos problemas. Às vezes, à medida que um casal passa por dores que trazem crescimento, eles podem evitar questões cruciais ou se *satisfazerem* com a situação existente.

Essa ilustração é uma combinação de três crises conjugais reais. Dos três casamentos, um foi restaurado completamente, outro melhorou consideravelmente enquanto que, no terceiro, o marido recusou-se a parar de culpar a esposa e, no final, recusou a ministração da igreja. Ele foi desligado da igreja e eles se divorciaram. Sua esposa reconstruiu uma vida cristã frutífera.

Estudo de caso: um adolescente fora de controle

Uma família da sua igreja tem um filho adolescente que está fora de controle. Ele desafia cada vez mais os pais, desobedece às regras e aos horários da casa. Ele também vai mal na escola, está envolvido com uma turma de maus elementos, uso de drogas e consumo de álcool e, provavelmente, mantém atividade sexual. Recentemente, ele foi violento em casa, estragou alguns móveis e chegou a bater em seu pai mais de uma vez. Ele ainda é menor de idade. O que você pode fazer como líder ou membro da igreja?

1. Encoraje a família a buscar apoio em oração com outras pessoas. Se eles fazem parte de um grupo de estudo bíblico, encoraje a família a compartilhar honestamente suas lutas. Se sua igreja tem um grupo de oração para pais com filhos problemáticos, convide-os a participar desse grupo. Encorajeos a pedir que os líderes espirituais orem especialmente por eles.

2. Ajude esses pais a refletirem sobre os limites que eles estabeleceram. Eles estão certos em estabelecer limites e regras para os horários a serem cumpridos, as tarefas e responsabilidades em casa, juntamente com as conseqüências pela transgressão como, por exemplo, a perda de privilégios e o pagamento dos estragos feitos em casa.

3. Ajude-os a examinarem o próprio coração, sua fé, sua confiança no Senhor. Uma situação como essa pode levantar muitas questões externas (cada dia traz uma nova crise). Os pais podem entrar em uma dinâmica de *sobrevivência*, que deixa pouca energia para qualquer outra coisa. Como está a sua fé? Eles se culpam inadequadamente pela situação? Confiam seu filho ao Senhor? Por outro lado, existem pecados de que devem se arrepender? Eles fazem coisas que agravam a situação? Negligenciam os outros filhos? Permitem que uma pessoa mude radicalmente o ambiente da família?

4. E o filho? O que pode ser feito com e para ele? Quem pode ministrar a ele? Em quem ele confia? Que questões em sua vida provocam esse tipo de comportamento? Tente convocar um líder de jovens, um mentor ou conselheiro que possa trabalhar em sua vida e levá-lo à fé e ao arrependimento.

5. Quando necessário, ajude os pais a considerarem um envolvimento da polícia. Certa vez, um policial conversou com os pais de um adolescente sobre as implicações desse tipo de comportamento e explicou o que a polícia poderia fazer. Na vez seguinte, quando o filho passou dos limites, os pais chamaram o policial, que explicou as conseqüências ao rapaz. Isso, juntamente com outras intervenções, tornou a situação em casa mais tolerável.

O que fazer e o que não fazer no aconselhamento de uma crise

De modo geral, o que deve ser evitado no aconselhamento de uma crise? Aqui estão quatro pontos chaves a serem lembrados.

Primeiro, não dê falsas garantias de que tudo ficará bem. As circunstâncias podem não evoluir conforme o esperado. Apresente, sim, a promessa da presença, do poder e dos propósitos redentores de Deus, independentemente de qual seja a situação.

Segundo, não permita que a pessoa em crise volte constantemente àquilo que aconteceu. Não se permita entrar em análises teóricas vagas. Ajude a pessoa a pensar sobre as questões específicas que ela precisa enfrentar e como ela fará.

Terceiro, não tente tomar o lugar de Deus; não deixe que a pessoa fique dependente de você. Se você permitir que a pessoa fique à espera de que os outros solucionem os seus problemas, você não a ajudará a edificar sua fé. Não tente tomar o lugar da pessoa, assumindo decisões que ela deve tomar a respeito da própria vida. Você não edificará a fé dessa pessoa se ela se sentir irada e privada dos seus direitos de decisão. Estabeleça uma parceria que ajude a pessoa em crise a confiar em Deus enquanto ela lida com o problema.

Quarto, não impeça que a pessoa expresse o que ela sente ou como ela vê o problema apenas porque isso seria pesado para você. É preciso entender aquilo que a pessoa sente e pensa para poder ministrar ao seu coração e construir uma perspectiva de fé em sua vida. Se a pessoa não se sentir compreendida, ela não aceitará as soluções bíblicas que você oferecer. Seja paciente e cheio de fé quando a pessoa se sentir sobrecarregada. Relembre que Deus está na situação, mesmo quando ela não pode vê-lo. Você pode repetir as palavras de Jesus aos discípulos: "Tenho muitas coisas para lhes dizer, mas agora vocês não suportariam". Expresse a sua fé e a confiança de que Deus está agindo em favor da pessoa e encoraje-a a pedir ao Senhor para restaurar a própria fé.

Acima de tudo, enfrente cada crise com oração e fé, pedindo a Deus que o capacite a ver as oportunidades. Avance pela fé. Confie em Deus para fazer coisas maravilhosas!

No Olho do Furacão: check-list *para lidar com crises* [7]

Considere as seguintes perguntas quando estiver trabalhando em um aconselhamento de crise.

Comunicação

1. Quem precisa ser comunicado sobre a situação? (Família? Liderança espiritual da igreja? Pastores? Polícia? Grupo de oração? Membros da igreja? Escola? Emprego?)
2. Quem fará o contato com aqueles que precisam ser informados?
3. O que será dito a cada um?
4. É necessário designar um porta-voz?
5. Se a mídia está envolvida, é necessário um suporte legal no que se refere à comunicação?

Questões de segurança

1. Alguém está em perigo imediato?
2. Caso afirmativo, que providências devem ser tomadas?
   a. Hospedagem (hotel, casa de um membro da igreja, um lugar seguro, hospital)?
   b. Carro ou outro tipo de transporte?
   c. Assistência legal (proteção contra a agressão, etc.)?
   d. Envolvimento policial?
   e. Assistência financeira?
   f. Cuidado dos filhos?

Questões médicas e de saúde

1. É necessário algum cuidado médico?
2. Quem o providenciará?
3. Quem acompanhará o paciente e supervisionará os cuidados?
4. Que necessidades domésticas surgem devido às necessidades médicas?
5. É necessário algum tipo de internação (ex. abuso de drogas)?

Supervisão da igreja local

1. Que tipo de supervisão pastoral é necessária? (Equipe de apoio de líderes espirituais? Uma mulher madura na fé?)
2. Qual a freqüência necessária de comunicação entre pastores/líderes e os indivíduos em crise?
3. Quais as expectativas e responsabilidades de cada um dos envolvidos?
4. Se o aconselhamento é indicado, qual o grau de comunicação necessário/desejado entre o conselheiro e os pastores/líderes, e a conexão entre o aconselhamento e a disciplina da igreja (se esta for aplicada)?

Finanças

1. Quais são as necessidades financeiras imediatas da pessoa? (Ele precisa de dinheiro vivo? Fechar ou abrir uma conta? Notificar credores? Ajuda para pagar contas?)
2. Quais são as necessidades financeiras em longo prazo (honorários legais, treinamento profissional, gastos com cuidado dos filhos, fisioterapia)?
3. Quem a pessoa deve contatar caso precise de ajuda?

Preocupações da vida diária

1. Cuidar dos filhos (curto e longo prazo: cuidado de tempo integral, depois da escola, à noite).
2. Refeições
3. Transporte

Aconselhamento

1. Quais as necessidades pastorais e de aconselhamento de cada indivíduo? Quem são as pessoas indicadas para prover esse aconselhamento?
2. Que grupos de relacionamento (na igreja ou outro lugar) podem dar apoio espiritual e emocional à pessoa?
3. Quem mobilizará esses grupos?

Questões legais

1. A pessoa precisa de consultoria legal?
2. A igreja precisa de consultoria legal ao lidar com a situação?

---

[7] Ron Lutz, Sue Lutz, *Informal Crisis Counseling Checklist* (*Checklist* Informal para o Aconselhamento na Crise)

Convivendo com um Marido Irado

Edward Welch[1]

Não deveria ser assim. Uma mulher confia sua vida a um homem. Agora, aquele mesmo homem a quem ela se entregou no casamento ameaça tirar-lhe a vida. Uma traição ao extremo. Não deveria ser assim.

Sim, há também esposas iradas e maridos agredidos. As Escrituras dirigem-se a eles também. As Escrituras, porém, dão atenção especial às mulheres pela diferença de sua força em comparação à força dos homens. As mulheres costumam ser a parte mais frágil e ainda são consideradas como uma propriedade do homem em algumas culturas ao redor do mundo. Portanto, não pense que faço uma discriminação nem negligencio os maridos vitimados. A violência conjugal não está distribuída igualmente entre os gêneros. Mantenha o seu foco nas mulheres.

Nosso ponto de partida são alguns pressupostos.

- O problema é mais freqüente do que pensamos. Para cada mulher que se dispõe a falar sobre o assunto, há dezenas com medo demais para dizer alguma coisa.
- A violência e a ira doméstica merecem nossa atenção imediata, mesmo quando há apenas um pequeno sinal do problema.
- Como os demais pecados, você encontra a ira violenta entre os membros da igreja também. Reputação e dinheiro podem mantê-la oculta por mais tempo, mas você a encontra igualmente distribuída nos diferentes grupos étnicos e sociais.
- Embora os poderes públicos possam certamente prestar ajuda às mulheres

[1] Tradução e adaptação de *Living with an angry husband.* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 24, n. 4, Fall 2006, p. 46-53.

Edward Welch é conselheiro e diretor da escola de aconselhamento bíblico da Christiam Counseling and Educactional Foundation. É professor de Teologia Prática no Westminster Theological Seminary.

vitimadas pela ira de seus maridos, a igreja deve responder ao problema e agir. Deus odeia a injustiça.

- Talvez esta seja uma das únicas ocasiões quando aqueles que ajudam são chamados a manifestar uma indignação justa.
- Homens, e mulheres inclusive, enganam-se ao subestimar o quão difícil pode ser conviver com um cônjuge irado.

Onde estão a ira e a violência doméstica?

Antes de considerarmos como ajudar uma mulher que sofre abusos, você precisa estar ciente do problema. A ira e a violência doméstica não se manifestam em público. Você não as vê. As esposas que são alvo de ira costumam ser as últimas a falarem a respeito da existência de um problema conjugal, pois carregam um sentimento de vergonha por serem agredidas pela pessoa que, supostamente, melhor as conhece. Em outras palavras, é bem possível que você conheça alguém que neste momento está sofrendo debaixo da ira pecaminosa do cônjuge, e você nada sabe. Os amigos, pastores e conselheiros, embora fiquem à espera e com portas abertas e à disposição para ajudar, continuam a esperar.

Preferimos tomar a iniciativa e investigar o relacionamento, sempre que possível. Todavia, o problema da violência e do abuso nos casamentos resiste às iniciativas. Se batêssemos às portas e perguntássemos a todas as mulheres que conhecemos se elas já passaram por uma experiência de violência em casa, ainda assim não conseguiríamos expor o problema. Mas existe algo que a Igreja pode fazer.

Por exemplo, podemos ensinar que o silêncio não é uma opção na vida cristã. A mulher atingida pela violência vive diante do Deus que ouve e se importa. Se ela não sabe por onde começar na hora de se dirigir a Deus, os Salmos podem lhe fornecer as palavras. O Deus Santo é seu Pai e Ele pede insistentemente aos Seus filhos que O busquem quando há um problema. Se ela buscar palavras nos Salmos, verá que Deus a convida para ir até Ele, especialmente quando há inimigos e opressores.

O resultado natural do ato de abrir-se com Deus é que a esposa ferida terá maior facilidade para falar com outras pessoas também. Uma das razões pelas quais ela consegue fazer isso é porque praticou o falar - ela já quebrou o silêncio prescrito por seu marido. Existe, também, uma ligação direta entre o nosso relacionamento com Deus e o relacionamento com outras pessoas. Se amarmos a Deus, amaremos aos outros. Se conseguirmos abrir nosso coração com Deus, seremos capazes de nos abrir com outras pessoas. Para as mulheres, isso significa o reconhecimento de que Deus costuma vir a nós por meio de Seus representantes humanos; elas ficam, então, mais dispostas a conversar com outra mulher.

O que você pode fazer quando uma amiga confidencia que a ira de seu marido está fora de controle? E o que você pode fazer quando a pessoa vitimada não quer que ninguém mais saiba? Há algo de diabólico no silêncio face à injustiça; portanto, a promessa de manter o segredo apenas agrava o problema. É fácil, porém, entender o que motiva uma mulher assus-

tada a não desejar que ninguém mais saiba o que acontece. Além da vergonha pessoal, existe um sentimento de que a mínima provocação deixará seu marido ainda mais irado.

Quando a situação oferece risco de vida, o círculo dos que sabem a respeito do problema precisa aumentar imediatamente. E mesmo quando não há iminência de abusos físicos, a mulher vitimada precisa de outras pessoas que caminhem ao seu lado, pois sua situação exige oração e sabedoria do corpo de Cristo. De qualquer forma, é necessário compreender a mulher assustada e sua situação.

O mundo das mulheres vitimadas

Sem dúvida, a quebra do silêncio pode parecer impossível às mulheres agredidas. Mas quando elas sabem que o próprio Deus não permanece em silêncio, falar com outras pessoas é uma maneira de refletir a Deus. Não é uma traição para com o agressor, pois um dos alvos é trazer o pecado do agressor à luz para que ele tenha a oportunidade de se voltar para Deus e, conseqüentemente, afastar-se da ira de Deus.

O que significa ser agredida e oprimida? O que significa ser vitimada pela pessoa mais próxima de você? Vamos dar uma olhada em algumas cenas reais.

Cena 1:

Uma esposa, em conversa despretensiosa, começa a contar uma história a seu marido.

- Estava frio lá fora e...

- Não estava frio lá fora. Estava *fresco* lá fora. Conte a história certa ou, simplesmente, não a conte - seu marido rebate.

Ela não consegue prever o que o provocará. Fica quieta, sem resposta. Fica como um réu condenado, parado em frente ao juiz acusador. Tudo o que ela disser será analisado e usado contra ela. Ela responde com um "Sim" ou "Não", e não muito mais. Então, com certeza, ela será criticada duramente pelo seu silêncio.

Cena 2:

Uma mulher conversa com as amigas sobre a decoração de sua casa:

- Pintamos a sala de vermelho...

Seu marido entra com uma tirada cheia de ira:

- Isso é mentira. Porque você sempre mente? A sala é vinho. E você sabe que essa sala nem está completamente pintada ainda. Por que você é tão mentirosa? Você é simplesmente avoada. Nem isso serve para descrevê-la. É como se a sua cabeça fosse um buraco negro. Sua cabeça é um vácuo. Todo fio de inteligência é sugado para dentro e desaparece.

O que ela poderia responder? Nada. Para piorar as coisas, o marido faz alguns desses comentários em público. Quando ela começa a chorar, ele retruca:

- Está vendo, esse é o seu problema. Você não entende uma brincadeira.

Cena 3:

Uma esposa tenta conversar com seu marido sobre uma discussão que aconteceu naquela manhã, durante a qual ele a destruiu verbalmente sem razão aparente. Ela reúne coragem:

- Querido, você me machucou quando ficou tão bravo esta manhã.

- Sobre o que você está falando? Você está tentando começar uma discussão? Você é muito sensível. Não consegue nem acei-

tar uma brincadeira. Você aumenta a proporção de tudo. Você está sempre reclamando. Você entende tudo errado. Está bem. Está bem. Está bem. Desculpe-me por simplesmente querer falar com você. Esqueça. Não falarei mais nada.

Com estas palavras, ele declara uma guerra fria pelos próximos dias.

Ouça esse tipo de comentário sem sentido, ríspido e imprevisível, repetido de novo, e de novo. Você consegue imaginar? Uma mulher irá se fechar. Ela começará a pensar que *ela* é o problema, e não o seu marido. Alimente-se desse cardápio por um ano e você pensará não só que é o problema, mas, também, que você é louca.

A sensação de insanidade é, na realidade, um reflexo fiel do pecado irracional e insano do marido. Seu discurso irracional não faz sentido nem passa num teste de lógica. E a mulher nunca consegue prever quando será atingida pelo próximo ataque de ira.

Ela comenta que a grama está verde. Ele diz que está azul, simplesmente porque ela disse que está verde. Para terminar a discussão, ela se rende e diz:

- Sim, ela está azul.

Ela pode até começar a acreditar que a grama está realmente azul. E o marido, agora, fica bravo porque acha que sua esposa está sendo arrogante ou porque ela é burra:

- A grama, ele diz, está alaranjada.

Acrescente outros comportamentos irracionais à lista: palavras de insulto que pareceriam infantis se não fossem tão ofensivas. Profanação. Ordens. Ameaças. Contato físico com fúria. Repressão. Empurrões. Podem acontecer intervalos ocasionais quando o homem irado chega até a demonstrar certa gentileza e comprar presentes como uma forma de simbolizar contrição, mas não pense que a ira assassina está morta. O vulcão está adormecido, mas não extinto. Ele não some com o tempo; só acumula maior velocidade e intensidade. A ira vicia. Ela dá à pessoa irada aquilo que deseja: autoridade, controle, influência e a sensação de ser respeitado.

Cena 4:

Um homem estava tão cego à sua ira, que procurou ajuda - para a ira de sua esposa. Ele deu a seguinte análise da situação conjugal:

- O problema é este: o pior dia da minha vida foi o dia em que me casei com esta mulher.

(Deve ter sido um dia atroz, pois eles já completaram quarenta anos de casamento! E ele diz a mesma coisa para ela ao longo dos quarenta anos.)

- Você pode me ajudar a lidar com esta mulher? Ela é a mulher mais desgraçadamente irada que já conheci.

Sua esposa ficou impassível. Obviamente, ela já tinha ouvido tudo aquilo muitas vezes. Mas, possivelmente, a impassibilidade era porque ela já estava quase morta em seu interior. Talvez estivesse paralisada porque já estivera tantas vezes entre a cruz e a espada. Se ela dissesse alguma coisa, ele a chamaria de defensiva. Se permanecesse em silêncio, seria tida por passiva-agressiva. Após uma longa pausa, durante a qual o marido esperava que o conselheiro se solidarizasse com sua trágica situação, a esposa *quase* levantou o olhar.

- Lamento por toda dor que tenho causado a ele. Já tentei tirar minha vida várias vezes e até mesmo nisso eu falhei.

Tem-se a nítida impressão de que essa mulher paralisada nunca levantou a voz em toda a sua vida.

Acrescente solidão à lista de experiências dessa esposa. Ela está sozinha dentro do seu relacionamento mais íntimo - seu casamento - e ela não consegue nem falar sobre o maior fardo de sua vida, pois expressar o problema pioraria a situação. Some-se a tudo isso a solidão em outros relacionamentos. Que mulher tem prazer em falar sobre um marido que a odeia? No final das contas, ela se sente culpada e pensa que, talvez, ela esteja provocando os ataques de ira do marido. É semelhante a uma criança que é odiada pelos pais. Você consegue imaginar? Os pais deveriam amar seus filhos! Os maridos prometem amar suas esposas. Assim como os filhos negligenciados, as esposas começam a pensar que elas são o problema. Esta saída é mais fácil do que a alternativa de sentirem-se incapazes de serem amadas por alguém que, na verdade, age como seu inimigo.

A norma é sentir uma culpa crônica, e esta culpa persiste independentemente de tudo quanto a mulher agredida tente confessar.

Questões difíceis para a Igreja

Você ficou ciente da situação. Mas o marido irado ainda desconhece que outras pessoas sabem o que acontece em seu casamento. Você deve falar com o cônjuge violento? E se ele não for membro de sua igreja e você não tiver autoridade pastoral sobre ele? E se a mulher agredida está disposta a deixá-lo falar com seu cônjuge, porém ela lhe contou algumas coisas que ela não quer que você relate para mais ninguém? Estas situações descrevem apenas o começo das questões pastorais.

Segurança física

A segurança física deve ser sua primeira preocupação. Se a agressão em casa é realmente violenta e perigosa, você pode incentivar a esposa a buscar ajuda junto à Delegacia da Mulher para que o agressor seja mantido a uma distância segura. Como você pode imaginar, esta talvez seja a decisão mais difícil que uma mulher venha a tomar e ela necessitará do apoio de amigos e pastores sábios.

Não pense que a mulher que busca a proteção da justiça não dá importância ao seu casamento. A história de ira violenta do seu marido é provavelmente longa, e é somente o desespero extremo que a leva a quebrar o pacto do silêncio. A grande maioria das mulheres que toma essa decisão não está à procura de uma saída fácil. Pelo contrário, elas ainda desejam salvar o casamento. Geralmente, elas pensam que o marido poderia ainda se aquietar se lhe fosse dado um pouco mais de tempo.

A ambivalência das mulheres agredidas fica evidente pelo fato de que muitas delas não levam adiante as ordens judiciais. Aquelas que dão início a processos judiciais acabam retirando suas queixas por uma variedade de motivos. O marido parece arrependido ou ele detém o poder no relacionamento e usa de sua influência para persuadir a esposas a voltar atrás. A esposa sente-se só e teme prejudicar o futuro do casamento se continuar por esse caminho. Os filhos pedem pelo pai. E o orçamento da família sai dos limites quando há duas residências a serem sustentadas.

A ajuda da liderança espiritual da igreja pode ir ao encontro de algumas dessas preocupações; no entanto, a atração emocional que a mulher agredida sente pelo marido irado é forte e resiste a conselhos. As-

sim que a tempestade imediata passa, ela está pronta e, às vezes, ansiosa por ter o marido de volta. Porém, o ciclo de ira e violência continua.

Questões teológicas

Juntamente com as decisões desafiadoras sobre a segurança, a ira doméstica levanta outras questões teológicas, que podem ser novas para algumas igrejas. Uma mulher pode separar-se do marido em situações de violência doméstica? A maioria responderia que sim. O divórcio é permitido? Poucas mulheres procuram esta opção, mas a questão é mais difícil.

A violência doméstica insere-se no cruzamento de dois ensinos bíblicos. Em primeiro lugar, o casamento é uma aliança. O casamento é uma promessa de fidelidade um ao outro. Em segundo lugar, e de igual importância, Deus odeia a violência e a natureza destrutiva deste pecado. Esses dois pontos parecem se contradizer. Um não prevalece sobre o outro. O desafio para o ministério pastoral é determinar qual questão teológica ou passagem bíblica é relevante em cada momento específico. Há momentos em que é melhor enfatizar as promessas do casamento. Em outros momentos, é preciso enfatizar a destruição que o pecado causa. O desafio é buscar sabedoria espiritual para saber quando e qual verdade enfatizar.

O texto de Malaquias 2.16 - "Eu odeio o divórcio, diz o Senhor, o Deus de Israel" - é usado, algumas vezes, para encerrar qualquer discussão. Deus odeia o divórcio; portanto, nem mesmo o considere nem considere a separação, que leva ao divórcio. Em vez disso, siga o exemplo de Cristo que foi obediente ao Pai em meio ao sofrimento. Esta passagem, porém, pode também ser traduzida da seguinte forma: "Eu odeio o divórcio, diz o SENHOR, o Deus de Israel, e também odeio homem que cobre sua mulher de violência como se cobre de roupas, diz o SENHOR dos Exércitos".[2] Independentemente de qual seja a melhor tradução, o Senhor expressa seu ódio por homens que são violentos e descartam pecaminosamente suas esposas ao preferirem mulheres pagãs. O Senhor odeia a injustiça.

Disciplina da igreja

Outra questão desafiadora é a disciplina da igreja para o marido irado. Se ele não é membro da igreja, surgem perguntas a respeito de ***se***, ***como*** e ***quando*** o homem violento deve ser confrontado; porém, obviamente, a disciplina da igreja não deve ser considerada. Se ele é membro da igreja, a disciplina é um instrumento da graça de Deus. Ninguém se entusiasma em dar início a um processo de disciplina e podemos encontrar ainda mais razões para evitar a disciplina com homens irados porque não queremos incitar sua ira. Todavia, visto que a disciplina é uma orientação de Deus no cuidado pastoral, damos os passos necessários em amor e com a esperança de que o pecador chegue ao arrependimento e à reconciliação.

É aqui que os ***líderes da igreja*** precisam de aconselhamento e de alguém para acompanhá-los. Em uma cultura de litígios, os homens irados podem interpretar os passos de disciplina como uma declaração de guerra e contra-atacarem. Com isto em mente, a liderança da igreja deve avançar nesse caminho em oração, com aconselhamento e certificando-se de documentar cada passo.

Cuidado pastoral

Se os líderes da igreja precisam de ajuda nesse processo, quanto mais a mulher que faz parte dele. Uma mulher que foi agredida precisa do Pastor, e também de pastores, líderes espirituais e diáconos. Ela precisa de pessoas que estejam dispostas a caminhar com ela, preocupadas com seu bem-estar espiritual em longo prazo. Os conselheiros que oferecem algumas respostas e dizem "ligue se precisar de mim" não ajudam muito. Aqueles que se dispõem a andar junto com ela precisam de perseverança, amor e sabedoria.

Suponha que você é um desses pastores e a mulher vitimada contou-lhe a sua história. Você a ajudou a falar sobre sua experiência e ela está com medo, mas não está preocupada com perigos físicos. Ela quer ficar em casa e viver com o homem irado. Sua tarefa é remodelar o relacionamento, aparentemente sem esperança, à luz da cruz de Cristo e do dom do Espírito.

A cruz de Cristo transborda de aplicações para esta mulher. Deus aproxima-se de nós; Ele conhece o sofrimento e toma o sofrimento sobre Si. Quando o Cristo crucificado ressuscitou dos mortos e assentou-se nos céus, Ele nos deu o Seu Espírito - a presença de Deus conosco. Apesar dessa realidade parecer distante para uma mulher vitimada e assustada, esta é de fato a maior fonte de esperança.

Certamente, faz-se necessária uma reorientação na maneira de pensar da mulher vitimada. Ela pode querer que Cristo lhe dê paz imediata em seu relacionamento com o marido, segurança em seu casamento, palavras de seu marido que, de forma mágica, transformem um casamento que teve problemas desde o início. Como Israel, ela pode querer que Deus que lhe dê vitórias terrenas sobre os inimigos. Ela consegue facilmente pensar em coisas que lhe parecem melhores do que o Espírito, coisas mais tangíveis, mais imediatas, gratificantes e prazerosas. Mas ela tem o melhor. Ela tem mais do que poderia sonhar. Ela á uma mulher impotente, mas que tem ao seu lado o Senhor Todo-Poderoso. É uma mulher que duvida de sua própria sanidade, mas conhece a Verdade. A tarefa pastoral é enraizá-la em Cristo e lembrá-la desta realidade maior em sua vida.

A presença de Deus pelo Espírito

O Espírito é o mediador da presença do Deus que tudo vê. Lembre-se da história de Agar. Deus está em todo lugar, sem restrição de tempo e espaço. Ele vê o oprimido e age em seu favor. Ele resgatou Agar e seu filho e os abençoou, permitindo que aquele jovem desse início a uma nação (Gn 21.18-20). Quando Deus vê, Ele age.

No Novo Testamento, encontramos o mesmo Deus, porém com nova dimensão. Deus não apenas nos vê; Ele habita em nós. 1Coríntios 6.19 expressa claramente o relacionamento íntimo de Deus conosco. O Espírito está sempre conosco. Ele é Aquele que se aproxima de nós e nos consola.

Uma mulher vitimada e oprimida sente-se desesperadamente só. Parece que ninguém consegue quebrar o isolamento provocado pelo seu marido. Porém, o Espírito está sempre com ela. Ele é Aquele que jamais a deixa e nunca a abandona. Ela está em comunhão com o Espírito por causa da obra terminada de Cristo, e seu marido não é forte o suficiente para quebrar este vínculo. Se ela já professou sua fé em

Jesus, esta é a evidência de que o Espírito habita nela como mediador da presença de Jesus Cristo.

O Espírito Santo também é o Espírito da Verdade, algo precioso para uma mulher que está tão confusa pelas acusações incessantes de seu marido. O Espírito testifica sobre Jesus Cristo (Jo 14.16). O Espírito está com Jesus desde o princípio. O Espírito é testemunha da cruz de Cristo e da ressurreição. O Espírito é testemunha do fato de que Cristo reina no presente. O Espírito vem a nós e Ele imprime a realidade de Cristo e da cruz em nosso coração. O Espírito dará a esta mulher clareza na situação de seu lar? Sim. Porém, esta clareza começa por uma visão clara do caráter de Deus e do evangelho de Cristo.

O Espírito Santo é o Espírito de Sabedoria. E há mais. O Espírito conhece a mente do Pai (1Co 2.11). Por que isto é importante? Essa mulher tem uma necessidade tremenda de sabedoria. Ela pergunta: "Senhor, como devo agir hoje? Como devo responder hoje? O que devo fazer hoje? O que devo dizer hoje? Digo alguma coisa? Não digo nada?" Em meio às suas dúvidas, Deus provê a orientação do Espírito. Viver com um marido irado é como viver no banco dos réus com o promotor à sua frente. Às vezes, o promotor pode parecer cordial, amigável e até solidário; no momento seguinte, o ataque vem de onde você menos espera. O Espírito guiará nestes momentos.

Enquanto estiver a caminho de adquirir sabedoria, é essencial que a mulher vitimada preste atenção ao equilíbrio delicado entre amar e desejar ser amada. No casamento, devemos aspirar um desequilíbrio sutil, no qual o compromisso e desejo de *amar* superem nosso desejo de *sermos amados*. Quando a balança pende na outra direção, não amamos de verdade. Amamos a fim de obtermos amor. Sentimos-nos, também, manipulados e controlados, pois queremos desesperadamente algo que está em poder da outra pessoa. Se o nosso alvo principal é amar, ninguém pode impedir-nos ou sabotar nossa missão.

O Espírito parece estar distante? Ele não está. Busque e peça uma consciência maior de Sua proximidade.

> Qual dentre vós é o pai que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir um peixe, lhe dará em lugar de peixe uma cobra? Ou, se lhe pedir um ovo lhe dará um escorpião? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?
> (Lc 11.11-13)

Essa é a verdade de Deus, e uma vez que a mulher *destruída e despedaçada* estiver espiritualmente orientada, ela será abençoada. "Pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e moderação" (2 Tm 1.7). Ela se sente absolutamente impotente, inútil e desequilibrada. Porém, ela possui o Espírito do Deus Vivo, o Espírito de poder, presença, verdade e sabedoria.

Falar a verdade em amor

A graça de Cristo leva-nos à ação. Nossa fé expressa-se em amor. Para a pessoa que passa por uma situação de abuso, o que significa falar e praticar a verdade em amor? Como você desarma uma pessoa irada, se é que isso é possível? Como essa mulher pode falar e praticar a verdade em amor

no relacionamento com seu marido irado? Ela precisa dar pequenos passos, rodeada das orações de outras pessoas. Precisa também lembrar que seu marido foi criado à imagem de Deus; quando ela se aproximar dele, deve fazê-lo com respeito e humildade. Ela deve lhe pedir perdão se ocasionalmente não o tratou com respeito. Ele poderia usar essa confissão de pecado contra ela? Talvez. Um marido egoísta e irado pode usar *qualquer coisa* contra sua esposa. Porém, as reações do marido não devem afastá-la de uma conduta que agrada a Deus.

Mantenha o objetivo de desarmar com o inesperado. O evangelho de Jesus pegou a todos de surpresa; ninguém o previu, pois esperavam bem menos do Messias. Como pessoas que receberam o evangelho, nossa mensagem e nosso método devem surpreender, desequilibrar e subverter as expectativas do mundo. Então, como essa mulher pode fazer o inesperado? Ela pode:

- Perguntar ao marido por que ele acha que ela é sua inimiga. Ele tem um motivo para a ira violenta que expressa contra ela? Ele quer realmente destruí-la e destruir o relacionamento conjugal?
- Sair de casa quando ele estiver pecaminosamente irado. Deixar claro que a violência é errada: "Não. Pare. Até aqui chega".
- Por mais que ela esteja apavorada, deve atentar para o fato de que ele é quem está em perigo. Suas injustiças são, em última instância, contra Deus, e Deus se opõe aos opressores orgulhosos. É realmente assustador agir como um inimigo de Deus.
- Buscar ajuda, em lugar de silenciar-se pela vergonha e pelas ameaças. Ela deve procurar ajuda para o próprio bem, para o bem da outra pessoa e do relacionamento.
- Assumir responsabilidade por suas reações pecaminosas, sem assumir a responsabilidade pelas ações do marido.
- Dizer a ele como ela se sente ao ser alvo da sua ira e ódio. As pessoas iradas são cegas ao fato de como elas ferem os outros.
- Perguntar a ele se acha que *ela* tem um problema. Perguntar se ele percebe que *ele* tem um problema.
- Falar com humildade, pois a humildade é mais poderosa do que a ira. "Não guardem ódio contra o seu irmão no coração; antes repreendam com franqueza o seu próximo para que, por causa dele, não sofram as conseqüências de um pecado." (Lv 19.17-NVI)
- Se ele afirmar que deseja mudar, perguntar quais passos ele dará nessa direção.
- Manter em mente Tiago 4:1,2. Não lutar como ele luta. Quando vê os desejos egoístas do marido chegarem ao extremo do descontrole, ela deve ter cuidado para não imitar esse comportamento.
- Não minimizar o comportamento destrutivo do marido. A ira pecaminosa é chamada na Bíblia de ódio e assassinato (Mt 5:21,22).
- Ler o livro de Provérbios e sublinhar os versículos que falam sobre a ira. Provérbios menciona as "palavras que

ferem como espada" (Pv 12.18) e retrata as experiências da vida.

- Lembrar que é possível vencer o mal com o bem.

Conclusão

Vivemos num mundo onde o pecado e suas tristes conseqüências estão dentro dos lares. Mas também vivemos após a cruz e, como resultado, tudo é transformado. Quando Cristo subiu aos céus, Ele fez o inesperado. Ele nos presenteou com o dom do Espírito, e o Espírito nos dirige em esperança e poder. O Espírito nos dá poder e visão para vencer o mal com o bem, vencer o mal com o amor.

A mulher vitimada, que se sente tão só, é muito preciosa aos olhos de Deus e o próprio Deus lhe dá poder para ser luz em uma circunstância que, de outra forma, seria apenas trevas.

Caminhando pelo Vale Sombrio do Aborto Espontâneo

Edward Welch[1]

> Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam. (Salmo 23.4)

No mundo amaldiçoado pelo pecado, o sofrimento e a morte fazem parte da existência humana. Meu coração já doeu de tristeza ao lado de uma amiga desolada, cujo filho de seis anos ficou esmagado embaixo de um caminhão em frente de casa. Já chorei ao lado de uma mãe cujo bebê de nove meses perdeu uma luta dolorosa contra um tumor maligno no cérebro.

O dedo sombrio da morte alcançou nossa família em 2003, quando nossa filha Jodi e seu marido visitaram-nos nos feriados de Natal. Seu presente para nós foi o anúncio de sua primeira gravidez; no entanto, nossa alegria foi de curta duração. Pouco tempo depois, com olhos transbordantes de lágrimas, Jodi contou-nos que o presente precioso que haviam recebido de Deus lhes fora tirado.

Como mãe, eu apenas podia sofrer com Jodi e Matt. Como conselheira que nunca havia passado por um aborto, minha mente estava repleta de perguntas. Que tipo de ajuda eu poderia oferecer? Será que o aborto difere de outros tipos de morte? Como a morte de um feto afeta os pais e aqueles que interagem com eles? O que os impulsiona a caminharem mais próximos ou mais distantes de Deus?

Minhas perguntas levaram-me a uma pesquisa por e-mails e telefonemas, e Deus abriu o coração de nove jovens cristãos (Jodi, Matt, Nita, Nancy, Ruth, Kent, Erin, Mindy e Andrea) que se dispuseram a nos ajudar a entender sua caminhada pelo vale sombrio do aborto. Eles com-

---

[1] Tradução e adaptação de *Walking through the Dark Valley of Miscarriage*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 24, n. 1, Winter 2006, p. 49-7.

Sue Nicewander participa do ministério de aconselhamento bíblico da Calvary Baptist Church em Wisconsin Rapids, Wisconsin. Jodi Jewell, atualmente mãe de duas crianças, é filha de Sue Nicewander.

partilharam seus questionamentos, as lutas e os instrumentos que Deus usou para fortalecê-los na fé a fim de que outros possam ser consolados.

A freqüência do aborto espontâneo

Uma em cada quatro mulheres perde o bebê no primeiro estágio da gravidez, entre trinta e cinco e quarenta dias de gestação. Na primeira gravidez, após as primeiras semanas, existe uma possibilidade de cinco por cento de aborto. A freqüência cresce para vinte por cento se há um histórico de abortos anteriores - vinte e oito por cento com dois abortos e quarenta e três por cento com três abortos.

Depois do aborto, a mãe passa por emoções intensas, dor física e fadiga. É uma situação difícil para o pai que a presencia. "Uma das maiores lutas foi o sentimento de inutilidade", Matt explicou. "É muito difícil para um marido ver sua esposa passar pela realidade física e emocional do aborto e sentir-se impotente para ajudá-la."

Ruth perdeu dois bebês. Ela comentou: "Aprendi muito sobre estatísticas a respeito de concepção e aborto do ponto de vista científico. Quando olhamos para as estatísticas relativas à concepção de uma vida, ficamos maravilhados. É algo incrível e faz com que percebamos o quanto a vida é um milagre a ser apreciado".

As conseqüências do aborto espontâneo

Os pais respondem à perda de diferentes maneiras. Anita passou por choque e perplexidade: "Como isso pôde acontecer agora que a nossa vida estava finalmente entrando nos eixos?".

Erin lutou com um enigma: "Deus nos surpreendeu com a gravidez e depois Ele levou o bebê quando finalmente já estávamos aceitando a idéia".

Para Nancy, foi um processo sagrado: "Tive tantos amigos que passaram pelo aborto acidental que senti como se Deus estivesse fazendo algo muito natural. Foi triste, não me entenda mal, mas não foi arrasador".

Percebemos que algumas dificuldades eram comuns a todos os entrevistados.

A perda não reconhecida

O aborto espontâneo difere de outros tipos de morte. Ruth explicou: "Minha família e os amigos não conheciam esta pequena vida que se desenvolvia dentro de mim. Eles conheciam o bebê apenas por me ouvirem falar a respeito dele". Em tom de luto, ela acrescentou: "Não pude dar um nome para nenhum de meus bebês, pois ambos morreram antes que pudéssemos identificar o sexo. Não sei como me referir a eles. Tampouco há um lugar onde posso ir para recordá-los".

Infelizmente, os sentimentos de perda da mãe costumam receber pouca consideração e são tidos como irreais. As dores emocionais e físicas prolongadas podem até ser consideradas irracionais ou exageradas. A mãe sente dificuldade quando a tratam como se o bebê nunca tivesse existido. Forçada a sofrer no silêncio, ela pode derramar culpa e emoções sobre o marido - uma armadilha perigosa, capaz de causar sérios danos ao casamento.

A desconexão entre os cônjuges

Geralmente, as mães são mais afetadas pela perda do bebê do que os pais. O ma-

rido, muitas vezes, não reconhece suficientemente a profundidade do sofrimento de sua esposa. Ele pode parecer distante. Em certo sentido, a maioria das esposas reconhece que o marido é incapaz de entender plenamente seus sentimentos, pois não teve a mesma conexão física com a criança. Freqüentemente, as atitudes do marido podem parecer insensíveis ou até mesmo duras: "Eu também sinto falta deste bebê, mas estou pronto para ir em frente. Por que você não está?".

Kent admitiu: "Eu poderia ter-me antecipado em dizer à minha esposa que não tinha sido culpa dela. Para mim, era óbvio. A idéia nem passou pela minha cabeça, mas depois ela me disse que precisava ter ouvido isso de mim".

Apesar dos homens não compreenderem por completo a luta de uma mãe, muitos deles também sofrem profundamente com a perda do bebê e procuram uma maior identificação com a esposa. Anita encontrou consolo nas expressões de apoio de seu marido. Ela escreveu: "Meu marido me impressionou. Nos dias que se seguiram ao aborto, ele massageava a minha barriga durante horas seguidas para aliviar as cólicas do meu útero. Ele ouvia com atenção e simpatia quando eu compartilhava meus sentimentos totalmente instáveis. Não lembro dele ter mostrado tanta preocupação comigo desde o começo do nosso namoro. Em nosso novo emprego juntos, algumas vezes ele me dava uma folga para me deixar chorar. Outras vezes, voltava ao nosso escritório com um buquê de flores para mim".

Kent estendeu as mãos em silêncio, deixando de lado o próprio sofrimento para ministrar à sua esposa. "É provável que eu tenha ido mais a fundo do que uma pessoa comum", ele observou. "O que realmente achei interessante foi que quando minha esposa abalava-se emocionalmente, eu não fazia o mesmo. Concentrava-me em confortá-la."

Matt descreveu o enigma que os pais enfrentam: "Pelo fato de me sentir incapaz de melhorar as coisas, tudo o que eu tentava fazer (consolar, orar por ela e com ela etc.) parecia-me banal. Depois de alguns meses, descobri que eu não entendia o quão profundamente o aborto havia afetado Jodi. Pelo fato de eu não ter tido o mesmo elo físico que ela teve com o bebê, não percebi o quanto ela sofreu com o aborto. Fiquei confuso quando ela quis lhe dar um nome. Provavelmente, isso fez com que eu parecesse indiferente ou distante dela e das suas necessidades".

A solidão

A solidão é um visitante freqüente para uma mulher que se sente desconectada de seu marido, família, amigos e Deus. Seu isolamento torna-se mais acentuado quando ela acredita que é a única pessoa que sofre pelo bebê ou reconhece a sua existência.

"Descobri que poucas pessoas querem conversar sobre esse assunto", Ruth escreveu. "É uma experiência tão solitária porque é muito individual."

Os encontros com mulheres grávidas ou com mães de recém-nascidos tornam-se particularmente dolorosos. Jodi ainda lembra como foi difícil participar do primeiro chá de bebê depois do aborto. Ela explicou: "Apesar de estar contente por minha amiga, minha tristeza colocou uma nuvem na celebração. Queria me envolver por inteira, mas meu coração ainda estava machucado com a perda do meu bebê. Fui

mais uma espectadora do que uma participante".

Os altos e baixos emocionais

A esposa que sofre um aborto espontâneo costuma passar por uma montanha russa de emoções, que cai e desliza inesperadamente para o choque, o entorpecimento, o espanto e os pensamentos penosos. Ela pode ficar perplexa com a intensidade de suas emoções, mesmo quando conta com o apoio do marido para ajudá-la e sua fé está firme em Deus. Sozinha, entregue aos seus pensamentos, ela descobre freqüentemente que a depressão é sua companheira chegada. Ela pode ficar presa em um turbilhão de emoções dolorosas, fantasias, negação e pessimismo. A ira pode entremear o relacionamento com seu marido e a família. Ela pode ficar ressentida com as pessoas que a forçam a superar depressa a dor. Às vezes, o medo paralisante de enfrentar problemas físicos, passar por novos abortos ou mudanças de vida leva a atitudes de autoproteção como, por exemplo, afastar-se das pessoas e ser defensiva. Ela pode ficar imobilizada pela preguiça ou pela fadiga. Pode também ter dificuldade para concentrar-se ou dormir.

No entanto, mesmo em meio a tanta agonia, várias mulheres relutam em abrir mão dos sentimentos que as torturam. "Pôr de lado esses sentimentos seria rejeitar também a memória dessa criança", explicou uma jovem mãe. "Será que eu estaria concordando que essa criança não existiu?"

Um labirinto de questionamentos

Sem dúvida, muitos questionamentos surgem da angústia de um aborto espontâneo.

Sou mãe? Ruth descreveu sua luta quando as pessoas perguntavam quantos filhos ela tinha. "De alguma forma, pelo fato de meus filhos só terem seis semanas de gestação, as pessoas não os consideram meus filhos. Isso me incomoda." Ela ainda se lembra do dia das mães na igreja e de quando as mulheres grávidas receberam uma rosa: "Se eu tivesse ficado grávida por mais duas semanas, teria recebido uma rosa", ela lamentou. Em outra ocasião, ela se sentiu confusa quando alguém pediu que todas as mães se levantassem. "Meu bebê está no céu, será que devo me levantar?"

Foi minha culpa? Uma mulher observou: "É tão fácil olhar para o período inicial da gravidez, antes de eu saber que estava grávida, e pensar que não deveria ter trabalhado tão duro naquela pintura ou que deveria ter dormido mais. Deixei de tomar minha vitamina por um dia. Talvez tenha segurado minha outra filha no colo. E de alguma forma sou mesmo culpada. Deus permitiu que isso acontecesse como resultado do impacto do pecado desde os tempos de Eva".

O que posso fazer para prevenir que isso aconteça novamente? Um jovem pai perguntou: "Tem alguma coisa a mais que poderíamos ter feito? Teria ajudado se tivéssemos controlado semanalmente os níveis hormonais e recorrido a medicamentos para ajustá-los conforme fosse necessário?".

E as perguntas teológicas

Não me espantou o fato de surgirem perguntas teológicas.

Por que eu? "Por que isso aconteceu justamente comigo? Eu queria esse bebê enquanto outras mulheres jogam seus be-

bês no lixo, abortam ou prejudicam o bebê enquanto estão grávidas."

Como um Deus amoroso pode permitir que isso aconteça? Será que Deus me privou de seu amor? "Algumas pessoas me disseram: Deus amava tanto seu bebê que o quis de volta para Ele", Jodi disse. "Pensei: Será que Deus ama mais a meu filho do que a mim? Mesmo que eu culpasse a mim mesma ou a meu marido, de muitas formas eu culpava Deus. Eu me sentia abandonada por Ele e pensava: Será que o Senhor me odeia tanto assim para fazer isto comigo?"

E ainda outras perguntas: *Será que algum dia eu verei meu bebê? Os bebês vão para o céu?*

Caminhando pelo vale sombrio com alguém que já sofreu um aborto espontâneo.

As sugestões e os princípios que damos a seguir podem ser usados em ocasiões variadas para orientar o discipulado bíblico com alguém que sofreu um aborto espontâneo.

Ouça com compaixão

Ouça pacientemente, sem julgar. Ouvir com compaixão e fazer perguntas cuidadosas são atitudes importantes principalmente para uma mãe que acredita que sua dor é considerada irrelevante ou sem importância. Ruth comentou: "As pessoas ajudaram-me mais quando ficaram ao meu lado e sofreram comigo. Quando a Bíblia diz que devemos chorar com os que choram e nos alegrarmos com os que se alegram, ela está realmente certa. Isso ajuda a curar".

Envolva-se com gentileza, sem pressionar. Dedique tempo para caminhar com os pais em meio ao sofrimento. Durante essa caminhada, aponte com ternura para o Senhor. "Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo" (Gl 6.2). Encoraje-os a freqüentarem a igreja fielmente e também a se envolverem com um grupo de oração para que seus fardos sejam compartilhados apropriadamente.

Anita viu a mão de Deus atuar por meio dos amigos que Ele proporcionou durante seu período de sofrimento. "Senti que minha vida estava em convulsão, mas também pude ver o cuidado de Deus proporcionando-me apoio amoroso quando mais precisei. Não posso deixar de acreditar que Ele me ama e está ciente dos detalhes da minha vida."

Fale com cuidado

Seja sensível à orientação do Espírito Santo para saber quando falar e quando ficar em silêncio. Não fale apenas para sentir-se útil. Além disso, não tente resolver a situação com uma explicação racional para a dor. Não procure explicar o inexplicável nem dar soluções fáceis para a perda.

Evite respostas do tipo "Foi assim que Deus decidiu lidar com a deformação", "Deus amou tanto o seu filho, que quis levá-lo para morar com Ele no céu", "Bem, pelo menos você ainda tem seus outros filhos", "Sei como você se sente", "Deus planejou tudo dessa forma", "Não era um bebê de verdade", "Você pode tentar novamente". Comentários como estes são insensíveis e negam a inescrutável transcendência de nosso Deus, que escolhe muitas vezes não nos proporcionar respostas.

E, por favor, não diga "vou orar por você", a não ser que se disponha realmente a fazê-lo. Jodi disse que se cansou de ouvir essas palavras porque não acreditava nelas. "Vou orar por você" é uma mentira

cristã bem comum. Para provar que você cumpre sua promessa, pare imediatamente para orar com os pais. Faça com que eles saibam que você continua a orar por eles, buscando a Deus em favor deles. Periodicamente, pergunte se eles têm outras necessidades pelas quais você poderia orar, e ore.

Jodi aconselhou: "Diga 'Sinto muito pela sua perda'. Isso é tudo, a não ser que a pessoa peça conselho. É melhor ouvir do que falar. Fique apenas disponível. Nossa sociedade sente-se incomodada com o silêncio, com a quietude. Fique, porém, em silêncio". Os amigos e os conselheiros devem tomar cuidado para considerar a perda sem sentimentalismo e sem achar que o assunto deve ser levantado cada vez que cruzam com os pais. Os casais enlutados querem poder conversar sobre outras coisas também, embora não seja necessário fingir que o aborto não aconteceu.

Compartilhe uma experiência de perda que vocês tenham em comum, não em grandes detalhes, mas para expressar preocupação e oferecer esperança. "Acho que eu teria gostado de ouvir alguém que me contasse, talvez por meio do simples relato de sua história, a dificuldade que o marido tem de entender como o aborto espontâneo afeta a esposa", Matt confidenciou. "Não quero dizer que o aborto não tenha tido importância ou tenha sido insignificante na minha mente e no meu coração, mas não entendi a extensão do impacto que ele teve na vida de Jodi logo após a perda, e também meses depois. Ouvir isso de alguém que já tivesse passado pela mesma situação teria me ajudado."

Seja paciente

As Escrituras consideram que há tempo para chorar (Ec 3.1,4,7). Dê aos pais tempo e espaço para chorarem. "Deixe os pais chorarem com você", Jodi aconselhou. "Provavelmente, esta é a coisa mais importante que você pode fazer." Ao invés de desculpar-se por ficar sem jeito diante das lágrimas que rolam dos olhos da mãe, expresse sua compaixão pelo sofrimento dela. Tenha o cuidado de expressar tristeza ao invés de desaprovação. Ruth foi criticada por chorar, mas ela sabiamente respondeu com o Salmo 56: "Deus conhece as nossas lágrimas. Ele tem um odre para recolhê-las. Eu posso chorar, não tenho que fingir que tudo está bem. Acabei de perder um bebê".

Encoraje e direcione os pais para que passem tempo extra com o Senhor e Sua Palavra enquanto choram. "A vida passa e você reconhece que tem de seguir caminho", Andrea observou. "O mundo não pára por muito tempo por causa da tragédia de uma pessoa. Penso que Deus quer que busquemos a Ele e Sua verdade. Se tentarmos caminhar rápido demais, perderemos as bênçãos que acompanham a comunhão mais íntima com Ele. Mas também não quero dizer que devemos nos espojar no sofrimento por um período de tempo excessivo."

Mindy concordou: "Creio que não permiti a mim mesma sofrer com a perda. Tudo aconteceu tão rápido e minha vida estava tão agitada que não tomei tempo para lidar com a dor de forma saudável quando tudo aconteceu".

Compartilhe a Palavra de Deus

Permita que os pais façam perguntas difíceis e não os condene. Direcione-os para que baseiem suas perguntas no caráter de Deus e busquem as respostas nas Escrituras. A Palavra foi importante para todos os entrevistados, particularmente as passagens relacionadas ao amor fiel de Deus e Sua soberania. Andrea encontrou ajuda nos seguintes versículos de Salmos:

> "Volta-te para mim e tem compaixão, porque estou sozinho e aflito. Alivia-me as tribulações do coração; tira-me das minhas angústias. Considera as minhas aflições e o meu sofrimento e perdoa todos os meus pecados." (Salmo 25.16-18a).
>
> "Uma coisa peço ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no seu templo. Pois, no dia da adversidade, ele me ocultará no seu pavilhão; no recôndito do seu tabernáculo, me acolherá; elevar-me-á sobre uma rocha. No seu tabernáculo, ofereceerei sacrifício de júbilo; cantarei e salmodiarei ao SENHOR." (Salmo 27.4-5, 6b).
>
> "O SENHOR é a minha força e o meu escudo; nele o meu coração confia, nele fui socorrido; por isso, o meu coração exulta, e com o meu cântico o louvarei." (Salmo 28.7).
>
> "Eu me alegrarei e regozijarei na tua benignidade, pois tens visto a minha aflição, conheceste as angústias de minha alma." (Salmo 31.7-8).
>
> "O Senhor está perto dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido." (Salmo 34.18).

Cada uma dessas passagens coloca lado a lado o sofrimento de Andrea e a bondade de Deus.

Anita foi consolada pelo Salmo 100.5: "Porque o SENHOR é bom, a sua misericórdia dura para sempre, e, de geração em geração, a sua fidelidade". Ela escreveu: "De alguma forma, em meio àquele tempo de confusão, Deus me deu a confiança de que Ele estava operando em Sua fidelidade para a geração seguinte, mesmo que essa geração não incluísse o meu filho".

Jodi descansou em duas passagens: "Como pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam ele guiará mansamente" (Is 40.11) e "Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros" (Tg 4.8).

Matt ainda lembra muito distintamente que "na noite do aborto, fui sozinho para a sala de estar e li Jó 41-43. Para mim, foi muito significativo ser lembrado de que Deus estava no controle do mundo e de nossa vida, e que Ele agiu de acordo com Sua vontade, não a nossa. Para outras pessoas, não sei se aquela passagem teria causado um afastamento de Deus, lembrando-as de que Deus poderia ter prevenido o aborto pelo Seu poder. No meu caso, penso que a passagem foi poderosa para me curar, mas entendo que o Espírito Santo conduz ao texto bíblico adequado para cada indivíduo".

Consola-nos saber que Deus tem um propósito para uma criança que não nasceu (Jr 1.4-5). Esse conhecimento pode nos dar esperança de que os planos de

Deus para a humanidade não estão restritos somente a este mundo.

Seja cuidadoso com o momento e a maneira de usar Romanos 8.28: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito". Se escolher usar este versículo, tome o cuidado de apontar para o fato de que a definição de Deus para a palavra *bem* - "conformidade à imagem de Seu Filho" - encontra-se no versículo 29. Mostre que os sofrimentos e as lutas reais não são ignorados na Bíblia (Rm 8.18-27; 35-39). De outra forma, à medida que os pais lutam com a idéia de que alguma coisa boa deveria surgir em meio a tanta perda, o texto bíblico pode parecer sem sentido. Romanos 8.28 geralmente é muito apropriado quando usado por uma pessoa que já passou por uma experiência de perda, que pôde aplicá-lo à própria vida e é capaz de ser sensível à dor dos pais. A verdade da passagem torna-se mais evidente após os pais terem caminhado pelo vale durante algum tempo.

Ainda que Deus nem sempre nos dê explicações, as passagens a seguir podem oferecer respostas úteis. Hebreus 4.15-16 e 1Pedro 2.18-21 expressam a experiência pessoal de Deus com a dor e o sofrimento. Deus entende o seu sofrimento porque Ele também sofreu. Seu único Filho morreu em meio à agonia. Alguns dos propósitos de Deus para a dor e o sofrimento podem ser encontrados em Romanos 5.3-5, Tiago 1.2-4 e 2Coríntios 1.3-4. Use essas passagens para incentivar esperança no plano infalível de Deus para o casal. Tome cuidado para não minimizar a dor e esperar que o casal sare muito rapidamente.

Reforce a perseverança, a fé e a confiança em Deus. Encoraje os pais que sofrem a não abandonarem a sua fé. "Tenho que confiar que Deus vai me ajudar a alinhar meus sentimentos com a razão", exclamou uma mulher. "Relembro todas as coisas que sei sobre Deus. Muitas vezes tenho que dizer: 'Não sinto assim, mas essa é a verdade a respeito de Deus'. Não consigo viver sem Ele. Não consigo nada por mim mesma. Dói muito".

Para um encorajamento à perseverança, use passagens como Provérbios 3.5-6: "Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas".

Ofereça consolo

Escreva cartões e ofereça palavras de encorajamento, mas não palavras em excesso. Seja sensível, mas sem ignorar a dor. Matt afirmou que "era melhor não dizer muito. Na maioria das vezes, eu apenas precisava saber que as pessoas se importavam conosco e oravam por nós". Tome cuidado para não ficar muito tempo com o casal e prolongar o assunto, mesmo quando está falando das Escrituras.

Sugira que ouçam músicas evangélicas e escrevam um diário centrado em Deus. Ruth manteve um diário organizado cuidadosamente para centrar os pensamentos na Palavra de Deus ao invés de sua dor. "Gostaria de ter escrito um diário ao longo de toda minha vida", ela escreveu. Jodi tem talento na área musical e ficava tão emocionada com algumas canções, que escreveu uma canção de ninar para celebrar o seu bebê.

Fique ao lado dos pais enquanto eles cultivam a lembrança do bebê. A maioria das mães entrevistadas encontrou consolo em lembranças que reconheciam a existência do bebê. Muitas delas deram nomes aos seus bebês. Um marido adicionou uma pedrinha na pulseira de sua esposa para lembrar o bebê. Outro casal plantou algumas árvores no jardim que florescerão na primavera, a estação em que o aborto ocorreu. Outros pais criaram obras de arte, escolheram ornamentos de Natal, adicionaram uma página num álbum de recordações ou fizeram um jardim especial.

O aniversário de um ano é uma data particularmente crítica para muitos, e os memoriais parecem amenizar a dor. Ruth comentou: "De alguma forma o meu corpo sabe o que aconteceu e geme por aqueles bebês perdidos. Dois anos após o aborto de nosso primeiro filho, meu pastor foi convidado a falar no hospital local no culto anual para mães que sofreram um aborto espontâneo. Os organizadores presentearam-no com uma pequena cruz e pediram que escrevesse o nome de um bebê na cruz. Deus colocou em seu coração o nosso bebê, e ele escreveu: 'Bebê Christensen, sempre amado'. Foi um lembrete maravilhoso de que Deus estava cuidando do nosso precioso bebê".

Procure mais ajuda

O aconselhamento informal oferecido por amigos pode ser muito eficiente quando os conselhos são bíblicos. Liste os amigos que podem estar disponíveis em momentos críticos para sentar ao lado dos pais enlutados, prontos para ouvir - sem se sentirem obrigados a falar - e preparados para oferecer ajuda bíblica na hora certa.

Planeje oferecer ajuda prática e providencie alguém para cuidar das crianças, lavar as roupas, preparar as refeições, fazer compras, dar carona e assim por diante. Também ofereça ajuda específica, não diga apenas "ligue se precisar de alguma coisa".

Encoraje o casal a buscar conselhos bíblicos com um cristão maduro que lhes seja familiar e com quem se sintam à vontade para conversar. "Vivi o paradoxo de querer desesperadamente receber conselhos e me sentir tão vulnerável a ponto de não querer confiar em ninguém que eu já não conhecesse", disse Anita. "Eu me sentia à vontade para conversar com o pastor titular de nossa igreja. Mas quando fui agendar um encontro e percebi que a conversa seria com o pastor de aconselhamento, alguém que eu não conhecia, recusei. Conversei com o ministro de louvor a quem eu conhecia razoavelmente bem e cuja esposa também tinha passado por um aborto espontâneo."

Ajuda para o conselheiro bíblico

Diante do aborto espontâneo, os casais crentes foram testados em sua fé e forçados a encarar perguntas extremamente pessoais, difíceis ou impossíveis de se responder. Alguns se sentiram sobrecarregados. Quase todos se voltaram para as Escrituras em busca de respostas, porém muitos ficaram confusos por não conseguirem encontrar consolo nos textos bíblicos.

Como conselheiro bíblico, você está diante de uma situação favorável para explorar assuntos teológicos importantes. Faça-o com paciência e grande compaixão. O sofrimento e a angústia não são pecaminosos, mas o processo de caminhar pelo vale pode ser longo e árduo. O conselheiro sábio caminha com brandura ao lado

do casal para encorajar sua fé em Deus. Ouça atentamente e seja muito tardio no falar (Tiago 1.19). Lembre-se de que o Espírito Santo opera. Mantenha alguns alvos em mente enquanto você trabalha com os que sofreram com o aborto espontâneo.

1. Identifique os anseios dos pais e suas perguntas.

Procure conhecer os anseios que estão no coração dos pais e suas expressões. Faça muitas perguntas de exploração do tipo:

O que dá direção e significado à sua vida?

Onde você encontra forças para prosseguir?

O quão importante é para você ser um pai (uma mãe)? Por quê?

Como você reage quando as suas emoções estão no auge? No que você pensa?

A experiência do aborto o levou mais para perto de Deus ou afastou você de Deus? Por quê?

Que relevância Deus tem para o seu dia-a-dia?

Quando Deus não age de acordo com as suas expectativas, o que você pensa, sente e faz?

Você busca a Pessoa de Deus no seu sofrimento? Ou você busca respostas para as suas perguntas e alívio para a sua angústia?

Repare também na natureza das perguntas que eles fazem. Explore cuidadosamente as pressuposições por trás de cada pergunta. Atente para a interpretação que fazem da experiência do aborto espontâneo. As Escrituras são a base dos seus questionamentos e conclusões? Até que ponto uma premissa errada pode ter produzido ou intensificado sua angústia?

Volte-se para as Escrituras para testar as pressuposições e interpretações. Baseado no caráter verdadeiro de Deus e na Sua bondade, ajude-os bondosamente a redirecionarem seus pensamentos e reconstruírem perguntas de um ponto de vista bíblico. Quando você reestrutura perguntas com paciência, compaixão e cuidado, a esperança começa a crescer.

2. Ajude-os a expressarem a tristeza.

Encoraje o casal para que ande pela fé e não por vista, apegando-se às promessas de Deus. Use textos bíblicos como os Salmos para dar exemplos de esperança. "Clamam os justos, e o SENHOR os escuta e os livra de todas as suas tribulações. Perto está o SENHOR dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito oprimido" (Sl 34.17-18).

Mostre os benefícios duradouros que Deus está construindo em sua vida à medida que eles seguem a Cristo e Seu exemplo, ou seja, paciência, esperança, força e perseverança.

A tristeza de Andrea produziu uma esperança renovada na soberania de Deus: "Quando buscávamos respostas, nosso pastor disse de forma amorosa, honesta e firme: 'Vocês precisam aceitar esse fato como vindo das mãos de Deus. Ele não erra. Nada passa por entre Seus dedos'. Desde então, Deus tem-nos dado força e coragem para confiar nEle não importa o que aconteça ou como as coisas possam parecer de uma perspectiva terrena".

3. Identifique-se com o sofrimento deles. Mostre que Deus é o nosso consolador.

Estabeleça o seguinte desafio: "Voltem-se para a Palavra de Deus, conversem com Deus e dependam de Deus, creiam verdadeiramente e coloquem sua fé e esperança em Deus independentemente dos sentimentos, mesmo quando a dor e a tristeza persistem. Permitam que as dificuldades os aproximem dEle e leve-os para os braços eternos de Deus. Permitam que, na tribulação, Deus lhes ensine mais e mais a respeito de Sua Pessoa. Aprendam a buscar a Deus mais do que o conforto terreno. Vocês descobrirão que Deus é digno de confiança". Use o seguinte texto bíblico para encorajá-los: "Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar" (1Pe 5.10).

4. Cuidado com a autocomiseração e com mergulhar na ira, no medo e no desespero.

A autocomiseração diz, na verdade, que "Deus não tem sido bom para mim" e "Deus não é grande o suficiente ou não se importa o bastante para me proteger". Ainda que uma mulher não possa diretamente mudar suas emoções, ela não precisa deixar que elas a governem. Firme os olhos na Palavra para encontrar a verdade sobre a fidelidade, o amor, a soberania e o poder de Deus. Não só Deus está no controle, como também Ele deu aos crentes um espírito de "poder, de amor e de equilíbrio" (2Tm 1.7).

Ajude os pais a focarem o caráter que Cristo expressou quando viveu fortes emoções e a moldarem suas reações de acordo com as de Cristo. Atente para como Cristo orou:

> Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem. (Hb 5-7-9)

A semelhança de Cristo mencionada em Romanos 8.29 cresce em nossas experiências de dor e de perda.

5. Encoraje-os a edificarem seu relacionamento com Deus.

Ensine que Deus retém algumas respostas, mas que Ele não se distancia de nós. Seus caminhos e pensamentos são altos demais para nós e nem sempre podemos alcançar Seu entendimento.

> Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos (Is 55.8-9).

Andrea observou: "Sempre haverá muitas coisas na vida que escapam ao nosso entendimento. Cultivar uma perspectiva bíblica da eternidade, com os olhos

fixos em Jesus, é o que faz toda a diferença. Pode ser uma idéia simples, mas ela fez toda a diferença ao longo dos anos quando tivemos de lidar com cirurgias, questões emocionais, o aborto e outras situações mais. Deus é soberano e bom. Não são duas verdades que se excluem mutuamente, mas que convivem em perfeita unidade".

6. Enfatize a esperança que resulta da adoração a Deus.

A obra completa de Deus em Cristo dá aos pais enlutados esperança *no presente* e certeza do cuidado contínuo de Deus. Ela também dá a esperança *futura* de que um dia estaremos com nossos queridos que partiram em Cristo. "Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança" (1Ts 4.13).

A identificação com o sofrimento de Cristo é motivo para renovar a adoração a Deus à medida que eles reconhecem claramente o sacrifício envolvido na morte de Seu Filho amado.

Deus é exaltado em Sua atuação. Ele planejou e criou o bebê. Os dias de vida do bebê chegaram à sua plenitude e cumpriram o plano de Deus para aquela pequena vida.

> Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe. Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem; os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra. Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda (Sl 139.13-16).

E Deus está igualmente envolvido na vida dos pais. "Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus" (Fp 1.6).

Deixe que a fragilidade humana fale da nossa total dependência de Deus. A vida é um presente que deve ser apreciado, mas não pode ser agarrado com muita força. Kent disse que esse conselho pode ajudar nos estágios iniciais de cada gravidez. "A primeira vez que ouvi mencionar o quanto o aborto espontâneo é comum foi quando passamos por nossa primeira perda. Se eu já soubesse disso antes, não teria tomado por tão certa aquela gravidez nem teria ficado tão surpreso com o aborto."

Estimule as mães a cuidarem de sua saúde, mas lembre que Deus é soberano sobre a medicina. Em geral, a causa do aborto é desconhecida de todos, menos dEle. Portanto, as medidas preventivas e as tentativas de explicar o que aconteceu podem ser frustradas. Ainda assim, o coração pode descansar no Criador amoroso, infalível e grandioso.

"O aborto fez com que eu buscasse a Deus para suprir minhas necessidades mais básicas", disse Mindy. "Também acredito que o meu relacionamento com Deus foi fortalecido por saber que Ele é soberano."

Aponte para o céu. As conseqüências ruins de viver neste mundo amaldiçoado pelo pecado fazem-nos gemer e ansiar por nosso lar verdadeiro. Somos forasteiros aqui, mas o céu nos aguarda.

7. Trabalhe para fortalecer o casamento.

Observe o caráter do amor sacrificial de Deus em 1João 4.7-19. Muitos casais não entendem a natureza do amor de Deus e por isso não sabem amar uns aos outros em Cristo como Deus pede que façam. Veja também Mateus 22.37-39 e Efésios 5.22-23. Procure fortalecer o relacionamento conjugal pela edificação do amor bíblico entre marido e esposa. A partir de 1Coríntios 13, ensine que o amor age de acordo com o melhor interesse da outra pessoa. Compartilhe como eles podem aplicar cada aspecto do amor mencionado naquela passagem. Ensine os casais a consolarem, edificarem e apoiarem um ao outro. A comunicação paciente é muito importante, mesmo quando é difícil saber o que dizer.

Encoraje o estudo das Escrituras e a oração, principalmente quando o medo de outra gravidez afeta a intimidade do casal. Cada um deve buscar servir ao invés de ser servido, e deve aceitar ajuda com coração grato. Mostre como Deus usa as lutas para aproximá-los um do outro. Estimule o envolvimento da família em uma igreja local fiel à Palavra para que tenham adoração, encorajamento, consolo, comunhão, exemplos piedosos, pregação, ensino, prestação de contas, evangelismo e outras oportunidades ministeriais.

8. Mostre-lhes como podem ministrar a outros casais que também passaram pelo aborto espontâneo.

As Escrituras mostram claramente que Deus "nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus" (2Co 1.4). Ruth acredita que a morte desses bebês seja instrumento para aproximar algumas pessoas de Deus. "Deus pode usar até mesmo a vida de um bebê que não chegou a ver a luz." Deus usou uma carta de oração de uma mãe para levar um ateu professo aos Seus pés. Kent percebeu que o aborto abriu algumas portas para o evangelismo junto aos colegas de trabalho: "A situação tirou as pessoas da rotina e trouxe à mente Deus e Sua vontade para nós".

Louve a Deus por Ele aprofundar a sua maturidade espiritual e a habilidade de amar a outros. "Posso ouvir e comunicar minha verdadeira tristeza", escreveu Erin. "Mas também posso comunicar minha esperança no Senhor e Sua soberania." A conformidade à imagem de Cristo é um estilo de vida em que o amor por outras pessoas é cada vez maior.

Esperança para os pais enlutados

Quando oferecida com paciência, compaixão e sensibilidade, a sabedoria de um conselho bíblico torna-se valiosa nos momentos críticos durante e após o aborto espontâneo. À medida que conduzimos os casais às Escrituras nas horas de grande necessidade, eles encontram Jesus - pronto para consolar, exortar, fortalecer e perdoar. A perda torna-se um ganho inexplicável em Cristo.

Para encerrar, aqui está a descrição que Anita deu de um vale de esperança: "Tenho devorado o material de estudo bíblico. Quero saber cada vez mais de Jesus e de como Ele se deixou conhecer por aqueles que estavam com sede. Cheguei à conclusão de que se algum dos meus bebês

tivesse conseguido sobreviver, eu não teria tido esses momentos com Jesus. Comecei a imaginar se foi para isso que Ele planejou a perda, e se foi preciso perder os bebês para que eu tivesse mais sede dEle conforme Ele queria de mim. Os dois anos que se sucederam aos abortos têm sido repletos de oportunidades para descobrir que a única garantia nesta vida é Jesus. À medida que essa verdade toma conta do meu coração, descubro que sou capaz agora de abrir as mãos que se apegam forte demais a tudo quanto penso que seja meu. Ironicamente, quando mais entrego essas coisas, menos sou consumida pelo medo da perda. Uma fonte singela de graça cresce em meu coração".

A Bíblia e a Dor da Infertilidade

Kimberly e Philip Monroe[1]

I. Da esperança ao desespero

Kimberly e Philip Monroe[1]

Você já passou por uma cirurgia para remover o apêndice? Você precisou de aconselhamento para lidar com problemas relacionados à perda dessa parte do seu corpo? Ou você já aconselhou alguém que perdeu o apêndice? É provável que não. Você pode viver uma vida plena sem o apêndice. Você pode ir ao trabalho, cortar a grama, ir ao supermercado e ter uma vida normal. Por que, então, é tão devastador quando seu sistema reprodutivo não funciona, mas você ainda consegue fazer todas essas coisas?

Em resposta a uma pesquisa, 63% das mulheres que passaram pela infertilidade e pelo divórcio qualificaram a infertilidade como mais dolorosa do que o divórcio. Em outra pesquisa, mulheres que tinham doenças crônicas ou doenças com risco de vida qualificaram a dor emocional da infertilidade como equivalente à de uma doença terminal.

Lidar com a infertilidade é difícil. O desejo que Deus deu de ter filhos fica frustrado. Durante a fase de crescimento, as pessoas costumam dizer: "Quando você casar e tiver filhos...". Todos presumem que sejamos férteis.

A infertilidade despedaça sua identidade. Formamos um quadro mental típico: estar casado, ter a casa própria, um carro e um cachorro. Mas onde estão os filhos? A imagem colorida perde o brilho. A infertilidade costuma ser mal compreendida e as pessoas menosprezam-na. Alguém que tem uma doença crônica ou terminal recebe apoio de todos à sua volta. Mas um casal que luta com a infertilidade

[1] Tradução e adaptação de *The Bible and the Pain of Infertility*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 23, n. 1, Winter 2005, p. 50-58.

Kimberly Monroe é mãe de dois filhos (adotados!).

Philip Monroe é diretor do programa de mestrado em aconselhamento no Biblical Seminary em Hatfield, na Pensilvânia.

é tratado com leviandade. "Conte todas as bênçãos." Se um casal diz que quer ter filhos, outro responde: "Pode levar o meu!".

Um em cada seis casais sofre com a infertilidade. Acima de trinta e cinco anos, um em cada quatro casais luta com a infertilidade. Há pessoas que lutam com a infertilidade em sua igreja, no seu trabalho, no seu círculo de amigos. Esses casais precisam da sua ajuda e cuidado.

A infertilidade é uma forma de sofrimento

Vivemos no período pós-queda. Nosso corpo nem sempre funciona como deveria. Ana, Raquel e outras mulheres da Bíblia são testemunhas da grande angústia e dor causadas pela infertilidade. Os casais estéreis sofrem essa mesma angústia e dor nos dias de hoje. Trate-os com compaixão e cuidado.

O círculo vicioso de esperança e desespero

Um aspecto singular da infertilidade é o círculo vicioso de esperança e desespero. No começo do ciclo mensal, a mulher tem grandes esperanças. "Vou engravidar este mês. Sei que vou!" O mês termina, e nada de gravidez. Ela se desespera. O mês seguinte chega com grande esperança novamente, mas sem gravidez. A esperança dá lugar ao desespero. Quando a mulher está em tratamento para a infertilidade, ela tem grandes expectativas. Submete-se ao processo indicado, procura várias alternativas, faz tratamentos novos. Ela tem esperança; quanto maior a esperança, porém, mais profunda é a queda. O desespero intensifica-se a cada tentativa fracassada de conceber.

Casei quando tinha trinta e seis anos. Meu marido, Phil, ainda estudava no seminário e decidimos esperar quase um ano para a primeira tentativa de ter filhos. Depois disso, começaram as tentativas. Em sete meses, nada aconteceu.

Presumi que minha fertilidade estava intacta. Não fazia idéia de que ela cai subitamente à medida que os anos passam. Presumi que, se eu ainda menstruasse, poderia engravidar. Não é verdade. Depois de sete meses procurando engravidar, fui ao meu ginecologista e ele me tranqüilizou: "Anote as variações diárias da temperatura do seu corpo. Quando você está preste a ovular, sua temperatura aumenta em cerca de um grau, e você está fértil". O médico também recomendou que eu fizesse alguns exames para verificar os níveis hormonais. Uma enfermeira ligou para dar a notícia perturbadora: "Seu quadro hormonal está normal para uma mulher no início da menopausa".

Menopausa! Eu tinha 37 anos de idade. Menopausa é para mulheres de cinqüenta anos! Menopausa não é para mim! Como isto pôde acontecer? Ainda não tive minha chance de engravidar! Entrei em pânico, mas meu médico não se alterou: "Não se preocupe. No início, você entrará e sairá do ciclo da menopausa e engravidará durante o período em que não estiver na menopausa". Minha esperança foi renovada.

Durante dois meses, agonizamos à espera de consultar uma especialista em fertilidade. Ela analisou os nossos exames de sangue, elaborou um histórico, examinou e fez perguntas extremamente pessoais com relação à nossa vida sexual. Em seguida, acomodou-se em sua cadeira e disse: "Acho pouco provável que vocês tenham seu fi-

lho biológico". Mal pude falar. No intervalo de uma hora passei de um pico de esperança para um vale de desespero. "Mas", ela disse, "você pode tentar alguns remédios para infertilidade nos períodos em que não estiver na menopausa".

Começamos o processo de exames, tratamentos e remédios para infertilidade. Os exames eram horríveis e a privacidade conjugal desapareceu com o processo. A vida ficou mais complicada. Precisava tomar injeções todas as noites, e cada manhã eu dirigia do subúrbio ao consultório da especialista, na cidade. Lá faziam os exames de sangue e uma ultra-sonografia para verificar se meu ovário tinha óvulos maduros. Outro médico fez uma biopsia endometrial para ver se eu poderia suportar uma gravidez.

Seguimos os procedimentos durante o primeiro mês, mas sem resultados. No segundo mês, ainda nada. Depois de certo tempo, eu parecia uma viciada em drogas, pois tiravam sangue de um braço em um dia e do outro braço no dia seguinte. Começamos o terceiro ciclo, mas foi quando meu pai faleceu. Fui para a Nova Inglaterra, ficar com minha família, e isso interrompeu o tratamento.

Comecei a fantasiar, a negociar com Deus. "O Senhor levou o meu pai, mas talvez o Senhor coloque uma nova vida em mim, não é mesmo?" Por algumas semanas, pensei assim: "Vamos lá, sei que é isso. Tenho certeza que será desta vez". Qualquer tipo de sintoma (náusea, tontura) trazia-me pensamentos positivos, seguidos de uma decepção amarga.

Os aspectos clínicos

Os casais estéreis passam por experiências e frustrações semelhantes na luta para ter uma criança. Os médicos fazem sondagens sobre sua vida sexual. Os procedimentos e os exames são incontáveis. As relações sexuais são agendadas. Outros três aspectos são significativos.

- *Desequilíbrios hormonais.* No topo do ciclo, quando há estrogênio, você está ativa, pensa com clareza e age com um propósito. Você tem tudo sob controle. Mas na parte do ciclo em que entra a progesterona, você reage de maneira diferente. Fica difícil pensar e é mais fácil atolar-se e cair na depressão.
- *Despesas.* Os gastos dependem da cobertura oferecida pelo seu plano de saúde. O nosso plano era muito bom. Todos os nossos exames e consultas foram cobertos, com exceção dos remédios. Gastamos cerca de dois mil dólares em remédios. Os procedimentos médicos mais elaborados, que não são cobertos pelo plano de saúde, podem custar muito mais. As despesas podem acrescentar estresse a uma situação que já é estressante.
- *Decisões.* Por quanto tempo continuar as tentativas? Quantos ciclos? Por quanto tempo é possível suportar essa situação? Também existem questões de ética. Quais são as opções? Podemos usar óvulos doados? Fertilização *in-vitro*? Os casais devem conversar sobre essas questões e chegar a um acordo.

As experiências emocionais

Para o casal que enfrenta a infertilidade, a variedade e profundidade das emoções é grande.

- *Ira.* Não cerrei o punho contra Deus, mas alguns o fazem. É uma área difícil para o cristão, pois sabemos que gerar um filho é mais do que o encontro entre um óvulo e um espermatozóide. A mão de Deus está

envolvida, bem como Suas bênçãos e a Sua vontade para nossa vida. Mas quando você não fica grávida, você questiona Deus. *Por que, Senhor? Temos um casamento feliz. Por que não temos um filho?*

A ira está sempre presente. Explode cada vez que algo relembra sua infertilidade como, por exemplo, os bebês, as mulheres grávidas e as propagandas na televisão. Uma mulher da minha igreja ficou grávida duas vezes enquanto passávamos por esses procedimentos para vencer a infertilidade. Fiquei ressentida. Envergonho-me da minha ira, mas foi isso que senti naquela época.

• *Os sentimentos de inaptidão.* "Eu deveria estar na prateleira das promoções. Não sou uma mulher completa, pois não posso fazer tudo quanto as mulheres foram criadas para fazer." Acho que o marido teria o mesmo tipo de sentimentos se ele fosse estéril. Ele questionaria a sua masculinidade por não poder ser pai. Ele não poderia passar adiante seu nome.

• *A sensação de perda do controle.* Alguns casais decidem dar início à família e a gravidez acontece no segundo ciclo. Parecem ter a vida sob controle. Sentimo-nos totalmente fora do controle com a infertilidade. Você faz aquilo que mandam e agüenta uma jornada turbulenta e caótica. Às vezes, é como se estivesse de longe observando o que acontece, como se fosse apenas um espectador.

• *A tristeza.* As comemorações e as datas especiais são difíceis. Pense no Dias das Mães. Em nossa igreja, certa vez, pediram que todas as mães se levantassem, e todos aplaudiram. Não há nada de errado nisso, mas fiquei machucada. Queria me levantar também, mas simplesmente desmanchei-me. As comemorações são difíceis. Por exemplo, o Natal é muito centrado nas crianças. Os parentes chegam para os jantares de família com bebês adoráveis. Chá de bebê? Impossível! Uma amiga chegada está grávida, mas será que vou ao chá de bebê? Como posso demonstrar meu amor por ela ainda que eu não queira comparecer?

• *O desconforto na igreja.* A igreja que freqüentamos reúne por volta de 300 crianças. Sempre anunciam novos nascimentos. As pessoas seguram seus filhos no colo durante o culto. Durante um ano, não passou um domingo sem que eu não chorasse na igreja. Sentia-me culpada pela minha ira, pela inveja e por não me alegrar com as bênçãos dos outros.

• *O isolamento.* Se Deus não responde às minhas orações, devo ser uma pessoa inferior. Não é uma verdade teológica, mas é o que eu pensava. Sentia-me isolada. Tínhamos um problema crucial e não havia nada que pudéssemos fazer. Procurávamos ser sociais, mas queríamos nos afastar das pessoas.

• *O estresse conjugal.* Tantas decisões. Que tentativas fazer? Por quanto tempo? Tínhamos despesas, muita decepção e muito estresse. Tive medo que Phil se ressentisse contra mim por eu ser estéril. "Será que ele se arrependeu de ter casado comigo?" Esta pergunta surgiu um dia. Ele disse: "Você não é estéril, nós somos estéreis." A resposta dele consolou-me muito.

• *A dor dos familiares.* Os pais sofrem conosco. Eles querem ter netos e ver-nos felizes, mas sentem que nada podem fazer. Minha mãe insistia em perguntar: "Os médicos não podem fazer nada por você?". Seus sogros podem alimentar ressentimentos por você ser estéril. Você casou com o filho deles e agora não pode lhes dar um neto. Minha cunhada teve um bebê du-

rante o primeiro ano do nosso tratamento. Dois anos depois, eles nos ligaram dizendo: "Estamos esperando outro bebê! É um menino". Lembro-me de ter pensado: "Eles têm dois filhos! Eles têm uma menina e um menino, a família perfeita". Se morasse perto deles e precisasse vê-los todos os dias, teria sido difícil alegrar-me com eles. Tive que lutar com esses sentimentos.

◆ *As reações dos amigos.* As pessoas causam muito estresse com reações inapropriadas, comentários impensados ou conselhos inoportunos. Ao mesmo tempo, elas podem ser um grande apoio. Se suas amigas estiverem grávidas, você pode se sentir tentada a evitá-las. Elas podem não compreender os seus sentimentos e perguntar: "Por que você está tão chateada?". Em seguida, elas dizem com aspereza: "Pare com isso!". As pessoas não têm intenção de magoar, mas é exatamente isso que elas acabam fazendo.

◆ *As histórias.* As pessoas contam histórias. "Tive uma amiga que adotou uma criança e depois ficou grávida. Você precisa adotar uma criança." A sua resposta: "Certo. Ótimo plano. Vou adotar uma criança para ficar grávida". Sim, é isso que você gostaria de dizer, mas fica calada. Você está diante de um grau de estresse e desespero parecido com o de lidar com uma doença crônica ou terminal.

◆ *As reações de outros crentes.* As pessoas têm idéias bem definidas sobre quais as técnicas de reprodução que são aceitáveis. Vocês farão fertilização *in-vitro*? É a melhor coisa? É correto para um crente? As pessoas dão suas opiniões sobre uma variedade de métodos. Pode parecer uma invasão da sua privacidade.

◆ *O teste da sua fé.* "Se você tiver mais fé, Deus a abençoará com uma criança. Você simplesmente não tem fé suficiente." "Você não está reagindo ao sofrimento de forma correta." "Confie em Deus! Ele sabe o que é melhor para você. Ele tem coisas boas para você." As pessoas dizem essas coisas de maneira bem informal, e não ajudam em nada. Elas colocam mais um peso para você carregar - você não tem fé suficiente! Em meio à nossa infertilidade, chorei rios de lágrimas. Clamei a Deus e li a Bíblia. Li sobre Ana, Raquel, Sara, Isabel - mas todas elas tiveram filhos! Li essas histórias repetidas vezes, pensando que poderia ajudar. Ajudou de certa forma, pois me mostrou o quanto a infertilidade é dura de suportar. Raquel clamou: "Dá-me filhos, senão morrerei". Em meio à minha angústia, eu chorava e desabafava. Se visse uma reportagem na televisão sobre um bebê que fora jogado no lixo ou uma criança abusada, gritava diante da tela. Era um dos meios de canalizar a minha ira.

◆ *A angústia.* Não houve um funeral, enterro, flores nem cartão de pêsames. No entanto, houve morte: a morte de uma esperança de me maravilhar com uma criança que fosse fruto do nosso amor.

Como um conselheiro trataria o meu caso? Estou irada. Sinto-me defeituosa. Procuro descobrir onde Deus está em meio a tudo isso, mas não consigo. Se eu fosse até você, o que você me diria? Como a sua experiência de ter filhos relaciona-se com a minha infertilidade?

II. Passando pela dor de um desejo frustrado

Philip Monroe

A Bíblia está repleta de clamores e gemidos do povo de Deus. Você os encontra nas narrativas, poesias e profecias. Os salmos de lamentações são 52, em sua maioria escritos por Davi. É como se ele dissesse: "Deus, o Senhor tem que me salvar! Vou morrer! O que o Senhor está fazendo? Por que o Senhor não responde?". Às vezes, ele lamenta o próprio pecado. Mas muitas vezes, clama por causa das conseqüências dos pecados de outras pessoas.

Embora a Bíblia esteja repleta desses clamores, os pastores e os conselheiros bíblicos, algumas vezes, sentem dificuldade em permitir que as pessoas sofram dessa forma. Olhamos para a esperança que Deus tem para elas em meio à dor. Queremos que vejam as bênçãos de Deus e saiam do desespero. Temos medo de ouvir os seus gemidos, pois sentimo-nos incomodados com eles. Seus clamores desesperados testam a nossa fé. Ficamos impacientes e lançamo-lhes jargões bíblicos. Citamos versículos, mas os recitamos à distância e sem compaixão. Quando fazemos isso, tiramos o privilégio da pessoa angustiada de ter alguém que chore com ela. Ficamos incomodados com os clamores confusos, desordenados e até mesmo irados. Se Deus dedicou boa parte do cânon a esses tipos de clamores, por que nós, Seus embaixadores, não podemos dedicar tempo a eles também?

Quero que considere, por um momento, algumas expressões bíblicas de fé em meio ao sofrimento causado por desejos não-realizados. Lembre-se: os desejos que você e eu temos não são necessariamente pecaminosos. Embora nós, pecadores, possamos ter uma perspectiva distorcida dos prazeres da vida - o que nos leva a buscá-los longe de Deus ou a exigir a sua concretização - desejar algo prazeroso não é errado em si. Tiago 4.1 lembra-nos de que o problema com relação aos desejos é que eles causam uma luta interior. A Bíblia reconhece que uma vida de fé inclui chorar pelas perdas, clamar por entendimento e refrigério, irar-se e desesperar-se, mas de forma piedosa perante Deus.

As expressões de fé em meio ao sofrimento

1. O lamento pelas perdas

Homens e mulheres de fé choram enquanto expressam sua fé em meio ao sofrimento. Clamam por alívio, escape, entendimento e perspectiva correta. "Deus, ajude-me a compreender o que está acontecendo." Desejam algo que não têm, e lamentam.

Um amigo chora pela morte de sua esposa de vinte e cinco anos. Ele quer vê-la, tocá-la, sentir seu cheiro e amá-la. Nascemos com esses desejos e anseios e sentimos dor quando eles não são supridos.

Você conhece o cântico "Como a corça anseia pela água, assim minha alma anseia por Ti" (baseado no Salmo 42.1)? A melodia é linda, mas parece não se encaixar com um texto de gemidos e anseios! "Não tenho água, estou seco." Se você estivesse no deserto por três dias, sem água como os israelitas em Êxodo, com certeza não cantaria essa melodia. Você gemeria: "Não vou conseguir! Estou sofrendo".

O que você faz quando os seus aconselhados expressam fortes desejos que ainda não foram realizados? Você os atropela, esmaga? Você pode até barrá-los, mas não consegue eliminar um desejo. Gosto de

comer coisas doces, e com domínio próprio posso parar de comê-las. No entanto, o meu desejo permanece. Não podemos acabar com um desejo quando apenas procuramos bloqueá-lo.

Contudo, Deus usa nossos desejos para nos aproximar dEle. "Tu, Senhor, ouves a súplica dos necessitados; Tu os reanimas e atendes ao seu clamor" (Sl 10.17). Lamentar-se por perdas, guardando a fé, é uma resposta aceitável diante do sofrimento. Jesus lamentou-se quando avistou Jerusalém. "Jerusalém, Jerusalém... quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo de suas asas..." (Lc 13.34). Ele chorou por Lázaro mesmo sabendo que o ressuscitaria dentre os mortos. Você também pode ser fiel a Deus e, ainda assim, lamentar-se.

2. A ira santa

Como posso viver de maneira piedosa quando estou irado? Sem violar o fruto do Espírito, a ira santa é direcionada ao problema real - os resultados da queda. O pecado causou destruição no mundo. Nesse sentido, é correto irar-se contra o pecado.

Porém, quando fico humanamente irado, não quero estar perto das pessoas. Não quero estar com a pessoa com quem estou zangado. Pelo contrário, quero estar longe como que para puni-la um pouco. Isso não é ira santa. A ira santa une as pessoas pela reconciliação e as conduz para mais perto de Deus. A ira santa dirige-se à injustiça e procura corrigi-la.

3. O desespero santo

O desespero santo reconhece a vaidade do mundo. Ansiamos por tantas coisas que nossa cultura, os amigos e os familiares nos dizem serem necessárias para a nossa felicidade. No entanto, no final das contas, essas coisas não trazem esperança e felicidade. O livro de Eclesiastes descreve a vaidade da vida. "Tenho visto tudo que é feito debaixo do sol; tudo é inútil, é correr atrás do vento" (Ec 1.14). Em meio ao desespero, tornamo-nos facilmente pessoas exigentes e amargas. Contudo, o desespero santo não é exigente. Ele permite que outras pessoas ofereçam conforto, e traz à mente a fidelidade de Deus mesmo quando ela não pode ser sentida.

4. O clamor santo por alívio e entendimento

Ao longo das Escrituras, as pessoas levantam clamores durante o sofrimento. Você já se perguntou por que Deus usou tanto espaço na Bíblia para destacar esses clamores e gemidos? Seria para mostrar que o mundo está falido? Sim, em parte. Porém, Deus fala que o nosso sofrimento é precioso para Ele. Ele conta cada uma de nossas lágrimas (Sl 56.8). Clame a Deus assim como outros homens e mulheres de fé fizeram ao longo dos séculos.

Deus é o nosso libertador, mas Ele nem sempre nos liberta conforme esperamos ou achamos que Ele deveria fazer. Às vezes, Ele nos liberta de formas completamente incompreensíveis a nós.

Pense em exemplos bíblicos. Deus disse a Josué: "Caminhe ao redor de Jericó sete vezes. Cante. Toque as trombetas". Não parece estranho? No entanto, as muralhas de Jericó caíram.

Deus mandou Gideão reduzir seu exército de forma significante e sair à conquista dos midianitas com apenas trezentos homens. Deus disse a Jeosafá: "Vá para a batalha, mas mande os cantores à frente".

O exemplo mais contundente, porém, é este: Deus mandou um servo sofredor para ser rei. Seria essa a melhor estratégia? Não, pela perspectiva humana. Deus nem sempre nos dá aquilo que queremos, quando queremos ou como queremos. Precisamos enxergar com novos olhos para ver o que Ele oferece.

Deus ouve nossos clamores e gemidos. Ele está perto daqueles que têm o coração quebrantado e salva os de espírito abatido (Sl 34.18). Gemer de forma santa é lembrar as promessas de Deus, diante dEle. O salmista fez isso repetidas vezes. Ele relembrou Deus de Sua promessa de estar com ele, guiá-lo, sustentá-lo e lhe dar um futuro.

Gemer de forma santa não é algo passivo. Implica a busca de um escape. Se você está doente, procure os líderes da igreja (Tg 5.14). Peça que as pessoas orem por você. Não é errado buscar soluções para pôr fim ao sofrimento. Gemer de forma santa é algo comunitário, pois permite que outros se unam ao seu sofrimento.

Homens e mulheres da Bíblia clamaram por entendimento. Muitos desses clamores eram confusos. Considere quantos versículos do livro de Jó são clamores guturais por entendimento. Deus não repreendeu Jó, embora Ele tenha repreendido os seus conselheiros. Jó arrependeu-se por ter clamado por entendimento? Não. Apesar de ser um homem justo, ele se arrependeu de ter exigido uma resposta de Deus com relação ao seu sofrimento.

Em Lamentações, Jeremias afligia-se por causa dos acontecimentos em Jerusalém. Ele perguntou a Deus: "O Senhor vai nos esquecer para sempre? Por que o Senhor está usando os babilônios (aqueles pagãos) para nos punir? Como pode permitir que eles continuem em seus pecados? Será que o Senhor vai nos salvar?". No meio do livro de Lamentações, depois de vinte e dois versículos nos quais Jeremias descreveu como Deus o oprimiu, fez com que ele comesse pó, quebrou os seus ossos, pegou-o como um urso à espreita e o despedaçou, o profeta disse: "No entanto, minha esperança está em Ti, pois estou vivo. O Senhor está comigo".

Fazemos as mesmas perguntas que Jeremias fez: "Deus, será que o Senhor vai se lembrar de nós? Será que o Senhor vai nos salvar? Sabemos o final da história, mas não sabemos o que acontecerá nesta vida".

Bill Smith, um amigo sábio, disse: "A vida cristã está mais repleta de andanças pelo deserto do que de descanso na Terra Prometida". Não estamos mais no Egito. Deus está conosco e nos libertou da nossa miséria. Ele nos salvou e nos redimiu, mas ainda não chegamos à Terra Prometida.

O que os israelitas fizeram enquanto andavam pelo deserto? Eles murmuraram, gemeram e exigiram que Deus os levasse de volta para o Egito. Deus não respondeu aos seus clamores. No entanto, Ele respondeu aos clamores de Moisés. A fé fez a diferença. "Deus, conheço o Seu caráter. Não entendo o que o Senhor está fazendo, mas sei que o Senhor é o meu Deus."

5. A espera santa

Os cristãos que sofrem também esperam. Não é uma espera passiva, semelhante a uma perseverança estóica. É um descanso ativo na bondade de Deus com a expectativa esperançosa de que um dia as provações terão fim. Phil Ryken, pastor da Décima Igreja Presbiteriana de Filadélfia,

disse: "Choramos e gememos nesta vida. Mas enquanto lamentamos, também esperamos".[2]

A espera protege o nosso coração. Ela nos ajuda a encontrar uma nova direção. Esperamos de forma ativa e não passiva nem fatalista. Não exigimos que Deus faça alguma coisa nem sentamos para esperar até que Ele faça aquilo que exigimos. A espera santa medita no caráter de Deus - sua bondade, santidade, justiça, misericórdia, graça e majestade. A espera santa aprecia as boas coisas que Ele já deu. A espera santa diz: "Senhor, deixe-me enxergar aquelas bênçãos inesperadas que o Senhor já me deu". Isso é esperar, é adorar. A espera ativa também requer um auto-exame. Você percebe o que você ama exageradamente, aquilo que assumiu a proporção de cobiça - como os tratamentos para a infertilidade. Você passa tanto tempo centrado naquele único aspecto, que ele acaba tomando conta da sua vida. Mas você pode esperar e dizer: "Não. Quero apreciar a Deus pelo que Ele é e pelo que Ele tem feito por mim. Quero examinar meu coração. Não quero ser consumido por uma busca insaciável da fertilidade".

Com certa freqüência, os conselheiros bíblicos costumam conduzir logo a um auto-exame e retratam o clamor e a espera santa como algo pacato. Se agirmos assim, frustraremos a oportunidade que as pessoas têm de expressar a sua fé de forma piedosa, chorando e clamando a Deus. As pessoas precisam lamentar e chorar. É uma forma de nos comunicarmos com Deus. Esperar é adorar. Somos consolados pelas verdades e misericórdias de Deus enquanto esperamos. Ele não se regozija no sofrimento, e prometeu livramento. Esperamos mesmo que ainda busquemos respostas para os nossos problemas.

Os alvos essenciais do aconselhamento

De que maneira os conselheiros podem trabalhar com casais que lutam com a infertilidade? Três áreas requerem maior atenção.

1. Avaliação

Enquanto os aconselhados contam sua história, pergunte a si mesmo: "O que ouço quando meu aconselhado fala sobre sua dor?". Por exemplo, como era o relacionamento do casal antes do problema da infertilidade? Como eles se comunicavam e ministravam à vida um do outro? Eles conhecem a Cristo? Quem é Deus para eles? Quem era Deus antes dos tratamentos para a infertilidade? Em que etapa de solução do problema eles estão agora?

2. Educação

Se o casal já iniciou o tratamento para a infertilidade há algum tempo, eles provavelmente conhecem tudo sobre as últimas novidades em questão de tratamentos. No entanto, podem precisar de orientação em outros aspectos.

- Os *ciclos emocionais e hormonais.*

Muitas vezes, os aconselhados pouco sabem sobre os ciclos emocionais e hormonais pelos quais a mulher passa a cada mês. Quando o nível de estrógeno sobe, a mulher tem a tendência de sentir-se feliz e cheia de energia. Provavelmente, ela tem maior esperança de engravidar.

Paráfrase de Philip Graham Ryken, *Jeremiah and Lamentation: From Sorrow to Hope* (*Jeremias e Lamentações: da tristeza à esperança*) (Wheaton: Crossway Books, 2001)

Então sobe o nível de progesterona, ela fica menstruada e tem uma queda tanto física quanto emocional. Será que o casal entende esses ciclos e considera as necessidades que surgem em diferentes etapas do caminho? Eles já consideraram quanto tempo estão dispostos a seguir os tratamentos? Que tratamentos eles têm escolhido?

◆ O *estresse.*

Apesar de você não poder dizer simplesmente "relaxe", alguns estudos indicam que o casal que se estressa pouco e apresenta uma visão positiva da vida têm maior probabilidade de conceber. No papel de conselheiro, analise como você pode ajudar a reduzir o estresse produzido pelos tratamentos. Sugira que eles tenham momentos de meditação na Palavra de Deus e momentos de diversão como casal. Além disso, sugira que o casal não converse sempre sobre a infertilidade, pois precisam se importar com as outras coisas que Deus está dando no momento.

3. O lamento certo

Posso viver uma vida piedosa enquanto me lamento, estou irado ou clamo a Deus? Verifique como o povo de Deus agiu na Escrituras. Quando se lamentavam de forma piedosa, eles davam voz às suas dores. Olhe para o livro de Lamentações. "Sinto-me isolado. Sinto-me só. Sinto-me oprimido." Os lamentos também expressavam ira contra a injustiça e pediam que Deus providenciasse um escape. Ajude seus aconselhados a expressarem tudo isso e, ao mesmo tempo, agradecerem a Deus e terem esperança para o futuro. No entanto, a ira e a dor impedem o pensamento claro. Seus aconselhados não conseguem encontrar ajuda na leitura de um artigo longo e profundo. Portanto, ofereça a eles uma mensagem breve e simples à qual possam se agarrar - sugira, talvez, um texto ou um versículo bíblico. Eles precisam lutar, mas também devem esperar. Motive-os a adorarem a Deus na espera e nos clamores e a permitirem que Deus examine o seu coração.

Para que possam prestar ajuda real a outras pessoas, os conselheiros precisam entender como eles mesmos reagem ao sofrimento e à dor. Caso contrário, eles transmitirão seus erros e preconceitos aos aconselhados. Como você, conselheiro, reage aos problemas da vida e à perda? Como você se lamenta? Será que você é um fatalista como eu? "Bem, não tem muito que podemos fazer. Não fique chateada, Kim, haverá outros ciclos."

Às vezes apresentamos uma resposta pronta àqueles que estão sofrendo. Entramos em *modo de conselho*. "Você já tentou isso?" "Já tentou aquilo?" No entanto, essa abordagem apenas procura resolver o problema e não estabelece um relacionamento com o casal. Também existe a resposta idealista. As pessoas dizem: "Não se preocupe, tudo vai dar certo no final". Minha primeira reação diante de uma afirmação como esta é a irritação. "Como você sabe?" Mas ao invés de dar uma resposta, desligo-me e não dou ouvido.

O que você faz para evitar o incômodo de uma conversa? Costuma contar a história de um amigo que passou por algo parecido? Não faça isso quando não estiver certo de que trará conforto. Geralmente, reagimos de forma impaciente ao sofrimento dos nossos aconselhados. Tome cuidado.

Avalie a sua experiência nessa área. Talvez você não tenha filhos e sofra com isso. Talvez você tenha vários filhos, mas não desejava tê-los. Talvez você seja um daqueles que dizem: "Olha, pode ficar com meus

filhos!". A sua experiência pessoal afeta até certo ponto a sua interação com os aconselhados. De qualquer forma, pense cuidadosamente em como você encara e aconselha um casal que sofre com a infertilidade.

III. Rumo a uma esperança mais duradoura

Kimberly Monroe

Após vários ciclos fracassados, nosso médico disse: "Não seria antiético dar continuidade aos tratamentos, mas não creio que devemos fazê-lo. Já fizemos tentativas com todos os tratamentos possíveis, não há nada mais que possamos fazer. Você entrou na menopausa prematuramente". Concordamos com o conselho do médico e paramos com os tratamentos.

Na primeira parte do artigo, deixei uma pergunta: "Como você me aconselharia?". Naquela ocasião, nós não procuramos aconselhamento. Não pensamos nessa possibilidade. Estávamos cansados de tudo e queríamos descanso. No entanto, Deus curou nosso coração. O tempo ajudou - tempo para chorar e superar a dor. Pensei que nunca mais iria querer segurar um bebê em meus braços. Mas eu o fiz. Fazíamos parte de um grupo de oração da igreja, que nos deu apoio, compreensão e amor. O líder sempre nos perguntava gentilmente como eles podiam orar por nós, e isso certamente nos ajudou.

Certo dia, pensei: "Deus tem tantas promessas para nós, mas Ele não prometeu uma coisa. Em nenhum lugar nas Escrituras ele prometeu dar-me um filho. Ele não me desamparou. É bom desejar um filho, mas não posso exigi-lo de Deus. Os filhos são bênçãos, mas Deus não os promete a nós individualmente. Não recebemos bênçãos porque somos pessoas boas ou por merecimento. Elas simplesmente chegam". Foi um momento de revelação para mim. Gradativamente, passei a me sentir menos incompleta. Comecei a acreditar que "tudo coopera para o bem" (Rm 8.28). Deus é bom e Ele quer o meu bem. No entanto, no meu caso, esse bem não inclui filhos biológicos. Tive que esperar e confiar nEle.

Quatro anos depois de termos interrompido os tratamentos, demos início ao processo de adoção. Foi então que a aflição tomou conta de Phil. No processo de adoção, é preciso encarar o fato de que seu filho não terá a sua aparência. Eu já tinha superado o sofrimento, já sabia que meu filho não seria parecido comigo, mas Phil ainda não tinha terminado de sofrer. Ele teve que lutar com isso. As pessoas sofrem de maneiras diferentes e em momentos diferentes.

No final, recebemos uma bênção diferente daquela que originalmente queríamos. Uma bênção muito doce e preciosa. Deus operou em meio ao problema e à provação. Ele nos abençoou com uma visão mais clara de quem Ele é, do que realmente importa na vida cristã e de onde devemos firmar nossa esperança. Temos uma esperança duradoura. Pedro diz: "Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que jamais poderá perecer, macular-se ou perder o seu valor" (1 Pe 1.3-4).

Deus é glorificado quando alivia o nosso sofrimento; Ele também é glorificado quando não alivia o nosso sofrimento. Em ambos os casos, Deus sempre procura dar a maior bênção que Ele tem para você: a comunhão íntima com Ele.

Verdades Inabaláveis para Criar seus Filhos sem a Ajuda do Cônjuge

Robert D. Jones[1]

Eu estava com apenas dois anos de idade quando meu pai teve uma morte prematura. Minhas irmãs estavam com doze e quatorze anos. Minha mãe ficou chocada. Ela nunca se casou novamente e criou minhas duas irmãs e eu sem a ajuda de um companheiro. Seu mundo era duro, a vida era difícil e a tarefa era pesada de suportar.

Se você é um pai ou uma mãe que cria os filhos sozinho, se já esteve nessa situação ou conhece alguém que está, é provável que você concorde comigo em dizer que essa é, possivelmente, uma das tarefas mais duras de enfrentar. Ocupar os papéis tanto de pai como de mãe - procurando ser aquela pessoa que provê financeiramente e também cozinha, dirige o carro, consola, lava a louça, auxilia nos deveres de escola, disciplina, cuida da saúde e é um modelo a ser seguido - pode desgastar um homem ou uma mulher dos mais resistentes. Os pais e as mães que estão sozinhos precisam das verdades inabaláveis do nosso Salvador.

Eu não crio meus filhos sozinho, mas conheço algumas pessoas que o fazem e simpatizo-me com elas. Mesmo que neste artigo eu não possa expressar com toda a profundidade as suas mais variadas experiências, alguns conselhos da Palavra de Deus podem guiar e estabilizar o pai ou a mãe que cuida de seus filhos sem a ajuda de um cônjuge e busca conhecer e seguir a Jesus.

1. Veja a si mesmo primeiramente como um cristão e não como uma mãe ou um pai que cria seus filhos sozinho.

Aqueles que cuidam sozinhos de seus filhos sofrem freqüentemente de uma

[1] Tradução e adaptação de *Sturdy truths for single parentes*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 25, n.2, Spring 2007, p. 37-47.

Robert D. Jones é professor assistente de Aconselhamento Bíblico no Southeastern Baptist Theological Seminary em Wake Forest, na Carolina do Norte.

distorção de identidade. Conforme Andrew Farmer expressa de forma perspicaz,

> Uma mãe ou um pai que cuida sozinho dos filhos luta diariamente com um problema básico de identidade. Sou uma pessoa solteira que tem a responsabilidade de cuidar de filhos? Ou sou um pai ou uma mãe que vive basicamente no mundo dos solteiros? É duro desempenhar os dois papéis o tempo todo.
>
> Muitos dos que vivem essa situação procuram ter comunhão com o ministério de solteiros, porém acham que é desafiador transitar no território social dos solteiros, caracterizado pela flexibilidade. Com freqüência, os solteiros têm muito pouco conhecimento das pressões envolvidas na criação de filhos e podem preferir nem mesmo incluir crianças em seu mundo. Outros buscam identificação com as famílias com "pai e mãe", no mundo dos casais, o que pode proporcionar um ambiente de segurança e treinamento maravilhoso para as crianças... mas chega o momento em que os casais vão para casa e, instantaneamente, a solidão de criar os filhos sozinho toma conta do vazio.[2]

Qual identidade, então, esse pai ou essa mãe deveria adotar? Em certo sentido, nenhuma das duas. Embora nossa posição como casados ou pais descreva uma circunstância, ela não constitui nossa identidade. Quer você seja você solteiro, quer seja um pai ou uma mãe, ou viva aquele híbrido desafiador de ter filhos e estar sozinho, nada disso define quem você é. E, quem é você? Ouça as palavras do apóstolo Paulo a todos quantos pertencem a Cristo Jesus:

> Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa (Gl 3.26-29).

Aqui Paulo destaca três categorias comuns para distinguir entre as pessoas daqueles dias - judeu *versus* grego, escravo *versus* senhor, homem *versus* mulher - e ele nos diz que em Jesus Cristo essas diferenças já não existem mais. Não o interprete mal. Paulo não desconsidera as etnias ou as heranças culturais, ele não é alheio às dinâmicas entre escravos e senhores no trabalho nem ignora as diferenças entre o homem e a mulher. Pelo contrário, em outras cartas ele se dirige particularmente a judeus, gregos, senhores, escravos, homens e mulheres - pessoas que representam as distinções que ele afirma não existirem mais em Cristo.

O que Paulo quer dizer? Simplesmente isso: Jesus Cristo define quem somos não de acordo com a nossa condição social, mas pela nossa união com Ele. O evangelho não

---

[2] Andrew Farmer, "*Appendix A: Single Parents and the Church*" (Apêndice A: A igreja e os pais que criam seus filhos sozinhos), *The Rich Single Life* (A vida abundante do solteiro)(Gaithersburg, MD: Sovereign Grace Ministries, 1998), 151. Versão para download disponível no: www.sovereigngraceministries.org.

despreza nossa classe social nem castra nossa identificação sexual. Ele faz com que elas sejam relativas e subordinadas de forma a não mais nos definir nem controlar. No final das contas, o que importa é que somos cristãos, filhos e filhas de Deus, herdeiros das bênçãos prometidas a Abraão, que se cumprem em nossa vida por meio de Jesus.

A maneira de você ver a si mesmo tem grande importância. Gosto muito de uma fala de Donald Southerland no filme *Uma Saída de Mestre*, lançado em 2003. Southerland faz o papel de John, um ladrão bem-sucedido, porém já de uma certa idade, que se especializou no roubo de obras de arte e jóias de alto valor. Ao apreciarem os 35 milhões de dólares resultantes de seu crime, ele lamenta com Charlie, seu jovem aprendiz encenado por Mark Wahlberg, o fato de ter consumido a vida inteira como ladrão e nunca ter parado para ter uma família. Em tom paternal, ele aconselha Charlie: "Sabe, Charlie, existem dois tipos de ladrões neste mundo: aqueles que roubam para enriquecer sua vida e aqueles que roubam para definir sua vida". Balançando a cabeça, ele acrescenta: "Não pertença ao segundo grupo. Isto faz com que você perca as coisas que realmente importam na vida".

Da mesma forma, eu poderia sugerir que existem dois tipos de pessoas casadas: aquelas cujo casamento enriquece sua vida (algo bom) e aquelas cujo casamento define sua vida (algo ruim). Se a definição da sua identidade dependia do casamento, a morte do cônjuge ou o divórcio lhe roubaram a identidade e, provavelmente, murcharam a sua alma. De forma semelhante, se a maternidade ou a paternidade - dentro ou fora do casamento - enriquece a sua vida, você pode lidar com os altos e baixos da condição de ter filhos. No entanto, se você se deixou definir como uma mãe casada ou um pai casado, sua vida precisa agora de uma redefinição radical. Permita que o evangelho defina quem você é.

As implicações de criar os filhos sem a ajuda de um cônjuge são múltiplas. Em primeiro lugar, significa que Jesus é, e anseia ser, a Pessoa mais importante em sua vida, muito mais do que o cônjuge que você teve ou do que o cônjuge que você desejou ter.

> Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre (Sl 73.25-26).
>
> Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude. (2Pd 1.3).

Em segundo lugar, significa que alguns cristãos foram abençoados pela providência de Deus com o casamento e outros, com o celibato. Alguns tornam-se pais, enquanto outros não têm filhos. Todos nós, porém, somos cristãos, somos um em Cristo e temos uma nova identidade ancorada para sempre em nosso Senhor e não em nossa situação social.

Também significa que, aos olhos de Deus, você que é uma mãe ou um pai que cuida sozinho dos filhos tem mais em comum com os crentes casados ou com aqueles que não têm filhos do que com uma

pessoa que também cuida sozinha dos filhos, mas não conhece o Filho de Deus. Há laços comuns que ligam você tanto a Jesus como ao Seu corpo, a Igreja: a regeneração, a presença do Espírito Santo, a Bíblia, os pecados perdoados agora e para sempre, o chamado para a ministração mútua, Deus como Pai, a fé, a esperança e o amor. Você não está exilado na terra das mães e dos pais que cuidam sozinhos dos filhos e banido da ilha dos, supostamente importantes, casados. Também não está marginalizado como cidadão de segunda classe. Não, você vive bem no centro da história redentora de Deus, no centro da Sua obra no mundo, unido com Seu Filho.

Na verdade, você não é uma MÃE SOZINHA cristã ou um PAI SOZINHO cristão (o adjetivo *cristão* suplementa aqui uma identidade supostamente essencial). Você é um CRISTÃO que, no momento, pela providência de Deus, não está casado e tem um ou mais filhos. Ser uma mãe ou um pai que cuida dos filhos sem a ajuda do cônjuge é a sua situação e não a sua identidade. Você é, essencialmente, uma filha ou um filho de Deus em união profunda e eterna com Jesus Cristo.

2. Resolva apropriadamente as diversas questões referentes a como você se tornou uma mãe ou um pai que cuida sozinho dos filhos.

Como você chegou a essa situação? Como você lida com a providência divina que permitiu que isso acontecesse? Deus está sempre pronto a ajudar na solução dessas questões inquietantes.

É possível que o casamento tenha feito parte de sua vida, mas seu cônjuge faleceu e agora você está viúvo ou viúva. Além de ter que lidar com os desafios singulares da tarefa de criar os filhos, você precisa também superar o luto. O processo de luto é bastante doloroso mesmo no melhor dos casamentos. E se o relacionamento com o cônjuge falecido não era bom - se você construiu sua vida ao redor do seu cônjuge como um ídolo ou se a distância, a culpa, a amargura ou os conflitos não resolvidos caracterizavam o casamento - o processo do luto pode se tornar complicado e prolongado.[3]

Talvez você e seu cônjuge estejam separados ou se divorciaram. Juntamente com a tristeza da perda em si, semelhante à dinâmica do luto descrita acima, você tem de lidar com a bagagem do relacionamento quebrado e as complicações atuais com seu ex-cônjuge. É possível que haja disputa pela guarda dos filhos, as responsabilidades compartilhadas, as visitas, o sustento financeiro, as decisões referentes ao bem-estar da criança, aos privilégios dos avós e assim por diante. Você é o responsável pela guarda dos filhos? Este é um fator importante, assim como o grau de envolvimento que seu "ex" deseja ter na vida da criança. Acrescente à situação o desejo de namorar novamente ou as perspectivas de um novo casamento. As pressões que se juntam podem consternar até o mais valente pai ou mãe.

Ou talvez você nunca se casou. Pode ter sido estuprada ou seduzida, ou se en-

[3] Embora o aconselhamento centrado em Cristo referente ao luto na perda do cônjuge (e temas semelhantes) ultrapasse os objetivos desse artigo, recomendo o livreto de Paul Tripp, *"Grief: Finding Hope Again"* (Luto: encontrando esperança novamente), Winston-Salem, NC: Punch Press, 2004.

volveu espontaneamente em um relacionamento de sexo pré-conjugal que nunca chegou até o casamento. Possivelmente, a descoberta da gravidez a surpreendeu. Você enfrentou uma decisão monumental e decidiu ficar com seu bebê, encarando corajosamente os membros da família, os amigos e as vozes interiores que insistiam a favor do aborto. Quer você estivesse ciente ou não, você escolheu o caminho de Deus para seu filho, visto que Deus é aquele que forma os bebês no ventre e somente Ele tem o direito de tirar qualquer vida humana. Talvez você tenha considerado entregar seu bebê a pais qualificados e amorosos ou a uma agência confiável que daria assistência nesse processo, mas no final você escolheu ser uma mãe solteira.

Andrew Farmer reconhece a pressão que pesa sobre você:

> Falamos sobre a necessidade de treinar os filhos com diligência e persistência piedosas, porém as mães e os pais solteiros precisam, com freqüência, criar seus filhos dentro de um sistema complicado e competitivo de autoridades e influências que costuma incluir a mãe ou pai biológico, os avós, conselheiros, audiências, advogados, escolas, mídia e colegas! Talvez ainda mais desafiador é o fato de que uma mãe solteira vive constantemente ciente de que sua maior alegria, aquela criança maravilhosa, está intrinsecamente ligada à vergonha pessoal, à dor, ao fracasso ou a perdas de enormes proporções.

Seja como for que você se tornou e permanece uma mãe ou um pai sozinho com os filhos, a Bíblia transborda de palavras de graça, poder e esperança para você. Deus fala à sua situação específica e a todas as questões envolvidas - culpa, lembranças tristes, ira, amargura, ressentimento, perda, angústia, medo e assim por diante.

Todas as respostas, naturalmente, unem você a Jesus Cristo. Por exemplo, você consegue ver na cruz de Jesus a resposta de Deus para a culpa que você sente pelo fim do casamento ou pelo pecado do sexo pré-conjugal? Como mãe solteira ou pai solteiro, você provavelmente sente bastante culpa - eu conheci poucos em situação semelhante que não se sentissem incapacitados para cumprirem devidamente a tarefa de criar os filhos. Porém, remoer-se em constante culpa pelo passado não é o que Jesus deseja para você.

Ou, talvez, você luta com amargura em relação ao seu ex-cônjuge e percebe que isso não apenas controla a sua vida, mas também afeta as crianças, que espiram o bafo de sua ira. Você consegue assimilar o que significa viver como alguém que foi perdoado diante de Deus de uma dívida multimilionária de pecado, e livrar-se da amargura acumulada contra a outra pessoa (Mt 18.21-35)?

É vital que você lide com sua bagagem acumulada; isso afetará você e os seus filhos agora e nos dias vindouros. Jesus é suficientemente poderoso para ajudar a vencer a amargura.

3. Agarre-se às promessas especiais de Deus de cuidar das viúvas e ser um Pai para os órfãos.

A Bíblia é abundante em promessas para as viúvas e os órfãos. Farmer resume bem o assunto:

> A esperança superabundante das mães que cuidam sozinhas de seus filhos é a paternidade de

> Deus... Deus Pai tem um lugar especial em Seu coração para as viúvas e os órfãos. Seu grande coração bate com compaixão por aqueles que Lhe pertencem e caminham sozinhos.[4]

É possível ver o coração de Deus nas Suas promessas de cuidar de modo especial das viúvas e dos órfãos entre Seu povo:

- Pai dos órfãos e juiz das viúvas é Deus em sua santa morada. Deus faz que o solitário more em família... (Sl 68.5-6)
- O SENHOR guarda o peregrino, ampara o órfão e a viúva... (Sl 146.9)
- Porque o teu Criador é o teu marido; o SENHOR dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; ele é chamado o Deus de toda a terra (Is 54. 5; cf. Os 14.1-3).

Uma das maneiras pelas quais Deus demonstra o Seu cuidado para com os que criam sozinhos os filhos são os mandamentos, ensinos, repreensões e advertências que encontramos nas Escrituras para que as pessoas protejam as viúvas e os órfãos:

- A nenhuma viúva nem órfão afligireis. Se de algum modo os afligirdes, e eles clamarem a mim, eu lhes ouvirei o clamor; a minha ira se acenderá, e vos matarei à espada; vossas mulheres ficarão viúvas, e vossos filhos, órfãos (Ex 22.22-24).
- Não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão; nem tomarás em penhor a roupa da viúva. Lembrar-te-ás de que foste escravo no Egito e de que o SENHOR te livrou dali; pelo que te ordeno que faças isso (Dt 24.17-18; cf. 24.19-22).
- Fazei justiça ao fraco e ao órfão, procedei retamente para com o aflito e o desamparado. Socorrei o fraco e o necessitado; tirai-os das mãos dos ímpios (Sl 82.3-4).
- Não removas os marcos antigos, nem entres nos campos dos órfãos, porque o seu Vingador é forte e lhes pleiteará a causa contra ti (Pv 23.10-11).
- No meio de ti, desprezam o pai e a mãe, praticam extorsões contra o estrangeiro e são injustos para com o órfão e a viúva (Ez 22.7).

A Bíblia, claramente, refere-se a Deus como Pai. Mas o próprio Deus e Seu Filho não se sentem constrangidos de usar também metáforas maternais para se referirem ao Seu cuidado com Seu povo. Embora essas ilustrações não digam respeito propriamente a crentes viúvos ou a órfãos, o princípio contido nas promessas do cuidado de Deus para com aqueles que cuidam sozinhos de seus filhos, e para com os filhos também, vale igualmente para eles.

- Cantai, ó céus, alegra-te, ó terra, e vós, montes, rompei em cânticos, porque o SENHOR consolou o seu povo e dos seus aflitos se compadece. Mas Sião diz: O SENHOR me desamparou, o Senhor se esqueceu de mim. Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti (Is 49.13-15).

[4] Farmer, 153.

- Como alguém a quem sua mãe consola, assim eu vos consolarei; e em Jerusalém vós sereis consolados (Is 66.13).
- Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! (Mt 23.37).

Qual a importância disto? Em meio ao abandono de sua esposa, Scott percebeu que seu relacionamento crescente com Deus transformou suas lutas em bênçãos. "Sem dúvida nenhuma, a única coisa que me sustenta são as promessas de Deus. O poder de Deus dá o que preciso para a vida e a piedade (2Pe 1.3). Sua força atua poderosamente em mim (Cl 1.29). O tema central da vida já não é mais as dificuldades que me sobrevêm, mas a atuação de Deus para me conformar à imagem de Seu Filho."

Como uma mãe ou um pai que cria sozinho os seus filhos pode se achegar a Deus? Amy aponta para sua Bíblia: "Ler Salmos e Provérbios nos momentos de maior dificuldade ajudou-me muito. Participar regularmente de estudos bíblicos, mesmo mais do que o normal, tem-me sustentado. Deus me convenceu de que aprofundar meu relacionamento com Ele era uma necessidade para minha sobrevivência".

Por que isso é tão importante? Sandy responde: "O desafio mais difícil que enfrento enquanto mãe que cuida sozinha de uma filha é tomar decisões na sua educação sem poder contar com a ajuda de alguém que ame minha filha tanto quanto eu. Meu desejo constante é encontrar alguém com os melhores interesses de minha filha no coração, com quem eu possa trocar idéias. Desde o divórcio, tenho derramado mais lágrimas enquanto procuro tomar as melhores decisões. Com uma adolescente, centenas de decisões precisam ser tomadas diariamente".

Felizmente, Sandy leva essas lágrimas até Deus e busca a Sua ajuda para as decisões diárias. Deus, com certeza, tem em Seu coração os melhores interesses de sua filha, mais do que ela mesma.

4. Creia e pratique os conselhos bíblicos básicos dados para todos os pais, incluindo aqueles que estão sozinhos.

Se criar filhos sozinho é, de fato, uma tarefa muito árdua, você certamente precisa de orientação clara. E, felizmente, a Bíblia fala com você de capa a capa. "Que bom", você diz, "eu estava procurando ajuda. Dê-me alguns versículos que apontam para pais e mães que criam seus filhos sozinhos e que dizem o que precisamos fazer com nossos filhos".

Desculpe. A Bíblia nem sempre responde às perguntas conforme as formulamos nem nos dá verdades nas categorias ou nos formatos que desejamos. De fato, nas Escrituras, não há "os dez mandamentos" que tratam exclusivamente dos pais e mães que criam seus filhos sozinhos. O que deveríamos fazer a respeito da aparente ausência de orientação bíblica dirigida especificamente a eles? Vamos começar com uma pergunta mais fundamental: Havia pais ou mães que criavam seus filhos sozinhos nas comunidades da fé para quem o Antigo e Novo Testamentos foram escritos? Com certeza. Então, por que eles foram excluídos de receber conselhos bíbli-

cos diretos a respeito de como criar os filhos? A resposta: Eles não foram excluídos. Quando Deus falou por meio das Escrituras, Ele falou para mães e pais que contavam com a ajuda do cônjuge e também para aqueles que criavam os filhos sozinhos. Em outras palavras, a orientação geral dada a todos os pais e mães é também pertinente àqueles que estão sozinhos. Você não faz parte de uma subcategoria especial de exceção.

Quais são as diretrizes de Deus para os pais? Embora os diferentes autores resumam a criação de filhos de várias maneiras, a maioria inclui os seguintes componentes:

- prover cuidado físico e emocional,
- prover instrução verbal,
- prover disciplina física,
- exemplificar na vida diária a dependência de Cristo, cujo alvo é a semelhança da Sua imagem,
- orar pelos filhos e com eles.

Naturalmente, você não conseguirá dar todo tempo, energia, habilidade e criatividade para essas cinco tarefas como um casal daria. E Deus não espera um esforço duplo de sua parte. Você não consegue e nem deve tentar desempenhar o papel de dois adultos. Mas, o que você precisa procurar cumprir para com os seus filhos, com a ajuda de Deus, são esses cinco ministérios.

Além disso, embora você receba ajuda de outras pessoas - seus pais e amigos, a igreja e outros mais - você continua a ser a mãe ou o pai de seus filhos, designado e autorizado por Deus. Não entregue a autoridade, a responsabilidade e a oportunidade a outros. Não existe doutrina bíblica sobre os direitos e deveres das avós. Na soberania e providência de Deus, é você, e não seus pais, quem deve criar os filhos que Deus lhe confiou.

5. Preste atenção especial a como seus filhos lidam com a situação de você ser uma mãe ou um pai que os cria sozinho. Oriente-os, mas sem impor sobre eles uma mentalidade e identidade de vítimas.

É sábio dar a devida atenção não somente a como a situação afeta você, mas também a como ela afeta as crianças. Seja qual for a razão de você estar sozinho, seus filhos igualmente perderam um dos pais. Você não é o único que precisa reagir à situação e ajustar-se sabiamente. O pai ou a mãe de seu filho morreu (se você enviuvou), saiu de casa (se houve um divórcio) ou pode ser um desconhecido para a criança (se você não revelou a identidade dele ou dela). Você sabe como seu filho está lidando com o acontecimento que o deixou com apenas o pai ou a mãe em casa?[5]

Ao mesmo tempo, você precisa rejeitar algumas mentiras. Em primeiro lugar, não perca de vista a responsabilidade que seu filho tem de amar e obedecer a Deus,

[5] Considere a pesquisa desanimadora feita por Judith S. Wallerstein, Julia M. Lewis e Sandra Blakeslee, *The Unexpected Legacy of Divorce: A 25 Year Landmark Study* (O legado inesperado do divórcio: um estudo referencial de 25 anos) (NY: Hyperion, 2000). Para uma perspectiva cheia de esperança bíblica, veja Amy Baker, *"Children of Divorce: Issues to Be Addressed in Helping the Children"* (Os filhos do divórcio: questões a serem tratadas para ajudar as crianças), um seminário apresentado na Conferência de Treinamento em Aconselhamento Bíblico da Faith Baptist Church, Fevereiro 2000. Para gravações de áudio, contate Faith Baptist Church www.fbclafayette.org/store.

a despeito das circunstâncias desagradáveis. Um lar quebrado não é desculpa para incredulidade, rebeldia, ingratidão ou idolatria. A rebeldia juvenil continua a ser, em última análise, rebeldia. E rebeldia constitui pecado.[6]

Em segundo lugar, rejeite as teorias desanimadoras que condenam seus filhos a problemas futuros simplesmente porque eles não têm pais casados ou devido à influência negativa que o pai ou a mãe exerce sobre eles. Seus filhos não são vítimas de um lar arrebentado. Eles são pessoas - pessoas criadas à imagem de Deus, que podem conhecer e seguir a Jesus para ter uma vida significativa que agrada a Ele. Juntamente com meu testemunho pessoal, posso citar vários outros homens e mulheres tementes a Deus que cresceram com apenas um dos pais.

No Novo Testamento, considere o exemplo de Timóteo. Embora seus pais fossem casados, o casamento era espiritualmente misto. Somos apresentados a Timóteo em Atos 16.1, onde lemos que sua mãe era uma crente em Jesus, mas seu pai, aparentemente, não era. Que futuro haveria para aquele jovem? Ouça seu pai espiritual, o apóstolo Paulo, descrever o que Deus realizou na vida de Timóteo a despeito de um pai descrente:

- ...pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também, em ti (2Tm 1.5).
- Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus (2Tm 3.14-15).

Deus usou uma mãe, uma avó e um mentor piedosos para ensinar e praticar o evangelho para Timóteo. Ele pode usar influências semelhantes na vida de seu filho, confirmando a promessa encorajadora do apóstolo em 1Coríntios 7.14: "Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente. Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos".[7]

Que passos você, como mãe ou pai que cria seus filhos sozinho deve dar se a pecaminosidade de seu ex-cônjuge exerce uma influência negativa sobre seus filhos?

- Confie seus filhos ao Senhor. Lembre que seus filhos são propriedade de Deus. Você é um mordomo da vida de cada filho e não o proprietário. Peça humildemente a Deus que trabalhe diretamente na vida de seu filho ou sua filha e use outros meios de graça para salvar, proteger e fortalecer.
- Por amor aos filhos, apele ao seu ex-cônjuge para mudar, restringir ou controlar um comportamento ofensivo. Se isso falhar, procure outros

[6] Considere, por exemplo, Isaías 1.2; Malaquias 1.6; Romanos 1.30; 2Timóteo 3.1-5; Êxodo 20.12; Efésios 6.1.

[7] Os comentaristas diferem a respeito dos benefícios da "santificação" e "santidade" que atingem um cônjuge descrente ou um filho descrente. Entendo que se trata de um privilégio especial " uma ponte evangelística " que os membros de uma família têm quando um pai ou uma mãe pertence a Jesus e vive sua vida de fé dentro do lar.

recursos judiciais ou de prestação de contas como cláusulas no acordo da guarda compartilhada, aconselhamento, encontros assistidos ou a solicitação de ajuda aos parentes e amigos. Em casos graves, pode ser necessária a intervenção do Juizado da Infância e da Juventude.

- Continue a praticar o evangelho e a ensiná-lo aos seus filhos como fez Eunice, a mãe de Timóteo, e reflita a imagem de Cristo, que contrasta com o estilo de vida do incrédulo e contrabalança a influência negativa. Peça a Deus ajuda para caminhar debaixo da orientação do Espírito Santo e demonstrar o fruto do Espírito, adornar o evangelho e tornar Jesus atraente para seus filhos à medida que eles consideram as encruzilhadas no caminho da vida. Em alguns casos, será preciso você advertir e aconselhar sabiamente seus filhos antes ou depois do tempo que eles passam com o pai ou a mãe. Por exemplo: "Papai pode fazer algumas coisas diferentes do que a mamãe faz. A razão por que a mamãe age dessa forma é porque ela procura seguir a Jesus. Seu pai, no momento, não está buscando seguir a Jesus. Respeite seu pai, ame seu pai e ore por ele. Você deve lidar da seguinte maneira se ele...".
- Lembre seus filhos de que devem tomar uma decisão individual de seguir a Jesus e eles não podem culpar o pai, a mãe nem outra pessoa qualquer por darem exemplos não-bíblicos.
- Solicite que um dos pastores ou líderes espirituais sente junto com você e seus filhos para dar a eles uma perspectiva bíblica a respeito do que aconteceu em seu casamento, como Deus vê a situação que você e seu ex-cônjuge vivem atualmente e como Ele deseja que os filhos tratem os pais e lidem com a situação de irem de uma casa para outra. Isso é vital especialmente se os filhos estiverem recebendo uma perspectiva pecaminosamente preconceituosa sobre essas questões.

Em meio a tudo isso, Deus lhe dá uma oportunidade prática para ensinar aos seus filhos sobre Sua soberania, sabedoria e bondade. Você não pode consertar todos os problemas e complicações que seus filhos enfrentam, mas você pode transmitir uma imagem preciosa, firme e segura de Deus e Seus caminhos. Sintonize seus filhos com o Deus de toda a esperança, o Deus de Romanos 8.28-29, que provê esperança e propósito para sua vida e a de outros.

Uma mãe que crias seus filhos sozinha resumiu suas preocupações nas seguintes palavras:

- Não sou capaz de preencher o papel de pai para nossos filhos;
- meu ex-marido e eu temos filosofias diferentes a respeito do que ensinar e que exemplos dar para nossos filhos - prioridades e valores cristãos *versus* prioridades e valores do mundo;
- procuro manter o foco no futuro ao invés de focar o passado;
- quando nossas filosofias e prioridades conflitam, procuro não levar para o âmbito pessoal. Explico minha

posição, permaneço firme naquilo que quero ensinar aos meus filhos e procuro não atacar;

- minha maior preocupação é não deixar que minha atitude afete meus filhos negativamente. Encontro-me na situação de precisar criar os filhos sozinha, mas não é esse o meu desejo.

Observe quantas coisas nesta lista têm a ver com o relacionamento entre ela e o ex-marido, e a sua atitude com respeito a ser uma mãe que cria os filhos sozinha.

6. Busque um relacionamento apropriado, sábio e agradável a Deus com o pai ou a mãe de seu filho.

O chamado aqui é simples. No entanto, é profundo e, freqüentemente, extenuante: amar a Deus com todo o seu ser e amar o ex-cônjuge assim como você naturalmente ama a si mesmo (Mt 22.36-40). Se o pai ou a mãe da criança faleceu ou se ele ou ela não demonstra nenhum desejo de envolver-se com os filhos, a tarefa torna-se menos complexa. Porém, quando existe tensão no relacionamento com a outra parte, esse chamado fica bem difícil. "Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens" (Rm 12.18), e com todo esforço para manter a consciência pura diante de Deus e de outras pessoas (At 24.16). Cultivar atitudes de misericórdia, saber quando e como confrontar ou posicionar-se em prol da justiça (particularmente no que refere aos seus filhos), confessar humildemente suas faltas e buscar o perdão da outra parte, controlar sua língua, orar pelo seu ex-cônjuge, lidar com os sogros - estas e muitas outras atitudes e ações constituem a vontade de Deus para um relacionamento que pode ser continuamente extenuante.[8]

Entretanto, há boas notícias aqui para você que busca a vontade de Deus: você não é responsável diante de Deus pela reação dos outros. Além disso, Deus promete caminhar com você em meio a essas interações, conceder-lhe perdão quando você falha, fortalecer sua confiança nEle e sua obediência a Ele, usar o conflito para formar em você a imagem de Jesus e completar Sua boa obra em você até o dia em que Ele levará você para Seu reino eterno, um lugar de paz, alegria e justiça eternas na presença do próprio Deus.

7. Participe, tão intensamente quanto suas circunstâncias permitirem, na adoração, na comunhão e no ministério da igreja local, o corpo de Cristo.

O divórcio ou a morte do cônjuge podem ter o efeito de anestesiar ou se constituir em uma tentação para não confiar nas pessoas e afastar-se de relacionamentos íntimos. Por diferentes razões, muitos daqueles que criam seus filhos sozinhos encon-

[8] Para auxílio na resolução de conflitos, veja Ken Sande, "The Peacemaker: A Biblical Guide to Resolving Personal Conflict" (O pacificador: um guia bíblico para a solução de conflitos interpessoais), 3ª edição (Grand Rapids, MI: Baker, 2004); Timothy S. Lane, "Conflict" (Conflito) (Greensboror: New Growth, 2006); e Robert D. Jones, Resolvendo conflitos biblicamente. Dokimos, São Paulo, Nutra, v.1, p. 53-66, 2004.

"Peacemaking for Families: A Biblical Guide to Managing Conflict in Your Home" (Pacificação nas famílias: um guia bíblico para lidar com conflito em seu lar) (Wheaton, IL: Tyndale, 2002), concentra-se mais resumidamente em conflitos conjugais e inclui capítulos que se aplicam à resolução de conflitos com sogros e filhos.

tram conforto na solidão, a ponto de se isolarem com seus filhos.

Trata-se de um erro - um erro compreensível e fácil de ser cometido, mas que não deixa de ser um erro. Você e sua família precisam do corpo de Cristo. Embora Deus, em Sua soberania, permitiu a sua posição de mãe ou pai que cria sozinho os filhos, Ele não chamou você para viver isolado de outros crentes.

Você precisa da adoração corporativa, momentos semanais para colocar seus olhos em Deus Pai, em Jesus como seu Salvador e no poder do Espírito Santo. As pressões da criação dos filhos podem conduzir a um afastamento com relação a outras pessoas. Congregar-se para louvar ao Deus trino e receber Sua Palavra pregada conduz a Ele e às outras pessoas.

Você precisa da comunhão com outros crentes, tanto irmãos como irmãs em Cristo, que podem ajudar, encorajar e praticar os muitos versículos bíblicos de mutualidade. A imersão na família de Deus protege da solidão, da vida centrada em si mesmo e do sentimento de vítima. Evidentemente, ela requer disposição de sua parte para buscar humildemente e aceitar com gratidão a ajuda daqueles que desejarem servir de diversas maneiras: auxílio no cuidado com as crianças, ajuda financeira, inclusão da sua família para uma viagem de férias, aconselhamento em questões financeiras, instrução para os filhos, ajuda na procura de emprego ou nas tarefas e consertos domésticos que escapam à sua habilidade ou ao tempo de que você dispõe.[9]

Entre os que trabalham fora, muitos valorizam particularmente a ajuda no transporte: "Como não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo, aprendi a pedir ajuda para levar ou buscar meus filhos nos treinos ou outras atividades, e a maioria das pessoas sente-se muito feliz em poder ajudar. Em geral, acho mais fácil procurar essa ajuda na igreja, pois sei que lá as pessoas estão à procura de oportunidades e têm disposição para servir". Outra mãe, embora aprecie esse tipo de ajuda, ressalta o lado negativo: "Agendar compromissos é um pesadelo para mim, pois sou apenas uma para dar conta de levar minha filha de um lado para outro e também fazer meu trabalho. Minha filha sempre consegue pegar uma carona com alguém, mas nem sempre é a carona que eu gostaria que ela pegasse. Detesto não poder apanhá-la depois da escola, para encorajá-la se ela teve um dia ruim ou vibrar com ela se obteve um bom resultado em alguma prova ou tarefa escolar".

---

[9] Embora este artigo trate da mãe e do pai que cria seus filhos sozinho, há implicações consistentes para os líderes e membros da igreja. Novamente, ouça o coração pastoral de Andrew Farmer: "Enquanto reconhecemos as diversas dimensões de lacuna na vida das mães e dos pais que criam seus filhos sozinhos, também reconhecemos que Deus, em Sua sabedoria, providenciou um lugar ideal para as famílias que só contam com o pai ou a mãe. Trata-se da igreja local: uma comunidade de fé, a família de Deus. Nós que somos membros da igreja local, e recebemos a graça de Deus, precisamos dar as boas-vindas em nosso meio a estes pais, mães e seus filhos. Sem criar dinâmicas de dependência prejudiciais, precisamos nos dispor a enxergar suas necessidades como legítimas e dignas de nossa atenção em longo prazo. Precisamos também nos preparar para nos posicionarmos com eles diante do sistema legal, do sistema de assistência governamental e, mais importante, em nossos pequenos sistemas sociais. Precisamos ser flexíveis na maneira de agir para que possamos incluir esses pais ou mães e seus filhos e ajudá-los a encontrarem o seu lugar prático na família da igreja". Farmer, 152.

O aconselhamento pastoral pode ser valioso. Na experiência de um pai: "De todos os tipos de apoio que busquei, o aconselhamento pastoral foi o mais útil, receptivo e perseverante. Em minha opinião, isso se deve ao fato de que os pastores têm outra fonte de sustentação, que os mantém saudáveis e equilibrados - Deus".

Ao tentar participar das atividades na igreja, não se acomode nas classes ou grupos pequenos específicos para aqueles que criam seus filhos sozinhos. Pode ser uma escolha sábia, inicialmente, pois oferece alívio em curto prazo e ajuda no entrosamento com o restante da igreja. Porém, lembre-se de que o corpo de Cristo é maior do que você e os seus amigos que vivem uma situação semelhante à sua. Como membro do corpo, você tem algo a oferecer aos outros e eles têm algo a oferecer a você. Atualmente, por exemplo, lidero um grupo na minha igreja que consiste propositadamente de pessoas casadas e solteiras e, entre os não-casados, estão pessoas com filhos e sem filhos. Eu desejo que meu grupo seja um microcosmo da igreja em toda a sua extensão.[10]

Em especial, peça ajuda a Deus para encontrar na igreja uma ou duas amizades do mesmo sexo com quem você possa cultivar um relacionamento de parceria e comunhão centrada em Cristo.

Finalmente, além dos benefícios, fazer parte do corpo de Cristo também inclui responsabilidades. Você precisa servir. Embora a combinação de criar os filhos sem a ajuda de um cônjuge e também prover as necessidades da casa possa consumir todo o seu tempo, procure oportunidades para servir, até mesmo de formas pequenas e ocasionais. Quando existe disposição, as oportunidades costumam surgir. Com o seu serviço, você não apenas agrada a Deus e ajuda outras pessoas, mas também dá exemplo de um coração de servo para seus filhos e encontra grande alegria ao seguir o modelo de seu Salvador, que ensinou que "mais bem-aventurado é dar que receber" (At 20.35).

Por outro lado, para alguns homens e mulheres, estar sozinho na tarefa de criar os filhos significa uma mudança com relação aos planos de serviço cristão. Um pai, estudante de seminário, chegou à seguinte conclusão agridoce: "Deus está me chamando para entregar meus objetivos e aspirações a Ele e aprender que amadurecer é mais importante do que alcançar meus alvos em curto prazo: meu diploma no seminário, o ministério cristão e as melhores oportunidades na minha carreira profissional atual". Ironicamente, seja qual for a direção vocacional que esse pai tomar, o resultado será certamente um servo de Jesus mais sábio e mais compassivo.

[10] Novamente, há implicações na maneira de conduzirmos a igreja. Se eu me preocupo em não deixarmos de integrar as pessoas solteiras com as casadas, essa preocupação dobra com relação aos pais que estão sozinhos, triplica com as mães que estão sozinhas, quadruplica com mães que além de estarem sozinhas também são provedoras do lar e quintuplica com mães que estão sozinhas, são provedoras do lar e cujo divórcio aconteceu por abandono do marido por razões não-bíblicas. Quando a norma é termos grupos só de casados e grupos só de solteiros, deixamos de refletir a verdadeira face da igreja e privamos as mães e os pais que estão sozinhos de experimentarem a verdadeira comunhão centrada em Cristo.

8. Exponha seus filhos, sempre que possível, à presença de homens e mulheres cristãos que possam ser modelos.

Na maioria das igrejas, há cristãos comprometidos, homens e mulheres que podem ser modelos para seu filho ou sua filha. Converse com os líderes espirituais a esse respeito. Eles mesmos podem ser tais modelos, já que a descrição de suas funções ministeriais inclui que sejam exemplos de piedade (1Pe 5.2-4; Hb 13.7). Mantenha os olhos abertos para identificar crentes exemplares e não tenha medo de convidá-los para entrarem na vida de seus filhos, gradualmente, conforme apropriado. Você pode convidar um casal temente a Deus para uma refeição ou verificar com um cristão maduro e comprometido a possibilidade de ele cultivar uma amizade com seu filho.

"Mas eles têm tios, treinadores esportivos e líderes do grupo de escoteiros que são boas pessoas", você pode dizer. Isso é bom. Verifique, porém, que tipo de mensagem essas pessoas bem intencionadas passam a seus filhos se elas não seguem declaradamente a Jesus. Elas podem passar a mensagem moralista de que é possível ter uma vida muito boa sem Jesus Cristo. Em outras palavras, não se contente com meras influências de boa moral (embora você deva preferi-las às influências imorais). Seu alvo é levar os filhos a Cristo; não é produzir pequenos fariseus.

9. No que se refere à possibilidade de um casamento ou de um segundo casamento, busque o conselho de Deus por meio de seu pastor, dos líderes espirituais da igreja ou de um conselheiro bíblico.

Para você, que é uma mãe ou um pai que cria sozinho os filhos, as questões que dizem respeito ao casamento ou a um segundo casamento justificariam certamente um artigo ou um livro dedicado exclusivamente a esse assunto. Buscar um parceiro é o passo certo para você? Embora em 1Timóteo 5.14 Paulo aprove o segundo casamento das viúvas jovens, há poucas declarações diretas nesse tema e, mesmo no caso das viúvas jovens, a sabedoria é necessária.

Aqui estão cinco perguntas que você deve fazer:

- *Estou livre, diante de Deus e de outras pessoas, para me casar ou recasar? Já lidei com as questões do passado ou as obrigações atuais conforme citadas no ponto dois acima?* [11]

- *Desejo casar/recasar pelas razões certas?*

A motivação para entrar em um casamento é crucial. A motivação certa é "Eu quero amar e servir esse homem ou essa mulher dentro de um relacionamento conjugal concedido por Deus". Porém, há motivações erradas que reforçam nosso egoísmo natural:

[11] Um artigo excelente para guiar seu pensamento sobre se você deve casar-se é David Powlison e John Yenchko, Devemos nos casar? Coletâneas de aconselhamento bíblico, Atibaia, SBPV, v.2, p. 142-154, 1999.

"Eu preciso de um marido ou de uma esposa" ou "Meus filhos merecem uma mãe ou um pai". Por outro lado, há motivações erradas para não se casar: "Eu jamais confiarei em um homem ou em uma mulher novamente".

- *Será que essa é a melhor pessoa para mim? Será que eu sou a melhor pessoa para ele ou ela?*

Dentro dos limites bíblicos claros de casar-se "somente no Senhor" (1Co 7.39; cf. 2Co 6.14-17) - e com o compromisso mútuo de seguir a Cristo - você tem um espectro bastante amplo na seleção de um parceiro. Porém, como alguns descobriram a duras penas, é melhor permanecer sozinho como pai ou mãe do que entrar em um casamento potencialmente destrutivo.

- *Como eu e meu noivo ou minha noiva podemos melhor nos preparar para o casamento?*

Você e seu noivo ou noiva estão comprometidos com um preparo pré-conjugal sábio e centrado em Cristo? Não caia na mentira que limita o aconselhamento pré-conjugal aos jovens de dezoito anos com pouca experiência de vida. Todos podem beneficiar-se do preparo pré-matrimonial, mesmo que " e, talvez, especialmente se " você já foi casado. Atualmente, a maioria dos pastores comprometidos com a Bíblia deseja que os casais de noivos recebam ajuda de qualidade antes do casamento. Se o seu noivo ou sua noiva não mostra interesse nem disposição para esse preparo, talvez você tenha que questionar se ele ou ela está comprometido com seguir a Cristo após o casamento.

- *Já considerei e busquei aconselhamento sábio sobre os desafios singulares que surgem com uma família "misturada" ou "agregada"?*

Unir sua vida e a de seus filhos à vida de outra pessoa não é tarefa fácil, especialmente se a outra pessoa também tem filhos.[12] Não é tão fácil como os filmes do tipo Meus, Seus, Nossos sugerem. Você quer que esse homem ou essa mulher influencie e seja modelo para seus filhos? Você está preparado para adaptar-se a um estilo diferente, não apenas de casamento, mas também de criação dos filhos? O que os seus filhos pensam dessa pessoa, dos filhos dessa pessoa e da proposta como um todo? Que importância tem a opinião deles sobre a sua decisão final? E o quanto você permitirá que eles se apeguem ao parceiro em potencial antes de você dizer o "sim"? Procure aconselhamento; o amor romântico pode ser o tipo errado de amor cego.

Conclusão

Criar os filhos sem a ajuda de um cônjuge é uma tragédia certa? Não para os pais e as mães que pertencem a Jesus e dedicam-se a Ele. Seus filhos estão destinados a uma existência de segunda classe? Não.

---

[12] Howard Eyrich, "The Christian Concept of an Equal Yoke" (O conceito cristão de um jugo igual) Three to Get Ready (Bemidji, MN: Focus, 1996), e também Garry Friesen, "Decision Making and the Will of God: A Biblical Alternative to the Traditional View" (Decisões e a vontade de Deus: uma alternativa bíblica para a Biblical Alternative to the Traditional View" (Decisões e a vontade de Deus: uma alternativa bíblica para a visão tradicional) (Sisters, OR: Multnomah, 2004).

No meu caso, por exemplo, Deus tinha Suas mãos sobre a minha vida e conduziu-me a um relacionamento redentor com Ele.

O testemunho de Jenny pode ser o seu: "Não fixo meus olhos nas tristezas da vida, mas na graça redentora de Deus. Isso faz-me ajoelhar aos pés do Senhor, mas não para suplicar por uma casa com jardim, um marido e dois filhos. Não. Clamo desesperadamente pelas riquezas que só Ele pode dar - amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio! E confio que Deus não é cego nem desprovido de compaixão, mas Ele tem tudo sob controle. A Bíblia afirma que teremos provações e as provações são para testar nossa fé, para tornar-nos mais fortes e afiar nosso caráter. Por que, então, deveríamos resistir à bondade de Deus?". Qual é a maior esperança de Jenny? Jesus.

> Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte. (2Co 12.9-10)

A Dimensão Espiritual do Relacionamento Conjugal

Jay E. Adams[1]

Inicialmente, este artigo seria um capítulo de um livro sobre o relacionamento conjugal. Uma contribuição que me foi solicitada para uma obra que reuniria o ponto de vista de diversos autores. Ele não foi publicado, pois minha abordagem bíblica do assunto não satisfez o editor.

Minha luta como escritor começou pelo título que me foi dado, visto que gastei tempo significativo na tentativa de entendê-lo. Não quero criticar o título em si, embora eu preferisse algo mais vibrante. É a frase "dimensão espiritual" que me causou todo o problema. Não passe por ela de leve, rapidamente, presumindo que você a entendeu. Não é uma frase fácil de interpretar. Na verdade, cheguei à conclusão de que ela pode ser lida de duas maneiras diferentes, se não opostas. Uma das possibilidades de interpretação eu devo rejeitar com todo vigor e a outra devo apoiar entusiasticamente. O que quero dizer com isso?

Quando você pensa na "dimensão espiritual" de uma coisa ou outra, você pode prontamente conceber esta "dimensão" como um dos aspectos, entre tantos, que podem ser considerados: físico, econômico, psicológico e outros mais. No meio evangélico atual, adotar este ponto de vista significa, com muita freqüência, considerar a "dimensão espiritual" como um mero ângulo de qualquer assunto de que você trate. É como se fôssemos adicionar um equipamento espiritual a uma estrutura secular e humanista na educação, no aconselhamento, nos negócios, no casamento ou outra área qualquer. De fato, as pessoas que sustentam este tipo de pensamento dão ao Espírito Santo um lugar junto a outros tipos de *energia*, enquanto que a Palavra de Deus é colocada "ao lado de" e trabalhada para "calhar" com sistemas que contêm idéias, valores, crenças e

[1] Tradução e adaptação de The Spiritual Dimension of Marital Relationships. Publicado em The Journal of Pastoral Practice, v. X, n. 1, 1989, p. 38-44.

Jay Adams foi fundador de Christian Counseling and Educational Foundation.

práticas que, submetidos a uma análise cuidadosa, revelam ter propósitos que se chocam com muito do que o Espírito revelou. A filosofia *integracionista* está tão difundida que ela levanta seu próprio slogan, que facilmente a identifica: "Toda verdade é verdade de Deus".[2] Este slogan resume os argumentos e as justificativas para as práticas integracionistas. Olhando por esse ponto de vista, existe uma dimensão, um aspecto ou um ângulo espiritual do assunto casamento, assunto a respeito do qual os educadores, sociólogos, psicólogos e outros têm ainda mais a dizer. Essa mentalidade resulta na prática do cristianismo de uma hora, um dia e uma vez por semana, que reconhece que Deus tem controle apenas sobre uma fatia pequena de nossa vida e do nosso tempo. É esta perspectiva da expressão "dimensão espiritual" que eu espero que você também rejeite enfaticamente.

Com igual força, espero que você abrace com todo vigor a outra perspectiva: o Espírito Santo está no controle e deve permear cada ângulo da questão, seja no casamento, nos negócios ou outras áreas mais. A dimensão espiritual alcança cada aspecto do casamento: físico, financeiro, sexual, social etc. Com esta perspectiva, o relacionamento conjugal glorifica a Deus dando-lhe o lugar central em tudo quanto fazemos no casamento. A dimensão espiritual não é um mero ângulo da questão, mas é o caminho para atingir cada ângulo. Por exemplo, em um livro que trata sobre o casamento, nenhum capítulo, nenhum assunto deixa de estar relacionado com Deus. Cada assunto levantado precisa ser considerado na dimensão espiritual.

Uma perspectiva errada da "dimensão espiritual" tem moldado amplamente a filosofia de casamento daqueles casais bem intencionados que vêem seu relacionamento fracassar. Talvez você seja um destes. É possível que você tenha procurado soluções em livros cristãos, mas sem encontrar ajuda efetiva. Por quê? Porque muitos deles distribuem alimento contaminado e não a pura verdade de Deus. Para remodelar o seu casamento de acordo com o plano de Deus, é impossível usar um padrão semelhante àquele que o levou ao fracasso. É preciso um novo padrão, que reconheça que a dimensão espiritual alcança cada aspecto do casamento.

O plano de Deus

Para remodelar o seu casamento de acordo com a vontade de Deus, é preciso seguir o padrão de Deus. Esse padrão não está nas análises estatísticas dos sociólogos ou no consenso das melhores práticas da psicologia. Está na Palavra de Deus. Qual é este padrão? Como ele permeia e controla tudo quanto faz parte do casamento? Qual é o plano de Deus para o casamento que dá a cada ângulo da questão um tom espiritual?

Precisamos considerar inicialmente a palavra "espiritual". Falar do casamento como "espiritual" é pensar como ele "funciona" de acordo com o plano do Espírito e pelo Seu poder. Dizer que uma atitude, um ato ou uma palavra que tem a ver com

[2] Esta frase é um truísmo que nenhum pensador cristão iria negar, mas ela requer que se levante uma pergunta: "Claro, e 'Todo erro é um erro de Satanás?' Para onde esse slogan nos conduz?" A justaposição dos slogans deixa claro que precisamos de um conjunto de critérios para distinguir entre a verdade de Deus e o erro de Satanás. Caso contrário, não chegaremos a lugar nenhum. Estes critérios são encontrados apenas na Bíblia, o padrão de Deus para determinar o que é e o que não é a verdade de Deus.

o casamento é "espiritual" significa, portanto, falar de atos, palavras e atitudes que são produzidas pela habitação do Espírito em nós, de acordo com o Seu padrão.

O padrão do Espírito está na Bíblia, claramente expresso em Efésios 5.21-33:

> Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja; porque somos membros do seu corpo. Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja. Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido.

O padrão de Deus para o casamento espelha o relacionamento entre Cristo e Sua Igreja

"Bom, o que há de novo nisso?", você me pergunta. "É o padrão que eu tentei seguir e fracassei."

O que há de novo é que se você fracassou, e o seu casamento precisa ser remodelado, você não deve ter seguido à risca esse padrão. Pode ser que você tenha tentado seguir esse padrão como algo *adicional*, algo que você faz somente quando se ocupa com aquele determinado ângulo da questão. E essa é a razão por que não funcionou. O que estou sugerindo é que uma tentativa de uso parcial é equivalente a rejeitar o padrão todo. O padrão de Deus permeia todas as áreas do casamento e precisa ser aplicado ao relacionamento conjugal por inteiro.

Pense no que significa o fato de a dimensão espiritual permear cada ato, pensamento e palavra no casamento. Como marido, pense em tudo quanto você faz: "Devo agir para com minha esposa neste aspecto como Cristo age para com Sua Igreja". Como esposa, em tudo quanto você disser, você deve se dirigir a seu marido como Cristo quer que Sua Igreja se dirija a Ele. Pense a esse respeito. Pense bastante e profundamente.

Mas como Cristo se relaciona com a Sua Igreja? Com uma liderança amorosa e sacrificial. Como Ele quer que a Igreja se relacione com Ele? Com submissão obediente e respeitosa. Esses são os ingredientes fundamentais do padrão. Tudo mais é uma elaboração desses dois princípios. O casal cristão que coloca cada vez mais esses princípios em prática descobre que seu casamento ganha um molde novo e diferente. Com certeza, marido e esposa

devem ser cristãos. Como já mencionei, a dimensão espiritual no casamento, ou em qualquer outra área, depende do Espírito Santo. Somente Ele pode nos dar o entendimento do padrão de Deus, bem como o desejo e a capacidade de seguir esse padrão. O ponto inicial é que você conheça Cristo como seu Salvador. Até que você diga sinceramente a Ele "Senhor, sou pecador, mas eu creio que Jesus morreu por meus pecados", ou palavras semelhantes, tudo quando escrevi até aqui é inútil. Minhas palavras dirigem-se à família de Deus. Você deve pertencer a essa família para que isso diga respeito a você.

Para o marido, ser o cabeça significa assumir a liderança do lar. Embora a posição de líder implique, à vezes, tomar a decisão final em questões pela aplicação de princípios bíblicos, boa parte do tempo significa assumir responsabilidade por fazer o bem para sua esposa assim como Cristo fez para a Igreja.

Esposa, você deve agradecer a Deus cada dia pelo fato dEle ter dado ao seu marido a liderança do lar. Não se trata de uma liderança tirânica ou qualquer outro tipo de liderança opressiva, pois Paulo deixou claro que é uma liderança semelhante à de Cristo. Pense nisso! Como é esta liderança na prática? Preste atenção: "E [o Pai] pôs todas as coisas debaixo dos pés [de Cristo], e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja" (Ef 1.22).

A liderança de Jesus é para o bem da Igreja! Tudo quanto Ele faz como líder amoroso da Igreja, um líder que se sacrifica por ela, é feito para o seu benefício. Marido, este é o tipo de liderança que você precisa praticar no lar. Quando você pensa arbitrariamente em como gastar o dinheiro, pense antes assim: "Que uso do dinheiro trará bênção e benefício para minha esposa?". Não pense: "O que eu gostaria de fazer com o dinheiro?". Assim como Jesus colocou os interesses da Igreja antes dos interesses próprios (Filipenses 2), você também, para funcionar de acordo com o padrão bíblico, deve fazer o mesmo em cada ângulo do casamento: no aspecto financeiro, no aspecto social (você deve se esforçar para ir a lugares onde ela quer ir, gostar dos amigos dela e assim por diante), no uso do tempo (o quanto possível, você deve ajustar as suas prioridades às dela), no aspecto físico (você deve ser atencioso com ela na área sexual), e assim vai.

Além disso, a sua tarefa como marido crente é iniciar e cultivar o amor no casamento. Poucos homens aprenderam que o amor no casamento é uma responsabilidade do marido. Onde se ensina isso? No entanto, na Bíblia, a ordem de amar é dirigida ao marido. O amor da esposa deve ser responsivo, não iniciador. Por que? Porque o amor deve seguir o padrão de amor exemplificado por Cristo para com a Igreja: nós (a Igreja) amamos porque Ele (Cristo) nos amou primeiro (1Jo 4.19).

A esposa cristã, quando segue o padrão bíblico, deve praticar respeito e obediência para com seu marido devido à posição que ele ocupa (cf. 1Pe 3:1-16). Não se trata de uma obediência servil, mas de uma disposição para obedecer em resposta amorosa. Quando seu marido disciplinas as crianças, você não deve contrariar a autoridade dele; você não deve desabafar no telefone com uma amiga sobre os defeitos e deslizes do seu marido. Construa respeito por ele nos seus filhos pela sua maneira de falar com ele e sobre ele no lar, bem como pela sua maneira de implementar as dire-

trizes e decisões de seu marido mesmo quando elas contrariam as suas idéias. Certamente, a extensão da obediência não inclui o pecado. Toda a autoridade humana é limitada. Deus nunca dá a uma pessoa a permissão de exigir que outra peque. Mas, esposa, antes de resistir a uma ordem de seu marido, você precisa estar certa de que aquilo que ele pediu é claramente um pecado e não apenas algo que você prefere não fazer. E mesmo nas raras vezes em que você deve resistir, você precisa fazê-lo com respeito.[3]

A conformidade interior

É importante internalizar o padrão de Deus e não apenas conformar-se exteriormente com ele. Ou seja, Deus pede obediência "de coração" (Rm 6.17). "Mas se não sinto respeito pelo meu marido, como posso obedecer de coração?" ou "Bom, e se eu de fato não tenho vontade de colocar minha esposa em primeiro lugar, como fica?" Boas perguntas!

A conformidade interior ao padrão de Deus é essencial. Mas não é uma questão de sentimento. Você pode se conformar interiormente ao padrão divino a despeito dos seus sentimentos. Se você assumiu o compromisso de agradar a Deus, isso é suficiente. Quando você tem o desejo de agradar a Deus, quando você tem uma profunda gratidão por aquilo que Ele fez por você em Cristo, então tem a motivação suficiente para se conformar ao padrão dEle para o casamento. Jesus não sentiu vontade de ir para a cruz, mas Ele foi para agradar ao Pai (Jo 8.29). Portanto, a conformidade interior não é uma questão de sentir vontade de fazer alguma coisa; é uma disposição de coração e mente pela qual você determina fazer o que agrada a Deus, quer isso agrade ou não a você. Em outras palavras, a sua motivação é crucial.

A conformidade ao padrão de Deus apenas para tirar alguma vantagem pessoal não é aceitável. Na verdade, de acordo com o plano de Deus, ela nem mesmo é possível. Para amar outra pessoa ou para responder amorosamente ao amor que alguém lhe oferece, precisa existir uma disposição de colocar a outra pessoa em primeiro lugar. Essa é a essência do amor. O seu amor precisa ser moldado no amor de Cristo, em todos os aspectos. Você precisa ter a mesma mente (atitude) que Cristo teve quando Ele se fez homem e colocou o nosso bem-estar e os nossos interesses à frente dos dele. Isso nos conduz a dois princípios que encontramos em Filipenses 2.3-4: "Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros".

Embora esses princípios sejam aplicáveis a todos os relacionamentos que temos uns com os outros, eles se adaptam com profundidade ainda maior ao relacionamento conjugal. O remodelar do seu casamento começa pelo remodelar do seu relacionamento com Deus. Tudo começa com um compromisso de gratidão que diz: "Vou agradar a Deus a qualquer custo, em qualquer lugar, em todas as áreas da minha vida, incluindo o meu casamento".

---

[3] Para conhecer mais detalhes sobre as funções do marido e da esposa veja o livro de Jay Adams *A Vida Cristã no Lar*, publicado no Brasil pela Editora Fiel.

E se apenas você estiver disposto?

Suponhamos que você queira remodelar o seu casamento de acordo com o plano de Deus, mas seu cônjuge não está disposto a isso. O que acontece? O aspecto maravilhoso do amor é que, na dependência de Deus, você tem controle total para praticá-lo. Ninguém pode impedir você de amar! A sua obediência a Deus e a sua disposição para se conformar aos padrões bíblicos não depende do que o seu cônjuge faz ou deixa de fazer. Certamente é mais prazeroso e fácil quando há encorajamento mútuo. Mas não é necessário que ambos mudem para que você mude. 1 Pedro 3.1-17 é uma forte testemunha deste fato.

Assim como a sua paz e a sua alegria não dependem de ninguém mais a não ser de Deus, o Espírito Santo que habita em você pode levá-lo à conformidade com o padrão bíblico para o casamento se você estiver disposto a isso. Você pode fazer tudo quanto Deus pede que você faça. Marido, você pode assumir uma responsabilidade amorosa pelo lar, tratar sua esposa como Cristo trata a Igreja. Esposa, você pode ser submissa e mostrar respeito ao seu marido, obedecendo-o em lugar de resistir; se o seu cônjuge for afetado positivamente, como Pedro destaca, será provavelmente por você seguir a instrução bíblica e não por falar constantemente e importuná-lo. Quando você faz o que deve, isso tem impacto sobre o seu cônjuge de uma maneira ou de outra. As coisas nunca ficam iguais quando você está disposto a mudar. Então, quanto mais você se conforma aos padrões de Deus para o casamento, mais o relacionamento conjugal melhora.

Conclusão

Eu poderia falar aqui sobre a importância da comunicação no casamento, com base em Efésios 4, 1Pedro 3.7 e outros textos mais. Poderia falar sobre ira e resolução de conflitos, mas há outros artigos que o fazem. O que quero dizer como conclusão é apenas uma coisa. A maioria dos casamentos desenvolve seus padrões habituais característicos não de acordo com um plano, mas por impulso. A direção em que há menor resistência, os desejos pessoais, ou algo parecido, acabam, com o tempo, por levar a um padrão. Mas você nunca chegará aos padrões de Deus seguindo livremente a correnteza. É possível fazê-lo apenas pelo arrependimento, em oração, pela compreensão da Palavra e uma decisão consciente de segui-la. Esta decisão deve ser sustentada por uma conscientização diária e contínua daquilo que você está fazendo e por um esforço repetitivo para cumprir o plano de Deus em todos os aspectos. Você deve escolher entre o impulso e a decisão.

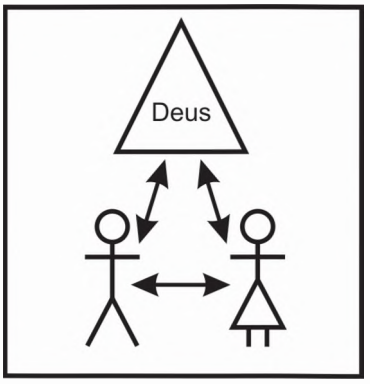
Decida agora remodelar o seu casamento de acordo com o plano maravilhoso de Deus evidenciado no padrão de relacionamento de Cristo com Sua Igreja. Se você o fizer, o seu casamento será abençoado sobremaneira e crescerá (sem ser levado pela correnteza) rumo ao modelo planejado por Deus.

O Lugar de Deus no seu Casamento

Robert D. Jones[1]

Este diagrama (Figura 1) não foi criado por mim. Provavelmente, é algo que aprendi desde os primeiros dias da minha experiência cristã. O desenho inclui um triângulo que representa Deus, no alto, e o casal logo abaixo.

Costumo usar o diagrama de formas diferentes no primeiro encontro com casais. Às vezes, desenho o casal antes de desenhar o triângulo que representa Deus. Depois de nos apresentarmos uns aos outros, peço-lhes que compartilhem suas situações de vida e alguns de seus problemas conjugais (comunicação, procrastinação, crítica, outros mais). Uso isso para coletar dados.



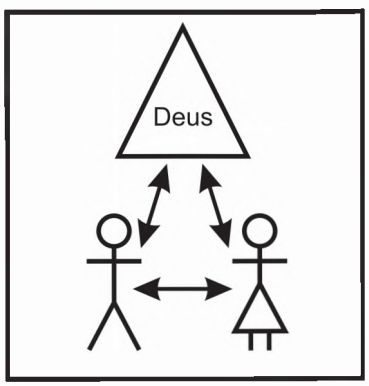
(Figura 1)

Devido à tendência natural de identificar a trave no olho do outro, tento fazer perguntas a respeito de como cada um contribuiu para o problema e o que necessitam mudar individualmente. Por exemplo, não vou anotar *implicante* só porque ele disse que ela é implicante. Perguntarei o que ela pensa sobre a questão. "Você costuma ser crítica? Costuma se retrair?" Nem sempre uso o diagrama na coleta de dados, mas ele me ajuda a dar o pontapé inicial.

[1] Tradução e adaptação de *God's place in your marriage*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v.17, n. 1, Fall 1998, p. 44-46.

Robert D. Jones é professor de aconselhamento bíblico no Southeastern Theological Seminary, em Wake Forest, na Carolina do Norte.

O propósito principal do diagrama é colocar Deus no quadro e perguntar: "Quantas pessoas existem neste relacionamento? Onde está Deus neste quadro?" Representar Deus no topo do diagrama significa, em primeiro lugar, dar esperança e dizer que Deus tem a resposta para os



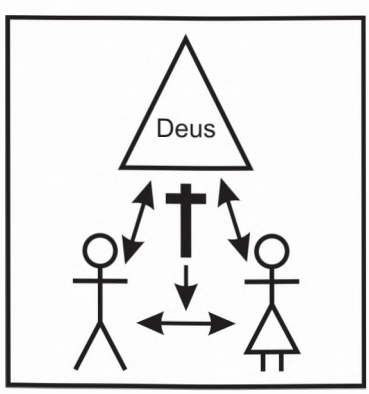
(Figura 2)

problemas. "Deus está presente e envolvido em sua vida. Ele é soberano e Seu poder tem-nos dado tudo quanto necessitamos. Já temos todos os recursos e provisões para a vida e a piedade (At 17, 2Pe 1.3)". Segundo, a figura lembra o casal de sua responsabilidade. "Aqui está o Deus que sonda. De que maneira Deus vê os seus problemas?" Começamos a estabelecer a *verticalidade* que é crucial no aconselhamento bíblico.

Inserir Deus no quadro traz esperança e redireciona o foco. Às vezes, enfatizo esta noção desenhando setas (Figura 2) entre Deus e os cônjuges. Em seguida, pergunto: "Qual seta é mais importante em sua vida? A seta entre você e seu cônjuge ou entre você e Deus? Se pudermos trabalhar inicialmente nestas (apontando para as setas entre as pessoas e Deus), isso afetará sua maneira de tratar o cônjuge. Pode parecer um pouco batido, mas a velha frase é verdadeira: 'Quanto mais duas pessoas se aproximarem de Deus (como você pode ver neste diagrama), mais próximas elas estarão uma da outra'".

Também uso este diagrama no primeiro encontro para reconhecer que nem todas as situações tratadas no aconselhamento conjugal alcançam o resultado que desejamos. Dar esta palavra de consolo desde o início pode ser útil. "Não posso lhe garantir como será o seu casamento se o seu cônjuge não seguir a Cristo. Mas posso lhe garantir que você poderá se aproximar de Deus mesmo que o seu casamento desabe." (Tento dizer isso de forma bastante diplomática!)

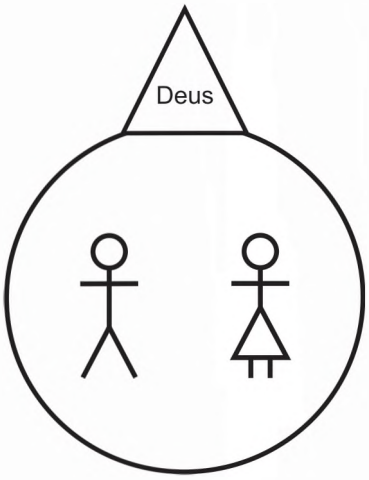
A esse ponto da conversa, costumo lançar mão de duas variações. A primeira consiste em desenhar uma cruz com uma seta apontando para baixo para ser mais específico quando enfatizo que Deus fala por



(Figura 3)

meio de Sua Palavra (Figura 3) e, logo em seguida, instruir o casal a usar a Palavra ou a se voltar para a cruz para receber perdão.

Outra variação é representar a soberania de Deus com um círculo (Figura 4). Isso fala da presença de Deus em seu casamento e me permite compartilhar verdades importantes sobre a soberania de Deus.



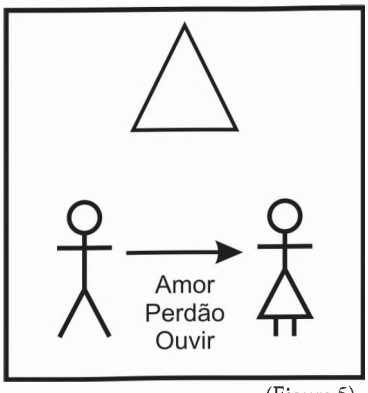
(Figura 4)

Posso também rabiscar os filhos, o sogro e a sogra e outras pessoas mais, inserindo-as no círculo da soberania de Deus.

Às vezes, inicio o encontro seguinte com uma revisão. Para desenhar, uso um quadro branco grande, atrás de mim. Percebo que esse diagrama é particularmente útil, pois os aconselhados apontam para o quadro branco quando voltam para os encontros seguintes. Eles lembraram da representação visual de Deus como soberano sobre as vidas, fonte de esperança e Aquele a quem eles devem prestar contas.

Uso as setas nos dois sentidos. Geralmente, começo com a seta de Deus para a pessoa, indicando a graça de Deus. "Você está aqui hoje porque Deus está trabalhando em sua vida." "Ele foi gracioso (caso a pessoa seja crente), dando-lhe a salvação." Se a pessoa não for crente, digo: "Ele está falando com você hoje. Está lhe oferecendo um Salvador". Você pode também desenhar as setas entre o marido e a esposa para conversar sobre como eles tratam um ao outro (Figura 2).

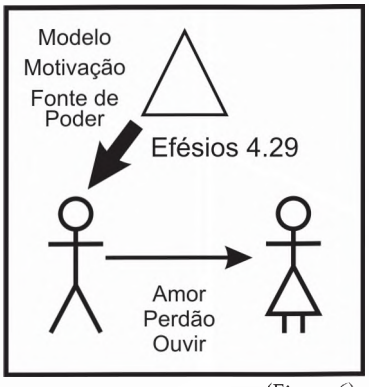
Durante o encontro, ainda outras variações podem ser usadas na presença de um dos cônjuges ou de ambos. A primeira variação refere-se a tratar o cônjuge assim como Deus o trata (Figura 5). Desenho



(Figura 5)

uma seta horizontal para mostrar como Deus quer que eles tratem um ao outro. "Vocês sabem que devem amar um ao outro. Vamos escrever a palavra *amor*. Isto deve caracterizar o seu relacionamento. Vocês também devem perdoar um ao outro."

Em seguida, leio Efésios 4.29, que fala sobre perdão, e sigo até 5.1,2, que fala sobre o amor. Logo, desenho uma seta mais



(Figura 6)

grossa de Deus apontando para eles (Figura 6). "Você perdoa assim como você tem sido perdoado. Você ama assim como tem sido amado." Para evitar que eles tenham uma visão passiva ("Deus faz tudo"), geralmente conduzo esta parte com muito cuidado. Aponto para o fato de que recebemos a ordem de amar. Mas de onde tiro este conceito? Deus é o *modelo* de como devo amar, além de ser minha *motivação* e fonte de *poder*. Romanos 5.5 diz: "E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo...". O amor deve ser motivado pelo evangelho. Por isso temos a seta vertical. Procuro sempre me certificar de que estou pregando o evangelho no meu ministério de aconselhamento. Não quero presumir que os aconselhados já o compreenderam. Quero ensinar-lhes como entender a justificação e o trabalho progressivo de Deus na santificação, e lembrá-los de que é a Sua obra que produz a nossa obra. Sem o poder soberano de Deus, o aconselhamento seria moralismo.

Você pode usar isso de maneira positiva, como já demonstrei, mas também pode usá-lo para identificar áreas problemáticas no casamento. Nosso diálogo poderia ser:

"Conte-me, como você está se comportando com a sua esposa?

"Bem, ainda estou sendo crítico. Estou irado.

Em seguida, vou perguntar:

"E como Deus trata *você*?

O diálogo conduz ao arrependimento à medida que você mostra ao aconselhado que a maneira pecaminosa de tratar seu cônjuge difere de como Deus o trata (Figura 7).

"Você não se sente agradecido por Deus não o tratar de acordo com seu pecado, assim como você costuma fazer com sua esposa?

Creio que essa ilustração junta os dois grandes mandamentos no contexto da graça redentora de Deus. Temos as direções vertical e horizontal. Não existe aconselhamento bíblico sem levar em conta o relacionamento com Deus. Também não existe aconselhamento individual que não tenha uma dimensão social nem envolva um grupo. Ninguém vive em um mundo onde só existe o indivíduo e Deus. Sempre haverá outras pessoas lá fora. Para mim, o diagrama é funcional para representar os dois grandes mandamentos.

(Figura 7)

Existe Lugar para o Ciúme no Casamento?

John F. Bettler[1]

Nos tempos do Antigo Testamento, a "lei do ciúme" (Nm 5.29) aplicava-se a algumas situações conjugais. Números 5.30 menciona uma delas: "quando sobre o homem vier o espírito de ciúmes, e tiver ciúmes de sua mulher" por suspeitar que ela lhe fosse infiel. A passagem descreve o procedimento a ser seguido. O homem devia levar sua mulher até o sacerdote juntamente com uma oferta de farinha de cevada em favor dela (Nm 5.15). A oferta era especificamente "uma oferta de manjares de ciúmes" (Nm 5.15). O sacerdote executava um ritual a fim de determinar se a mulher era, de fato, culpada. Ele escrevia as maldições em um rolo e lavava em água amarga. Em seguida, queimava um pouco da oferta de cereal no altar e fazia a mulher beber da água amarga. Se a mulher fosse culpada, a água causaria sofrimento (v. 23-27).

Para nossos ouvidos, há algo bastante estranho nesse procedimento. Que marido faria sua esposa se expor a esse tipo de humilhação? E por que a mulher não tinha a mesma oportunidade de expor seu marido a um ritual igualmente humilhante? Quando leio o Antigo Testamento, fica evidente para mim que o marido era, em geral, mais propenso a ser culpado de infidelidade. No entanto, não havia para a esposa igual oportunidade de expor o seu marido como ele poderia expô-la. Por quê? Isso certamente ofende nossos ouvidos *politicamente corretos*, não é mesmo? O ritual: água sagrada misturada com pó do chão do tabernáculo! Em seguida, todas as maldições da lei eram cerimonialmente lavadas naquela água para que a mulher as bebesse. O que é isso? Parece mais um julgamento das bruxas de Salém do que algo que esperaríamos ler na Palavra de Deus.

[1] Tradução e adaptação de *In marriage, is jealousy always wrong?*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 18, n.1, Fall 1999, p. 62-64.

John Bettler foi diretor executivo da Christian Counseling and Education Foundation por mais de 30 anos.

Há um tom de magia nisso. O que devemos fazer com essa passagem em Números 5?

Talvez devamos fazer uma série de perguntas diferentes. O que há nesse ritual com que nós, que vivemos nos dias de hoje, podemos nos identificar tanto quanto os israelitas, que viveram há 4.500 anos atrás? O que não teria aparência estranha nesta narrativa nem para nós nem para eles? Algumas partes do ritual parecem extravagantes para nós, mas não devem ter parecido igualmente fora do comum para eles. Esse ritual e outros tipos de rituais semelhantes (julgamento por prova) eram muito usados no Oriente Médio naqueles dias. Mas o que não seria estranho para ambos? A resposta é: *o ciúme*. Nós entendemos o ciúme e eles entendiam o ciúme. O texto nos diz que essa é a lei sobre o ciúme (v. 29). Deus quer que aprendamos algo sobre o ciúme. Sim, *existe* um lugar para o ciúme no casamento! Porém, quais fatores o tornam certo ou errado?

A primeira coisa que Deus quer que você veja é que Ele tem ciúme do seu casamento, e Ele quer que *você* também tenha ciúme do seu casamento. Há um determinado tipo de ciúme que um casal deve cultivar. Em 1Coríntios 6:9, Deus nos diz que o fornicador e o adúltero não herdarão o reino dos céus. João nos diz que o adúltero será excluído da cidade de Deus (Ap 21.8). O escritor da carta aos Hebreus nos diz que o casamento deve ser honrado por todos e o leito conjugal imaculado, pois Deus julgará o imoral e o adúltero (Hb 13.4). Você deve ansiar pela pureza e guardá-la com ciúme no seu casamento, e deve inquietar-se por qualquer ameaça à unidade do casal.

Às vezes, o ciúme tende a ser mesquinho e egoísta. Por exemplo, fico com ciúme se minha esposa pega o controle remoto antes de mim. O controle remoto tem um lugar certo - ao lado da minha poltrona! Quando ela chega à sala antes do que eu e se apodera do controle, eu não posso curtir a televisão. Fico torcendo para ela sair da sala em busca de algo para comer, pois assim eu posso colocar o controle de volta no seu lugar! Alguns podem se identificar com essa situação, não é? Fico intrigado com o fato de que as mulheres acham que o controle remoto pode ir para qualquer lugar que elas queiram.

Às vezes, fico com ciúme do nosso cachorro. Gosto dele - é o único animal que gosto de ter ao meu redor. É um pastor alemão, macho - o único outro macho em nossa casa. Mas, às vezes, fico com ciúme dele. Chegamos em casa depois de algum tempo de ausência. O cachorro vai até minha esposa, balança o seu rabo todo alegre e se esfrega nela. Minha esposa o acaricia e diz: "Ohhh, de quem é este cachorrinho? A mamãe ama o seu cachorrinho! Que cachorrinho bonzinho!". Ela se derrama toda para ele! E eu? Por que ela não se derrama assim para mim? Se eu chego para ela e tento fazer a mesma coisa, não funciona! Nosso ciúme pode se tornar bem mesquinho. Você, provavelmente, tem os seus ciúmes mesquinhos também.

Algumas vezes, nosso ciúme pode ser fortemente destrutivo. Conheço um homem que desconfia da infidelidade da esposa, e tem boas razões para sua suspeita. Mas, em resposta, ele tem se fechado e não investe mais no casamento. Quando o confronto a esse respeito, ele diz: "E o meu orgulho? Que outro tipo de homem eu

poderia ser diante da idéia de minha esposa apenas *pensar* em outro homem?! Meu orgulho foi ferido. Não posso fazer nada a respeito disso". Esse tipo de ciúme é muito egoísta, e destrói tanto a pessoa como o seu casamento.

Nosso ciúme pode ser mesquinho e destrutivo, mas Deus ainda deseja que tenhamos o tipo certo de ciúme pelo nosso casamento. Ele quer que invistamos energia e esforço no casamento. Se você mudar a palavra *ciúme* pela palavra *zelo* (o termo bíblico original é o mesmo para ambas), você verá que Deus quer que sejamos *zelosos* com o casamento. Ciúme pode ser o sinal mais puro de amor. É possível olharmos para o homem de Números 5 por outro ângulo. Talvez ele não queira envergonhar ou humilhar sua esposa. Ele a ama desesperadamente, sabe que há rumores espalhando-se pelo acampamento e também sabe que esses rumores não são verdadeiros. Ele confia em sua esposa, quer defendê-la e mostrar diante da congregação que ela é uma mulher honrada. Então ele a traz ao ritual, não para humilhá-la, mas para exaltá-la e demonstrar a sua fidelidade. Veja, o ciúme pode ser um sinal de amor.

Vou lhe dar um exemplo. Temos alguns cavalos e, a cada seis ou oito semanas, um ferreiro precisa colocar ferraduras neles. O nome de nosso ferreiro é Roberto. Ele é um homem de ombros bem largos e cintura fina. Você pensa numa casquinha de sorvete quando olha para o tronco de Roberto. Suas pernas são como carvalhos. Ele tem cabelo preto e volumoso. No verão, quando vem trabalhar nos cavalos, ele usa um avental de couro e seus músculos brilham com o suor. Enquanto minha esposa e eu tomamos café da manhã, travamos um diálogo:

- Querida, o que você vai fazer hoje?

- É dia de colocar ferraduras nos cavalos.

- Ah, o Roberto virá, não é mesmo?

Ela sorri para mim. Deixe-me perguntar: Que marido não teria ciúme do Roberto? Preciso me preocupar com isso não porque penso que minha esposa fará algo inapropriado, mas porque eu me preocupo com o meu casamento. O fato de eu estar enciumado, na verdade transmite esta mensagem a ela: "Eu me importo! Eu me preocupo. Eu te amo". O ciúme pode ser um magnífico sinal do seu amor.

Devido ao meu ministério no aconselhamento conjugal, as pessoas sempre querem saber minha opinião sobre a maior ameaça aos casamentos. Geralmente, fazem essa pergunta pensando em algum aspecto da cultura ou da sociedade que impacta o casamento. Por exemplo, querem saber se o feminismo tem um impacto real sobre o casamento. O fato de ambos os cônjuges trabalharem fora tem um impacto sobre o casamento? E o relativismo, e o pós-modernismo? Certamente, tudo isso produz impacto. Porém, na minha experiência, não são esses os maiores perigos. Antes, a maior ameaça ao casamento é a *indiferença*. A indiferença ocorre quando você começa a tomar por certo seu marido ou sua esposa. Você já não investe no relacionamento. Você pára de pensar em maneiras de demonstrar o seu amor. Você pára de ouvir com o intuito de penetrar na alma e no coração do/a parceiro/a. Você pára de orar fervorosamente pelo seu casamento. Você está em perigo quando pára de ser ciumento.

Há falsos amantes lá fora! Eles podem não ser outro homem ou outra mulher. Eles podem ser o seu emprego, seus interesses ou atividades de lazer, seus amigos ou seu conforto pessoal. Quando você começa a ficar indiferente para com seu casamento, estes amantes desviam sua cabeça e seu coração, e você mesmo estará no lugar da mulher em Números 5. Aquele copo de água amarga será colocado em suas mãos e o julgamento de Deus cairá sobre você. Deus quer que *você* tenha ciúme do seu casamento porque *Ele* mesmo o tem.

Yahweh, Jeová, o Deus de Israel é o marido a quem, em última análise, o texto de Números 5 retrata.[2] Israel está prestes a começar sua jornada. As instruções do tabernáculo foram dadas. A ordem de marchar foi declarada. Eles estão a caminho da Terra Prometida. Deus diz: "Lembrem a quem vocês pertencem. Lembrem quem é seu marido. Eu sou o seu marido. E não esqueçam que eu não sou um marido indiferente. Tenho *ciúme* do seu amor". *Deus tem ciúme.* Lemos na Bíblia, repetidamente, sobre o ciúme de Deus. Quando os mandamentos são dados, Deus diz: "Lembrem-se de que eu sou o Senhor, teu Deus, Deus *zeloso* (com ciúme)". Em Êxodo 34, a aliança é renovada porque Israel havia quebrado a primeira aliança adorando o bezerro de ouro. As tábuas da lei foram reescritas e o Senhor diz: ..."o nome do Senhor é Zeloso; sim, Deus zeloso é Ele". Não apenas Ele é um Deus zeloso, mas Seu *nome* é Zeloso. Em Ezequiel 39.25, Deus diz: ..."terei zelo pelo meu santo nome". Você percebe o padrão? Primeiro, Deus diz: "Eu sou Deus zeloso. Eu sou tão zeloso que meu nome é Zeloso". Em seguida, Ele diz: "tenho zelo pelo meu nome, que é Zeloso, que é sinal do meu zelo". Deus é um Deus zeloso, um Deus ciumento! Em Isaías lemos: "Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não darei a outrem" (42.8). Deus não *dividirá* o Seu amor. Deus não *dividirá* a Sua glória com outros.

Alguns anos atrás, minha filha começou a competir com seu cavalo. Logo na primeira competição da qual participou, ela ganhou em primeiro lugar. Em nossa comunidade, os resultados esportivos locais são publicados no jornal da quinta-feira seguinte ao fim de semana. Mal pude esperar que aquele jornal fosse distribuído! Assim que o entregaram, abri na seção de esportes e olhei as notícias locais. Localizei a lista dos vencedores. Porém, vi que eles tinham cometido dois erros. Primeiro, escreveram errado o nome de minha filha. Colocaram Jessica Dettler, ao invés de Bettler. Segundo, publicaram que ela ficou em segundo lugar, e não primeiro! Liguei para o editor e disse: "Vocês *terão* de publicar uma correção!" Ele disse: "Você deve estar louco! Viu quantos nomes estão listados ali, em letras pequenas? Ninguém se importa!". Eu respondi: "Eu me importo! É o meu nome!". É isso que Deus fala sobre Si. Ele se importa com o Seu nome e Ele *não dividirá* Sua glória com outros. Ele *não aceita* ficar em segundo lugar!

Muitas coisas competem com o nome de Deus, mas Deus nunca abençoa a competição. Ele tem ciúme, tem zelo do Seu nome. E Ele quer que *você* seja zeloso por Seu nome. Você é? Ele quer que seus aconselhados tenham zelo pelo Seu nome. Eles têm? Há somente uma paixão que o controla? O que controla os seus aconselha-

[2] NdT. O Antigo Testamento usa repetidas vezes a figura de Israel como a esposa infiel de Jeová.

dos? O que direciona toda a sua vida, os seus pensamentos, suas decisões e sua vontade? Essa única paixão, essa única força propulsora, esse único fator é a glória do seu Deus? Se não for, você estará junto àquela mulher e aquele copo de água amarga será colocado em suas mãos. A maldição, o julgamento de Deus, cairá sobre você. Deus quer que você seja zeloso do Seu nome. E Ele quer que você tenha zelo, ou seja, tenha ciúme do seu casamento.

Você pode imaginar o terror que aquela mulher experimentava ao ficar ali, com aquele copo de água nas mãos? Talvez ela fosse culpada, e soubesse disso. À medida que ela aproximava o copo de seus lábios, ela sabia que a maldição seria manifestada diante de toda a congregação no instante em que a água tocasse seus lábios. Aquela maldição, o julgamento de Deus, cairia sobre ela. Você consegue ver suas mãos tremerem à medida que ela erguia o copo cada vez mais próximo aos lábios? Mas aquilo aconteceu nos tempos do Antigo Testamento. No Novo Testamento, acontece outra coisa. À medida que a água aproxima-se de seus lábios, seu marido adianta-se e arranca o copo de água amarga de suas mãos. Ele o traz até sua própria boca e bebe até a última gota. Desta forma, a maldição cai sobre ele e não sobre sua esposa amada.

Marido e esposa, conselheiro e aconselhado: somos cada um a noiva de Cristo. Cristo tomou o copo de nossas mãos. Ele fez isso por nós. Agora, Ele diz: "Tenha ciúme do Meu amor, e demonstre-o tendo ciúme do seu casamento".

Existe lugar para o ciúme no casamento. Porém, tem que ser o tipo de ciúme que Deus tem por nós: para o nosso bem, desejando que nosso relacionamento com Ele seja puro e sem mácula. É para a glória do Seu nome que almejamos amar a Deus e um ao outro com amor ciumento.

Como Aconselhar os Casos de Violência Doméstica?

Como Ajudar a Vítima

Edward T. Welch [1]

> "O SENHOR é também alto refúgio para o oprimido, refúgio nas horas de tribulação" (Salmo 9.9).

Alguns casais que sentam em paz no banco da igreja, guardando as aparências, podem estar em guerra. Eles atacam um ao outro, defendem território, aplicam táticas manipuladoras de guerrilha e estabelecem tréguas ocasionais. Quando a guerra está declarada, existe pecado em ambos os lados. Porém, em guerras conjugais violentas, é comum que um homem forte agrida uma mulher. Pela graça de Deus, essas mulheres aflitas procuram ajuda na igreja. Quando elas se dirigem a você, quais são os parâmetros bíblicos básicos que devem orientar o seu ministério?

Você ouve o clamor do oprimido

A vítima precisa ser ouvida. Como imitador de Cristo, seu primeiro passo é ouvir o clamor do aflito (Sl 10.17). Sem dúvida, trata-se do óbvio; não poderia haver outro ponto de partida. Porém, há um pano de fundo que faz do *ouvir* algo mais profundo do que uma simples coleta de dados ou um passo inicial mecânico. Primeiro, o Senhor estimula os clamores dos oprimidos. O número significativo de salmos que clamam pela proteção de Deus indica que servimos um Senhor amoroso que nunca se cansa de ouvir e agir diante dos gemidos dos necessitados. Deus é o Justo Juiz que ouve as injustiças e odeia a

[1] Tradução e adaptação de *How Should You Counsel a Couple in a Case of Domestic Violence?*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 15, n.2, Winter 1997, p. 51-55.

opressão. Mas Ele é mais do que juiz. Ele é aquele que, em amor leal, aproxima-se do Seu povo oprimido. Esse ouvir acontece no relacionamento entre o fraco e o Pastor-Ouvinte compassivo.

Para salientar ainda mais a importância do *ouvir*, considere como algumas vítimas da violência relutam em falar abertamente. Elas podem temer que sua abertura leve à retaliação por parte do agressor; podem se sentir constrangidas por terem contribuído para a guerra (apesar de não serem responsáveis pela violência desencadeada contra elas); podem considerar que seus problemas não valham a atenção de um ministro ou de um amigo ou podem se sentir envergonhadas por seus maridos desgostarem delas a ponto de agirem com violência.

Algumas relutam em falar diante da tendência de certos pastores de irem rapidamente ao refrão "esqueça e perdoe". Em outras palavras, assim que o agressor pede perdão, a responsabilidade de perdoar e nunca mais levantar a questão cai sobre a vítima. Não somente a idéia de esquecer imediatamente o pecado é um ensino duvidoso, como também fazer do "esqueça e perdoe" o encorajamento bíblico primário em situações como estas é levar as mulheres a sentirem-se como se elas, agora, fossem as culpadas por não conseguirem deixar o assunto para trás. À luz destes ensinamentos e tendências, é impossível ressaltar suficientemente a importância de ouvir com atenção a mulher aflita. Portanto, a ajuda à mulher começa pelo ouvir - não como um detetive que deseja solucionar rapidamente um caso, mas como um irmão ou irmã que chora com aqueles que choram.

Visto que o *ouvir* bíblico faz parceria com a ação, você pode determinar que *ouvir* (especialmente se a violência é pessoal e perigosa) implica levar a vítima para um exame médico, chamar a polícia ou providenciar um abrigo temporário seguro. Se a casa da vítima é potencialmente insegura, é sábio informar ao agressor que sua esposa relatou a violência e foi encaminhada a um lugar seguro não revelado.

Se a mulher está certa de que retornar para casa não significa risco para sua integridade física, então o seu *ouvir* deve incluir uma revisão sistemática dos padrões controladores e violentos do casamento. Essa informação é mais útil se for escrita e específica. Em seguida, o agressor pode ser confrontado de acordo com Mateus 18 e esclarecido de que a liderança da igreja leva a violência doméstica muito a sério, age para proteger a esposa, mesmo enquanto estiverem buscando ministrar ao marido, e exige dele uma prestação de contas.

Você ensina o oprimido a colocar sua esperança em Deus

A vítima deve ser encorajada na fé. Como acontece nas demais situações de sofrimento, ela pode pensar que Deus está indiferente e desinteressado enquanto que o agressor é todo-poderoso. Seja como for, os tempos de aflição sempre são oportunidades para que o povo de Deus conheça e confie no Deus que ouve. Além disso, o preparo de uma vítima para ir ao encontro de um agressor arrependido, e para se abrir em amor e confiança, inclui ela estar fortalecida por uma fé robusta. Ela precisa saber especialmente o seguinte:

1. Deus não abandona (Salmos 10, 56.4).

A presença de problemas pessoais não significa que Deus esqueceu-se de Seu povo. Antes, a constante evidência bíblica é de que Deus move-se em resposta a orações por libertação. Embora nem sempre possamos ver essa libertação de imediato, Deus irá, sem dúvida, libertar o Seu povo. A história da obra de Deus em vidas não chegou ao fim. Relembre à vítima que precisa manter seus olhos abertos para observar a mão poderosa de Deus em sua vida.

2. Jesus conhece os nossos sofrimentos.

Jesus sofreu a violência em Seu próprio corpo, pelas mãos de Seu povo. De fato, a Sua experiência sobrepuja a nossa, pois Ele sofreu até à morte. A percepção desse sofrimento pode abrandar o sofrimento da mulher.

Para a mulher que se sente abandonada por Deus, o sofrimento de Jesus pode ser um grande consolo. É um conforto que excede a solidariedade e o consolo oferecidos por outras mulheres que passaram por experiências semelhantes. Por meio de um ministério dirigido a mulheres que sofreram abuso, a vítima é rodeada de pessoas que a compreendem; no trono de Deus, ela é confortada por Aquele que entende perfeitamente, lamenta profundamente e ama completamente.

3. A cruz é a evidência eterna do amor de Deus por Seu povo e de Sua dureza *para com o pecado.*

O pecado e o sofrimento serão sempre um mistério. Nenhum dos dois faz sentido no mundo que Deus criou para ser bom. No entanto, o que está claro é que o amor de Deus, demonstrado a nós em Jesus, excede os limites da imaginação, e Sua justiça cala os observadores. Em um mundo onde uma mulher não pode confiar naquele que lhe é mais chegado, a maior bênção que você pode oferecer é a garantia da presença amorosa e atenta de Deus.

Você ensina o oprimido a desarmar o agressor

A vítima precisa saber como se antecipar e reagir à ira pecaminosa. Quer a mulher retorne ou não para casa imediatamente, ela precisa aprender a ter um "espírito de poder, de amor e de moderação" (2Tm 1.7). Com muita freqüência, suas reações à violência oscilam entre o retraimento e a vingança, e ambas revelam o controle contínuo e o domínio do agressor sobre a sua vida. Em lugar desses dois extremos, as esposas precisam ser guiadas a um caminho bíblico de humildade e poder.

Um texto-chave é Romanos 12.21: "Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem". No contexto de Romanos 12, a passagem sugere que a liberdade completa com respeito aos que nos oprimem consiste em amar mais ao inimigo, não menos. Isso faz com que a mulher supere a pergunta "O que eu preciso receber dele?" e caminhe em direção a "Como vencer com o amor de Cristo?".

1. Quando em dúvida, confesse o seu pecado ao agressor.

Talvez não haja reação mais poderosa ao pecado de outros do que a própria confissão. Todos sabem o quanto é difícil confessar um pecado a outra pessoa, mas confessar um pecado a um agressor violento parece virtualmente impossível. Porém,

uma mulher que é forte no Senhor não se apóia na justiça própria; antes, ela pode se apoiar na justiça de Cristo e, portanto, pode confessar seu pecado. Isso, logicamente, não quer dizer que suas ações tenham causado a violência ou a agressão. A confissão é simplesmente por aquele(s) pecado(s) que Deus revelou em sua vida.

2. "E, então, você verá claramente para tirar o argueiro do olho do seu irmão" (Mt 7.5).

Para algumas mulheres, confrontar pode ser mais difícil do que confessar. Pode ser mais fácil assumirem que mereceram um tratamento pecaminoso do que se posicionarem contra o pecado. Elas podem temer que a confrontação leve ao divórcio. Porém, uma forma de amar o agressor é descrever claramente o seu pecado e as conseqüências. Minimizar ou ignorar – de ambas as partes – pode ser espiritualmente fatal. Essa confrontação deve ser feita na presença de outra(s) pessoa(s).

3. Perdoe prontamente, mas não deixe que o pedido de perdão do agressor seja o fim do tratamento do problema.

A reconciliação *começa* quando o agressor pede perdão. Em situações onde há explosões violentas de ira, essa violência descortina um padrão mais extenso de obstinação, controle e arrogância, que jamais deve ser colocado de lado com as simples palavras "Você me perdoa?". A carne e o diabo exultam em vitória quando as feridas e os pecados são mantidos na escuridão. Portanto, uma possível maneira de amar seu cônjuge é fazer com que ele saiba as conseqüências do pecado dele em sua vida. O propósito não é machucar, mas curar.

4. Fale com mansidão e amor.

No mundo onde o avanço tecnológico determina o poder, negligenciamos freqüentemente o poder das palavras. No entanto, as palavras podem desarmar as pessoas iradas. O conhecimento de que "a resposta branda desvia o furor" (Pv 15.1) pode ser de grande encorajamento para uma mulher. Ainda que ela não seja a causadora da violência, essa mulher tem algum poder para abrandá-la com humildade, mansidão e amor.

A violência doméstica é tão prejudicial a um relacionamento conjugal quanto o adultério. Jamais devemos minimizar seu impacto sobre a vítima. Porém, como em todos os sofrimentos, também não devemos minimizar a graça de Deus para com essas vítimas. Deus reserva relances singulares de Si mesmo aos oprimidos e Ele lhes dá poder para que se livrem desta dupla de inimigos - o retraimento e a ira.

Como Ajudar o Agressor

Paul D. Tripp e David A. Powlison

> "A graça de Deus se manifestou... e nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa" (Tt 2.11a,12).

Duas pessoas que sentam juntas no banco da igreja no domingo de manhã não estão imunes de praticar violência uma contra a outra assim que estiverem sozinhas. Ministrar a uma pessoa violenta -

assim como ministrar àqueles que cometem pecados diretamente destrutivos - exige uma intervenção sábia, corajosa e alerta, cheia de graça e verdade. Aqueles que praticam a violência (por exemplo, um abuso sexual) são criminosos, perversos e altamente enganadores. Assim também os que praticam a violência doméstica precisam de graça - graça efetiva, graça que transforma vidas, graça verdadeira. À medida que eles se dispõem a parar e a olhar para si mesmos no espelho da verdade, à medida que aceitam o verdadeiro Messias, eles podem mudar e, genuinamente, mudam. As Escrituras falam extensivamente sobre os pecados da ira e da violência, e falam sobre os caminhos do Redentor. Em quê você deve centrar os seus esforços para ajudar tais homens (e, às vezes, mulheres)?

A necessidade comum da graça

As pessoas violentas têm muito em comum com as demais pessoas - tanto com aquelas que se propõem a ajudá-las como com aquelas a quem elas ferem. 1Coríntios 10.12-13 diz que somos, basicamente, todos iguais. A hostilidade interpessoal expressa-se de diferentes maneiras - em atitudes, verbalmente, financeiramente, fisicamente, sexualmente. Ela se expressa com vários graus de intensidade, desde um mau humor ou provocação até uma agressão ou assassinato. Toda discussão, a princípio, faz parte da mesma família a que pertencem as explosões de completa violência. Portanto, a violência doméstica não é diferente, em espécie, de outros pecados comuns. Esse fato produz confiança e também humildade naqueles que buscam ajudar outras pessoas. Se você sabe como lidar com seus pecados de ira, você tem bons conselhos para oferecer àqueles que lutam com a violência doméstica. Certa vez, eu (DP) aconselhei um casal que tinha tido uma briga com arma de fogo em sua casa! Meu arrependimento pessoal da irritabilidade e da atitude crítica ajudou-me a entendê-los e a proceder com confiança. Os conselheiros em potencial de pessoas violentas não são pessoas isentas de pecado, que se dirigem a pecadores. São pessoas que descobriram a graça e que se dirigem àqueles que dela necessitam.

Semelhantemente, você deve esperar por dois pecadores enredados um com o outro, e não por um monstro irredimível, agressor de uma vítima inocente que não precisa de redenção. Deus quer operar na vida de ambos. Portanto, explore os incidentes de violência em detalhes. Geralmente, há áreas em que ambos precisam da graça de Cristo para mudar. Talvez, um atraia maior atenção porque age com os punhos cerrados. Porém, olhando mais de perto, é possível que o outro saiba manejar a língua habilidosa e perversamente, de forma tal que envenena e culmina em violência. As explosões de violência são, normalmente, atos extremos inseridos em um contexto de conflitos habituais mais difusos e de menor intensidade. Procure identificar os pecados comuns que ambos manifestam, bem como as explosões singulares de pecado de cada uma das partes. Você quer ajudar ambos para que se tornem mais sábios, amorosos e pacificadores.

As verdades contidas nos dois parágrafos anteriores devem ser administradas com grande cuidado por aqueles que ministram, pois os agressores costumam distorcê-las. *Todos nós somos tentados à ira?* Os agressores tomam esse fato como uma desculpa: isso

"faz parte", e a violência não é assim tão séria. *As vítimas de violência também são pecadores, cujos pecados, freqüentemente, provocam ou tiram proveito do pecado do agressor?* Os agressores fazem disso uma desculpa e uma acusação: a culpa, na verdade, recai sobre a vítima. Você, conselheiro, precisa conhecer os dois parágrafos anteriores e não permitir que o agressor distorça a verdade em mentiras deploráveis.

A evasão na neblina

Você precisa conhecer de perto as pessoas violentas, visto que elas criam facilmente uma nuvem de confusão e evasão ao seu redor. O pecado é enganador; esse é o ensino de Jeremias 17.9. As pessoas violentas não conhecem a si mesmas nem permitem que outros as conheçam. Você precisa saber disso. Os agressores são dissimuladores e mentirosos habituais que, freqüentemente, criam padrões elaborados de engano. Eles têm a tendência de esconder o que fazem. Diante do erro, sua tendência é minimizar a seriedade, inverter a culpa para se mostrarem de alguma forma ofendidos, inocentes e vitimados, ou ter um ataque de desespero e *arrependimento* para fazer com que as pessoas sintam pena deles. Esteja alerta para as seguintes particularidades do pecado que são típicas da pessoa violenta:

1. Por trás de um ato de violência há um egoísmo profundo

Seu prazer, sua agenda, seus desejos, suas exigências, seus anseios dominam grande parte de sua vida. O aconselhamento não pode deixar que os pecados mais visíveis desviem a atenção da perversidade arraigada em um estilo de vida caracterizado por *paixões impiedosas e mundanas*. Com freqüência, a consciência do pecado é superficial. A pessoa pode sentir remorso de sua violência esporádica, mas é raro que reconheça o seu estilo de vida egoísta ou as paixões específicas que o motivam.

2. Espere encontrar padrões sutis e complexos de auto-engano.

As pessoas abusivas, freqüentemente, sentem pena de si mesmas: "Na verdade, eu sou a vítima e minha ira é apenas uma reação". Geralmente, expressam sua opinião de justiça própria como, por exemplo, "não sou realmente assim" ou "sei que eu não deveria fazer isso, mas...". Elas demonstram uma habilidade marcante para setorizar o coração e viver duas vidas, em dois mundos. Um homem pode bater em sua esposa e, uma hora depois, mudar de canal e dirigir um estudo bíblico mansamente.

3. Espere encontrar padrões complexos de engano sedutor.

As pessoas violentas (bem como os agressores sexuais) são freqüentemente sedutores talentosos. Elas conquistam as outras pessoas e ganham novamente a confiança das próprias pessoas que foram maltratadas ou traídas. Na tentativa de atenuar os fatos, manipulam habilidosamente tanto a vítima como quem as quer ajudar para que estes se sintam culpados e responsáveis por melhorar a situação.

4. Espere encontrar versões auto-enganosas de confissão e arrependimento.

É quase como se eles pudessem enganar a Deus " apesar de que, logicamente, enganam somente a eles e aos outros. Eles parecem dizer as palavras cristãs certas ou terem os sentimentos certos; porém, seu arrependimento é freqüentemente alheio a Deus. É um arrependimento que expressa remorso por prejudicar sua auto-imagem ou sua reputação aos olhos do próximo. Esse tipo de *arrependimento*, na verdade, está a serviço do próprio orgulho e temor aos homens que originaram os pecados de violência secreta. As pessoas violentas costumam usar mal ou deixar de compreender a graça. A graça torna–se *barata*, e o arrependimento torna-se uma *representação teatral* para aliviar a consciência e voltar a cair nas boas graças das pessoas. Pode até se tornar uma ferramenta de pecado, um conserto imediato - às vezes calculista - que empurra os problemas para baixo do tapete. Eles podem chorar, orar e prometer que nunca acontecerá novamente, sem quaisquer das mudanças fundamentais que envolvem o arrependimento e a fé em Cristo: aquela *mudança de mente* e o *voltar-se* que levam à mudança de vida.

5. Com freqüência, eles intimidam e manipulam suas vítimas.

A violência é amedrontadora. Ela é uma ferramenta de controle. Às vezes, você encontra dificuldade para colher os fatos, até mesmo da vítima, pois ela pode ansiar por preservar o interlúdio de paz do momento, pode temer que a honestidade leve à vingança ou pode ter sofrido ameaças do tipo "se você contar, então...". A vítima pode achar altamente constrangedor que a família tenha esse tipo de problema e talvez relute em descrever todo o grau do mal. Tudo isso resulta no fato de que você talvez tenha que ultrapassar uma conspiração de silêncio na família, que serve apenas para proteger o agressor.

A violência doméstica é um pecado "secreto". Você precisa estar preparado para arrastá-lo para a luz.

A graça de Jesus Cristo

As pessoas violentas precisam de Cristo, conforme Hebreus 3.12-14. O curso do pecado está sempre distante do Cristo vivo. A violência é um problema do coração que necessita de atenção diária. Jesus morreu pelos pecadores. Ele é gracioso, e Sua graça é eficaz.

1. Tenha como alvo uma reestruturação fundamental do coração e do estilo de vida.

Os ajustes meramente *cosméticos*, que fazem o comportamento da pessoa parecer mais aceitável socialmente, não são suficientes. Você precisa expor as questões do coração que motivam a violência: anseios por poder, amor, controle, conforto, dinheiro, respeito, prazer. Essa pessoa está ansiando por quais coisas? A violência do agressor não tem a ver com o cônjuge; tem a ver com ele mesmo e com as idolatrias notórias que ele trouxe para dentro do casamento. As pessoas violentas fingem ser deus e agem como o diabo, em vez de servir a Deus. Elas precisam se arrepender dos pecados *verticais* que resultam nos pecados *horizontais*. Tanto as motivações como

os comportamentos hostis precisam ser desnudados (Tg 3.5-12, 3.14-16, 4.1-4, 4.6 e 4.11-12).

2. Tenha como alvo solucionar tanto as versões menores dos pecados maiores como as explosões maiores.

Arbitrariedades, murmuração, irritabilidade, provocação e discussões precedem normalmente a violência e expressam os temas pecaminosos do coração. As pessoas que aprendem a se arrepender da murmuração - e, com isso, aprendem a ter gratidão e contentamento em Cristo - raramente precisam arrepender-se de abusos e agressões.

3. Dê às pessoas o próprio Cristo vivo.

Jesus é abundante em bondade e terrível em ira. As pessoas violentas precisam conhecer o amor de Cristo. Elas merecem a violência de Deus. Porém, Ele deu o Cordeiro de Deus. Jesus amou os pecadores, os impiedosos, os maus, os fracos e os inimigos de Deus. Ele morreu, para que aqueles que vivem não mais vivam para si mesmos. Deus dá, liberalmente, a graça e a sabedoria do alto (Tg 1.5, 1.17, 3.17, 4.6 e 4.10). A graça eficaz, que transforma vidas, está disponível a todos que dela necessitam. As pessoas violentas precisam aprender a temer o Deus de ira. Ele é zeloso e santo (Tg 4.5 e 4.12). Uma pessoa que comete atos de violência vive sem o temor do Senhor; ela age e reage como se Deus não existisse. Mas, na verdade, "todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hb 4.13). Começar a viver inteiramente *em público* é viver sem o segredo do qual depende a violência.

4. Leve as pessoas violentas a um arrependimento centrado em Deus (Tg 4.6-10).

As mudanças interiores vêm em primeiro lugar. Compare o *arrependimento* dos agressores com o verdadeiro arrependimento (Sl 50 e 51), a tristeza segundo Deus *versus* a tristeza do mundo. Conhecer o Cristo do Evangelho é reestruturar o coração e a alma de modo tal que o pecado não mais prospere. Não se contente com nada menos do que isso. Aqueles que buscam, acham. Aqueles que crêem, recebem o Espírito Santo. Como saber que alguém se arrependeu verdadeiramente? Você saberá. O tempo sempre diferencia entre a autenticidade e a falsidade. Você verá mudanças fundamentais nos relacionamentos, primeiramente com Deus e depois com outras pessoas.

5. Ajude os crentes arrependidos a aprenderem as alternativas práticas, pacíficas e amorosas que substituem a manipulação, a inversão de culpa, a intimidação e a violência (Tg 3.13; 3.17,18).

As pessoas podem aprender a ouvir, perguntar, pedir perdão, dar um tempo, pedir ajuda, adiar uma tomada de decisão, beneficiar os outros de maneiras tangíveis - as atitudes da sabedoria do alto. O amor pode substituir não apenas os momentos de violência, mas também o estilo de vida mergulhado no egoísmo e na obstinação. Não se trata de perfeição, mas de

progresso. A pessoa que aprende a dar mais e mais de si mesma é uma pessoa com menos e menos espaço para odiar e agredir.

6. Use os recursos disponíveis na comunidade cristã (Tg 5.19,20; Hb 3.12-14).

As pessoas que se arrependem da violência precisam de algo mais do que o aconselhamento *formal* uma vez por semana. Elas necessitam de extrema honestidade, prestação de contas, lembretes, encorajamento, modelos, exposição diária à vida cristã, orações de intercessão. Eu jamais soube de uma ocorrência de violência doméstica que tenha acontecido durante um culto público da igreja ou enquanto a pessoa estava falando ao telefone com seu pastor ou líder de pequeno grupo! Ajude aqueles que praticam o pecado da violência a deixarem de se esconder e a viverem abertamente. O pecado prospera nas esquinas escuras; a justiça prospera à luz do dia. Uma pessoa que foi transformada em seu interior deseja, de bom grado e com humildade, as estruturas de prestação de contas disponíveis junto ao povo de Deus para salvá-la de si mesma.

Como você pode ajudar uma pessoa secretamente violenta? Sua alma precisa de mudança para buscar e conhecer o Cristo do Evangelho. Sem esse relacionamento fundamental e vivo com Cristo, você não pode ensinar verdades suficientes, não pode fazer brilhar suficientemente a luz do discernimento, não pode colocar cercas suficientes, fazer planos suficientes, estabelecer compromissos suficientes, envolver outras pessoas suficientemente nem refletir suficientemente a Cristo. Porém, quando os pecadores violentos abraçam o amor de Jesus Cristo, todas essas coisas - doutrina, visão do coração, estrutura, planos, compromisso, comunidade, aconselhamento - tornam-se canais e expressões da graça eficaz.